Diss-215696 - Bia- 62654

IRANDI FERNANDO DAROZ

2010000528

Coral da UNESP:

Canto nos recantos do Estado de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Música sob orientação da Profa. Dra. Martha Herr.

BIA
INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

São Paulo
Setembro, 2003

T/UNESP
784.2
D224c
v.1

INSTITUTO DE ARTES
Aquisição: d/ autor
Proc. 02/04 - IA
Custo: R$ 10,00
Data de Recebimento 24-3-04
Registro n.º T. 528
(Acomp. 2 anexos)
Data: 23-04-04

T/UNESP
784.2
D224c
v.1

CATALOGAÇÃO NA FONTE: SERVIÇO TÉCNICO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
UNESP - FCA - BOTUCATU (SP)

Daroz, Irandi Fernando, 1969-
D224c Coral da UNESP : canto nos recantos do Estado de São Paulo / Irandi Fernando Daroz. — São Paulo, [s.n.], 2003
3 v. (ix, 174; 465 f.) : il.

Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes
Orientador: Martha Herr
Inclui bibliografia

1. Canto coral. 2. Regência de coros. 3. Música coral.
I. Herr, Martha. II. Kerr, Samuel Moraes. III. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus de São Paulo). Instituto de Artes. IV. Título.

CDD(21): 782.5

Palavras-chave: Coral; Canto coral; Regência coral; Coral da UNESP; Samuel Kerr.

"Tudo que move é sagrado e remove as montanhas com todo o cuidado."
(*Amor de Índio* - Ronaldo Bastos)

Ao Coral da UNESP

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Martha Herr

Prof. Dr. Alberto Ikeda

Profa. Maria de Lourdes Zekeff Zampronha

Profa. Dra. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada

Profa. Dra. Maria Helena Gios

Profa. Dra. Dorotéa Machado Kerr

Profa. Dra. Márcia Guimarães

ACI - Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP

Zezé (PROEX)

Lourdes e Rosângela (Pós-graduação)

Neide Gomes

Marcelo Paes Nunes

Vivian Nogueira

Cadmo Fausto Cardoso

Paulo Henrique Rowlands

Jairo Francisco de Moraes

Leda Galvão de Avellar Pires

Iraní Franchini

Aos regentes do Coral da UNESP:

Alexandre Amaral Torres Sanches,
Maria Elisa (Milly) Peretti Pasqualini, Júlio Cesar Giúdice Maluf, Gisele Corrêa da Cruz,
Celso Franchini, José Luiz da Silva, Roberto Sussumo Anzai, Regina Fazenda, Abel Luiz Bernardo da
Rocha, Giselle Loiácono Ramos de Azevedo, Tânia Bertassoli, Adriana Alexandre Francato,
Sônia Marta Rodrigues Raymundo (Ray), Josely de Moraes Antonio, Kitty Pereira, César Cerassoma,
Edílson de Lima, Daniel Tauszig, José Ricardo Godoy Ocampos, Zuleica de Carvalho Moreira,
Sandra Mendes Sampaio de Souza, Irene Pinheiro Chagas de Campos,
Arlete Bravo Nogueira.

Ao Prof. Dr. Claudemir Zucareli pela inestimável ajuda nesta dissertação

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao maestro Samuel Kerr



Instituto de Artes da UNESP

"São coisas que realmente você vai carregar para o resto da vida.
Coisas que fizeram a diferença. Você diz assim:
Estou numa faculdade onde tenho a oportunidade de vivenciar algo
que é diferente, se eu quiser mudar,
tenho hoje todas as possibilidades, as portas estão abertas para que eu
efetivamente mude as coisas...
Eu pedi para ser reprovada para ficar um ano a mais no Coral da UNESP."

(Gisele Corrêa da Cruz, 2003)



Samuel Moraes Kerr e Gisele Corrêa da Cruz na inauguração da nova sede do Instituto de Artes em São Paulo (1981)

SUMÁRIO vii

LISTA DE FIGURAS viii

LISTA DE QUADROS ix

RESUMO 1

ABSTRACT 2

INTRODUÇÃO 3

CAPÍTULO I
Samuel Kerr 9

CAPÍTULO II
Coral da UNESP – Histórico (1978 – 1992) 22

CAPÍTULO III
Perspectivas na atuação e formação dos regentes bolsistas 46

1. Gesto 51
2. Classificação Vocal 53
3. Técnica Vocal 56
4. Dinâmica de Ensaio 62
5. Repertório 65
   - 5.1. Programa em construção 68
   - 5.2. Arranjo em discussão 69

CAPÍTULO IV
Memória musical das comunidades 72

1. Gratas Lembranças
   - 1.1. Praça da Sé 76
   - 1.2. Cororoco 79
   - 1.3. 2°. Encontro de Corais Universitários 81
   - 1.4. XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão 84
   - 1.5. Balaio de Gatos 87

2. Encontros regionais 96
3. Música em treze Encontros 100
   - 3.1. I Encontro do Coral da UNESP (1978) 102
   - 3.2. II Encontro do Coral da UNESP 1978) 105
   - 3.3. III Encontro do Coral da UNESP (1980) 106
   - 3.4. IV Encontro do Coral da UNESP (1980) 107
   - 3.5. V Encontro do Coral da UNESP (1980) 108
   - 3.6. VI Encontro do Coral da UNESP (1981) 109
   - 3.7. VII Encontro do Coral da UNESP 1981) 111
   - 3.8. VIII Encontro do Coral da UNESP (1982) 113

3.9. XIX Encontro do Coral da UNESP (1983) 115
3.10. X Encontro do Coral da UNESP (1986) 117
3.11. XI Encontro do Coral da UNESP (1987) 119
3.12. XII Encontro do Coral da UNESP (1988) 122
3.13. XIII Encontro do Coral da UNESP (1992) 123

CAPÍTULO V
O Coral da UNESP – A História continua (1998 - 2002) 126

1. Parâmetros de atuação dos regentes contratados 137
2. Música em Cinco Encontros 142
2.1. XIV Encontro de Corais da UNESP (1998) 145
2.2. XV Encontro de Corais da UNESP (1999) 148
2.3. XVI Encontro de Corais da UNESP (2000) 150
2.4. XVII Encontro de Corais da UNESP (2001) 153
2.5. XVIII Encontro de Corais da UNESP (2002) 155

CONSIDERAÇÕES FINAIS 160

BIBLIOGRAFIA..... 166

ANEXOS (VOLUME IIa e IIb)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logotipo criado para o Coral da UNESP por ocasião do XI Encontro do Coral da UNESP..... 40
Figura 2 – Instituto de Artes do Planalto..... 47
Figura 3 – Classe de técnicas de expressão vocal e canto coral do Instituto de Artes e Samuel Kerr 49
Figura 4 – Samuel Moraes Kerr 53
Figura 5 – Regentes bolsistas do Coral da UNESP..... 71
Figura 6 – Samuel Moraes Kerr 73
Figura 7 – Coral da Reitoria e Helena Menezes Lobo..... 73
Figura 8 – Visão geral da Praça da Sé antes do Plano de Reurbanização de 1978 77
Figura 9 – Coral da UNESP no 2º. ENCORU – Curitiba (1982) 83
Figura 10 –Coral da UNESP no XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão (1983)..... 85
Figura 11 – Cartaz do espetáculo *Cheiro de Terra* – Coral IPEA 88
Figura 12 – Cartaz do espetáculo *O Circo* – Coral IPEA..... 90
Figura 13 – Coral do IPEA – Espetáculo *O Circo*..... 91
Figura 14 – Coral do IPEA – Espetáculo *Da Revolução à República*..... 93
Figura 15 – Cartaz do espetáculo *Coral ao pé do Rádio* – Coral IPEA 94
Figura 16 – Coral do IPEA – Espetáculo *Coral ao Pé do Rádio e* Milly Pasqualini..... 95
Figura 17 – Coral do IPEA - Aspecto da platéia no Espetáculo *Coral ao pé do rádio*..... 95
Figura 18 – Maria Elisa (Milly) Pasqualini 96
Figura 19 - II Encontro Regional de Corais da UNESP (Ilha Solteira) 99
Figura 20 – Capa de Programa - II Encontro Distrital de Corais da UNESP..... 100
Figura 21 - Cartaz do I Encontro do Coral da UNESP – Rio Claro, 1978 102
Figura 22 - Coral da UNESP – 1978 104
Figura 23 - Aspecto da platéia no I Encontro do Coral da UNESP – 1978 104
Figura 24 - Reynúncio Napoleão de Lima – 1978 105
Figura 25 - Classes de técnicas de expressão vocal e canto coral – 1978 105
Figura 26 - Coral da UNESP – 1978 105
Figura 27 - XI Encontro do Coral da UNESP (Botucatu) 122
Figura 28 - Samuel Kerr - XI Encontro do Coral da UNESP 122
Figura 29 - Adesivo - XIII Encontro do Coral da UNESP..... 125
Figura 30 – XIII Encontro do Coral da UNESP – 1992 / Botucatu Tênis Clube 126
Figura 31 – XIII Encontro do Coral da UNESP – 1992 (Botucatu)..... 126
Figura 32 - Logotipo criado para o Coral da UNESP (2000)..... 136
Figura 33 - Cartaz do XIV Encontro de Corais da UNESP 145
Figura 34 - Cartaz do XV Encontro de Corais da UNESP 148
Figura 35 - Cartaz do XVI Encontro de Corais da UNESP 150
Figura 36 - XVI Encontro de Corais da UNESP – 2000 e Ana Yara Campos 151
Figura 37 - XVI Encontro de Corais da UNESP – 2000 151
Figura 38 - Cartaz do XVII Encontro de Corais da UNESP 153
Figura 39 - Cartaz do XVIII Encontro de Corais da UNESP 156
Figura 40 - XVIII Encontro de Corais da UNESP – 2002 159

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Índice remissivo do capítulo I – Samuel Kerr 20
Quadro 2 - Relação dos regentes do Coral da UNESP e período de atividades 25
Quadro 3 - Panorama geral da Reitoria da UNESP (1976-2002) 30
Quadro 4 - Regentes bolsistas do Coral da UNESP / Ingresso e conclusão de curso 36
Quadro 5 - Quadro geral de atividades do Coral da UNESP (1978-2002)..... 39
Quadro 6 - Corais e regentes participantes do 2º ENCORU, Curitiba – 1982..... 82
Quadro 7 - Participantes do XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão..... 85
Quadro 8 - Programa do espetáculo *Cheiro de Terra* / Coral IPEA de Presidente Prudente..... 89
Quadro 9 - Programa do espetáculo *O Circo* / Coral IPEA de Presidente Prudente..... 90
Quadro 10 - Programa do espetáculo *Negro, Negro* / Coral IPEA de Presidente Prudente..... 92
Quadro 11 - Programa do espetáculo *Da Revolução à República* / Coral IPEA 92
Quadro 12 - Programa do espetáculo *Coral ao pé do Rádio* / Coral IPEA 94
Quadro 13 - Corais e regentes participantes do I Encontro Regional de Araçatuba 97
Quadro 14 - Corais e regentes participantes do II Encontro Regional de Araçatuba 98
Quadro 15 - Corais e regentes participantes do III Encontro Regional de Araçatuba 98
Quadro 16 - Corais e regentes participantes do I Encontro Regional de Ilha Solteira 98
Quadro 17 - Corais e regentes participantes do II Encontro Regional de Ilha Solteira 98
Quadro 18 - Corais e regentes participantes do III Encontro Regional de Ilha Solteira 99
Quadro 19 - Corais e regentes participantes do II Encontro Distrital de Presidente Prudente 100
Quadro 20 - Corais e Regentes Participantes do III Encontro Distrital / Marília..... 101
Quadro 21 - Corais e regentes participantes do I Expo-UNESP de Bauru 101
Quadro 22 - Corais e regentes participantes do I Encontro do Coral da UNESP 103
Quadro 23 - Corais e regentes participantes do II Encontro do Coral da UNESP 106
Quadro 24 - Corais e regentes participantes do III Encontro do Coral da UNESP 107
Quadro 25 - Corais e regentes participantes do IV Encontro do Coral da UNESP 108
Quadro 26 - Corais e regentes participantes do V Encontro do Coral da UNESP 109
Quadro 27 - Corais e regentes participantes do VI Encontro do Coral da UNESP 110
Quadro 28 - Corais e regentes participantes do VII Encontro do Coral da UNESP 112
Quadro 29 - Corais e regentes participantes do VIII Encontro do Coral da UNESP 114
Quadro 30 - Corais e regentes participantes do IX Encontro do Coral da UNESP 116
Quadro 31 - Corais e regentes participantes do X Encontro do Coral da UNESP 118
Quadro 32 - Corais e regentes participantes do XI Encontro do Coral da UNESP (Hipótese) 120
Quadro 33 - Corais e regentes participantes do XII Encontro do Coral da UNESP 123
Quadro 34 - Corais e regentes participantes do XIII Encontro do Coral da UNESP 124
Quadro 35 - Supervisão artística do Coral da UNESP (1980 – 2002)..... 130
Quadro 36 - Pesquisa realizada em 1986 junto às unidades quanto ao interesse na atividade coral..... 132
Quadro 37 - Situação atual dos regentes contratados por unidades 134
Quadro 38 - Confronto de informações 141
Quadro 39 - Corais e regentes participantes do XIV Encontro de Corais da UNESP 146
Quadro 40 - Corais e regentes participantes do XV Encontro de Corais da UNESP..... 148
Quadro 41 - Corais e regentes participantes do XVI Encontro de Corais da UNESP..... 150
Quadro 42 - Corais e regentes participantes do XVII Encontro de Corais da UNESP..... 153
Quadro 43 - Corais e regentes participantes do XVIII Encontro de Corais da UNESP..... 156

RESUMO

Acompanhando uma tendência iniciada no Estado de São Paulo com a criação do CORALUSP (1967) e do Coral da UNICAMP (1971), surgem, em 1978, as primeiras iniciativas de formação de corais na UNESP.

O Coral da UNESP, criado e idealizado pelo maestro Samuel Moraes Kerr, foi oficializado em 1980 voltando-se, num primeiro momento, para os seguintes objetivos: possibilitar ao aluno do Instituto de Artes uma experiência prática na área de Regência Coral e recuperar aspectos da memória musical das comunidades. Dessa forma, irradiou-se da capital para o interior numa atitude contínua de reflexão sobre os rumos do canto coral no Brasil, buscando uma metodologia condizente com a realidade dos corais amadores. Essa atuação assistida foi imprescindível para a formação de regentes corais e para ressaltar aspectos inerentes de cada comunidade. Nessa perspectiva, o Coral da UNESP marca um grande momento de democratização do canto coral no Estado de São Paulo.

Hoje, o Coral da UNESP conta com regentes contratados que deram continuidade às atividades, distinguindo pensamentos, condutas e modos de agir diferenciados. No entanto, a Profa. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, supervisora do Projeto Coral da UNESP, dentro de uma nova estrutura administrativa, pretendeu retomar os objetivos traçados inicialmente.

O Coral da UNESP é uma atividade cultural de expressão, se não a única, ao congregar todos os segmentos da Universidade, constituindo-se no movimento artístico-cultural de maior amplitude, marcando presença em todos os *campi* e efetivando seu caráter de extensão nestes 25 anos de atividades.

CAPES (trabela): 8030300-5 (Música) / 8030301-3 (Regência)
Palavras-chave: canto coral, regência coral, Coral da UNESP, Samuel Kerr, coral.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

ABSTRACT

Following a tendency begun in the State of São Paulo with the founding of CORALUSP (1967) and the Coral da UNICAMP (1971), the first efforts to form a choral ensemble choir on the *campi* of UNESP began to appear in 1978.

The Coral da UNESP, created by Samuel Moraes Kerr, was officially established in 1980 with, initially, the following objectives: to give students students from the Arts Institute of the University practical experience in coral conducting and to preserve the musical heritage of the communities where *campi* were located. The choir spread throughout the state of São Paulo with a continuous attitude of reflection about the directions taken by choral singing in Brazil, in the search for a method in keeping with the reality of amateur choirs. This supervised activity was essential to the education of the choral conductors formed by the Arts Institute of UNESP and to recuperating the memories of each community. With this in mind, the Coral da UNESP represents an important moment in the democratization of choral singing in the state of São Paulo.

Today, the Coral da UNESP relies on hired conductors who have given continuity to the original activites but with different attitudes, methods and ways of conducting the choirs'administrative affairs. However, Prof. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, supervisor of the Choral Project of UNESP within a new administrative structure, seeks to give continuity to the original objectives of the project.

The Coral da UNESP is an expressive cultural activity, if not the only one that involves all the segments of the University, constituting its largest artistic/cultural movement, present on all the *campi* of the University, affirming its presence during 25 years of activity.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

INTRODUÇÃO

O talento não é um privilégio,
é uma responsabilidade.
(KERR, 1986, p.61)

Inúmeros questionamentos têm surgido com freqüência quando avalio minha trajetória como regente coral. Dentre eles, como corresponder às expectativas dessas pessoas que cantam em conjunto e que fixam seus olhares na figura do regente? No decorrer das entrevistas realizadas para elaboração deste trabalho, deparei-me com a seguinte colocação: se você se identifica com algo, certamente é porque ocorreu uma empatia, ou seja, você já tem esse potencial adormecido, o que firma uma pré-disposição.

Diante dessas pretensas dormências, iniciei este estudo como fosse um diálogo comigo mesmo, no confronto das minhas incertezas, por não falar das certezas que caíram por terra, modificando minha percepção e ampliando o senso crítico. Como conduzir um trabalho coral pautado por novos objetivos, novos interesses...?

Villa-Lobos já dizia que "a Música é um traço de união entre as criaturas. É a linguagem pela qual todos os homens se entendem. É portanto, uma arte altamente socializadora". O Canto em conjunto seria "o método de Educação do caráter em relação à vida social, pois estimula o hábito do perfeito convívio coletivo, aperfeiçoa o senso de apuração do bom gosto e concorre para diminuir o exclusivismo pessoal, sem prejuízo do que representa a personalidade consciente e livre do indivíduo, em função do interesse humano geral". (SCHÜTZ, 1954, p.36).

Um coro[1] tem rendimento garantido enquanto grupo, nele os participantes se relacionam num empreendimento comum - o som coral. Dessa forma, o estímulo artístico e o prazer estético de fazer música são intensificados pela prática coletiva, estabelecendo uma cumplicidade construtiva entre os cantores e o regente. O estímulo social está no convívio, no prazer de encontrar os amigos regularmente e compartilhar com eles uma atividade específica, não necessariamente musical. Kerr aponta para o aspecto social do canto coral: "O momento do concerto é o momento passado. Antes do coro vir a público, deve ter vivido uma vida que lhe bastou como comunidade", assim, destaca o

[1] Os termos Coral e Coro serão tratados como sinônimos. O mesmo aplica-se aos termos coralistas e coristas, encontrados amiúde na literatura sobre o assunto.

unesp

caráter valorativo do momento presente, no qual os cantores estão imersos, desconsiderando a ênfase comum do produto musical, materializado no concerto. "O concerto é uma janela onde o público tem permissão de ver o trabalho que a gente está fazendo (...) Nesse momento, o regente pode surgir como elemento de ligação de platéia e coro" (CARTOLANO, 1984, p.216). Nesta perspectiva, o coro também é um poderoso instrumento da educação musical.

Pela atividade coral o indivíduo mostra-se capaz de construir um universo sonoro pela experiência vivenciada, que reflete sensivelmente em sua capacitação e realização pessoal.

> Eu comento com as pessoas que a gente faz parte de um coral para aprender a viver, se a gente conseguir cantar bem vai ser maravilhoso, mas a experiência principal que eu quero que a gente carregue é uma experiência de vida, de aprender a ceder, de aprender a ser responsável, de aprender o respeito. Eu preciso ouvir, eu preciso me calar, eu preciso cantar menos para ouvir o outro, eu tenho o direito de cantar mas eu tenho o dever de ouvir, o outro também tem direito de ser ouvido, então é um equilíbrio de direitos e deveres que o canto coral tem, o canto coral é uma atividade política, uma atividade que faz as pessoas pensarem e agirem politicamente, faz as pessoas serem responsáveis, é uma atividade coletiva de responsabilidade individual, se eu não for responsável pela minha presença o coletivo não acontece. (CRUZ, 2003. ANEXO 3)

Dessa forma, o canto coral têm-se proliferado em escolas, igrejas, empresas, universidades, etc. SILVA (2003) aponta que em momento algum da nossa história testemunhamos tamanha expansão do movimento do canto coral (nem mesmo quando o canto orfeônico atingiu o seu apogeu com o maestro Villa-Lobos) constatando o *boom* do canto coral brasileiro nos últimos anos.

No Estado de São Paulo, a história do canto coral vem de longa data, particularmente marcada por movimentos corais que serviram de modelo para todo o Brasil. Sabemos do movimento coral nas escolas (Canto Orfeônico) e nas igrejas, principalmente a protestante, no entanto, há trabalhos específicos sobre tais assuntos.

Praticamente extinto o canto orfeônico, José Luiz Paes Nunes[2], presidente do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, criou o "Movimento Villa-Lobos" (1969-1971), designando a cada região do estado um regente coral, realizando encontros corais

---

[2] José Luiz Paes Nunes (1933-1987)

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

periódicos e, em seguida, quando passou a integrar o Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, criou o "Movimento Coral Mário de Andrade" (1973-1975). Com o *slogan* "Vamos fazer a cidade cantar", o Movimento Mário de Andrade reuniu no Natal de 1975, corais de todo o Estado.

A preocupação do Estado com a promoção cultural evoluiu de modo a justificar a criação de uma Secretaria, assim, em 1979, foi criada a Secretaria de Estado da Cultura. Em 1982, foi também criado o "Movimento Coral do Estado", liderado por Neide Rodrigues Gomes que, em 1982, passou a contar também com a participação da Secretaria de Educação. Organizado dessa forma, o movimento teve continuidade em 1983, quando a Secretaria foi reorganizada, ficando sob direção de Samuel Kerr, em seguida interrompido.

Vale observar que não há estudos sobre a importância dos movimentos acima mencionados e não é nosso propósito, neste momento, discorrer sobre toda a história do canto coral realizada no Estado de São Paulo no século XX.

Enfim, a atividade de canto coral no Estado de São Paulo reporta-se obrigatoriamente à criação das três Universidades: USP (1934), UNICAMP (1966) e UNESP (1976).

O Coral da USP - CORALUSP- é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária de São Paulo e está vinculado à Coordenadoria de Atividades Culturais da USP (CODAC). Foi fundado por Benito Juarez e José Visconti em 1967. A proposta do CORALUSP é o desenvolvimento de uma linha de trabalho, uma marca registrada em sua produção musical, concretizada ao longo de seus 35 anos de existência. Para isso, conta com um diretor artístico, o maestro Benito Juarez, regentes titulares, preparadores vocais e orientadores em linguagem musical. Deve-se destacar ainda na história do CORALUSP o arranjador Damiano Cozzella e, paralelamente, as atividades do Coral da Escola de Comunicações e Artes - ECA

O Coral da UNICAMP foi fundado em abril de 1971 por Benito Juarez e H. J. Koellreutter. Em 1975, com a criação do departamento de Música, sob direção de José Luiz Paes Nunes, foi vinculado ao Instituto de Artes da Universidade. Desde 1990, o Coral da Unicamp está ligado ao Núcleo de Integração e Difusão Cultural (NIDIC). Este núcleo pertence à COCEN (Coordenadoria de Centros e Núcleos), ligada diretamente à Reitoria da Universidade.

O Coral da UNESP é objeto dessa dissertação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Por sua natureza, o coro universitário distingue-se das demais formações corais nos seguintes aspectos: intensa rotatividade de cantores com participação restrita ao período de permanência na Universidade; irregularidade na distribuição de vozes; heterogeneidade dos participantes e predominância de cantores amadores - leigos no conhecimento musical. Conseqüentemente, por estar em constante processo de formação, restringe possibilidades na execução de repertório continuado comprometido pela execução tradicional a quatro vozes mistas (SCTB). No entanto, cria novas possibilidades de reavaliar aspectos inerentes à prática coral.

Considerando que a atividade coral é vasta, envolvendo várias modalidades, para efeito desta dissertação tratar-se-á do coro universitário, particularmente do trabalho desenvolvido na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, com público adulto. Desse modo, esta dissertação teve os seguintes objetivos:

- Resgatar os aspectos históricos do Coral da UNESP desde sua formação até os dias atuais;
- Levantar aspectos sobre a atuação técnico-artística do regente nas Unidades em dois momentos: sob a direção artística de Samuel Kerr (regentes bolsistas, alunos do Instituto de Artes da UNESP) e sob supervisão de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (regentes contratados);
- Verificar o reflexo das atividades do Coral da UNESP nas diversas comunidades corais.

Falar do Coral da UNESP é falar obrigatoriamente do maestro Samuel Kerr, pois coube a ele, enquanto diretor artístico, as diretrizes gerais de formação do Coral Universitário nesta instituição. Assim, inicia-se em 1978, um trabalho inovador de canto coral com características específicas, distantes dos parâmetros tradicionais desenvolvidos nas universidades do Estado de São Paulo até então: propunha alternativas mais próximas à realidade dos grupos corais amadores brasileiros.

Desse modo, o capítulo I discorre sobre as atividades desenvolvidas por Samuel Kerr, inseridas no contexto histórico musical do Estado, a fim de dar suporte ao desenvolvimento do tema. Deve-se observar que a história do Coral da UNESP se confunde com a de Samuel Kerr. Na inexistência de bibliografia a História aceita



depoimento oral, desse modo, a documentação recolhida é fonte primária, ou seja, foi baseada em depoimento oral, não caracterizando esta dissertação, portanto, como um trabalho musicológico.

Com base nos resultados do levantamento histórico, optou-se, para efeito de organização, em dividir a história do Coral da UNESP em duas fases: a primeira de 1978 a 1992 e a segunda de 1998 até os dias atuais (contemplada até 2002). Na primeira fase, o Coral da UNESP contou com a direção artística de Samuel Kerr e com o trabalho de regentes bolsistas, alunos no Instituto de Artes do Planalto. De 1993 a 1997, dá-se um "período de transição" e, em 1998, as atividades são retomadas sob supervisão artística de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada e regentes contratados, ocorrendo uma mudança substancial quanto à estrutura administrativa, entre outros aspectos.

O capítulo II trata da formação do Coral da UNESP propriamente dita. Samuel Kerr define em seu programa dois propósitos: servir como laboratório para a formação e atuação dos alunos do Instituto de Artes e resgatar a memória musical das comunidades onde os regentes estavam inseridos. O tópico "Perspectivas na Atuação e Formação do Regente", (capítulo III), trata da inserção de regentes bolsistas nas Unidades espalhadas pelo interior do Estado, mantido como pólo irradiador o Instituto de Artes do Planalto. Para iniciar nossa investigação foram eleitos cinco aspectos inerentes à prática da Regência Coral tradicional, discutidos quanto ao tratamento dado a cada um deles, a saber: gesto coral, classificação vocal, técnica vocal, dinâmica de ensaio e repertório (arranjo e programa). O tópico "Memória Musical das Comunidades", (capítulo IV), trata do segundo propósito, da temática proposta para as atividades do Coral da UNESP. Neste resgate, a memória musical das comunidades será abordada a partir dos relatos que se iniciam em "Gratas Lembranças", passando pelos "Encontros Regionais", visando os grandes "Encontros de Corais da UNESP".

O capítulo V dá continuidade aos fatos históricos situando a segunda fase do Coral da UNESP, englobando o período de transição. Em "Parâmetros de atuação dos regentes contratados" serão relatadas as atividades atuais reportando-se aos mesmos aspectos apresentados anteriormente: gesto coral, classificação vocal, técnica vocal, dinâmica de ensaio e repertório (arranjo e programa), no intuito de estabelecer um quadro comparativo entre as duas fases.



As informações utilizadas nesta dissertação foram escolhidas, principalmente, a partir de entrevistas realizadas com: Samuel Kerr, regentes bolsistas da 1ª. fase do Coral da UNESP (selecionados com base no período de permanência no projeto)[3] e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. As entrevistas foram gravadas, transcritas e apresentadas em anexo. Aos regentes contratados foi aplicado questionário somente.

Foram resgatados também documentos relativos ao assunto nos arquivos da PROEX (Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários) e ACI (Assessoria de Comunicação e Imprensa) da UNESP. Considerando a baixa quantidade de informação disponível nestes órgãos, os regentes bolsistas foram de primordial importância, disponibilizando fotos, programas de concertos, jornais e revistas. Assim, frente às dificuldades no levantamento de informações neste trabalho, muitas lacunas certamente permaneceram, estando aberto a contribuições.

[3] É necessário destacar que aos regentes bolsistas que se dispuseram a contribuir com o trabalho e que, por dificuldades diversas (dentre elas a geográfica), não foram entrevistados, foi aplicado questionário respondidos via correio eletrônico. Neste sentido, o método aplicado contemplava o mesmo conteúdo das entrevistas.

CAPÍTULO I
Samuel Kerr

> *Esse é o privilégio de viver muito, com 66 anos você vê muitas coisas, você tem uma coleção de vivências fantásticas.*
>
> (KERR, 2001. ANEXO 1)

Samuel Moraes Kerr nasceu em São Paulo no dia 5 de maio de 1935, filho de Warwick Kerr e Ondina de Moraes Kerr. Sua formação musical básica deu-se na Igreja Presbiteriana Unida, numa época em que a escola pública divulgava o civismo pelo Canto Orfeônico apregoado por Villa-Lobos e exaltado pela ditadura de Vargas e que, aos poucos, assimilava as idéias do movimento escolanovista.[4]

> A escola pública, na época, era a continuação desse aprendizado (musical). Havia um traço comum, ou uma influência mútua. O civismo e a religiosidade exigiam estudos. A escola ou a igreja eram lugares exemplares que moldavam personalidades. Talvez venha daí o sucesso do Canto Orfeônico. Mas, mudanças sociais, econômicas e educacionais profundas estavam por acontecer. A música fugiu da escola e para permanecer na igreja exigiu novos estudos. (KERR, 2000, p.116)

Kerr iniciou seus estudos de piano em 1949 com Elisa Kerr Salem. Nesta época, tocava harmônio na escola dominical e tornou-se responsável por toda a programação musical dos retiros e encontros da juventude na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo. Essa atividade despertou seu interesse pelo estudo de órgão e regência iniciado em 1955 com Nilce Borges do Val. No mesmo anoa regente assume a direção do Coral da Igreja Presbiteriana Unida, em 1955, Kerr é conduzido a organista e fica entusiasmado com a idéia de ir para os Estados Unidos estudar no *Westminster Choir College*. Comenta a importância do canto coral para a igreja protestante: "A Igreja Protestante desde a Reforma sempre valorizou muito a música e propiciou que os talentos aflorassem, porque a igreja

---

[4] O movimento "Escola Nova", divulgado no Estado de São Paulo de 1930 a 1960, opunha-se às práticas pedagógicas vigentes, tidas como tradicionais, indicando que à escola caberia a responsabilidade de formar cidadãos aptos à reflexão, considerando sua liberdade individual e sua responsabilidade diante do coletivo. (GALLO, 2003)

unesp

tem um coro, mas antes de ter um coro, a igreja tem uma congregação cantando, a igreja canta." (KERR, 1999, p. 161).

Em seguida, foi convocado para o serviço militar. Nesta época, conhece Paulo Herculano, aluno da Pró-Arte, que passa a ter grande influência em sua vida musical. Assim, a partir de 1957, com 22 anos, inicia seus estudos na mesma.

> Isso era muito audacioso porque até então, eu vivia recolhido no ambiente da Igreja, ia me dedicar à música da Igreja, e pouco depois...outro mundo – os Seminários de Música da Pró-Arte. Então começo a ter uma visão completamente nova do estudo da música, um enfoque totalmente novo (...). Aos poucos começo a me enfronhar no meio musical de São Paulo, fora da Igreja, só que com toda a experiência da Igreja, uma coisa que eu não percebia muito claramente naquela época". (KERR, 2001. ANEXO 1).

A Pró-Arte, liderada pelas idéias vanguardistas de Koellreutter difundia a música coral renascentista como a "verdadeira música coral". Influenciados, Kerr e os demais alunos da Pró-Arte passaram a questionar a música da Igreja pela influência norte-americana, já expressa em Borges do Val, e o conservadorismo decadente do Canto Orfeônico e sua tônica nacionalista.

Com o ingresso de David Machado na Pró-Arte, foi formado o Trio *Ars Sacra*, cujo objetivo era recuperar o acervo que a igreja protestante (ou reformada) não mais cantava – o *Saltério Huguenote,* obra organizada por Calvino na reforma religiosa do século XVI e metrificado no Brasil por Isaac Nicolau Salum, Joaquim Machado, Jorge Mota, entre outros poetas da Igreja Presbiteriana. O Trio *Ars Sacra* era composto por Paulo Herculano, Samuel Kerr e David Machado. Comenta: "Éramos um trio vocal que cantava coisas inacreditáveis de Orlando di Lasso, Gibbons..., a três vozes. As pessoas odiavam, era uma total falta de bom senso, e quanto mais odiavam, mais achávamos que éramos ótimos." (KERR, 2001. ANEXO 1)

O insucesso do Trio *Ars Sacra* perante a congregação resultou na formação do coro Cantoria *Ars Sacra* (1960), cujo nome remetia a *Kantorai*, termo que designava os músicos de uma corte protestante alemã, sob a direção de um músico, o *Kantor*. (SADIE, 1994, p.487). O regente David Machado se destacou profissionalmente na direção deste coro desenvolvendo intensa produção musical, incluindo o repertório brasileiro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Kerr atuou como organista da Igreja Presbiteriana Unida no período de 1955 a 1960 e também como recitalista. Em 1960, passou a ter aulas de regência com Diogo Pacheco nos cursos de formação de professores organizados pelo Governo do Estado de São Paulo. De 1960 a 1964, trabalhou como organista na fábrica de órgãos *Whinner*. Em 1961, ingressou como membro do recém-fundado Coral *Collegium Musicum* de São Paulo, sob a direção do maestro Ronaldo Bologna, um conjunto vocal e instrumental que tinha por objetivo a prática e a divulgação da música medieval, renascentista e do início do barroco. A partir de 1963, a direção do grupo ficou à cargo do maestro Roberto Schnorrenberg até seu falecimento em 1982.

Com a viagem do maestro David Machado para a Alemanha, em 1961, Kerr assume a regência do Coro da 3ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, ocasião que marca sua estréia como regente. Relata: No repertório do coro predominavam obras do *Saltério Huguenote* traduzido para o português, em contraposição ao repertório anterior de hinos e salmos, modificando a realidade musical do grupo. Comenta: "A introdução da 'boa música' no repertório do grupo provocou um verdadeiro abismo entre o coro e a congregação, indo diretamente contra os princípios da igreja protestante". (OLIVEIRA, 1999 – p. 66) Permaneceu nesta função por dez anos (1962 a 1972).

De 1963 a 1965, foi regente do Coral Atlas (Indústrias Villares/Elevadores Atlas). Sem qualquer experiência coral anterior, o grupo foi submetido ao repertório renascentista divulgado pela Pró-Arte, lamenta Kerr.

O maestro David Machado radicado na Alemanha mas retornou ao Brasil em 1964. Neste ano, o Cantoria *Ars Sacra* participou do Concurso Polifônico Guido D'Arezzo (Itália).

> A grande lição do Concurso foi a classificação e o aplauso pela interpretação da música brasileira no setor de música folclórica e a reprovação e a desclassificação ao concorrermos com os europeus cantando Ingegneri, William Byrd, Monteverdi e outros autores que considerávamos a única razão para cantarmos em coro, em vista à formação européia que nos colonizava e nem percebíamos.(...) Só na volta de Arezzo, comecei a entender que precisávamos assumir a caipirice...(KERR, 2002, p.31-40)

De 1964 a 1974, foi regente do Coral da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, sucedendo o maestro David Machado. A experiência com o Coral da Santa Casa é considerada por Kerr um divisor de águas em seu trabalho. O confronto entre o conhecimento trazido da Igreja Presbiteriana e a experiência no Coral da Santa Casa, o estimulou a buscar uma forma particular de trabalhar o canto coral. Destaca que os parâmetros tradicionais do canto coral foram questionados, pois as modificações eram necessárias à medida que se aproximavam dos corais amadores brasileiros.

> Eram 100 candidatos a cada ano, eles punham no trote. Todos iam fazer teste até que eu percebi que quem estava sendo trotado era eu (...) Chegou um ano que eu não quis mais fazer teste, entraram sessenta cantores no coro e eu tive que dividi-lo em dois grupos: o coro antigo e o coro novo. Com o coro novo eu queria fazer as *Toadas de Maracatu* do Mahle. Eu não conseguia colocar dois acordes em pé. Aquele monte de gente, aquela festa (...) Aí eu disse: Olha gente, cantem do jeito que vocês quiserem, eu queria ensinar uma coisa que eles não sabiam fazer. Eles precisam que você escute o que eles sabem. (KERR, 2001. ANEXO 1)
> Daí veio a resposta que não sabia que era possível: um som inesquecível por sua aspereza, brilho, autenticidade, texto claro e ritmo preciso. (KERR, 2002, p.7)

Assim, o Coral da Faculdade de Medicina Santa Casa, dividido em dois grupos, foi tratado sob dois aspectos: o tradicional e o experimental. O grupo antigo (tradicional) realizou obras como a *Missa Notre Dame* de Guillaume de Machaut, na abertura do Festival de Música Francesa (1968), dirigido por Paulo Herculano; a *Missa Brevis Sancte Johannes de Deo* de Joseph Haydn, com orquestra; a *Missa em Sol* de Schubert; e a *Cantata de Natal* de Daniel Pinkham. Conquistou com este coro, no Chile (1967), por ocasião do "1.º Festival Latino-Americano da Canção Universitária", dois prêmios: primeiro lugar na modalidade coro masculino e terceiro lugar na modalidade coro misto. O coro também recebeu o prêmio de coro melhor trajado, vestindo uniforme desenhado pelo figurinista Alceu Penna. O grupo iniciante (experimental) funcionou como um "laboratório coral", termo cunhado por Kerr para designar uma série de experimentações relativas ao processo de trabalho com corais amadores.

Passou então a experimentar novas formas de trabalho na tentativa de modificar a realidade presente no grupo. Apesar de não utilizar técnicas consagradas (embora as utilize

unesp

quando necessário) tampouco se preocupar em estabelecer novas técnicas, acaba criando procedimentos recorrentes da atitude dos coralistas observada nos ensaios e apresentações, que conduziram a um método de trabalho. Um método no qual o prolongamento de suas conclusões deixa em segundo plano, ou até mesmo exclui, o consagrado, o técnico, o codificado, abrindo espaço para o criativo, o lúdico, o emocional, o vivencial, o pessoal.(OLIVEIRA, 1999, p.67)

Ao Coral da Faculdade de Medicina da Santa Casa coube duas atitudes pioneiras: a realização do 1°. Encontro de Corais Universitários em São Paulo (1967) e a modelagem das primeiras idéias do que viria a se tornar o Coral Cênico. "Não digo que fui eu quem começou a cena, só queria desenvolver o que já estava observando... que o corpo deles era importante. Então eu inventei uma atividade lúdica e comecei a trabalhar com outros profissionais" (KERR, 2002, p. 9). O espetáculo *O estrado* foi o primeiro no gênero contando com o trabalho do bailarino Milton Carneiro (*Balé Stagium*) e a programação visual de Rainer Yacob, aluno da FAU (orientado por Flávio Império), que projetou para o espetáculo um estrado modulado e rearticulado. A estréia deu-se por ocasião da 1ª. Bienal Internacional de Arquitetura (1973).

A partir do Coral da Santa Casa, dois caminhos opostos foram traçados. Comenta:

> Lembrando da fala do Flávio Império "deixe emprego, deixe escola e saia pelo mundo afora escutando, ouvindo tudo, em busca do seu som!" Eu me lembro que fiquei abalado, mas sem coragem... ou da fala do Paulo Herculano "estude a *Messe de la Pentecôte* do Messiaen e corra o mundo como seu intérprete!" Fiquei balançado e cheguei a começar a estudar seus "ritmos irracionais"... (KERR, 2002, p.25).

Deu início, em 1965, os Festivais de Música de Curitiba. Kerr inicialmente ministrou aulas de órgão e, em seguida, assistiu ao maestro Roberto Schnorrenberg. Desta experiência, surge, em 1967, o convite de Paulo Soares Cintra, para organizar a formação de grupos corais nos Centros Educacionais da Cidade de São Paulo no ano seguinte. Com a mudança ocorrida para Centros Desportivos – Secretaria de Esportes, Kerr foi conduzido ao Teatro Municipal de São Paulo para trabalhar na assessoria artística. Ainda em 1967, torna-se integrante do conjunto Mestres Cantores ao lado de Henrique Gregori, Diogo Pacheco e Paulo Herculano. Deve-se destacar ainda a viagem que fez para os Estados Unidos, como bolsista na *Meadowbrook School of Music*, tendo estudado com Robert Shaw e Alice Parker.

unesp

De 1969 a 1971, participa do Movimento Villa-Lobos criado por José Luiz Paes Nunes, presidente do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, na então Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo que designou a cada região do Estado um regente coral a fim de realizar encontros musicais periódicos. Comenta:

> No Movimento Villa-Lobos fui o maestro designado para a região de Bauru (1969). No mesmo ano, realizei um Festival Coral, com os corais da região. Em 1971 a sede do movimento passou para a região de Lins, onde comecei a ministrar um curso de regência coral a cada quinze dias. Programei concertos corais por toda a região com o Coral da Santa Casa e organizei encontros corais em outras cidades da região. Tivemos até concerto no Teatro Municipal de São Paulo. (KERR, Entrevista, 2003)

Em 1971, Kerr é conduzido a regente da Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo, seu primeiro trabalho no gênero, sucedendo Olivier Toni, permanecendo até 1980. Ainda em 1971, foi responsável pela direção Musical em Teatro das peças *Hans Staden no País da Antropologia* e, em 1972, *Jesus Cristo Superstar*. No mesmo ano, tornou-se diretor da Escola Municipal de Música / SP permanecendo até 1975.

De1973 a 1975 participou do Movimento Coral Mário de Andrade criado por José Luiz Paes Nunes à frente do Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo (assessoria em música), que designou regentes a trabalharem nos diversos bairros de São Paulo. Kerr ficou responsável pelas atividades musicais nos bairros Sé e Aclimação, sendo que, em 1973, regeu grande concentração coral (1200 vozes), nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo reunindo os corais da capital em comemoração ao Natal. No mesmo ano, recebe troféu conferido pela Ordem dos Músicos do Brasil, como melhor regente. Em 1974, também a convite de José Luiz Paes Nunes, como parte da programação de Natal, organizou uma série de concertos em todas as igrejas que possuíam órgão de tubos em São Paulo atuando como recitalista, inclusive (KERR, 2002, p.21-22).

Ainda em 1974, recebe o Prêmio Especial da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) pelo trabalho como Diretor da Escola Municipal de Musicam e inicia, junto à Associação Coral *Cantum Nobile*, da Associação de Pais e Alunos do Colégio Vocacional Osvaldo Aranha, um trabalho inovador na área de canto coral. Além da assistência de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, membro do grupo, contava com o auxílio de outros profissionais. Dentre eles, o ator Naum Alves de Souza e a artista plástica Lucia Reily.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Comenta Fonterrada:

> Ficou muito impresso em mim o jeito do Samuel trabalhar; foi uma coisa que mexeu muito comigo e acho que moldou meu modo de atuação. Samuel tinha uma preocupação muito grande em não ser invasivo com as pessoas, um jeito muito gentil de lidar com elas, muito generoso. Acho o Samuel uma pessoa muito generosa e do contato com ele, fui como que moldando a minha relação com o coro, muito a partir dele, de ver seu jeito de trabalhar (...). Eu acho que ele me influenciou muito sim, sem dúvida, ele e o Schnorrenberg. (FONTERRADA, ANEXO 2)

O primeiro espetáculo da Associação Coral *Cantum Nobile*, intitulado *Prá ganhar café*, foi seguido de *Silêncio, estamos no ar*, *Diz em Canto*, *Vamos dar a meia volta*, entre outros. Permaneceu na direção deste grupo por dez anos até 1984. Neste mesmo ano, ingressou no bacharelado em Composição e Regência pela Faculdade de Música e Educação Artística do Instituto Musical de São Paulo (IMSP), concluindo-o em 1978.

Com a morte de Klaus-Dieter Wolff (04/1974), Kerr assumiu, de maio de 1974 a março de 1976, o cargo de professor de regência coral no Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, onde atuou junto ao Coral *Comunicantus* e, em seguida, ingressou como professor colaborador na Faculdade de Música Maestro Julião, atual Instituto de Artes da UNESP.

Em 1978, deu início ao projeto Coral da UNESP orientando o trabalho realizado nos campi de Rio Claro e São José do Rio Preto. Em 1979, realizou apresentação de Natal na Reitoria e, pela repercussão do evento foi convocado em 1980 a tornar-se o Diretor Artístico do movimento, oficializado desde então no âmbito da Universidade. Neste período desenvolveu intensa atividade musical junto aos *campi* do interior realizando 13 encontros de corais oficiais, além de laboratórios e encontros regionais desenvolvidos paralelamente. Teve como objetivos principais a atuação e formação de regentes corais e a recuperação de aspectos da memória musical das comunidades. Desta experiência resultou ampla pesquisa sobre a música brasileira, recolheu e catalogou canções pela produção de arranjos adequados às condições técnicas dos coros, verificado seu contexto, suas dificuldades e possibilidades. Permaneceu na supervisão até 1992, por ocasião do XIII Encontro de Corais da UNESP realizado na cidade de Botucatu.

unesp

Entre 1980 e 1984, simultaneamente ao projeto Coral da UNESP, regeu o Coral Paulistano introduzindo no grupo proposta cênica. "Viví no Coral Paulistano um grande dualismo entre o coro que eu gostaria de produzir e o coro que eu, como profissional de música, deveria atender como regente, em um teatro tão oficial, o Teatro Municipal de São Paulo".(KERR, 2002, p.32). Neste período, surgiu o espetáculo *No Natal eu me lembro*, com direção teatral de Paulo Betti. A integração do Coral Paulistano e do Corpo de Baile do Teatro Municipal foi outra inovação deste período.

> Quando fiz com o Coral Paulistano o trabalho chamado: *No Natal eu me lembro*, perguntei qual a lembrança que eles tinham do Natal, o que era o Natal para eles, qual o repertório de Natal que eles tinham na lembrança... Um dos cantores teve uma dupla caipira na sua cidade natal, chamava-se "Cavanhaque e Bigodinho"(imagina no coral Paulistano o cara confessar que tinha uma dupla caipira), e nós fizemos a dupla cantar. Vocês tinham um repertório de Natal? "Tínhamos, chamava-se "Ninho de rama seca", então ele cantou e gravou para mim, e quando veio entregar a fita ele disse: "Olha maestro, está muito lírico, eu não sei mais cantar caipira". Eu fui imediatamente agradecer à Santa Cecília essa lição, porque o quanto você inviabiliza o cantor por colocá-lo numa escola. Ele esquece que pode fazer outras coisas (KERR, 2001. ANEXO 1).

Em 1981, escreve para a revista francesa *L'Education musicale* o artigo intitulado *L'enseignement de la musique au Brésil - Le role des chorales dans la formation artistique de la jeneuse.* Neste artigo, relata o aparecimento no final da década de 50 de grupos corais como uma reação ao canto orfeônico, pois consideravam-no "prejudicial" ao verdadeiro canto coral, e fizeram conhecer enormemente a música da Renascença cantada em línguas estrangeiras. (OLIVEIRA, 1999, p.72). A convite do INM-FUNARTE e de Elza Lackschevitz, atuou como palestrante do 1°. Painel de Regência Coral, uma oportunidade nacional de expor seu pensamento a respeito do Canto Coral.

Criada toda essa consciência própria do que seriam os caminhos do canto coral no Brasil, distanciou-se dos propósitos relatados no início quanto à sua formação musical. A escolha em trabalhar com corais amadores e o negação progressiva das idéias da Pró-Arte justificam o rompimento de Samuel Kerr com o mestre Schnorrenberg. Declara:

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

> Como um filho que se rebela com o pai para se sentir em pé e saber andar sozinho. Eu tinha veneração por ele, achava-o absoluto, mas todo processo educativo tem um momento que você não acha mais. Eu sempre trabalhei com muito respeito pelo Schnorrenberg, mesmo quando comecei a não tê-lo mais como mestre absoluto (KERR, 2003. ANEXO 1).

Neste período foi responsável pela direção musical em teatro das peças: *Aurora da Minha Vida*, 1982 (São Paulo) e 1983 (Rio de Janeiro); *Um beijo, um abraço, um aperto de mão*, 1984 (São Paulo), indicado para o prêmio de direção musical pela APETESP - Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais do Estado de São Paulo, e 1985 (Rio de Janeiro).

Kerr, ao longo de seus trabalhos, criou o hábito de trabalhar de forma interativa junto a outros profissionais. Desde o trabalho de programação visual realizado por Rainer Yacob, e o trabalho corporal do bailarino Milton Carneiro do *Balé Stagium*, junto ao Coral da Santa Casa, sucederam outras experiências no intuito de buscar em outras áreas, novas referências que auxiliassem na compreensão do canto coral. Desenvolveu no SESC - SP, auxiliado pelo astrônomo Augusto Daminelli, espetáculo de Natal intitulado *A Estrela*, centralizado no cosmos e no homem. Conta que "o espetáculo enfatizava para o cantor que nós existimos porque houve uma estrela e isso provocou uma série de mudanças no espaço, o que acabou originando a Terra e também que, quando você tropeça numa pedra você está tropeçando num pedaço de estrela e o brilho dos olhos é o brilho da estrela." (KERR, Entrevista, 2001. ANEXO1) No espetáculo musical-ecológico intitulado *Abrir o Eco*, de 1986, trabalhou com a ecologista Cacilda Lanuza. Segundo ele, o nome do espetáculo provém de uma expressão nordestina: "chore enquanto é tempo" ou "abra o berreiro". Segundo ele havia o sentido de orientar as pessoas de que a Terra precisa de socorro. Permaneceu no SESC de 1984 a 1987.

Kerr participou do Movimento Coral do Estado de São Paulo assumindo sua direção em 1983. Trouxe para atuar junto ao Coral do Estado de São Paulo, pela primeira vez, o regente Marcos Leite, identificando-se com a originalidade de susn proposta voltada à música popular brasileira.

Em 1987, tornou-se apresentador do programa *Allegro*, na TV Cultura, permanecendo até 1988, perfazendo um total de 58 programas. Em paralelo, organizou movimento coral comunitário na adminisração regional do bairro do Butantã. Atuou como regente do Madrigal *Psychophármacon* (remédio da alma) de 1988 até 1991.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

De 1989 a 1997, atuou como regente do Coral da *B'nai B'rith* de São Paulo. Também em 1989, deu início a dois projetos estimulado por Hermelino Neder, assessor de Música da Secretaria de Estado da Cultura na época: o projeto *Monitores Corais* e a *Cia. Coral.*

O projeto *Monitores Corais*, que resultou num livro do mesmo nome, realizado em parceria com Ricardo Breim, pretendeu incentivar a formação de regentes corais na capital e no interior de São Paulo. Para tanto, foi treinado grupo de aproximadamente 20 regentes para atuar nas Oficinas Culturais criadas pelo Governo do Estado e pulverizadas pelo interior, mantendo sede na Oficina Cultural Oswald de Andrade, em São Paulo. Néder, na apresentação do livro, remete-se aos autores: "Ambos foram escolhidos porque, a partir do conhecimento tradicional em suas áreas, encontraram um modo pessoal de pensar e ensinar Regência Coral, Harmonia e Percepção Musical" (KERR, 1989, p.1). Kerr assina o livro com seus discípulos - ex-regentes dos corais da UNESP: Júlio César Giudice Maluf e Gisele Corrêa da Cruz. Contou também com a colaboração de Cadmo Fausto Cardoso. "A tentativa de organizar este material para estudo foi provocada pelo Hermelino Néder, que mais uma vez me instiga a tentar pôr em ordem o que observei nestes 30 anos de canto coral".(KERR, 1989, p.5). O livro ilustra três tópicos utilizando exemplos musicais: projeto sonoro, gesto e repertório. Estabeleceu uma relação triangular entre os assuntos formando ciclo, já que o último se remete ao primeiro.

A *Cia. Coral* foi outra experiência de coro cênico, sob direção teatral de Willian Paiva, promovida pelo Governo do Estado no período de 1990 a 1993, resultando nos espetáculos: *Elsinore, João Pacífico* e *O não amoroso.*

Em 1990 retornou ao Coral Paulistano, a fim de dar continuidade à idéia original de formação do grupo por Mário de Andrade - servir como instrumento de divulgação da música brasileira. Dessa forma, apresentou obras de compositores contemporâneos em primeira audição (CORAL PAULISTANO, 2001), como Chico Ferraz, Kilza Setti, Mário Tavares, Osvaldo Lacerda, Yves Rudner Schmidt, Renato Lemos, Esther Scliar, entre outros. Comenta: "Fica muito incoerente o trabalho com o Paulistano porque eu quero que eles cantem de ponta-cabeça, e eles não querem". Dentre os espetáculos realizados constam: *As milhores palavras, Um canto para* Flávio e *A pousada dos ventos.* Permaneceu no Teatro Municipal de São Paulo até 2000, aposentando-se no ano seguinte.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Em 1991, foi responsável pela direção musical em teatro da peça *Mulheres de Holanda* e, em 1992, *Vida é um Sonho.* Foi eleito pela Associação de Críticos de Arte, APCA, como "O Melhor Regente Coral de 1992".

Desde 1994 é regente do Coral do Curso de Música e do Curso de Educação Artística do Instituto de Artes da UNESP. Em 1999, recebeu o prêmio "Personalidade do Ano", conferido pela Associação Comercial de São Paulo - Distrital Ipiranga.

Tornou-se mestre pelo Instituto de Artes da UNESP com a monografia intitulada: "A História da Atividade Musical na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo – uma fisionomia possível", defendida em 2000 e publicada em comemoração ao 1.º Centenário da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo.

Foi Presidente da Sociedade Amigos do Museu Paulista – SAMPA, Vice Presidente da Associação Brasileira de Regentes Corais Associação Paulista de Regentes Corais[5] e Regente do Coral da MULTIBRÁS.

Em 2001, foi homenageado por ocasião do XVII Encontro de Corais da UNESP realizado na cidade de São José do Rio Preto e que reuniu cerca de 700 coralistas, além de amigos e ex-alunos do maestro.

[5] A Associação Paulista de Regentes Corais (APARC) foi fundada em 1999 como uma associação civil de cunho artístico, cultural e unificador dos profissionais da área de regência coral do Estado de São Paulo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

QUADRO 1 : Índice Remissivo do Capítulo I – Samuel Kerr

1935	Nascimento em 05 de maio
1948	Início dos estudos de piano
1955	Início dos estudos de órgão Organista da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, até 1960
1957	Ingresso nos Seminários de Música da Pró-Arte
1959	Formação do Trio *Ars Sacra*
1960	Formação do *Cantoria Ars Sacra* Organista da Fábrica de Órgãos *Whinner*, até 1964
1961	Ingresso no Coral *Collegium Musicum*
1962	Regente do Coral da 3.ª Igreja Presbiteriana Independente de SP, até 1972
1963	Regente do Coral Atlas (Indústrias Villares / Elevadores Atlas)
1964	Regente do Coral da Faculdade de Medicina da Santa Casa de SP até 1974 Participação do Coral *Cantoria Ars Sacra* no Concurso Polifônico Guido D'Arezzo (Itália)
1965	Professor de Órgão e assitente do maestro Schnorrenberg no Festival de Curitiba
1967	Bolsista em *Meadowbrook School of Music*/ aaluno de Robert Shaw e Alice Parker Formação do conjunto Mestres Cantores Participação no 1.º Festival Latino-Americano da Canção Universitária (Chile) Realização do 1º. Encontro de Corais Universitários em São Paulo
1968	Regente do Movimento Coral nos Centros Educacionais de São Paulo, até 1969
1969	Regente da região de Bauru no Movimento Villa-Lobos da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo
1971	Diretor da Escola Municipal de Música de São Paulo, até 1975 Regente da Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo (OSJM), até 1980 Direção Musical de *Hans Staden no País da Antropologia* Regente da região de Lins no Movimento Villa-Lobos da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo
1972	Direção Musical de *Jesus Cristo Superstar*
1973	Troféu da OMB de Melhor Regente Regente dos bairros de Aclimação e Sé no Movimento Mário de Andrade da Prefeitura Municipal de São Paulo

1974	Professor de Regência Coral da ECA – USP de abril até março 1976. Regente da Associação Coral *Cantum Nobile* até 1984 Prêmio Especial da APCA pelo trabalho como Diretor da Escola Municipal de Música Ingresso no curso de Bacharelado em Composição e Regência pela Faculdade de Música e Educação Artística do Instituto Musical de São Paulo
1977	Professor de Regência Coral do Instituto de Artes da UNESP
1978	Gradua-se no curso de Bacharelado em Composição e Regência pela Faculdade de Música e Educação Artística do Instituto Musical de São Paulo. Supervisor do Coral da UNESP até 1992
1980	Regente do Coral Paulistano até 1984
1981	Direção Musical de *Aurora da Minha Vida* (São Paulo) Escreve o artigo intitulado *L'enseignement de la musique au Brésil - Le role des chorales dans la formation artistique de la jeneuse* para a revista francesa *L'Education musicale* Participação como palestrante do 1°. Painel de Regência Coral INM-FUNARTE até 1990.
1982	Direção Musical de *Aurora da Minha Vida* (Rio de Janeiro)
1984	Direção Musical de *Um beijo, um abraço, um aperto de mão* (São Paulo). Indicação para o Prêmio de Direção Musical pela APETESP. Regente do SESC-Vila Nova até 1987
1985	Direção Musical de *Um beijo, um abraço, um aperto de mão* (Rio de Janeiro)
1987	Apresentador do programa *Allegro*, TV Cultura até 1988 Movimento Coral na Administração Regional do bairro Butantã
1988	Regente do Madrigal *Psychophármacon* até 1991
1989	Regente do Coral da *B'nai B'rith* de São Paulo até 1997 Regente da *Cia. Coral* até 1993 organiza o Projeto *Monitores Corais*
1990	Regente do Coral Paulistano até 2000
1991	Direção Musical de *Mulheres de Holanda*
1992	Membro da Associação Brasileira de Organistas (ABO) Direção Musical de *A Vida é Sonho* Prêmio APCA – "Melhor Regente Coral de 1992"
1999	"Personalidade do Ano" – Associação Comercial de SP, Distrital Ipiranga.
2000	Mestre em Música pelo Instituto de Artes da UNESP Publicação do livro "A História da Atividade Musical na Igreja Presbiteriana Unidade São Paulo – uma fisionomia possível"
2001	Homenageado no XVII Encontro de Corais da UNESP, em S.J. Rio Preto. Saída do Coral Paulistano mediante aposentadoria.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

CAPÍTULO II
Coral da UNESP – Histórico (1978 – 1992)

O Coral da UNESP pode ser um ou dez,
ele é um quando se reúne.
(Informativo UNESP n.º 8, Junho /83)

A Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, criada a 30 de janeiro de 1976, pelo então governador Paulo Egydio Martins, resultou da aglutinação de 14 Unidades Universitárias que, até aquele momento, eram Institutos Isolados de Ensino Superior vinculados a CESESP – Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo, originalmente, faculdades públicas ou antigos estabelecimentos mantidos por particulares ou pelo poder municipal, aos quais, mais tarde, foram agregadas outras instituições que passaram pelo processo de estadualização.

Os 14 Institutos Isolados incluiam a Faculdade de Música "Maestro Julião", criada em junho de 1974, em substituição ao antigo Conservatório Estadual de Canto Orfeônico (criado em 1942). A Faculdade de Música "Maestro Julião" foi transferida da cidade de São Paulo para a cidade de São Bernardo do Campo, em 1976, com o nome de Instituto de Artes do Planalto, oferecendo o curso de Licenciatura em Educação Artística (1°.Grau) com Habilitação em Música (2°. Grau). A criação do curso de Bacharelado em Música - Habilitação em Composição e Regência deu-se no ano seguinte, em 1977. Em 1981, o Instituto de Artes do Planalto retornou a São Paulo, agora funcionando em sua atual sede no bairro do Ipiranga, Rua D. Luiz Lazagna, 400. A partir de 1989, passou a ser chamado somente de Instituto de Artes.

Os 14 Institutos Isolados, enquanto escolas públicas criadas pelo Governo do Estado de São Paulo, reunidos numa Universidade[6], foram instalados em regiões onde havia maior desenvolvimento urbano e industrial, descentralizando o ensino superior da capital paulista para as cidades do interior, adquirindo assim formato *multicampi* e distinguindo a UNESP das Universidades públicas do Estado de São Paulo existentes até

[6] A Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho teve sua origem em 1976 a partir da reunião de 14 institutos isolados: Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Assis, Franca, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José do Rio Preto; Faculdades de Odontologia de Araçatuba e São José dos Campos; Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara; Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá; Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu; A Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Jaboticabal e Faculdade de Música "Maestro Julião" de São Paulo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

então, USP (criada em 1934) e UNICAMP (criada em 1966). Assim, as unidades congregadas foram submetidas a um regime geral único estabelecido pela Reitoria e pelo Conselho Universitário, preservando, ao mesmo tempo, as características inerentes a cada unidade.

A Reitoria, planejada inicialmente para ser instalada na cidade de Ilha Solteira, foi instalada em São Paulo em 1976 na Av. Rio Branco, 120 - Campos Elíseos; em 1978 na Praça da Sé - Centro; e a partir de 1994, até os dias atuais, na Alameda Santos, 604 - Cerqueira César.

Atualmente a UNESP mantém 25 Unidades Universitárias, além da Reitoria, distribuídas em 16 *campi*: Araçatuba, Araraquara, Assis, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto, São Paulo, Bauru (encampado em 1988) e São Vicente (encampado em 2001), oferecendo 81 cursos de graduação e 32 de pós-graduação nas áreas de ciências exatas, biológicas e humanas.

Atenta às mudanças históricas e às expectativas da sociedade, a Universidade tende a expandir-se pelo interior do Estado, conforme verificado recentemente com a criação de 7 novas Unidades: Dracena, Rosana (Distrito Primavera), Tupã, Ourinhos, Itapeva, Registro e Sorocaba / Iperó. Desta forma, a dilatação dos mecanismos de extensão e assuntos comunitários é sintomática.

Acompanhando uma tendência iniciada na década anterior com a criação do CORALUSP, em 1967, e do Coral da UNICAMP, em 1971, surgem na UNESP, em 1978, as primeiras tentativas de formação de corais, por iniciativas isoladas dos *campi* de São José do Rio Preto e Rio Claro. Nesta época, o Campus de São José do Rio Preto já possuía um trabalho na área desenvolvido pelo maestro José Ferraz de Toledo que, após certo tempo, ficou impossibilitado em dar continuidade às atividades. Assim, o campus, por esforço do Diretório Acadêmico, solicitou ao Instituto de Artes do Planalto um regente para o seu coral. Por sua vez, o campus de Rio Claro estimulava a atividade coral por meio de lideranças naturais que não permitiram a interrupção das atividades do coral, mesmo após o afastamento de seu antigo regente, o médico Dr. Cláudio Lysias Costa Vieira, no final de 1977. O maestro Samuel Kerr a par das dificuldades encontradas *in loco* (desde 1977) sugeriu aos seus alunos do Instituto de Artes do Planalto um trabalho dirigido às duas unidades. Alexandre Amaral Tôrres Sanches, aluno do curso de Bacharelado em



Composição e Regência do Instituto de Artes do Planalto, atendendo prontamente à solicitação, assumiu São José do Rio Preto (1978). Vitor Gabriel de Araújo, que já era regente profissional, assumiu Rio Claro, mas o fato deste não possuir vínculo com a Universidade na época dificultou a concessão de bolsa, comprometendo a continuidade do trabalho. Mesmo assim, permaneceu na unidade por cerca de dois anos, colaborando também com a organização dos dois primeiros Encontros do Coral da UNESP[7] (ANEXO 5a/b), em Rio Claro e São José do Rio Preto. No repertório, constavam obras escritas especialmente pelos professores de composição do Bacharelado em Música e executadas em 1ª. audição: *Capitanias Hereditárias* (micro ópera para coro e narrador) de Conrado Silva e "Teresa", de Nilson Lombardi (texto de Manuel Bandeira), além de "Fecha os olhos meu bem", de Henrique de Curitiba. Contou com a participação do ator Reynúncio Napoleão de Lima.

As diretrizes iniciais para a criação do Coral da UNESP delineadas por Kerr chamam atenção para um problema. "Não havendo aluno em condições, a coordenação indicará um regente que poderá ser ou não da região, mas cujo contrato será feito dentro das possibilidades que a UNESP venha a criar para isto", apontando a necessidade de definir a situação do regente na unidade de Rio Claro, por meio de contratação, o que não ocorreu (ANEXO 15b) O trabalho iniciado em Rio Claro foi interrompido de 1980 a 1981 e retomado por Ruth Yazawa a partir de 1982 (QUADRO 2).

A iniciativa de organizar uma atividade coral na Universidade veio ao encontro da preocupação do maestro Samuel Kerr em possibilitar a seus alunos, na disciplina de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral, uma experiência prática que complementasse os estudos do regente coral formado em Música pelo Instituto de Artes. Surge assim o regente bolsista.

O regente bolsista era mantido nas Unidades do interior por meio da concessão de uma bolsa de estágio pela UNESP, além de cotizadas as despesas referentes ao transporte, alimentação e hospedagem. O regente bolsista deveria obrigatoriamente ser aluno do Instituto de Artes do Planalto para facilitar os trâmites administrativos de distribuição da gratificação, além de estar subordinado a um Diretor artístico, no caso o próprio Samuel Kerr.

---

[7] Os Encontros de Corais eram um momento de congraçamento da Universidade que contava com a participação de todos os *campi*. Veja o Capítulo IV para informações mais detalhadas.

unesp

Normalmente trabalhavam adotando um esquema de revezamento, justificado principalmente pelo compromisso com a carga horária obrigatória determinada pelo curso de graduação.

QUADRO 2: Relação dos Regentes do Coral da UNESP e período de atividades

UNIDADES	REGENTES
Araçatuba	Início das atividades em 1980 : Mizue Sawada Otsuka (1980 -1984)** Regina Fazenda (1986)* Alexandre Amaral Tôrres Sanches (1987 até a presente data)* / ***
Araraquara	Início das atividades em 1982: Abel Luiz Bernardo da Rocha (1982-1984)* Itagiba José de Paula Campos Neto (1983-1985)* Edson Sekeff Zampronha (1986)* Lina Maria Noronha (1986)* Tânia Bertassoli (1986-1987)* Lucila Pereira da Silva Basile (1987-1988)* Márcio Spartaco N. Landi (1987-1988) * Maria Elisa Peretti Pasqualini (1988)* Daniel Chris Amato (1991-1996) (*)** José Ricardo de Godói Ocampos (1998 até a presente data)***
Assis	Início das atividades em 1986: Júlio Cezar Giúdice Maluf (1986)* Simone Maria Cabrera (1986)* Miguel Marcelo Telhada (1987)* Fábio Ramazzina (1988-1989)* Maria Elisa Peretti Pasqualini (1991)* Stefano Paschoal (1993-1994) (*) Ana Luíza Alves (1995) (*) Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (2002)** Alexandre Amaral Tôrres Sanches (2003 até a presente data)(***)
Bauru	Início das atividades em 1988: Irene Pinheiro Chagas (1975-1992)** Valéria Duarte de Araújo Silva (1992-1993) (*) Cláudio César Xavier (1994) (*) Beatriz Gomes Carreira (1995-1996) (*) João Fernando Paluan (1997) ** Irandi Fernando Daroz (1998 até a presente data)***
Botucatu	Início das atividades em 1981: Celso Franchini (1981-1984)* Silvia Helena Handro (1985 -1988)* Maria Cecília de Oliveira (1988)* Josely de Moraes Antonio (1989)* Arlete Bravo Nogueira (1990-1995- Lageado)** Irandi Fernando Daroz (1990-1992-Rubião Jr) (*) Irandi Fernando Daroz (1998 até a presente data)***
Franca	Início das atividades em 1983: Roseli Melani Neves (1983)* Silvia Maria Prior (1986-1989) Silvia Maria Prior Fuga (1998-2000)*** Cristina Emboaba de Camargo (2003 até a presente data)***
Guaratinguetá	Início das atividades em 1983: Itagiba José de Paula Campos Neto * (1983) Giselle Loiacono Ramos (1986)



	Alex Flores de Souza (1986-1988)* Marta Barbosa da Costa Nunes (Martucha) (1987)* Paulo Augusto Soares (1992)* Waldete Rodrigues Bazzo (1992)* Sandra Mendes Sampaio (1998 até a presente data)***
Ilha Solteira	Início das atividades em: 1980 Abel Luiz Bernardo da Rocha (1980-1981)* Luiz Fernando de Lemos Marchetti (1981)* Regina Fazenda (1986)* Alexandre Amaral Tôrres Sanches (1987-1992)* Zuleica de Carvalho Moreira (1998 até a presente data)***
Jaboticabal	Início das atividades em 1980: Cássio Mendes Antas (1980-1982)* José Luiz da Silva (1980 -1984)* Júlio Cezar Giúdice Maluf (1986-1988)* Edílson de Lima (1988 a 1992)* Regina Fazenda (1992)* Claudia Lima Leal (1992) (*) Silvia Maria Prior Fuga (1998-2000)*** Cristina Emboaba de Camargo (2003 até da presente data)***
Marília	Início das atividades em 1986: Paulo Celso Moura (1986-1987)* Giselle Loiacano Ramos (1987-1988)* Paulo Augusto Soares (1988)* Maria Elisa Peretti Pasqualini (1990-1992)* Gisele Maria S. Leite (1996) (*) Paulo Roberto de Toledo Feltrin (1998)** Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (1999 até a presente data)**
Presidente Prudente	Início das atividades em 1983: Maria Elisa Peretti Pasqualini (1983-1992)* Adriana Garcia Sampaio (1995) (*) Lucia Maria de Moura (1996-1997) (*) Alexandre Amaral Tôrres Sanches (1998 até a presente data)***
Rio Claro	Início das atividades em 1978 : Vitor Gabriel de Araújo (1978 a 1979)** Ruth Yazawa (1982 a 1984)* Amaury de Oliveira Pimenta (1986-1987)* César Cerassoma Junior (1988)* José Leonardo Tônus (1988-1989)* Michele Miwako Willis (1991-1992)* José Ricardo de Godoi Ocampos (1998 até da presente data)***
São José do Rio Preto	Início das atividades em 1976 : José Ferraz de Toledo (1976 a 1977)** Alexandre A T. Sanches (1978 a 1985)* Roberto Sussumo Anzai (1986 a 1988)* Sônia Ray (1988-1991)* Gisela de Oliveira Gusmão (1991-1992)* Miguel Ângelo Laprano (1993-1994)* Zuleica de Carvalho Moreira (1998 até a presente data)***
São José dos Campos	Início das atividades em 1982: Janete Kiyoko Fujiki (1982-1983)* Maria Cecília Soares (1982 a 1983)* Maria Cristina Martins Pereira (Kity) (1986-1987)* Alex Flores de Souza (1988)* Sandra Mendes Sampaio (1998 até a presente data)***
São Paulo - FATEC (Faculdade de Tecnologia de São Paulo)	Início das atividades em 1986: Regentes em equipe (1986) Maria Cristina Martins Pereira (1987 - 1990)*



	Josely de Moraes Antonio (1992)* Regina Pratta (1993)*
São Paulo (Instituto de Artes – comunitário) Obs. Antigo Coral de funcionários	Início das atividades em 1986: Silvia Prior (1986)* Maria Beatriz Stegiorini (1987)* Paulo Celso Moura (1987)* Adriana Alexandre Francato (1987-1988)* Roberto Anzai (1988-1989)* César Cerassoma Júnior (1989)* Jonas Nogueira Jr (1992)* Mônica Regina Augusto (1992)* Regina Pratas dos Santos (1994)* Amarílis Cid Coev (1998-1999)* Emerson Tineo (2000 -2002)* Guilherme Terra (2003 até a presenta data)*
São Paulo (Reitoria)	Início das atividades em 1979: Samuel Kerr (1979 -1981) (Diretor Artístico) Gisele Correia Cruz (1980-1984 /Sé)* João Maurício Galindo (1980/Sé)* Rosemari Sanmartin (1982/Sé)* Ruth Iazawa (1980-1981 /Rio Branco)* Siomara Pereira de Souza (1980/Rio Branco)* Regina Fazenda (1987 a 1988)* Sérgio Pinto (1987)* Josely de Moraes Antonio (1991-1992)* Edilson Vicente Lima (1991-1992)* Ângela Organo Possato (1992)* Maria Aparecida Marques de Jesus (1992)* César dos Reis (1993)* Mauro Cândido de Souza (1994)* Moira L'Abbate (1998-1999)* Joel Prado Jr. (2000-2001)* Guilherme Terra (2002)* Samantha Mainini(2003 até a presente data)*
São Vicente	Início das atividades em 2002: Daniel Tauszig (2002 até da presente data)*

Obs. O quadro mostra os regentes que permaneceram mais tempo nas Unidades.
O início das atividades foi considerado a partir da encampação das unidades pela UNESP. No caso de Bauru, as atividades foram iniciadas em 1975 e deve-se observar que não foram interrompidas em 1988, quando ocorreu a encampação da antiga Universidade de Bauru pela UNESP.
Deve-se observar também que algumas Unidades são denominadas de campus complexo, ou seja, divididas geograficamente dentro da mesma cidade. Isso justifica, por exemplo, o Campus de Botucatu que, em 1992, contava com dois grupos corais distintos.

Legenda:
* : Regente bolsista do Instituto de Artes
**: Regente da comunidade
***: Regente contratado
(*): Regente bolsista de outras Unidades da UNESP
(***): Regente contratado em prestação de serviço

Em 1979, Helena Menezes Lobo[8] sugeriu ao Reitor da UNESP, Luiz Ferreira Martins (QUADRO 3), a formação de um coral de funcionários visando uma apresentação em comemoração ao Natal daquele ano. O regente indicado foi o Samuel Kerr, que, por sua vez, solicitou ao Eliseu Narciso uma intervenção conjunta. Assim, em reunião realizada em 19 de setembro de 1979, com o Manoel Lelo Belotto, então Diretor do Instituto de Artes do Planalto (São Bernardo do Campo / SP), foram planejadas as atividades e composto o Coral da Reitoria. Kerr conta que os ensaios do coral eram realizados na sede da Reitoria, na Praça da Sé, sempre ao meio-dia, quando o carrilhão da Catedral da Sé é tocado. Dessa forma, não era possível iniciar o ensaio enquanto os sons dos sinos não cessassem. Foi então que sugeriu ao grupo que aquele conjunto de sons fosse um vocalize, que acabou marcando o início dos ensaios. O vocalize foi incluído na programação e considerado por Kerr como "o som mais lindo do concerto".[9]

A apresentação de Natal teve tamanho impacto que, em 1980, foi decidido que as atividades do coral seriam mantidas, resultando na criação da portaria UNESP n.° 178, de 7 de novembro de 1980, que criou e regulamentou o Coral da UNESP[10]. Kerr ficou conhecido na Universidade, por entusiasmo do Reitor Armando Octávio Ramos, como "O homem do canto coral". As atividades do Coral da Reitoria foram somadas àquelas em andamento no interior do Estado. Com a regulamentação, coube a Samuel Kerr a função de Diretor Artístico do Coral da UNESP, amparada pelo GAA – Grupo de Apoio Administrativo e subordinada diretamente ao Gabinete do Magnífico Reitor.

Ainda em 1980, o Coral da Reitoria realizou apresentação de músicas cantadas tipicamente nas festas juninas, resgatadas na memória musical dos coralistas (servidores da UNESP). Contou, nesta montagem, com a ajuda da regente bolsista Gisele Corrêa da Cruz, que deu continuidade ao trabalho de Kerr junto ao Coral da Reitoria e deu grande contribuição no desenvolvimento do movimento coral na Universidade.

---

[8] Helena Menezes Lobo – Diretora da Divisão de Comunicações e Transportes da Reitoria da UNESP a partir de 1979. Filha de Fernando Mesquita Lobo, mais conhecido pelo pseudônimo de Marcelo Tupinambá. "Heleninha Lobo", como era chamada, auxiliou o maestro Samuel Kerr nas questões relativas ao Coral da UNESP até 1992, quando ocorreu seu afastamento e falecimento.

[9] A incorporação do som dos sinos da Catedral da Sé surgiu como uma tentativa de vencer a imposição dos ruídos invasivos. Ruído é som não desejado. Na medida que ele era aceito e trabalhado, deixava de ser ruído e incorporava-se ao som do Coral da Reitoria, tornando-se uma marca registrada nos trabalhos posteriores de Kerr.

[10] A Portaria nº.178, de 7/11/1980 foi alterada pelas Portarias: nº.13 de 13/03/1991; Portaria nº.101, de 4/12/1991; Portaria nº.344, de 30/11/1994; Portaria nº.119, de 30/05/1995; Portaria nº.21, de 16/02/1998 e Portaria e nº.190, de 29/07/1998 (ANEXO 17).

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Na continuidade do trabalho com o Coral da Reitoria, a "competição sonora", resultante da experiência relatada anteriormente, expandiu-se com a pesquisa de um conjunto de informações da "paisagem sonora" da Praça da Sé, na interpretação de seu cotidiano, com seus tipos humanos característicos e a multiplicidade de sons que acompanhavam os integrantes do Coral no seu dia-a-dia. Esta pesquisa resultou num espetáculo dramático-musical que foi ilustrado por um repertório que contemplava o repertório sacro do interior da igreja, na figura do compositor André da Silva Gomes, contraponteado ao popular, do exterior, na figura de Adoniran Barbosa. O tema ainda enfatizava aspectos históricos resultantes do plano de reurbanização da Praça da Sé de 1978, resgatando parte da memória musical da cidade de São Paulo, seu *marco zero*.

O espetáculo *Praça da Sé* contou com a direção cênica de Reynúncio Napoleão de Lima que, desde o início, manteve-se envolvido com o trabalho realizado pelo Coral da UNESP, com o artista plástico Alcindo Moreira Filho, que colaborou com a cenografia e figurino e com o texto de Dirce Ceribeli, professores do Instituto de Artes do Planalto[11] . Deve-se destacar também a participação amiúde das Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral nas atividades do Coral da UNESP, a exemplo a montagem *22 Oswald e Lamartine*, feita pelos alunos em comemoração aos 50 anos da Semana de 22 e Lamartine Babo.

Os espetáculos *Praça da Sé* e o *22 Oswald e Lamartine*, fundidos, foram reapresentados posteriormente no 2°. Encontro de Corais Universitários, em Curitiba – PR (ANEXO 9a), em julho de 1982, apontando para um trabalho coral inovador que se tornou referência para todo o Brasil. Antes, houve uma prévia no Museu de Arte de São Paulo (MASP) em comemoração dos 15 anos do Projeto RONDON.

---

[11] Kerr já havia notado essa necessidade de trabalhar assessorado por profissionais de outras áreas, compondo um espetáculo interativo de música, teatro, poesia e artes plásticas no Coral da Santa Casa, no início da década de 70. (KERR, Entrevista, 2001)

unesp

QUADRO 3 : Panorama Geral da Reitoria da UNESP (1976-2002)

Período	Reitor	Vice-Reitor	PROEX	(GAA - CAC) PAC*	Supervisão Artística do Coral da UNESP (mandato com duração de 2 anos)	
1976-1980	Luiz Ferreira Martins	Armando Octávio Ramos	-	(Helena Menezes Lobo)	- * Criação do Coral da UNESP em 07/11/1980	
1981-1984	Armando Octávio Ramos	Rafael Lia Rolsseen	-	(Helena M.Lobo e Jairo F. Moraes)	Samuel Moraes Kerr (Diretor artístico)	
1985-1988	Jorge Nagle	Paulo Milton Barbosa Landim	-	(Jairo Francisco Moraes)		
1989-1992	Paulo Milton Barbosa Landim	Arthur Roquete de Macedo	Carlos Ruggiero	José Fernando Durigan		
1993-1996	Arthur Roquete de Macedo	Antônio Manoel dos Santos Silva	Vagner José Oliva	Carlos Antônio Kaminsky	(Não houve)	Vitor Gabriel de Araújo (Supervisão Artística)
1997-2000	Antônio Manoel dos Santos Silva	Luiz Roberto de Toledo Ramalho	Edmundo José de Lucca	Mário Bolognesi Cláudio França	Márcia Aparecida Baldin Guimarães (Supervisão Artística)	Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (Supervisão Artística)
2001- 2004	José Carlos Souza Trindade	Paulo Cezar Razuk	Benedito Barraviera	Maria Helena MaestreGios	Marisa Trench de Oliveira Fonterrada	Marisa Trench de Oliveira Fonterrada

* Obs. A coordenação dos assuntos relativos ao Coral da UNESP foram atribuídos primeiramente ao GAA-Grupo de Apoio Administrativo, em seguida PAC – Programa de Atividades Artísticas e Culturais, em 1989.



Com a regulamentação do Coral da UNESP (1980), os demais *campi* do interior também passaram a solicitar, junto à Reitoria, um aluno bolsista do Instituto de Artes do Planalto para assumir as atividades do coral. O campus de Jaboticabal foi o primeiro.

Cabe uma situação especial a Jaboticabal: No primeiro semestre de 1980, foram designados dois alunos do curso de Instrumento para esta Unidade, os violonistas Cássio Mendes Antas e José Luiz da Silva, cujas formações estavam distantes das técnicas tradicionais da regência e dos gestos convencionais.

> Eu cheguei ao Coral de Jaboticabal através do Coral do Instituto por "piração" do Samuel. Eu e o Cássio éramos as pessoas menos indicadas para reger coro porque não tínhamos experiência, tocávamos cavaquinho e violão no choro e cantava no Coral do Instituto. Quando surgiu o projeto ele escolheu as pessoas e dizia, você quer? Ele via o jeito das pessoas. Por não termos esse "vício coral" ele achou interessante iniciar o trabalho. (...) Não tínhamos nenhum envolvimento com coro, então captamos todo o trabalho que o Samuel desenvolvia. (SILVA, 2003, ANEXO 2b)

Este fato propiciou uma situação laboratorial, que permitiu a Kerr testar suas idéias relacionadas à atuação e formação do regente amador frente a corais amadores. Ao professor não caberia o papel de formatar as atitudes do regente, mas de aproveitá-las na busca de soluções alternativas à metodologia tradicional da regência.

> Eu pensei: Eu quero alunos que não tenham nenhum vínculo com o Canto Coral. Não quero regente coral, quero pessoas que não tenham nenhuma ligação com coro. Então levei para Jaboticabal o Zé Luiz da Silva, que passou a ser o regente oficial (...) e o Cássio Mendes. Eles não sabiam nada de coro, eram violonistas. (Nesta época eu regia o Coral Paulistano). Eu ia toda quinta-feira para Jaboticabal, almoçava, ia para o alojamento e "ensaiava o ensaio" com eles. Depois, nós três dirigíamos o ensaio. (KERR, 2002. ANEXO 1).

Em Jaboticabal, o trabalho continuou, valorizando características regionais. Cássio Mendes Antas permaneceu no Coral da UNESP no período de 1980-1982, José Luiz da Silva foi adiante, até 1984 (QUADRO 2). Com Silva, a idéia de resgatar a memória musical da comunidade teve ação continuada. Em 1980, ambos os regentes desenvolveram em Jaboticabal um espetáculo centralizado na figura do lavrador, destacando seu cancioneiro, suas vestimentas, seus costumes, suas expectativas, entre outros aspectos ressonantes detectados na investigação da cultura local.



O espetáculo *Lavrador* dividiu espaço com o já estruturado *Praça da Sé* para a composição do III Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 5c), realizado na cidade de Jaboticabal em 1980. No mesmo ano, seguiram-se o IV Encontro de Corais da UNESP (ANEXO 5d), realizado em São Paulo, no TUCA – Teatro da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e o V Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 5e), realizado na cidade de Ilha Solteira. Este último encontro já contou com a participação do Coral do campus de Ilha Solteira, regido por Abel Luiz Bernardo da Rocha e Luiz Fernando de Lemos Marchetti.(QUADRO 2)

O VI Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 5f) ocorreu novamente na cidade de Jaboticabal, em maio de 1981, por ocasião do 15°. aniversário da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Na ocasião, foi feita ampla pesquisa histórica e musical da cidade e realizada a montagem *Bolo de Aniversário*, que envolveu os *campi* de Jaboticabal, São José do Rio Preto, a Reitoria e os alunos da Classe de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto. Nesta época, Celso Franchini iniciou as atividades no Campus de Botucatu. A reprise desse trabalho ocorreu em outubro do mesmo ano, no Teatro Cultura Artística, em São Paulo, por ocasião do VII Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 5g). O evento rememorou o início do Projeto, em 1978, por meio da apresentação da obra *Capitanias Hereditárias* de Conrado Silva.

O Coral de São José dos Campos foi formado em 1982 por Janete Kiyoko Fujiki e Maria Cecília Soares. No mesmo ano, o regente Abel Luiz Bernardo da Rocha interrompeu as atividades do Campus de Ilha Solteira, pela distância e dificuldade de deslocamento, e iniciou o trabalho no Campus de Araraquara, auxiliado por Itagiba José de Paula Campos Neto (QUADRO 2).

O ano de 1982 marca a apresentação do Coral da UNESP no 2°. Festival de Corais Universitários de Curitiba, citado anteriormente.

O VIII Encontro do Coral da UNESP (1982) (ANEXO 5h) comemorou o Jubileu de Prata da Faculdade de Odontologia de Araçatuba. Aos corais já mencionados, foi acrescido o Coral de Araçatuba que desde 1980, contava com a dedicação da regente Mizue Sawada Otsuka, mantendo as atividades do grupo até 1984. A primeira intervenção de regente bolsista nesta Unidade ocorreu em 1986 (QUADRO 2). O espetáculo *Praça da Sé* seguiu dilatado pela inclusão dos corais que no decorrer do tempo foram acrescentados.



Em 1983, O Coral Cororoco (uma brincadeira com a palavra Coro), do Campus de Jaboticabal, reapresentou o espetáculo *Lavrador* na abertura oficial do XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão, em seguida, o Coral da UNESP reunido reapresentou também o espetáculo *Praça da Sé*. A Abertura do XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão contou também com a participação do Grupo de Percussão do Instituto de Artes do Planalto (ANEXO 9c). Na ocasião estavam reunidos 400 professores da rede pública de ensino projetando o Festival de Inverno de Campos do Jordão, até então restrito a músicos, numa apologia à Arte-Educação. O evento foi prestigiado também pelo recém-eleito, por voto democrático, Governador do Estado de São Paulo, André Franco Montoro e as Secretarias de Cultura e Educação representadas por João Pacheco e Chaves e Paulo de Tarso Santos, respectivamente.

A participação do Coral da UNESP no Festival alertou os professores da rede escolar sobre a amplitude de possibilidades que a música permite quando associada a outras linguagens artísticas e o teor educativo advindo dessas associações. Neste sentido, o trabalho interdisciplinar de Kerr despontou como modelo musical almejado pela Arte-Educação, o que reforça sua participação no livro *Quem quiser que conte outra* (GUIDUGLI, 1986, p.57-61), divulgado pela Secretaria de Estado da Educação. A divulgação dos resultados obtidos no XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão foram divulgados por todo o Estado por meio das Delegacias Regionais de Ensino e na capital (DRECAP) por meio do boletim "Interliga-Som".

> Nós, professores, deveríamos estar sempre produzindo algo dentro das artes plásticas, da música ou da expressão corporal, ou melhor ainda, das três expressões simultaneamente, mas o que acontece é que nos transformamos em meros expectadores ou agentes de informação.
>
> No Festival, tive a oportunidade de assistir aos eventos, que foram bem variados, alguns de ótima qualidade como a abertura oficial (...) pelo coral da UNESP com a apresentação de 8 corais cantando simultaneamente sob a regência de Samuel Kerr, que nos mostrou um dia da vida do Lavrador e um dia na Praça da Sé, com toda a sua gama de pessoas que transitam diariamente por ela, um verdadeiro Festival de Som, Luz e Imagem. (Profa. Célia Martinez em DRECAP, 1993, p.4)

O Coral da UNESP reunido pelos *campi* de São José do Rio Preto, Araçatuba, Jaboticabal, Botucatu, Rio Claro, Araraquara, São José dos Campos, Presidente Prudente, Franca, além da Reitoria, compuseram o IX Encontro do Coral da UNESP (1983)

unesp

(ANEXO 5i) em Araraquara, fruto de um intenso trabalho de pesquisa sobre a memória musical da comunidade local, realizado pelo regente Abel Luiz Bernardo da Rocha.

O trabalho de Kerr e os questionamentos resultantes do trabalho realizado junto ao Coral da UNESP foram divulgados nacionalmente, principalmente pelo "Projeto Villa-Lobos" do INM-FUNARTE, do qual participou como palestrante e regente do coral de regentes e, por mais de uma vez, como coordenador dos "Painéis de Regência Coral"[12] na equipe de Elza Lackschevitz, no período entre 1980 e 1990. Os regentes bolsistas do Coral da UNESP, tiveram participação efetiva nestas atividades, conforme verificado nas entrevistas realizadas. (ANEXO 2)

> Esperávamos muito por esses encontros, era uma coisa de troca entre os cantores muito boa, entre os regentes, uma grande congregação mesmo. Isso faz muita falta. Depois vivenciamos alguma coisa parecida com isso nos painéis FUNARTE de regência Coral, mas daí juntando regentes. O Samuel acho que foi muito importante neste formato do que foi o Painel, pelo menos naqueles anos que eu acompanhei, em 86, 87, 88 (MALUF, 2003. ANEXO 2i).

Samuel Moraes Kerr, na função de Diretor artístico do Coral da UNESP, voltou-se para dois objetivos fundamentais: possibilitar ao aluno do Instituto de Artes uma experiência práticana área Regência Coral e recuperar aspectos da memória musical das comunidades onde os regentes bolsistas eram atuantes. Vale destacar que os regentes bolsistas sempre tiveram livre arbítrio para desenvolverem suas atividades nas unidades.

---

[12] Deve-se destacar a importância da FUNARTE e sua influência no cenário musical do Estado de São Paulo. Criada em 1975 com a finalidade de promover, estimular, desenvolver atividades culturais em todo o Brasil, com sede no Rio de Janeiro, mas ligada ao Ministério da Educação e Cultura, posteriormente transformado em Ministério da Cultura, englobou, dentre outros, o Instituto Nacional de Música - INM. A partir da criação do INM, foi criado o Projeto Villa-Lobos (1981), que apoiou a atividade coral de forma sistemática promovendo cursos, laboratórios, painéis e reciclagens, sempre em consonância com as necessidades detectadas. O Projeto Villa-Lobos ofereceu ao regente coral a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, principalmente em relação à música brasileira, resultando na publicação de obras originais e arranjos de música folclórica. O Projeto Villa-Lobos, idealizado por Elza Lackschevitz, além de outras atividades, promoveu 10 (dez) "Painéis de Regência Coral" sediados por todo o Brasil, influenciando toda uma nova geração de regentes. A cidade de São Paulo, por meio da USP, sediou o último Painel de Regência Coral, em 1990. Deste sua criação, o INM-FUNARTE contou com a atividade intensa dos regentes paulistas.
Em 1990, ao assumir a presidência, Fernando Collor de Melo extinguiu todas as instituições culturais. Em dezembro, criou o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura - IBAC - ligado diretamente à Secretaria de Cultura da Presidência da República. Após a saída de Collor, o IBAC, em 1994, voltou a ser denominado FUNARTE e a Secretaria de Cultura da Presidência da República voltou a ser denominado Ministério da Cultura, mas o Projeto Villa-Lobos já havia encerrado seus trabalhos ao completar 12 anos dedicados ao estímulo da atividade de canto coral no Brasil.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Por escolha própria, houve os que partiram para um trabalho mais experimental, bem como os que mantiveram um trabalho mais tradicional. É o caso, respectivamente, de Maria Elisa Peretti Pasqualini (Milly) e Alexandre Amaral Tôrres Sanches, os regentes que permaneceram mais tempo envolvidos com o Coral da UNESP (QUADRO 2).

O trabalho realizado por Maria Elisa Peretti Pasqualini no Campus de Presidente Prudente iniciou-se em 1983 e se estendeu até 1992. O Coral recebeu inicialmente o nome de Coral do IPEA (Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais), constituído em sua maioria por funcionários, como destaca a regente. Posteriormente, o grupo passou a ser chamado de Balaio de Gatos, constituído em sua maioria por estudantes, diferindo da fase inicial. O Coral Balaio de Gatos foi a primeira experiência cênica de coro na Região de Presidente Prudente, servindo de referência para grupos da região que mantinham uma linguagem coral tradicional.

O trabalho de Alexandre Amaral Torres Sanches no Campus de São José do Rio Preto, iniciado em 1978, foi interrompido somente em 1985. A título de ilustração segue abaixo trecho do relatório de atividades de 1981 que ilustra o tipo de repertório desenvolvido pelo regente, uma proposta distinta àquela realizada pelo Coral da UNESP, conforme pode se verificar nos programas, em anexo.

> O Coral FAFI-IBILCE iniciou suas atividades em 1981, a 1°. de fevereiro, com uma reunião geral de seus componentes a fim de se expor a nova situação pela qual o coral estaria sujeito, a partir desse ano (a criação e a portaria regulamentando o Coral da UNESP). Foi tratado também a próxima programação, o acerto dos ensaios, assim como as próximas apresentações, constituídas da programação desenvolvida durante 1980.
>
> Após essas apresentações, o coral começou a desenvolver a proposta de trabalho de 1981, constituindo-se de peças *a cappella* da renascença, dando destaque à pesquisa da renascença portuguesa e espanhola. (SANCHES, 1980, ANEXO 8c)

Ainda em 1983, foram iniciados dois trabalhos: no Campus de Franca, por Roseli Melani Neves, e Guaratinguetá, por Itagiba José de Paula Campos Neto.

De 1984 a 1985, o Brasil passou por um momento político difícil. O movimento "diretas-já", iniciado em 1983[13], e a transição entre duas Reitorias com objetivos diversos foram os fatores que abalaram os projetos culturais da Universidade, resultando, portanto,

[13] Em novembro de 1983, os partidos oposicionistas incitaram a campanha das "Diretas Já", visando a introdução de uma emenda constitucional determinando que as eleições presidenciais de 1984 fossem realizadas pelo voto popular, transformando-se no maior movimento de massa da história do Brasil.

no enfraquecimento do Coral da UNESP. Vale ressaltar que reconhecemos esta fase, para efeito de organização deste trabalho, como a primeira interrupção das atividades do Coral da UNESP, embora os corais de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, regidos por Maria Elisa Peretti Pasqualini e Alexandre Amaral Tôrres Sanches, respectivamente, não tenham interrompido suas atividades.

A partir de 1984, início da primeira interrupção, o Coral da UNESP foi alimentado por uma nova leva de alunos que ingressaram no Instituto de Artes do Planalto e que tiveram papel fundamental na continuidade das atividades (QUADRO 4).

> O ano que eu entrei na UNESP (1984) foi um ano de muitas greves e invasão de unidades. Era por causa do Reitor. Havia passeata na Praça da Sé, foi um ano de parada geral na UNESP. O Reitor dessa época era o Jorge Nagle. Lembro que o Instituto de Artes foi invadido, saímos com a polícia. Foi um ano de agito político dentro da Universidade. Então acho que por conta disso estava tudo muito parado e a gente não entendia o que estava realmente acontecendo e foi exatamente o período da interrupção. (ANZAI, 2003. ANEXO 2f)

QUADRO 4: Regentes bolsistas do Coral da UNESP / Ingresso e conclusão de curso

ALUNO	INGRESSO / EGRESSO
Alexandre Amaral Tôrres	1977 - 1984
Cássio Mendes Antas	1978 - 1985
José Luiz da Silva	1978 - 1986
Gisele Corrêa da Cruz	1979 - 1983
Ruth Yazawa	1979 - 1984
Abel Luiz Bernardo da Rocha	1980 - 1985
Celso Franchini	1980 - 1985
Janete Kiyoko Fujiki	1980 - 1983
Luiz Fernando de Lemos Marchetti	1980 - 1986
Maria Cecília Soares	1980 - 1985
Maria Elisa Peretti Pasqualini	1981 - 1984 (curso 1) 1982 - 1987 (curso 2) 1994 – 1998 (Mestrado)
Edson Sekeff Zampronha	1983 - 1988
Roseli Melani Neves	1982 - 1984
Itagiba José de Paula Campos Neto	1983 - 1988 (curso 1) 1989 - 1991 (curso 2)
Marta Barbosa da Costa Nunes	1983 - 1988
Regina Fazenda	1983 - 1988
Giselle Loiacono Ramos	1984 - 1989
Paulo Celso Moura	1984 - 1989
Roberto Sussumo Anzai	1984 - 1989
Silvia Helena Handro	1984 - 1989
Silvia Maria Prior	1984 - 1989
Amaury de Oliveira Pimenta	1985 - 1991 (curso 1) 1989 - 1992 (curso 2-desistente)
José Leonardo Tônus	1985 - 1988 (desistente)
Júlio Cezar Giúdice Maluf	1985 - 1990
Maria Cristina Martins Pereira (Kity)	1985 - 1990

unesp

Miguel Marcelo Telhada	1985 - 1988 (desistente)
Sérgio Pinto	1985 - 1990
Tânia Bertassoli	1985 - 1988
César Henrique Rocha Franco	1985 - 1986 (desistente)
César Cerassoma Junior	1986 - 1991
Maria Beatriz Stegiorini	1986 - 1990
Amaury de O. Pimenta	1985 – 1991 (curso 1) 1989 – 1992 (curso 2)
Lina Maria Noronha	1983 - 1989
Adriana Alexandre Francato	1987 - 1990
Mônica Regina Augusto	1987 - 1993
Edilson Vicente de Lima	1987 - 1992
Gisela de Oliveira Gusmão	1987 - 1994
Lucila Pereira da Silva Basile	1987 - 1992
Márcio Spartaco N. Landi	1987 - 1992
Paulo Augusto Soares	1987 - 1992
Fábio Ramazzina	1988 - 1991
Sônia Marta Rodrigues Raymundo (Ray)	1988 - 1993
Simone Maria Cabrera	1988 - 1991
Josely de Moraes Antonio	1989 - 1994
Ângela Organo Possato	1989 – 1992
César dos Reis	1990 - 1997
Regina Pratta	1991 - 1996
Miguel Ângelo Laprano	1992 - 1999
Jonas Nogueria Jr (1992)	1988 - 1992
Waldete Rodrigues Bazzo	1988 - 1989 (desistente)
Amarílis Cid Coev	1994 - 1999
Moira L'Abbate	1996 - 1999
Emerson Tineo	1997 - 2002
Joel Prado Jr.	1998 - 2001
Daniel Tauszig	2001 - curso em andamento
Guilherme Terra	2001 - curso em andamento
Samantha Mainini	2002 - curso em andamento

Obs. Dados fornecidos pelo setor de graduação do Instituto de Artes, em Maio/2003

Como as atividades dos grupos supracitados não foram interrompidas, e é possível que na maior parte dos *campi* as comunidades tenham se mobilizado para manter viva a atividade dos corais, Kerr retomou o Projeto Coral da UNESP em 1986 realizando na cidade de Presidente Prudente o X Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 5j), contando com a ajuda de Maria Elisa Peretti Pasqualini. Todas as unidades foram estimuladas a participar do Encontro, até mesmo as que ainda não haviam sido ativadas, a exemplo de Assis, cujo Coral foi organizado por Júlio César Giúdice Maluf. Comenta: "O Coral da UNESP era de uma força incrível. Juntar 300 ou 400 pessoas resultava num som coral por nós nunca ouvido. Tínhamos uma expectativa de como ia soar esse grupo. Esperávamos os Encontros de Corais da UNESP sempre com muita ansiedade" (MALUF, 2003. ANEXO 2i).

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

A reestruturação da Universidade era o tema mais polêmico nesta época e, portanto, foi amplamente desenvolvido no X Encontro do Coral da UNESP, pois refletia a esperança da continuidade do Projeto Coral da UNESP.

Ainda em 1986, foram formados o Coral da FATEC[14], dirigido inicialmente por uma equipe de regentes bolsistas do Instituto de Artes do Planalto e por Maria Cristina Martins Pereira ("Kitty"), e o Coral de funcionários do Instituto de Artes do Planalto, regido por Sílvia Maria Prior. Nesta época, Prior assumiu também as atividades do Coral do Campus de Franca, o qual estava desativado.

Em 1987, Alexandre Amaral Torres Sanches passou a reger os *campi* de Ilha Solteira (permanecendo até 1992) e Araçatuba (até a presente data). Em Araçatuba, realizou um trabalho diferenciado àquele do Coral da UNESP. Como dirigente da *Camerata* de Araçatuba, grupo formado basicamente por instrumentos de cordas, fundiu os dois trabalhos em 1990, realizando repertório tradicional ou arranjos próprios para coro e orquestra, compondo o "Concerto Coral Sinfônico", que contava ainda com a participação do Coral do Clube Monte Líbano de São José do Rio Preto. Em vários momentos, principalmente por ocasião dos Encontros Regionais, a *Camerata* de Araçatuba esteve presente acompanhando os corais participantes.

Deve-se destacar neste momento que, além dos Encontros que reuniam corais de todos os *campi*, haviam também os Encontros Distritais organizados em São José do Rio Preto, Araçatuba e Ilha Solteira, por Alexandre Amaral Torres Sanches, e em Marília, por Maria Elisa Peretti Pasqualini. O Coral do Campus de Marília foi constituído em 1987, sob a regência de Paulo Celso Moura e Giselle Loiacamo Ramos de Azevedo.

Três Encontros de Corais sucederam o de Presidente Prudente: o XI Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 5k), realizado em Botucatu (1987); o XII Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 5l), em São José do Rio Preto (1988), pela segunda vez, comemorando dez anos de atividades; e, após um intervalo de três anos, o XIII Encontro do Coral da UNESP (1992) (ANEXO 5m), realizado novamente em Botucatu (QUADRO 5). Esses três encontros contaram com uma inovação, sendo divididos em dois dias de atividades.

O Coral do Campus de Bauru, encampado pela UNESP em 1988, participou dos dois últimos Encontros, regido pela docente Irene Pinheiro Chagas de Campos. Vale

---

[14] A Faculdade de Tecnologia de São Paulo – FATEC é ligada à UNESP no que diz respeito ao repasse de verba, tendo independência administrativa.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

observar que a unidade nunca teve a presença de um aluno bolsista do Instituto de Artes do Planalto.

QUADRO 5: Quadro Geral de Atividades do Coral da UNESP (1978-2002)

ANO	ATIVIDADES
1978	*I Encontro do Coral da UNESP* - Rio Claro *II Encontro do Coral da UNESP* - São José do Rio Preto
1979	Formação do Coral de funcionários da Reitoria e *Apresentação de Natal.*
1980	Portaria da UNESP nº.178 de 07/11/1980 - Cria e regulamenta o Coral da UNESP subordinando-o ao diretamente ao Gabinete do Magnífico Reitor. *III Encontro do Coral da UNESP* - Jaboticabal *IV Encontro do Coral da UNESP* - São Paulo (Teatro da PUC) *V Encontro do Coral da UNESP* - Ilha Solteira
1981	*VI Encontro do Coral da UNESP* - Jaboticabal *VII Encontro do Coral da UNESP* - SP (Teatro Cultura Artística)
1982	*VIII Encontro do Coral da UNESP* - Araçatuba *2º. Encontro do Coral Universitários* - Curitiba/ PR
1983	Abertura Oficial - *XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão* *IX Encontro do Coral da UNESP'* - Araraquara
1984 a 1985	1.ª Interrupção das atividades do Coral da UNESP *Obs:* O Coral de São José do Rio Preto e Presidente Prudente permaneceram em atividades neste período
1986	*X Encontro do Coral da UNESP* - Presidente Prudente
1987	*XI Encontro do Coral da UNESP* - Botucatu
1988	*XII Encontro do Coral da UNESP* - São José do Rio Preto *I Encontro Regional de Corais da UNESP*- Araçatuba *I Encontro Distrital Oeste dos Corais da UNESP* - Assis
1989	*I Encontro Regional de Corais da UNESP*- Ilha Solteira *II Encontro Distrital Oeste dos Corais da UNESP* - Presidente Prudente *Laboratório Coral* - Bauru
1990	Participação na *1.ª ExpoUNESP* - Bauru
1991	Portaria nº.13 de 13/03/1991 – Alteração. Subordina o Coral ao PAC - Programa de Atividades Artísticas e Culturais e à PROEX – Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários Portaria nº.101 de 04/12/ 1991 – Alteração. Mantida a subordinação do Coral da UNESP ao PAC-PROEX, transfere a administração do Coral de cada Unidade à CEUAC – Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários. *II Encontro Regional de Corais da UNESP*- Araçatuba *III Encontro Regional de Corais da UNESP* - Ilha Solteira
1992	*XIII Encontro do Coral da UNESP*- Botucatu *I Encontro Regional de Corais da UNESP* - São José do Rio Preto
1993 a 1997	2ª. Interrupção das atividades do Coral da UNESP (maio/92-fev./98) *Obs:* Os corais de Araçatuba e Bauru permaneceram em atividade neste Período. *III Encontro Regional de Corais da UNESP*- Araçatuba *II Encontro Regional de Corais da UNESP* - São José do Rio Preto Portaria nº.344 de 30/11/1994 – Alteração Portaria nº.119 de 30/05/1995 - Normas para a contratação de regente de coral CRH/PRAD,18/10/97- Edital de abertura de concurso público
1998	Portaria e nº.21 de 16/02/1998 – Alteração Portaria nº.190.de 29/07/1998 – Alteração 1ª. Reunião de Regentes Contratados, em março de 1998 *XIV Encontro do Coral da UNESP* - Jaboticabal

1999	*XV Encontro do Coral da Unesp* - Presidente Prudente
2000	*XVI Encontro do Coral da UNESP* - Araraquara
2001	*XVII Encontro do Coral da UNESP* - São José do Rio Preto
2002	*XVIII Encontro do Coral da UNESP*- Bauru
2003	*XIV Encontros do Coral da UNESP*- Guaratinguetá (a ser realizado)

Por ocasião do XI Encontro de Corais da UNESP (1987), realizado na cidade de Botucatu, foi criado o primeiro logotipo do Coral da UNESP por Eloy Aparecido Pereira (Instituto de Biociências de Botucatu). O mesmo foi reutilizado no XII Encontro do Coral da UNESP, em São José do Rio Preto (1988)



Figura 1. Logotipo criado para o Coral da UNESP
por ocasião do XI Encontro do Coral da UNESP (1987)

Ainda que a atividade coral tenha alcançado êxito nas comunidades, a postura dos dirigentes da Universidade em reconhecer a importância dessa atividade foi inconstante. O mesmo apoio dado na fase inicial não se repetiu posteriormente, agravado a partir de 1989, quando ocorre a criação do PAC - Programa de Atividades Culturais estabelecendo uma série de mudanças, relacionadas inclusive ao regimento do Coral da UNESP. A Coordenação do PAC nesta época ficou a cargo do Prof. José Fernando Durigan. Pode-se observar no QUADRO 3 que, sob esta coordenação, houve interrupção dos Encontros do Coral da UNESP, culminando, em maio de 1992, no "Documento de Botucatu" (ANEXO 15d) e conseqüente saída de Samuel Kerr, em novembro, como será tratado posteriormente.

O pensamento de Kerr, sempre inovador, destaca uma forma particularizada de trabalhar com a atividade coral. A citação abaixo comprova a busca constante de soluções

alternativas para dar continuidade ao projeto Coral da UNESP. Nota-se ainda um teor crítico que remete à memória, a falta da mesma ou ainda à supervalorização da memória recente.

> Eu queria fazer um coro através dos meios de comunicação que a UNESP tinha na ocasião, não tinha Internet. Eu queria fazer um coro através do telex, do malote, do telefone, tudo quanto era meio de comunicação entre as faculdades, mas eu não sabia como fazer isso. Hoje sei que isso é possível. Eu queria que aquele diretor que era contra o coro ou que não facilitava as coisas para o coro, que a palavra dele num determinado período, numa determinada hora, fazia parte de uma partitura coral. Eu ia marcar um dia e um horário que tudo o que acontecesse naquele momento era coro, a secretária derrubou a caixa de clipes no chão, naquela hora, aquilo era coro, mas daí me internaram antes." (KERR, 2001. Anexo 1)

Em 1989, com a entrada do Reitor Paulo Milton Barbosa Landim (QUADRO 2), houve uma série de manifestações estudantis. Nesta época, a Reitoria já não dava o mesmo suporte às atividades culturais, abaladas pelos reflexos do Governo Fernando Collor de Mello. Mesmo assim, o maestro Samuel Kerr deu continuidade ao seu trabalho junto ao Coral da UNESP, mas o número de regentes bolsistas foi reduzido devido à escassez de verba, evidenciando uma nova categoria de regentes, os regentes comunitários[15], já atuando em alguns corais. Os últimos regentes bolsistas, alunos do Instituto de Artes (a partir de 1989, o Instituto de Artes do Planalto passou a ser chamado de Instituto de Artes), inseridos nesta fase foram: Edílson de Lima, Josely de Moraes Antonio, Adriana Alexandre Francato, Sônia Ray, César dos Reis e Fábio Ramazzina (QUADRO 4).

Em junho de 1989, foi realizado em Bauru um "Laboratório Coral" que envolveu o grupo já existente no campus e músicos da região. O repertório destacava ainda a questão da memória das comunidades evidenciando: compositores bauruenses antigos e atuais, como Miguel Ângelo Ruiz e George Vidal, o repertório executado nas igrejas e os sons característicos da região. Foram resgatados ainda aspectos históricos da ferrovia NOROESTE - eixo de ligação para o oeste (Bauru-Corumbá). E, para ilustrar esse fato, foi escolhida a música "Cunhataiporã", de Geraldo Espíndola. Essa atividade serviu de estímulo à atividade coral do recém-criado campus da UNESP de Bauru (1988).

---

[15] Os regentes comunitários eram membros da comunidade, formados em curso superior ou não, que por interesse artístico assumiram os trabalhos dos corais nas unidades onde não foi possível o trabalho continuado do regente bolsista. Os regentes comunitários, ao contrário dos regentes bolsistas, não tinham assessoramento contínuo do Diretor Artístico realizando, portanto, um trabalho tradicional de canto coral e não recebiam gratificação pelo serviço prestado à Universidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

A partir de 1990, a bolsa-estágio oferecida aos regentes, outrora sistematizada, começou a se tornar cada vez mais irregular. Os problemas decorrentes da inconstância nos pagamentos e sucessivos atrasos tornaram-se o motivo principal de um desestímulo progressivo, e o descaso no tratamento do Coral e de sua história dentro da Universidade indicavam a necessidade de rever posturas e objetivos.

Em setembro de 1990, por ocasião da 1ª. Expo-UNESP (ANEXO 6g), realizada em Bauru, o Coral da UNESP esteve presente, mas a programação artística daquela noite foi interrompida por um blecaute.[16]

Em outubro de 1991, Samuel Kerr manifestou seu interesse junto à Reitoria em manter o Projeto Coral assinalando a regularização de funcionamento das atividades próprias do Coral da UNESP.

> Há interesse desta coordenação em aproveitar ex-alunos do Instituto de Artes no trabalho de regência à frente dos corais das Unidades, bem como aproveitar lideranças locais mesmo quando estranhas ao Instituto de Artes, reconhecida a capacidade profissional e a oportunidade de convocação. Assim sendo, para que não haja solução de continuidade do programa que vem sendo realizado, solicitamos que os mesmos continuem emprestando colaboração aos núcleos corais" (KERR, 1991. ANEXO 15c).

Por meio da Portaria nº.101 de 04/12/91 (ANEXO 16c), o Coral da UNESP passa a ser vinculado ao PAC - Programa de Atividades Artísticas e Culturais e subordinado à PROEX – Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários e à CEUAC – Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, a cargo do Vice-Diretor de cada Campus. A Portaria nº.101/91, em seu artigo 7º, determina que "os regentes dos corais de cada Unidade Universitária deverão ser, obrigatoriamente, alunos da UNESP, regularmente matriculados no Instituto de Artes do Campus de São Paulo ou outra Unidade, que tenham demonstrado em suas comunidades de estudo interesse, pendores e formação artística para este mister". A partir dessa determinação, os trabalhos que já haviam adquirido êxito e reconhecimento nas comunidades foram interrompidos, cessado o vínculo com a Universidade.

---

[16] A Universidade de Bauru foi encampada pela UNESP em 1988 e, a partir daí, ocorreu uma série de manifestações que exigiam da Reitoria providências quanto à falta de estrutura física do campus. O Reitor Paulo Milton Barbosa Landim estava presente na ocasião. Para a noite artística da 1ª. Expo-UNESP foram programadas várias atividades culturais, inclusive a participação do Coral da UNESP, mas o blecaute organizado pelos alunos como forma de manifesto pôs fim à programação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

O XIII Encontro do Coral da UNESP ocorreu em maio de 1992, na cidade de Botucatu. Nesta ocasião, o Diretor Artístico solicitou que todos os regentes e os elementos de ligação[17] estivessem presentes, visando reuni-los para uma conversa com o principal candidato ao cargo de Reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo. Foram relatados aspectos do trabalho desenvolvido e solicitadas providências para uma política específica dirigida ao Coral da UNESP por parte das instâncias administrativas da Universidade em virtude das dificuldades encontradas até então e daquelas oriundas da Portaria nº. 101/91. O intitulado "Documento de Botucatu", fruto da reunião realizada no XIII Encontro de Corais da UNESP, destaca que a atividade coral percorre os três propósitos prioritários da Universidade. As funções de ensino, pesquisa e extensão cumprem-se por meio do movimento de canto coral da seguinte maneira:

> a) o ensino, entendido como incentivador da prática, da reflexão, da síntese entre pensar e fazer, atividades exercidas pelo Regente, em contato com os elementos do coro;
>
> b) a pesquisa, pela sistematização dos procedimentos utilizados pelo regente e / ou coro, já explicitados em congressos e encontros de Iniciação Científica, de Educação, de Música e outros;
>
> c) A extensão de serviços à comunidade, pelo envolvimento da Universidade com seu meio pelo estímulo à participação de representantes dos mais variados segmentos da sociedade.
>
> O documento acentua as seguintes propostas:
>
> 1) revogação da Portaria nº. 101/91 com imediata retomada das atividades dos coros da UNESP;
>
> 2) contratação dos regentes pela própria Universidade;
>
> 3) consolidação dos coros infantis;
>
> 4) garantia da participação dos segmentos diretamente envolvidos nas atividades culturais na definição de um projeto cultural para a Universidade.

---

[17] O elemento de ligação, conforme Portaria 101/91, era um integrante da comunidade universitária indicado pela CEUAC, manifestado interesse e participação nas atividades do coral. A ele cabia relatar aspectos das atividades que estavam sendo desenvolvidas no campus e, principalmente, ser mediador nos assuntos dirigidos ao regente bolsista, que envolvessem a participação da Reitoria. Destacamos o empenho da Profa. Zuleice Viana da Silveira do campus de Araçatuba, Sônia Guimarães Gasparini e Leda Galvão de Avellar Pires de Botucatu, pelo amplo apoio dado à manutenção das atividades do Coral na UNESP nos respectivos *campi*.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

O documento destaca ainda a importância do Projeto "Coros Infantis da UNESP". Idealizado por Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, surgiu em 1989 e se constituiu num projeto específico "Educação musical através da voz" com o objetivo de estimular, posteriormente, a formação de corais infantis nos *campi* do interior. Os primeiros núcleos previstos foram Assis, Franca, Rio Preto, FATEC e São Paulo. Embora vários grupos tenham sido iniciados, o trabalho foi concentrado efetivamente no Instituto de Artes. A estreita relação entre o Coral da UNESP e os Corais Infantis deve-se ao fato dos mesmos possuírem vários regentes bolsistas em comum, como é o caso de Sílvia Maria Prior, Sônia Ray e Regina Fazenda, entre outros, e também pela importância destacada de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada nas atividades musicais de Samuel Kerr extra-Universidade e na trajetória do Coral da UNESP.

A docente Zuleice Viana da Silveira, elemento de ligação do Coral do campus de Araçatuba, destaca, nos relatórios de 1992 e 1993 enviados ao PAC-PROEX, a situação a que os coros e os regentes foram submetidos. Relata que o Coral de Araçatuba completava cerca de dez anos de atividades na unidade, transportando-se à importância da manutenção do trabalho do regente.

> Embora entendamos que a revogação da Portaria nº. 178/80, que criou e regulamentou o Coral da UNESP, tenha como objetivo maior a manutenção e o aperfeiçoamento do referido movimento, não se levou em consideração as conseqüências para os grupos de canto coral já existentes há vários anos e assim acreditamos nos casos omissos de que trata o Artigo 8º. Da Portaria 101/91 de 05/12/91 recebendo, portanto, um tratamento especial estão os corais implantados e, especificamente, para o nosso caso, queremos o tratamento especial que o Coral da nossa Unidade merece".

Silveira destaca ainda a ausência da PROEX nas atividades culturais desenvolvidas na Unidade. Segue:

"Gostaríamos também de sugerir à PROEX a presença de um dos membros deste setor administrativo no mínimo, nos Encontros Regionais de Corais da UNESP, para observação do trabalho realizado, uma vez que a maior parte da verba destinada a esses eventos é consumida em alimentação, a documentação feita, geralmente, é fotográfica e tanto estas quanto o relatório são de natureza fria, pois o emocional é sentido (SILVEIRA, 1992).

O relatório de 1993 trata das mesmas questões, acentuando também a importância da atividade realizada com corais infantis:

unesp

> Durante o ano passado (1992) o mesmo (Alexandre Amaral Torres Sanches) trabalhou regendo o nosso coral (com ensaios semanais), sem receber qualquer remuneração, tendo como estímulo a motivação dos coralistas e também dele próprio que não interrompeu o trabalho que estava em andamento. Da mesma forma, o Coral Infantil, implantado em nossa unidade a partir de agosto de 1991, como parte do projeto "Educação musical através da voz" (supervisionada pela Profa. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada). Informamos que o interesse tanto dos adultos quanto das crianças na reativação dos grupos de canto coral é bastante grande e aguardada também com grande expectativa (SILVEIRA, 1993).

Do mesmo modo, o Campus de Presidente Prudente manifestou-se para a manutenção de Maria Elisa Peretti Pasqualini, frente ao grupo Balaio de Gatos por 9 anos consecutivos.

Como em um curto prazo nada pode ser resolvido, deu-se a 2ª. interrupção das atividades do Coral da UNESP. Além da falta de uma política específica, Kerr aponta outras duas causas para essa interrupção: a dificuldade de translado do regente bolsista da capital para o interior que se tornou cada vez mais longo e complicado e a escassez de verba. Comenta ainda que o Coral da UNESP sofreu de "gigantismo", passou a mobilizar um número considerável de coralistas e como o momento político era desfavorável, a verba destinada aos regentes bolsistas e à realização dos encontros anuais tornou-se cada vez mais esparsa, diferindo da fase inicial[18].

Kerr cumpriu assim o seu quinto e último mandato como Diretor artístico do Coral da UNESP. Na seqüência serão relatados e discutidos os objetivos fundamentais traçados por Samuel Kerr como diretor artístico do Coral da UNESP no período de 1978 a 1992, mencionados anteriormente.

---

[18] Os 9 Encontros de Corais da UNESP realizados no intervalo de 6 anos - de 1978 até 1983 (Abertura do XIV Festival de Música de Campos do Jordão), contra os 4 Encontros de Corais da UNESP realizados no intervalo de 7 anos – de 1986 a 1992, após a 1.ª interrupção (1984-1985), demonstram que o incentivo dado pela Reitoria tornou-se aos poucos cada vez menor, culminando na 2.ª interrupção (maio / 1982 a março / 1998) e a mais longa (cerca de seis anos).

unesp

CAPÍTULO III
Perspectivas na Atuação e Formação dos Regentes bolsistas

O Canto Coral libertado de titulações
poderá tomar a forma que quisermos.
(KERR, 1989, p.7)

Uma das preocupações de Kerr refere-se aos rumos do canto coral no Brasil numa atitude contínua de reflexão sobre uma metodologia de trabalho com corais amadores. Seu trabalho *Monitores Corais*, publicado em 1989, desenvolvido com a colaboração de Júlio Cezar Giúdice Maluf, Cadmo Fausto e Gisele Cruz, por meio de uma linguagem sintética, sugere a reavaliação dos conceitos tradicionais da regência coral por um processo que envolve ação, construção conjunta e estímulo e por meio da criatividade.

O trabalho é tripartido, como descrito brevemente na introdução, em: "Projeto Sonoro" (uma expectativa sonora do regente e/ou do cantor), "Gesto", que o Projeto Sonoro vai suscitar, e "Repertório", que ele poderia ter. Assim, todos os tópicos tratados estão correlacionados e são intercambiáveis gerando uma forma cíclica, onde o último tópico se remete ao primeiro. Contudo, o encadeamento dos tópicos pode ser questionado gerando um formato independente, sem ordem pré-estabelecida.

> A apostila *Monitores Corais* é o que se tem de mais completo sobre o pensamento do Samuel, dentro de uma forma muito hermética e poética, como é característico na poesia, mas é uma linguagem que ele escolheu fazer porque acho que ele gosta dessa coisa não muito declarada. Ao mesmo tempo, tem uma clareza muito grande. Ele se coloca completo dentro dessa montagem, se coloca na maneira de trabalhar o que ele pensa. (MALUF, 2003. ANEXO 2i)

O trabalho *Monitores Corais* foi resultado de uma observação contínua do Coral da UNESP, desde 1978, por meio do trabalho de supervisão junto aos regentes bolsistas inseridos na comunidade.

O Coral da UNESP funcionou como uma extensão da sala de aula, como um laboratório do pensar o canto coral e, ao mesmo tempo, como atividade colaboradora indispensável na formação de regentes corais, conscientes de sua atuação e de seu compromisso social, pelo Instituto de Artes da UNESP.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Figura 2: Instituto de Artes do Planalto (data desconhecida)

Sob a orientação de Kerr, os bolsistas regiam seus corais, retornavam ao Instituto de Artes e discutiam em aula aspectos relacionados ao trabalho nas unidades, propunham idéias e buscavam soluções de forma interativa. Dessa troca de experiências, criou-se um trabalho particularizado, rico por mapear as diversas regiões do Estado, onde haviam unidades da UNESP e que resgatou aspectos da memória musical das comunidades, possibilitando a construção de um sistema de trabalho condizente às expectativas das mesmas, gerando uma intervenção musical conduzida pela prática.

> Fui lá para a Praça da Sé, daí na metade do ensaio ele falou: "Agora você vai com os contraltos para outra sala".(...) era um coro de "besouros", elas cantavam tão forte que eu não conseguia me ouvir, eu não conseguia articular uma frase. Eu fiquei lá acho que por uns vinte minutos e a hora o Samuel foi me chamar eu estava completamente em pânico. Nada tinha acontecido. "Vamos voltar", aquilo provocou um choque elétrico na minha cabeça. Eu voltei e aí não conseguia mais pensar no ensaio, só pensava no que tinha acontecido. Quando terminou o ensaio ele disse: "Você entendeu o que aconteceu? Você acha que esse trabalho é legal para você?" Eu, formada em piano, cantando na Igreja e de repente.... "Olá meu bem, bem-vinda ao mundo real" (CRUZ, 2003. ANEXO 2c)

Neste contínuo processo de reflexão, certos aspectos tradicionais relacionados ao tratamento dado à regência coral foram reavaliados, adaptados ou revalidados. O trabalho realizado com os regentes bolsistas não tinha o objetivo de desenvolver uma nova metodologia, como por exemplo criar formas alternativas de marcação de padrões ou classificação das vozes; os conceitos tradicionais da regência não foram desprezados, sendo uma ferramenta útil para os regentes bolsistas na solução de problemas de ordem técnica.

A grande preocupação estava centralizada na formação de corais amadores, que necessitavam de um tratamento mais dirigido. Sujeitar o coro de imediato ao gesto técnico do regente, por exemplo, não era o caminho mais eficaz inicialmente, podendo ser utilizado em outro momento. Ao mesmo tempo, o respeito ao cantor e sua memória musical não admitia uma intervenção formal de conceitos cristalizados. Desta forma o trabalho foi conduzido pela premissa básica de respeito absoluto ao cantor, suas expectativas, suas possibilidades, sua memória.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Figura 3: Classe de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes; à frente Samuel Kerr (data desconhecida)

Com o intuito de discorrer sobre o trabalho realizado na 1ª. fase do Coral da UNESP pelos regentes bolsistas, alunos do Instituto de Artes sob supervisão do maestro Samuel Kerr, serão comentados cinco tópicos relativos à regência coral: gesto, classificação vocal, técnica vocal, dinâmica de ensaio e repertório (arranjo e programa).

Sabemos que existe bibliografia que trata dos tópicos acima, no entanto, não é nosso propósito rever estes trabalhos. Nossa intenção é focalizar os mesmos pela experiência dos regentes bolsistas do Coral da UNESP, sob orientação de Samuel Kerr.

Para tanto, foi aplicado questionário a 12 regentes bolsistas da 1ª. fase do Coral da UNESP (1978-1992), contemplados períodos distintos e, em paralelo, realizadas entrevistas com sete dos regentes que permaneceram mais tempo em atividade junto aos corais nas Unidades do interior (ANEXO 2). Vale observar que os questionários e entrevistas que ilustram esta dissertação foram fundidos nem só.

Relação de regentes consultados:

Regente 1: Alexandre Amaral Torres Sanches (Entrevistado)
Regente 2: José Luiz da Silva (Entrevistado)
Regente 3: Gisele Corrêa da Cruz (Entrevistado)
Regente 4: Celso Franchini (Entrevistado)
Regente 5: Maria Elisa Peretti Pasqualini (Entrevistado)
Regente 6: Roberto Sussumo Anzai (Entrevistado)
Regente 7: Giselle Loiacono Ramos de Azevedo
Regente 8: Tânia Bertassoli
Regente 9: Julio Cesar Giudice Maluf (Entrevistado)
Regente 10: Adriana Alexandre Francato
Regente 11: Sônia Marta Rodrigues Raymundo
Regente 12: Josely De Moraes Antonio

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS REGENTES BOLSISTAS

1. Dados Gerais:

a) Nome:

b) Ano de ingresso e conclusão do curso de Música no Instituto de Artes da UNESP?

c) Unidade e período onde atuou como regente do "Coral da UNESP" orientado(a) pelo maestro Samuel Kerr?

d) Regentes que antecederam sua permanência no "Coral da UNESP" e o imediatamente posterior e períodos.

2. Relate a experiência que teve com o maestro Samuel Kerr no período em que foi aluno(a) do Instituto de Artes?

3. Relate sua experiência com o "Coral da UNESP", enumerando os Encontros de Corais em que participou e a temática desenvolvida?

4. Considerando os tópicos abaixo, comente os aspectos de sua formação como regente adquiridos a partir da experiência com o maestro Samuel Kerr:

1.1. Gesto
1.2. Classificação vocal
1.3. Técnica Vocal
1.4. Dinâmica de Ensaio
1.5. Repertório.
    1.5.1 Programa em construção
    1.5.2 Arranjo em discussão

5. Qual é a dimensão da palavra "Coral" para você?

1. Gesto

Eu tenho controle sobre o gesto, mas ele é emocionado pelo som que vem da resposta.

(KERR em CARTOLANO, 1984, p. 215)

Dentro da regência, o gesto normalmente é tratado tecnicamente sendo convencionado por uma escola a fim de regularizar os movimentos do regente, definindo padrões de marcação de compasso e formas específicas de tratar a condução da obra musical por meio de entradas, cortes, indicações de dinâmica e interpretação.

> Quando eu precisava do gesto tradicional acontecia um envolvimento grande com o corpo, assim o meu gesto tornava-se algo além da marcação usual porque tentava buscar no coro um efeito. O gesto era uma extensão, um mediador para que as coisas acontecessem, havia uma flexibilidade muito grande de aplicações. O gesto surgia para tirar do coro o que eu queria, e o que eu queria não era tradicional, o tradicional atrapalhava (CRUZ, 2003. ANEXO 2c).

Para Kerr, a regência coral não se resume somente à movimentação de braços, mas na atitude do regente perante o seu grupo, ou seja, um gesto dilatado pela relação pessoal. Assim, desenvolve a idéia do "gesto comum", um gesto que o cantor reconhece porque também o possui, e também porque o tomou para si no decorrer do trabalho, pois reconheceu nele um significado musical: um gesto natural, útil, de simples entendimento e principalmente que não seja ditado por uma escola, mas um gesto guiado pela intuição do regente. Esse é o gesto que faz o canto, o gesto que viabiliza a construção de um Projeto Sonoro.

> A primeira vez que eu regi, lá no Instituto de Artes, o Samuel me colocou em frente à classe, parado. Eu fiquei naquela coisa: o que é que eu faço? Ele estava com tudo isso pensado, obviamente. Lembro que ele ficou conversando com alguém e eu fiquei lá sem saber o que fazer. Ele esperava uma reação minha... Eu estava com uma camisa de manga comprida, não sabia o que fazer, então eu comecei a desabotoar os punhos e comecei a dobrar a manga da camisa. Quando ele viu isso, caiu numa risada e fez um estardalhaço tão grande... Ele não faz isso pra te satirizar, mas é o modo dele. Ele disse: Escuta, você vai brigar com alguém? É claro, na minha cabeça, enfrentar aquela situação de estar na frente das pessoas era uma briga, quer dizer, eu estava me preparando pra dar e receber. Essa foi a minha primeira reação, uma coisa que eu tinha que me preparar para resolver. O interessante nisso tudo é que ele deixava as coisas acontecerem. Ele não chegava e falava: faz assim com a mão e o

> pessoal canta, abaixa a mão e o pessoal pára, não foi aquela idéia do gesto acadêmico. Ele pensou: Vamos ver o que é que ele faz para a partir daí achar uma caminhada. (FRANCHINI , 2003. ANEXO 2d)

Além das disciplinas obrigatórias que compunham a grade curricular de Música, os regentes bolsistas foram estimulados por Kerr a realizarem cursos extra-universidade, o que demonstra que a importância de estabelecer outras referências, incluindo o gesto técnico, nunca fora desprezada. Conduzidos de forma a buscarem as próprias verdades, os regentes bolsistas reconheceram a coerência do trabalho desenvolvido no Coral da UNESP, concluindo que o regente precisa ter seu gesto bem resolvido, que seja qual for, deve ser claro, preciso e sem desperdício, mas não constitui um elemento imprescindível e sim uma ferramenta a ser utilizada em momentos específicos. Essa busca pela essência do gesto transformou o gesto acadêmico num gesto didático, o gesto extraordinário num gesto eficaz, que surtiu efeito para o coral amador.

> Tem uma história belíssima que aconteceu em Curitiba: o grande coro da UNESP foi até lá se apresentar no II Encontro de Corais Universitários, levando um espetáculo que englobava a Praça da Sé e o Oswald de Andrade. Num dado momento da cena, o coro todo se sentava nos praticáveis, deitava no chão e cantava nesta posição. O Samuel, para não interferir na cena, também se esparramou no chão, deu a entrada pro coro e ficou marcando tempo com a ponta do pé. Essa era nossa visão sobre o gesto (PASQUALINI, 2003. ANEXO 2e).

O gesto naturalmente tende a tornar-se mais arredondado, segundo o depoimento de Milly Pasqualini. Comenta que esse tipo de gesto é enganosamente associado a um gesto prolixo, desperdiçado. Na regência orquestral, o gesto é normalmente modelado por meio da batuta e isso o torna mais "duro", formatado dentro de um padrão. Relata ainda que, durante sua formação, alguns professores de regência tentaram interferir nestes conceitos, mas ficou claro que a concepção de Kerr sobre o gesto era bem fundamentada e útil para ela.

Kerr questiona o gesto pré-concebido da figura estanque do regente em frente ao coro dando ao aluno bolsista a oportunidade de encontrar o seu próprio gesto, respeitando seu próprio corpo, seu tônus muscular e sua capacidade de expressão. Para ele, o gesto aparece potencializado como uma busca efetiva do que foi estabelecido pela prática, a comunicação entre o regente e o coro daria razão à causa do gesto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

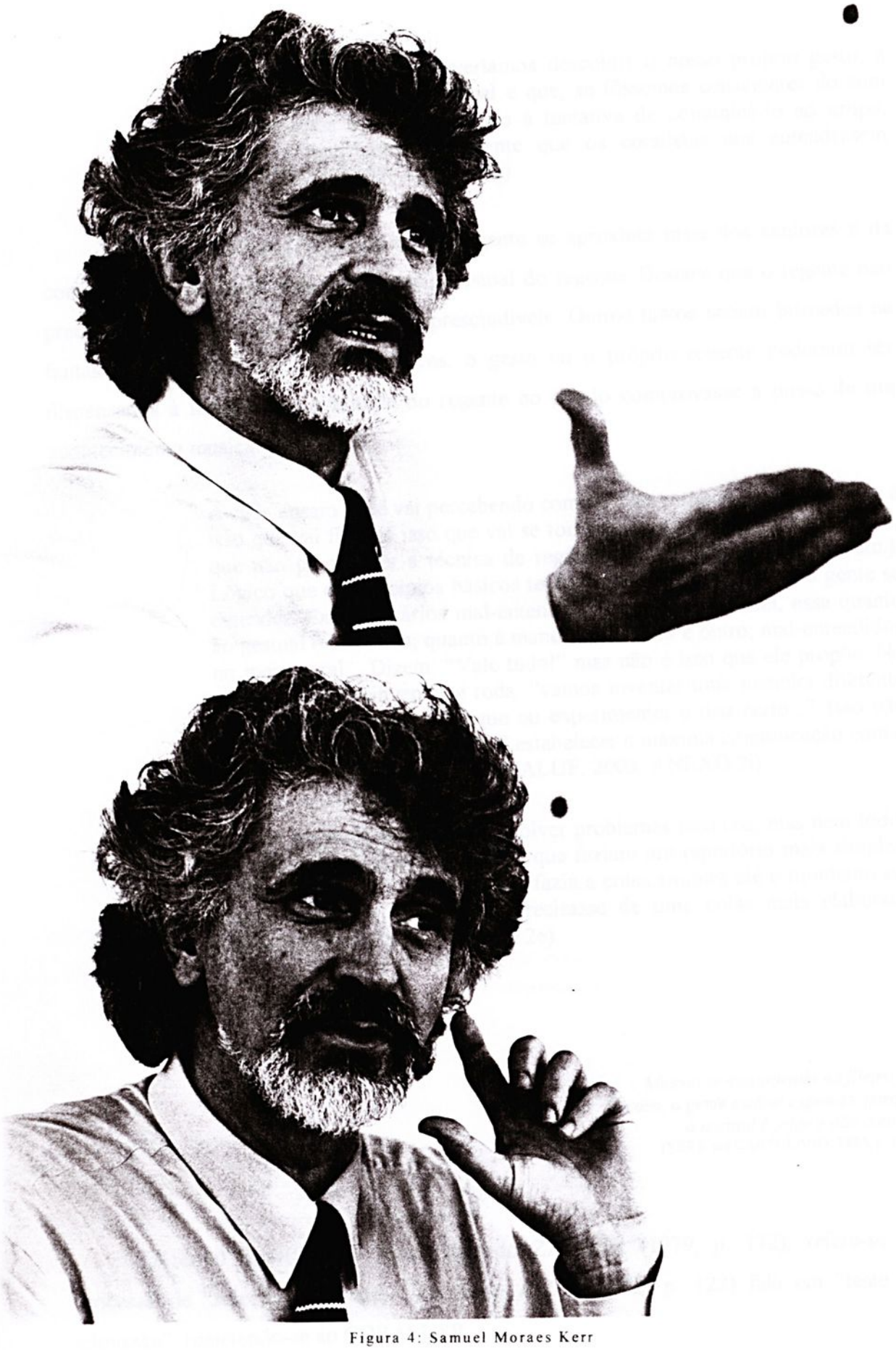


Figura 4: Samuel Moraes Kerr

> O Samuel pregava que deveríamos descobrir o nosso próprio gesto, a nossa expressividade individual e que, se fôssemos conscientes do som que queríamos ouvir e sensíveis à tentativa de comunicá-lo ao grupo, assim conseguiríamos fatalmente que os coralistas nos entendessem (FRANCATO, 2003. ANEXO 2j).

Ao mesmo tempo, estimula que o regente se aproxime mais dos cantores e da comunidade e, em tudo isso, reconhece o gestual do regente. Destaca que o regente não precisa de tantos gestos, precisa dos imprescindíveis. Outros tantos seriam buscados na fantasia, na imaginação. Por tais fatores, o gesto ou o próprio regente poderiam ser dispensados à medida que a atitude do regente no ensaio comprovasse a posse de um acontecimento musical pelo grupo.

> A cada ensaio você vai percebendo como o coro responde ao teu gesto, e é isso que vai ficar, é isso que vai se tornando o seu gestual, a sua técnica, que não precisa ser a técnica de regência *stricta* (alemã, italiana, etc.). Lógico que os princípios básicos tenham que ser os mesmos pra gente se entender. Existem vários mal-entendidos quanto ao Samuel, esse quanto ao gestual é um deles, quanto à maneira de cantar é outro; mal-entendidos no meio coral... Dizem: "Vale tudo!" mas não é isso que ele propõe. No gestual, não é reinventar a roda: "vamos inventar uma maneira diferente de bater o quaternário, porque eu experimentei e deu certo..." Isso não precisa, é bobagem, mas é você estabelecer a máxima comunicação com o seu grupo, então isso é reger. (MALUF, 2003. ANEXO 2i)

> Alguns regentes chegaram a resolver problemas técnicos, mas nem todos os regentes precisavam disso porque faziam um repertório mais simples. O Samuel não era simplista, ele fazia a coisa simples até o momento em que o aluno ou que o coro precisasse de uma coisa mais elaborada (PASQUALINI, 2003. ANEXO 2e).

2. Classificação Vocal

> *Mesmo se escondendo na fileira do coro, a gente está se expondo, porque o normal é falar e não cantar.*
> (KERR em CARTOLANO, 1984, p. 217)

O termo classificação vocal, segundo ZANDER (1979, p. 172), refere-se ao processo de "seleção das vozes", enquanto AMIN (2002, p. 122) fala em "teste de admissão", remetendo-se ao CORALUSP.

Um candidato a coralista normalmente é recebido num grupo coral após ser submetido a um teste de classificação vocal. O regente ou o preparador vocal estará atento à procedência do som do coralista, considerando aspectos técnicos de sua qualidade vocal: tessitura, emissão, a quebra vocal e o timbre, além de aspectos gerais - perfil do candidato, interesses e adequação à proposta do trabalho do grupo. O candidato, se aprovado, será conduzido para um determinado naipe: soprano, contralto, tenor ou baixo.

CARTOLANO (1968, p. 42) acentua que tais modelos de classificação vocal foram realizados com base nas vozes européias (Itália). No Brasil, devido principalmente ao clima, predominam vozes intermediárias: *mezzos*-sopranos e barítonos, indicando a necessidade de estudo especializado sobre o assunto.

No entanto, Kerr refere-se à classificação vocal se reportando somente ao timbre. Questiona a necessidade da classificação vocal tradicional descrita acima, tratando o tema como um processo de descoberta e acompanhamento.

O cantor amador não tem um modelo de canto coral definido pois a música popular e o microfone abriram outras possibilidades de emissão vocal e também pela característica das vozes brasileiras de serem intermediárias, aspecto desconsiderado no repertório tradicional. Tais peculiaridades dão indícios a uma nova proposta de articular os sons respeitando regiões favoráveis a todos os tipos de vozes distinguindo, na maioria das vezes, grupos e não naipes.

Todo candidato a coralista tem uma expectativa perante o coro que não pode ser frustrada por um teste vocal. Comenta Kerr, que o ato da fala é mais comum que o ato do canto causa inibição. O cantor tem uma identidade vocal e, ao mesmo tempo revela-se por meio dela. FERREIRA (1998, p. 3) observa que voz é resultante de fatores biológicos, psicológicos e sociais, portanto, está relacionada à vida emocional de cada indivíduo e, conseqüentemente, ao seu canto.

> O Samuel acredita e eu também (e essa era uma conversa desde o começo. O Alex, desde o começo era um cara que fazia teste vocal) que não era possível bloquear uma pessoa através de um teste. Embora o Samuel considere o tradicional, acredita que a pessoa é capaz de cantar. A partir do momento que você pode emitir som é possível afinar. Eu sinto que as pessoas que não são afinadas não tiveram as devidas oportunidades. O que eu acho que aconteceu é que não há regentes dispostos a isso (SILVA, ANEXO 2b).

O coro amador é constituído de vozes que não tiveram a oportunidade de se desenvolver. À medida que o trabalho vai acontecendo e o repertório exigindo outra flexibilidade de produção vocal, o regente, por sua experiência, deve guiar os cantores de acordo com a região onde sua voz está se adaptando melhor e, somente neste estágio, faz-se prático à classificação vocal. Comenta Maluf que classificar significa distribuir em classes, não sendo uma questão de aceitar ou recusar, pois o candidato avaliado somente a partir de um teste vocal pode ser induzido a se julgar incapaz de cantar, em caso de reprovação. Comenta ainda que a maior parte dos regentes alunos de Kerr, trabalha dessa forma. Isso efetiva a participação do cantor enquanto membro de um grupo social, independentemente de sua colaboração vocal. Anzai complementa que, além do conforto e adequação vocal, existe ainda um outro fator que é o desejo pessoal manifestado pelo cantor em participar daquele grupo ao qual ele foi conduzido. Cita exemplo de seu trabalho realizado na unidade de São José do Rio Preto onde um soprano potencial era o melhor contralto do grupo, simplesmente porque estava feliz cantando ali. A troca de "naipe" aumentou seu índice de motivação e participação, mas isso só foi possível devido aos propósitos do repertório. HERR (1995, p. 53) observa que, às vezes, um candidato declara pertencer a um determinado naipe e, por razões psicológicas, é melhor deixá-lo cantar provisoriamente nesse naipe mesmo quando comprovado o engano.[19] Para Pasqualini, é necessário ainda, em certos casos, ouvir o cantor individualmente, reportando-se às anomalias típicas da voz, a fim de orientá-lo e encaminhá-lo a outros especialistas.

Quanto ao tratamento dado ao desafinado, Silva comenta:

> Passávamos a discernir sobre o que a gente queria ouvir e o que realmente estava ouvindo. O teste era assim, a pessoa cantava alguma coisa, aí a gente via o timbre e aí então mandava para algum lugar – quem não afinava ia para os naipes graves, eram os "besouros" como chamávamos. Eu tinha que conseguir muito com pouco, extrair o máximo do mínimo. A experiência foi fantástica. As pessoas foram tocadas por isso (SILVA, 2003. ANEXO 2b).

O nível de relacionamento que o cantor estabeleceu com seu grupo no decorrer do trabalho coral, a possibilidade do exercício vocal advinda da orientação técnica do regente são aspectos que, quando observados, podem resultar na correção paulatina dos casos de

---

[19] HERR fala dos naipes tradicionais em coro (soprano, contralto, tenor e baixo) enquanto ANZAI fala de uma pré-estruturação, cuja mudança foi concedida com o aval do cantor, que reconheceu em sua voz um potencial para participar efetivamente de um determindado "naipe".

unesp

desafinação ou problemas vocais. "Nós tivemos uma passagem linda pelo coral da Reitoria. Certa vez o Samuel convidou um gago, que era funcionário da Reitoria, para participar dos ensaios e ele descobriu que não era gago pra cantar e isso mudou a vida dele, foi um dos cantores mais ativos". Comenta Iraní Franchini, ex-cantora do Coral da Reitoria (FRANCHINI, 2003. ANEXO 2d)

3. Técnica Vocal

São muitas as maneiras de cantar...
Antes de você dizer como se canta,
escute como cantam.

(KERR, 1989, p. 28)

A preocupação com a técnica vocal sempre foi associada, desde a Antiguidade, ao teatro, à oratória e ao canto. Sua importância se firma no século XVII com a ópera. O cantor solista viu-se obrigado a desenvolver seus recursos vocais, já que os espaços de concerto tornaram-se maiores.

A escola de técnica vocal italiana, a mais difundida no meio musical, é reforçada pelo estudo científico acirrado em torno do *bel canto.* Os termos técnicos que conhecemos atualmente foram concebidos e estruturados nestes tratados.

Um exemplo da preocupação com a técnica vocal é demonstrado por LEHMANN (1984, p. 28) em seu livro *Aprenda a Cantar*: "Tomemos dos italianos a ligação perfeita, dos franceses a ressonância nasal e dos alemães a consciência e a dicção exata das palavras, e teremos a combinação certa para a emissão da voz". Desta forma, estabelece um modelo ideal para a produção vocal.

O canto coral atento à importância da técnica vocal desenvolveu uma linguagem própria priorizando o som conjunto, em que nem sempre a identidade vocal do cantor é ressaltada, em contraposição à formação do cantor *bel cantista.* A técnica vocal tem a função de aparelhar os coralistas com um determinado tipo de estética vocal, dando homogeneidade ao grupo.

Para RAMOS (1988, p. 34), a técnica vocal deve ser um trabalho no qual o orientador conscientiza o coralista do uso de sua voz. CINTRA (1987, p. 6) reforça que não se trata, em absoluto, de ensinar como se canta, ainda que se recorra também ao repertório tradicional da área, mas de descobrir o canto. Ainda que a operacionalidade fisiológica do instrumento vocal se mantenha, ressaltando um fundamento científico, há

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

uma enorme variedade nos processos utilizados para ensino da técnica vocal (CUNHA, 1999, p. 96).

SILVA & CAMPIOTTO (1985, p. 8) comentam que enquanto o sucesso de cantores líricos depende de sua adequação a um padrão estético pré-determinado, o cantor popular tem seu êxito sujeito às condições sociais e culturais ligadas a parâmetros da "moda" e não depende apenas de uma "boa voz". Cada cantor desenvolve, então, a sua estética.

Antes de discorrer sobre a orientação em técnica vocal no Coral da UNESP, faz-se necessário expor as seguintes definições aplicadas ao Canto Coral:

- Técnica Vocal: conjunto de elementos formativos que orientam o cantor na busca de um padrão estético no uso da voz, normalmente associado a uma escola de canto específica.

- Aquecimento Vocal: bateria de exercícios preparatórios (*Vocalize*), aplicados no início do ensaio coral a fim de oferecer flexibilidade aos músculos responsáveis pela produção da voz com vistas à execução de repertório; a voz aquecida é mais aguda e mais intensa (BEHLAU & REHDER, 1997, p.37);

- Desaquecimento Vocal: bateria de exercícios aplicados no final do ensaio coral a fim de retornar a voz aos ajustes da voz falada; a voz desaquecida é mais grave e menos intensa que a voz aquecida (BEHLAU & REHDER, 1997, p.37);

- Saúde Vocal: conjunto de elementos informativos que orientam o cantor de modo a conscientizá-lo das conseqüências resultantes do mau uso da voz, os chamados "abusos vocais", destacando uma série de cuidados preventivos e mitos relacionados à voz cantada.

Kerr trata a técnica vocal focalizando à saúde vocal. Questiona a preocupação das escolas de canto em determinar um modelo vocal estanque para o cantor amador, alegando que o cantor vai se tornando uma coleção de consciências impostas sobre o funcionamento de seu corpo em prejuízo da descoberta da própria voz. Reforça que o cantor de coral precisa ser levado a cantar e que o regente é responsável por essa condução.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

> Quando o cantor é bem sucedido na emissão vocal, ele está construindo no rosto um espaço arquitetônico que independe do lugar onde ele está, então, ele se encanta com a voz que está soando na grande abóbada de uma grande catedral, e é assim que o cantor amador, que vem trabalhar com você, aprende a gostar de cantar em coro. Como é que você faz ele descobrir essas ressonâncias e cantar de acordo com as suas possibilidades? No coro de vozes educadas você consegue fazer determinadas coisas que no coro de vozes não educadas não é possível. Por outro lado você consegue fazer com essas vozes chamadas não educadas coisas que os cantores de vozes educadas não conseguem porque construíram soluções que nem sempre são adequadas para todo tipo de repertório. Quando você cuida da saúde vocal do cantor você tem outras possibilidades sonoras (KERR, 2001. ANEXO 1).

AMIN (2002, p.130) ressalta que o professor de canto muitas vezes impõe limitações e não estimula no cantor o desenvolvimento de um estilo próprio de interpretação.

O termo "saúde vocal" aplicado à voz cantada tem sido tratado com freqüência pela fonoaudiologia e, neste aspecto, destaca-se o trabalho pioneiro de Mara Behlau. No entanto, a atuação do fonoaudiólogo como preparador vocal é um assunto polêmico entre os professores de canto e os próprios fonoaudiólogos. Pela conceituação exposta inicialmente, acredita-se que esses profissionais devem atuar de forma conjunta, pois possuem atuações específicas que se complementam a fim de orientar a produção vocal do cantor. Segundo Kerr, a própria Mara Behlau reconhece certa confusão quanto aos limites estabelecidos na atuação de ambos os profissionais. (KERR, 2003, ANEXO 1)

BRASALOTO (1988, p.1) comenta que atualmente os encontros entre fonoaudiólogos e professores de canto são cada vez mais freqüentes e esta parceria entre os mesmos tende a auxiliar o cantor de um modo geral. Destaca que o papel de realizar o treino vocal é do professor de canto, porém, o trabalho conjunto com o fonoaudiólogo faz com que haja um melhor aprimoramento da voz, além de prevenir as alterações no aparelho fonador, que serve como instrumento de trabalho para o cantor. Pasqualini comenta que essa preocupação da fonoaudiologia com a voz cantada é recente, aponta seu início para o final da década de 80, e observa que muitos dos assuntos que foram tratados a partir daí já eram preocupações antigas de Kerr.

Kerr relata que realizou, na cidade de Natal-RN, uma oficina de canto coral (da qual não se recorda a data) e levou consigo, em vez de um professor de canto, como sugeriu a organização do evento, uma foniatra, a fim de abordar a atividade vocal sem o



compromisso com o estilo musical das escolas de canto. Segundo ele uma voz bem cuidada seria suficiente para o trabalho do canto coral e, a partir dessa conscientização preliminar, o cantor poderia posteriormente procurar o seu estilo musical (câmera, lírico ou popular). Quanto ao contato estabelecido com a fonoaudióloga Mara Behlau, conforme apontam as entrevistas (ANEXO 2), comenta:

> Eu não sabia que, enquanto eu trabalhava com a Santa Casa, tinha uma estudante da Escola Paulista de Medicina que cantava num coro, que era regido pelo Davi Reis, e que participava dos Encontros onde tinha a Santa Casa e os coros universitários da época. E essa menina se chamava Mara Behlau... Então tem um momento em que eu venho a conhecer a Mara Behlau, e foi aí que eu fiquei sabendo que tinha uma fonoaudióloga interessada na voz cantada (KERR, 2003. ANEXO 1).

Pelo exposto acima, observa-se o interesse de Kerr em concretizar temas tratados fonoaudiologia utilizando-os no canto coral. Ao mesmo tempo em que despertou a consciência da importância da saúde vocal aplicada ao canto coral, indicou caminhos para a intervenção do fonoaudiólogo na área de voz cantada.[20]

O cantor, conscientizado de uma série de cuidados preventivos, manteria sua voz preservada sem ser identificado por escola de canto específica. Dessa forma, a diversidade é preservada em detrimento da uniformização. No entanto, como desenvolver a homogeneidade da qual o canto coral se arma?

A procura constante de Kerr por elementos que auxiliassem no entendimento do que seria realmente o canto coral fez com que, em algum momento, aparecesse a figura do fonoaudiólogo como colaborador, bem como a do preparador vocal. Questiona a sistematização proveniente de uma escola que limita o cantor em suas possibilidades vocais e o impede de criar "outras maneiras de cantar". HERR (1995, p. 51) não aconselha aulas sistemáticas de canto para todo o coral e atribui ao regente certas responsabilidades no desenvolvimento da voz do coralista. Neste âmbito, Kerr discute que o regente teria um papel fundamental como modelo vocal para o cantor amador e que de seu trabalho de orientação contínua resultaria a homogeneidade do grupo, pois, na própria atitude de cantar

---

[20] Reconhecemos que existe uma diferença entre a Fonoaudiologia e a Foniatria: enquanto aquela trata do estudo da fonação e da audição, de suas perturbações e tratamento - indicando a intervenção do fonoaudiólogo, a Segunda (denominada atualmente de Otorrinolaringologia) trata das perturbações resultantes de anomalia fisiológica do aparelho fonador e tratamento - indicando a intervenção do médico, o foniatra. No entanto, os conceitos aparecem intercambiáveis, já que a Fonoaudiologia surgiu como um desmembramento da Foniatria.

unesp

está implícita a demonstração da respiração, da emissão, da articulação, do fraseado, da interpretação e da performance.

O trabalho realizado no Coral da UNESP ganha a colaboração da fonoaudiologia a partir de 1985, quando foi constituído um grupo de estudos com os regentes bolsistas, organizado por Kerr e dirigido por Mara Behlau. Nesses encontros foram discutidos tópicos concernentes à produção vocal do cantor amador.

A técnica vocal propriamente dita não foi desenvolvida no Coral da UNESP restando, assim, tratar sobre o aquecimento vocal. Uma das grandes preocupações de Kerr com o aquecimento vocal era de aproximá-lo ao máximo do repertório que ia ser desenvolvido no ensaio. Procurava utilizar o tempo destinado ao vocalize para resolver problemas técnicos inerentes às partituras e, ao mesmo tempo, preparar ("aquecer") a voz do coralista, despertando um estado de prontidão vocal. Dessa forma, o vocalize, realizado normalmente no início, poderia ser retomado no decorrer do ensaio, de acordo com a necessidade constatada pelo regente, tornando-se dinâmico e integrado. FRANCATO (2003. ANEXO 2j) comenta: "Não fazíamos aquecimento vocal convencional. Às vezes, eram elaborados alguns exercícios de criação sonora ou de exploração de sons vocais como aquecimento do grupo; outras vezes, isolávamos pequenas frases que eram mais problemáticas nos arranjos e trabalhávamos como aquecimento".

Considerando que "existem várias maneiras de cantar", Kerr é instigado pela busca contínua do "jeito de cantar em brasileiro", preocupação que vem de longa data, com Mário de Andrade[21], e que mobiliza uma nova geração de músicos, dos quais Marcos Leite colaborou grandemente.[22]

---

[21] Mário de Andrade promove em 1937 o "I Congresso da Língua Nacional Cantada", cujo intuito básico era a tentativa de normatizar a dicção do Português cantado no Brasil em busca de uma sonoridade tipicamente nacional em contraposição a uma voz a qual chamou de "encasacada". (DUARTE, F.J.C., 1999, p. 59)

[22] Dentre os poucos trabalhos publicados de Marcos Leite, podemos citar o *Método de canto popular brasileiro para vozes médio-graves*.

unesp

4. Dinâmica de Ensaio

> *É impossível separar a manifestação vocal da manifestação corporal. Eu sempre digo aos meus cantores que eles cantam com o dedão do pé também.*
>
> (KERR apud CARTOLANO, 1984, p. 214)

A dinâmica de ensaios refere-se ao aspecto técnico do treino coral, ou seja, do planejamento das atividades que serão desenvolvidas no decorrer do ensaio. MATHIAS (s.d., p. 2-4) declara que é no ensaio regular que a experiência coral acha sua verdadeira identidade e que o planejamento do ensaio é uma das mais importantes responsabilidades do regente, a qual provavelmente, é mais negligenciada.

Kerr fala da dinâmica de ensaios se reportando à manifestação vocal como um trabalho de descoberta do corpo pelo cantor e, ao mesmo tempo, da necessidade de se planejar as atividades que serão desenvolvidas, ou seja, de criar uma série de eventos que favoreçam a construção musical do grupo. Idealizador e precursor do Coro Cênico, como aponta FIGUEIREDO (1999, p. 64), traz a cena para o Canto Coral a fim de auxiliar o coralista na produção vocal. Observou que o uso da cena dinamizava o ensaio e criava no programa um contexto para que o cantor se expressasse efetivamente por meio de seu corpo e de sua voz. A cena poderia ser utilizada como artifício para se conseguir um determinado resultado vocal no ensaio ou adquirir representatividade dentro do programa.[23]

> Foi daí, que eu comecei a perceber que eu podia usar a dinâmica do corpo em benefício da voz. Eu nem pensava em cena, mas eu pensava numa dinâmica de ensaio. Só quando você começa a envolver todo o corpo do seu cantor num trabalho que conseqüentemente é visto, se torna cena. Você precisa ser assessorado por alguém, que possa ajudar a construir a cena. Daí a gente começou a trabalhar com artistas plásticos, com bailarinos e com diretores de teatro (KERR, 1999, p.161).

A aproximação de Kerr com o teatro fez com que trouxesse para o canto coral essa necessidade da consciência corporal do coralista. Todavia, deve-se observar que a concepção de coro cênico de Kerr difere do coro performático, uma modalidade muito presente na atualidade. A cena, originalmente, surgiu a partir da necessidade do coro em se

---

[23] A primeira experiência de Kerr neste sentido foi com o Coral da Santa Casa, em 1972 (FIGUEIREDO, 1990, p. 74-76).

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

manifestar corporalmente, ou seja, o resultado vocal foi auxiliado por meio da cena. No coro performático observa-se freqüentemente o contrário, a cena vai para o palco geralmente em prejuízo da parte vocal. Comenta CRUZ (ANEXO 2c): "Na verdade não existe coro não cênico porque se você está no palco você já está em cena.(...) O corpo expressivo rende. Uma voz que está solta, um corpo que se expressa é muito mais espetáculo e a gente precisa considerar que o coro hoje precisa se vender como um espetáculo, senão ele sempre vai cantar para os parentes, nunca vai cantar para a platéia."

No Coral da UNESP, destaca-se o trabalho de coral cênico realizado por Milly Pasqualini, o Balaio de Gatos, uma iniciativa inédita na região de Presidente Prudente.

Kerr denominou de roteiro o planejamento prévio das etapas do ensaio. Podemos relacionar três tipos de roteiro de dinâmica de ensaio: um que diz respeito diretamente à montagem da obra musical, outro que diz respeito à condução do ensaio e, ainda, o que trata do modo de conduzir o programa, visando uma apresentação, um Encontro de Corais da UNESP, por exemplo.

Na montagem da obra musical, deve-se ressaltar que os arranjos musicais destinados à constituição do repertório eram normalmente realizados por Kerr e pelos regentes bolsistas. Dessa forma, havia pleno conhecimento de sua estrutura e principalmente das dificuldades ali contidas, que poderiam ser trabalhadas parcialmente pelo aquecimento vocal. A montagem geral da partitura não seguia o sentido tradicional da leitura. Alguns problemas eram selecionados (uma harmonia truncada, um ponto estratégico da melodia, por exemplo) e, depois de assimilados, eram dispostos numa seqüência lógica e apresentados para o coralista. No caso particular dos arranjos de Kerr, os que foram dedicados ao Coral da UNESP e que serão discutidos mais adiante, a própria feitura já considerava a dinâmica de aplicação. Feitos sob medida e adequados às possibilidades do grupo, os arranjos aproximavam-se a uma fórmula de aplicação instantânea. Todos esses procedimentos dinâmicos prendiam a atenção dos coralistas.

No ensaio, Kerr destaca a importância do regente como uma personagem. Ao adotar a postura do ator, o regente se distancia de si mesmo e é capaz de convencer os cantores de que é a própria música, assumindo um papel de entidade musical: "O regente deveria ser um palhaço, ele tem que ser muito divertido, tem que ser engraçado, e tem que ser muito bom ator, porque o palhaço é muito bom ator, mas é você ter a coragem de sair do seu cotidiano, de ser uma entidade musical em frente ao coro" (KERR, 2003. ANEXO 1).

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Os regentes bolsistas do Coral da UNESP aprenderam, na prática, a prezar pelo planejamento do ensaio, criando, à sua maneira, atrativos para manter o ensaio sempre dinâmico, um trabalho desafiador, que tivesse resultado rápido, em tempo nulo, comenta Anzai. (ANEXO 2f)

O hábito de Kerr e o estímulo dado aos regentes bolsistas em registrar todas as atividades realizadas nas Unidades, em caderno, o qual chamou de "diário de atividades", destaca a importância dada ao tema. Dessa forma, o regente poderia organizar uma determinada dinâmica de preparação do ensaio, verificar seu efeito na prática, avaliar, redimensionar e reaplicá-la. A possibilidade de reler e retomar um percurso daria indícios para uma metodologia de trabalho particularizada. Neste sentido, um dos aspectos preponderantes foi entender o ritmo natural dos cantores - o que aumentou definitivamente a rentabilidade do ensaio.

Podemos destacar, ainda, a importância de encontrar um clímax no ensaio, um momento de grande interesse em que o cantor pudesse ser atingido pela fantasia e pela imaginação, um momento em que a música pudesse ter transcendido a parte técnica, que tivesse ressonância, que trouxesse emoção e, principalmente, que garantisse satisfação ao cantor em ter participado do ensaio. O regente bolsista deveria ter a preocupação de retomar esse efeito mágico a cada ensaio a fim de não imprimir à música um caráter mecânico, de mera reprodução. BORN (1986, p.98) denominou essa experiência de "som significativo".

Nos Encontros de Corais da UNESP, que reuniam cerca de 400 coralistas num único ensaio, todos os regentes bolsistas estavam envolvidos com a preparação da apresentação. Passo a passo, o roteiro previamente preparado indicava criteriosamente os caminhos a serem percorridos para a montagem do repertório conjunto, bem como o programa para a apresentação. O roteiro era fruto de um pensamento lógico na concatenação das idéias, de um estudo rigoroso, e demandava tempo e dedicação. Embora bem pensado e estruturado, o roteiro era passível de alterações caso houvesse necessidade.

A preocupação com a cena trouxe um aspecto novo para os Encontros de Corais da UNESP, que deixaram de lado a forma concertante e tradicional em prol de um espetáculo unificado. Podemos notar essa influência muito presente nos regentes bolsistas, a exemplo, os roteiros de Maluf e Sanches, em anexo (ANEXO 8a/b).

unesp

5. Repertório

> *Tenho questionado muito o repertório que os corais devem cantar, porque acho que não só o estrado, a pasta, o uniforme, mas também o repertório tem sido bloqueador da atividade dos coros... Ele tem sido um inibidor da capacidade criadora dos cantores.*
> (KERR em CARTOLANO, 1984, p. 214)

Quatro definições relacionadas ao Canto Coral:[24]

- Repertório: Conjunto de obras musicais executadas ou selecionadas para serem aprendidas por um coral, distinguindo-se duas categorias: sem acompanhamento instrumental (*a cappella*) e com acompanhamento instrumental.

- Programa: discurso estético que se constrói a partir do repertório de um coral estabelecido um critério de articulação e seqüência de execução (transições entre as obras musicais) com vistas a uma apresentação pública. O programa pode ser impresso.

- Roteiro: Termo comum às Artes Cênicas, refere-se, para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a um esquema do que deve ser abordado, estudado, etc., em discussão ou trabalho escrito. Texto que indica a direção e a situação de caminhos: seqüências, cenas, diálogos, etc.

- Arranjo: Construção musical harmônica realizada a partir de uma melodia e adaptada a uma determinada formação coral, que normalmente é o quarteto de vozes mistas (soprano, contralto, tenor e baixo). O arranjo por tais características viabiliza o repertório, bem como o programa.

GALLO (1979, p. 213-216) discute repertório referindo-se a dois tipos de grupos corais - um em processo de formação, outro já constituído. Observa que o repertório aplicado a corais em processo de formação deve ser diferenciado e estar sujeito às seguintes condições: ser adequado ao perfil do grupo, desprovido de passagens difíceis e destinado à aprendizagem. Para corais já constituídos, destina-se um repertório específico, constituído por obras de maior envergadura da literatura coral. Observa também que, no primeiro caso, o repertório deve ser eclético para firmar sua função educativa; indica que a

[24] Os conceitos foram formulados pelo autor deste trabalho por meio de experiência prática.

unesp

especialização em determinado estilo ou tipo de repertório é característica de grupos mais adiantados.

O repertório realizado no Coral da UNESP, desde sua formação, tem características muito particulares, ora adequado ao perfil do grupo coral de cada unidade, ora adequado ao perfil do grande coral, por ocasião dos Encontros de Corais da UNESP. Por sua natureza universitária, o coro está em constante processo de formação.

No âmbito geral, podem-se relacionar como características predominantes do Coral da UNESP:

1) a intensa rotatividade de cantores, que não permite um trabalho continuado de repertório;
2) irregularidade do número total de vozes nos grupos corais de cada campus;
3) irregularidade da distribuição de vozes nos naipes dificultando a execução do repertório tradicional a quatro vozes mistas;
4) predominância de vozes femininas e número reduzido, ou ausência, de vozes masculinas, ou vice-versa;
5) predominância de vozes intermediárias (mezzo-soprano e barítono);
6) predominância de cantores amadores;
7) heterogeneidade dos participantes, considerados os seguintes aspectos: faixa etária (indicando formações corais de diversas naturezas: coro infanto-juvenil, coro feminino, coro adulto misto, coro de terceira idade), procedência, nível cultural, formação e expectativas perante o coro (particiapação do corpo docente, discente, funcionários e membros da comunidade).

Por tais características, o repertório sofre ajustes técnicos das mais diversas ordens. Estabelecido um fator comum em termos de dificuldade e aplicação para a execução do repertório conjunto, cada regente tem autonomia para decidir sobre o repertório executado em cada grupo.

Regina Fazenda comenta: "a preocupação de KERR sempre foi trabalhar com o possível, atento à realidade de cada coro. O repertório escolhido com base nos temas dos encontros, sempre foi flexível. Tínhamos sempre o apoio do Samuel, embora ele nunca interferisse no trabalho diretamente: faça isso ou faça aquilo" (L'ABBATE, 1998, p. 26).

unesp

Considerando estes aspectos, Kerr desenvolveu a idéia do "som possível", orientando o regente bolsista a não idealizar um som estereotipado dentro de uma referência padrão de canto coral, mas lidar com o som disponível naquele momento. Dessa forma, tanto os arranjos utilizados para a construção do repertório como o programa realizado na apresentação foram ajustados às características predominantes do Coral da UNESP.

O regente, consciente de sua função de agente transformador do coro na comunidade, foi estimulado a encontrar meios alternativos de execução de repertório. O modelo tradicional do quarteto vocal dependia do grupo e não aparecia, num primeiro momento, na formação de corais amadores. Era utópico ao regente chegar ao recinto de ensaios, distribuir partituras e dar início à montagem da obra musical, encadeando acordes e corrigindo deslizes de afinação, sequer, contar com a assessoria de monitores de naipes e da orientação de profissional especializado em voz. Assim, o regente bolsista deparou-se com um universo completamente diferente daquele apreendido no Instituto de Artes, e essa experiência lhe concedeu bases para uma formação mais criteriosa e mais condizente com a realidade dos corais amadores no Brasil. Outro aspecto sobre o repertório a ser destacado é a interatividade coro-regente indicando possibilidades. Comenta Kerr:

> Aberto esse canal, onde a atitude do cantor, a escolha do cantor, a opinião do cantor passam a ter importância, deixou de ter importância o repertório que eu estava acostumado a trabalhar. Nada mais daquilo servia. Passei a receber sugestões de novas músicas, refletir sobre elas e transformá-las em algo possível de ser cantado em coro. Com isso, surgiu um repertório novo, formado de canções folclóricas, carnavais antigos, músicas do momento, jingle de rádio, prefixo de estações de rádio, canções de ninar (OLIVEIRA, 1999, p.69).

A escolha do repertório pode estar desatenta ao propósito de estabelecer relações entre as obras musicais, pode ser selecionado visando aspecto subjetivo ou técnico ou, ainda, pode ser determinado pela escolha de uma idéia ou tema. Neste último caso, tratando-se de repertório temático, justapõe-se um conjunto de obras diversificadas de modo a constituir um programa.

Por ocasião dos Encontros de Corais da UNESP ou por atitudes isoladas de alguns regentes bolsistas nas unidades, a maior parte dos programas executados objetivaram o repertório temático. A temática escolhida normalmente estava associada à memória musical das comunidades, que será tratada adiante. O material sonoro eleito como

unesp

repertório, por sua vez, deu ênfase à música brasileira e contemplou principalmente seus regionalismos dentro do Estado de São Paulo.

5.1 Programa em Construção

A canção é a justificativa do convívio social, é o impulso de cantar.

(KERR, 1989, p. 6)

Kerr (2001) denominou o processo (idéia musical) de construção do programa de "partitura da utopia", definindo-o como um conjunto de possibilidades que ficam "pairando no ar" até se concretizarem perante o coro. Este processo seria desencadeado a partir do contato dos regentes bolsistas com a realidade da comunidade onde estavam atuando, coletando aspectos de sua memória musical, antiga e recente, e compondo um conjunto de sons, no qual estavam contemplados: o desejo do cantor e do regente em executar um repertório possível (expresso no arranjo), a história musical da comunidade e de um possível compositor e os aspectos sonoros gerais da cidade em questão. A articulação desses três elementos básicos fornecia indícios para a construção do Programa.

Devemos observar que se trata do programa construído para efeito dos Encontros de Corais da UNESP, que, a cada edição, era realizado numa determinada cidade e detinha-se, portanto, à investigação de uma comunidade específica.

O repertório possível para a construção do programa deveria ser ajustado às características predominantes de cada grupo. Assim, cada qual teria uma participação no encontro preservando sua identidade local e, ao mesmo tempo, os grupos seriam convidados a executarem algumas obras em conjunto, montadas normalmente no dia da apresentação, sem estudo prévio, viabilizadas por meio de arranjos específicos.

O recurso sonoro utilizado para justificar movimentações cênicas do grande coro, num espetáculo contínuo, foi denominado por Kerr de "procedimento". Esse poderia assumir várias formas, como, por exemplo, um *cluster* onde cada cidade representaria ou estaria representada por um som, um efeito de iluminação, um poema, um jogo de palavras, um cânone feito com o nome da cidade em questão, etc.

A experimentação das possibilidades em estruturar um programa dentro do Coral da UNESP resultou numa metodologia específica de organização de idéias e sons. Os programas estruturados a partir da "partitura da utopia" resgataram a idéia do regente-

unesp

compositor, contemplada em *Monitores Corais*. Da mesma forma que um compositor concretiza a realização de um projeto sonoro (expresso no arranjo, no repertório ou no programa), o regente, por sua vez, dispõe dos mesmos artifícios a fim de viabilizar o "som possível".

5.2. Arranjo em discussão

A Invenção Coral é um bom exercício
para tentar viabilizar o Sonho, o
vir a ser, o não padronizado

(KERR, 1989, p.48)

Freqüentemente o regente coral é levado a elaborar arranjos que atendam à expectativa dos cantores ou à sua própria e que sejam adequados à realidade de seu grupo, quanto à estruturação das vozes que dispõe, limites de tessitura, qualidade, quantidade, volume, timbre, idade, gênero, estilo, etc. Desse modo, cada regente bolsista do Coral da UNESP foi estimulado a viabilizar um repertório por meio do arranjo adequado ao perfil do grupo coral de sua unidade.

Observando os arranjos de Kerr, escritos para o Coral da UNESP (ANEXO 3), observa-se uma busca contínua de um processo dinâmico para a realização coral. O resultado deveria ser um arranjo simples, de curta duração, respeitando uma lógica interna de funcionamento, de boa sonoridade, atraente, condizente com a flexibilidade da tessitura do cantor amador, eficaz em sua aplicação e aprendizado ao aproximar-se do instantâneo. Esse tipo de arranjo foi denominado de "invenção coral". (KERR, 1989, p. 6).

A invenção coral também advém da preocupação em não classificar a voz do candidato a coralista e da necessidade de distribuí-lo em grupos e não em naipes, como foi descrito no item Classificação Vocal. Assim, as linhas melódicas foram estruturadas para serem cantadas por qualquer grupo independente do tipo de formação.

O estímulo dado aos regentes bolsistas para elaborarem seus próprios arranjos resultou num laboratório musical de intensa produção. Como exemplo, pode-se citar as seguintes invenções corais de Julio Cesar Giúdice Maluf: "Vários Cantos do Povo de um Lugar" e "Peixinhos do Mar / Marinheiro Só", que indicam uma série de possibilidades de sobreposição de materiais sonoros, de um simples cânone a uma estrutura "que você venha a descobrir ou inventar", conforme observação que consta no desfecho da partitura (KERR,

unesp

1989, p.), e também "Um Canto de Afoxê para o Bloco do Ilê" de Maria Cristina (Kitty) Martins Pereira (ANEXO 7).

Comenta Kerr que os fatores que contribuíram para um esclarecimento sobre a feitura de seus arranjos foram a observação da melodia e a procura de uma linguagem do arranjo coral destinada à música popular brasileira. Em1967, realizou, nos Estados Unidos, um curso com a regente Alice Parker e, desta experiência, retirou uma referência que considerou básica para a elaboração de seus arranjos: a melodia já tem todos os indicadores para a realização do arranjo: "Quanto mais você meditar sobre a melodia, quanto mais se identificar com ela, maior será a possibilidade de criar um arranjo adequado. É muito difícil ser fiel à melodia, você sempre acaba criando uma coisa que é tua, que acaba traindo a música original" (KERR, 2003. ANEXO 1).

A elaboração de arranjos para a música popular brasileira era incompatível à formação tradicional de Kerr em harmonia e contraponto, estimulando-o a buscar soluções para a obtenção de uma linguagem apropriada. Cita, como exemplo, sua primeira construção palestriniana aplicada à música "Até Pensei" de Chico Buarque de Hollanda. Neste sentido, comenta: "A linguagem coral usa uma gramática diferente do dia-a-dia. É muito comum ter que se cantar em outras línguas, pois o repertório, na maioria das vezes, é europeu. Há uma tentativa muito grande em se fazer arranjos de música folclórica e popular. Mas, este trabalho é feito em cima de uma gramática renascentista que descaracterizam o tema folclórico quando transformado em coro". (HEIN, 1982, p.14)

Analisando os arranjos ("invenções corais") de Kerr, escritos para o Coral da UNESP, pode-se destacar os seguintes elementos:

- execução do material sonoro destacando efeitos vocais, caracterizando o gênero *a cappella*;
- melodias cantáveis em todas as vozes e de fácil memorização;
- melodia "democrática" onde todos os grupos participam da melodia principal no decorrer da construção;
- vocalização em uma determinada vogal, mantendo a atmosfera do texto;
- harmonia resultante da sobreposição de linhas melódicas independentes;
- dissonâncias decorrentes do encontro das melodias;
- fragmentação melódica como recurso indicativo da construção harmônica ou na pré-definição de acordes;

- fragmentação do texto em fonemas, ilustrando melodias secundárias ou criando efeitos sonoros no acompanhamento musical;
- procedimentos pedais;
- imitação (canon);
- perguntas e respostas;
- repetição de células melódicas ou rítmicas (ostinatos);
- preocupação com as características inerentes às vozes respeitados os limites de tessitura e o timbre.

Vale ressaltar que os arranjos de Kerr não podem ser rotulados pelos elementos destacados pois, fora do âmbito do Coral da UNESP, sofreram modificações adequadas ao perfil de outros grupos corais. Neste sentido, pode-se observar os arranjos "Boieiro de Nabileque" e "Sonora Garoa", escritos em parceria com Júlio César Giudice Maluf para o VIII Painel FUNARTE de Regência Coral, sendo que os arranjos sobrepostos contemplam aspectos da região centro-oeste e sudeste. (ANEXO 7).



Figura 5: Regentes bolsistas do Coral da UNESP (data desconhecida)
Da esq.(frente) Samuel Kerr, Jonas Nogueira Jr, Roberto Sussumo Anzai, Sônia Ray, Kitty Pereira, Júlio César Giudice Maluf.
(atrás) Paulo Celso Moura, Giselle Loiácomo Ramos, César Cerassoma e Sílvia Maria Prior

CAPÍTULO IV
Memória musical das comunidades

A canção engasgada na garganta
A canção guardada na memória
A canção marcando a história
O mesmo som, a mesma emoção.

(KERR. 1989, p.6)

O segundo objetivo, traçado por Samuel Kerr para o Coral da UNESP, trata do resgate da memória das comunidades. O trabalho da memória musical tornou a atividade coral mais envolvente, pois, por meio dela, o coralista pode se identificar. A recordação de eventos musicais se aloja profundamente em cada indivíduo e seu resgate mobiliza as pessoas e provoca emoções. Ao focalizar a memória da comunidade, destacaram-se, ao mesmo tempo, um valor histórico, pela reconstituição do repertório musical e das sonoridades do cotidiano, e um valor humano, efetivando a participação do coralista como viabilizador dessa reconstituição. Desse modo, fica estabelecida uma identificação com o público que participa, pois os sons carregam consigo uma história, constatação de que a memória de um povo, de uma certa maneira, produziu o cotidiano contemporâneo. Com isso, o canto coral sai de sua retórica tradicional, adequando-se ao seu tempo e tornando a atividade mais atraente, colorida, participativa e comunicativa. (HEIN, 1982, p.14)

> Quando perguntei ao Coral da Reitoria quais eram as lembranças que eles tinham das festas juninas, citaram: "Capelinha de Melão", "Chegou a hora da fogueira", "Cai, Cai Balão", "O Balão vai subindo", "Sinhá Mariquinha"... Foram feitos os arranjos e o coro cantou. Esse foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida! O público, formado pelos próprios colegas de trabalho, ao invés de aplaudir, invadiu o palco, para abraçar as pessoas! (KERR, 2001. ANEXO 1).

Kerr evidencia que nunca houve a intenção em realizar um trabalho musicológico, mas de destacar aspectos relacionados à memória musical dos coralistas, identificada por uma determinada Unidade da UNESP, e conseqüentemente à memória da cidade e da região em questão. Deve-se observar que além da "memória antiga", também a "memória recente" foi contemplada. Neste aspecto, Milly Pasqualini destaca que a cultura não se presta somente à reprodução, mas trabalha principalmente com os dados do cotidiano.

unesp



Figura 6: Samuel Moraes Kerr / Festa junina, 1980.



Figura 7: Coral da Reitoria e
Helena Menezes Lobo (com bolsa nas mãos) / Festa junina, 1980.

> Eu convivi com o Samuel trabalhando com isso, cada montagem que ele pudesse ele traria alguma coisa de um compositor, que poderia ser do próprio coral, da comunidade ou da região e principalmente dados do cotidiano. Ele propunha isso, de forma a arejar um pouco, a ter outras informações, a valorizar as pessoas, de modo a utilizar o canto coral como uma coisa viva (PASQUALINI, 2003. ANEXO 2e).

Ainda neste aspecto, Júlio César Giudice Maluf dá relevo ao trabalho realizado na Unidade de Jaboticabal demonstrando seu reflexo no repertório.

> Em Jaboticabal não resgatamos um compositor, resgatamos um músico intuitivo, muito bom, que fazia agronomia e participava do coral. Fiz também um arranjo em cima de uma música do Djavan *Nvula Ieza Kia*, em função desse cantor que era muito bom, tocava legal e todos curtiam. O pessoal também curtia cantar, uma versão da marchinha *A Turma do Funil* (ANEXO 7), que se tornou quase um hino do pessoal lá de Jaboticabal. Eles cantavam na mesa do bar e tal. Fiz um arranjo a duas vozes, aproveitando essas coisas. Então nem sempre a memória tratava de um compositor, mas aquilo que estava no ar, muitas vezes os desejos e vontades do próprio coral (MALUF, 2003. ANEXO 2i).

A história musical da comunidade era contemplada dando margem ao aparecimento da figura de um possível compositor. Se o compositor tivesse uma história a ser contada e uma música a ser cantada, ele surgia no programa. Assim, o compositor poderia ser alguém "descoberto ao caminhar pela história, ou pelas ruas da cidade" (KERR, 1989, p. 14), ou seja, poderia ser um compositor já consagrado e reconhecido pela comunidade ou alguém que tivesse uma produção musical muitas vezes dentro do próprio grupo coral.

> Existe o Gilberto Gil, Caetano Veloso, tremendos compositores, pessoas consagradas... mas pode existir um compositor dentro do próprio coral ou no bairro e que tem uma produção. Se esta produção está à altura desses grandes nomes da MPB, isso é uma coisa, se é uma música maravilhosa, isso é outra coisa. O que vale, e isso o Samuel batalha bastante, é o resgate do compositor, até para que ele seja estimulado a criar outras coisas, para que avance em sua pesquisa (MALUF, 2003. ANEXO 2i).

De acordo com Kerr, o compositor local se fazia presente muitas vezes, caso houvesse uma história pra contar, ocorrendo o resgate de um repertório. Caso contrário, ele não aparecia (KERR, 2003. ANEXO 1) Dentre esses compositores podemos citar: Aparecida de Godoy Aguiar, José Tescari e Oswaldo Luiz Mori (Araraquara); Miguel Ângelo Ruiz e George Vidal (Bauru); Angelino de Oliveira, Antenor Serra (Serrinha), Raul Torres (Botucatu); Demétrio Kipman (Bragança Paulista); Judith S. Cilurzo (Franca);

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Bonfiglio de Oliveira e Dilermando Reis (Guaratinguetá); Jair E. Toled e Rubens J. de Toledo (Ilha Solteira); Claudir e Bartemarchi, Eduwiges Valério (Jaboticabal); Erotides de Campos (Piracicaba); Francisco Fortunato e Heraldo Faria (Presidente Prudente); Altino Bessa Marques Filho e Edson Crepaldi (São José do Rio Preto); Adoniran Barbosa, André da Silva Gomes, Caco Velho, Conrado Silva, Eduardo Souto, José Francisco de Freitas, Lamartine Babo, Nilson Lombardi, Paulo Vanzolini entre outros (São Paulo);

Os aspectos sonoros das cidades, também recuperados pelo Coral da UNESP, compunham uma paisagem sonora. O termo, utilizado pelo canadense Murray SCHAFER (2001, p. 23-25) em 1977, refere-se ao ambiente sonoro, a um conjunto de sons importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância; assim, o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como indicador das condições sociais que o produziram e contar muita coisa a respeito das tendências e evolução dessa sociedade. Aponta, de forma ilustrativa, a "paisagem sonora" como a "fotografia dos sons". Praticamente na mesma época, em São Paulo, Kerr realizou seu primeiro espetáculo no gênero de pesquisa do ambiente sonoro da cidade[25], o *Praça da Sé*. Quanto à obra de Murray Schafer[26], Kerr alegou desconhecimento na época, argumentando que o Canto Coral reflete a mudança de um contexto e um repertório atento às transformações sonoras que estão acontecendo é conseqüência deste reflexo. Conclui dizendo que, se um indivíduo está atento ao mundo, se está disposto a ouvir, o próprio contexto dá indícios para uma caminhada e, se um outro indivíduo também está de ouvidos abertos, ambos podem ter idéias concomitantes (KERR, 2001. ANEXO 1).

O coralista sempre foi estimulado a buscar as referências (lembranças) sonoras de sua comunidade e observar sonoridades que ocorrem cotidianamente. O sino da igreja, o apito do trem, o pregão do jornaleiro, o canto dos pássaros, o berrante, a sirene da fábrica, o radinho de pilha, a buzina do automóvel, entre outros, foram sons resgatados nos encontros de corais da UNESP.

Embora os regentes dos *campi* fossem estimulados a resgatar a memória musical das comunidades, o tema tornou-se mais presente nos Encontros do Coral da UNESP e em

---

[25] Optamos por utilizar o termo "ambiente sonoro da cidade" daqui em diante para substituir "paisagem sonora"

[26] Murray Schafer, compositor e teórico canadense que desenvolveu o conceito de "paisagem sonora". A semelhança estabelecida aqui trata de que ambos, por caminhos diversos, parecem buscar a mesma coisa: abrir os ouvidos para os sons do mundo e incorporá-los no fazer musical. O aspecto mais curioso que deve ser observado é que Schafer e Kerr fazem este questionamento do ambiente sonoro da cidade.



trabalhos dos próprios dos regentes, como podemos verificar no relato de Celso Franchini: "Para o ano de 1982, visamos a criação de um repertório regional, através do material colhido pelos componentes do coral. Este compõe-se dos seguintes assuntos: o *Peabirú*, uma velha lenda indígena; os sinos das igrejas da cidade e a igreja de Santo Antônio do Lajeado"(FRANCINI, 1981. ANEXO 8).

Antes de discorremos sobre os treze Encontros do Coral da UNESP, pretendemos destacar as atividades que seguem abaixo.

1.Gratas Lembranças

1.1. Praça da Sé

Praça da Sé
Praça da Sé
Hoje você é
Madame Estação Sé
Quem te conheceu
Há alguns anos atrás
Como eu te conheci
Não te conhece mais
Nem vai conseguir
Te conhecer
Se hoje passar por aqui
É o progresso
É o progresso
Mudou tudo, mudou até o clima.
Você está bonita por baixo,
Está bonita por cima,
Só indo lá pra ver
Mas não vá sozinho, meu senhor,
Que o senhor vai se perder.

"Madame Estação Sé" - Adoniran Barbosa
(música composta para a inauguração do projeto de reurbanização da Praça da Sé, em 1978)

O espetáculo *Praça da Sé*, o primeiro realizado por Samuel Kerr no gênero em pesquisa musical sobre a ambientação sonora, versou sobre a memória musical da cidade de São Paulo em seu *marco zero.* A pesquisa realizada pelo Coral da Reitoria, em 1980, estimulou o maestro Samuel Kerr a expandir a proposta às Unidades do interior que, aos poucos, somaram-se ao Coral da UNESP. O espetáculo interativo contou com a participação dos professores do Instituto de Artes do Planalto: Alcindo Moreira Filho, Dirce Ceribeli, Eliseu Narciso e Reynúncio Napoleão de Lima e das Classes de Técnicas de Expressão Vocal, Canto Coral e Percussão.

unesp

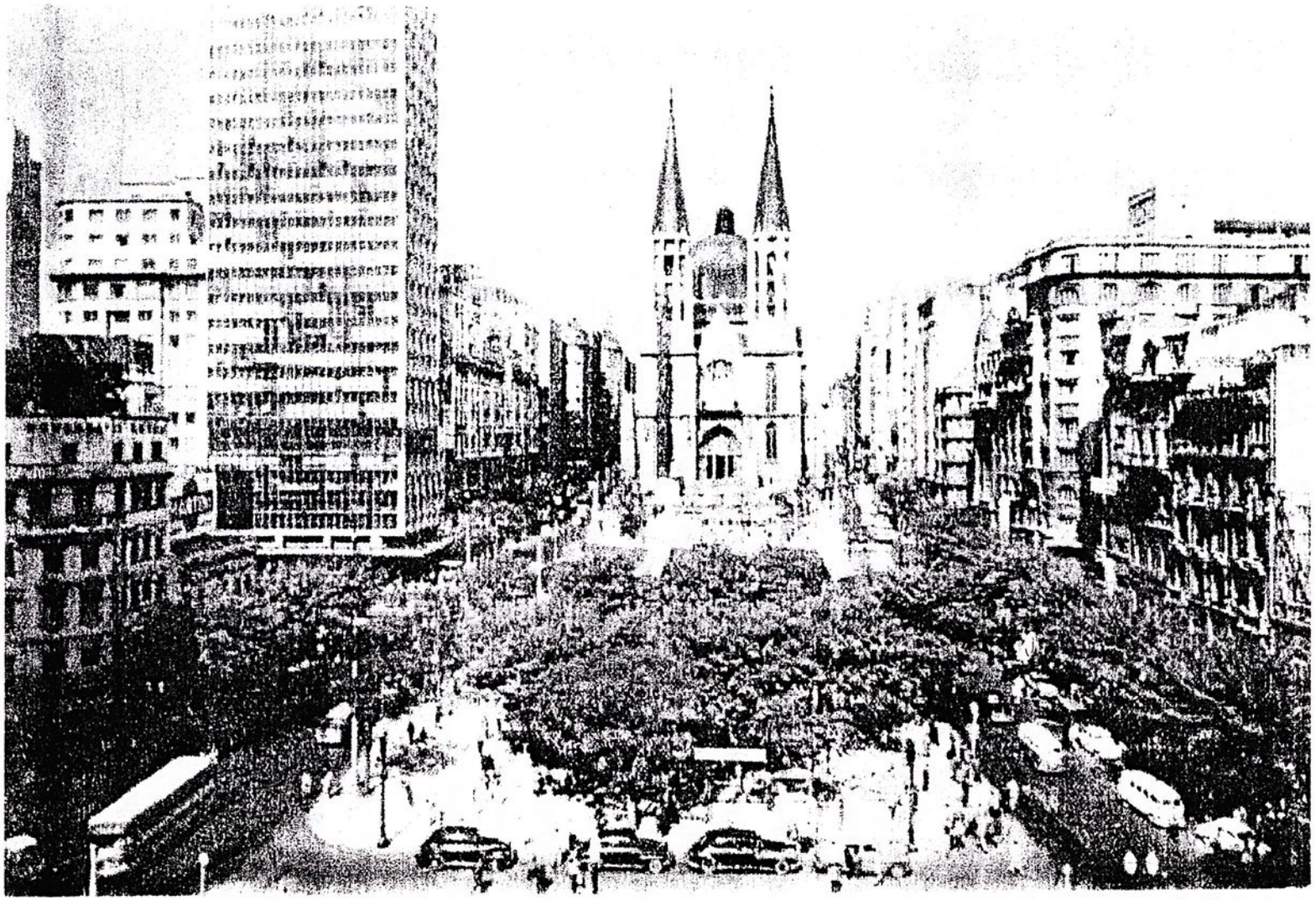


Figura 8: Visão Geral da Praça da Sé antes do Plano de Reurbanização de 1978.
(autor e data desconhecidos)

> A Praça da Sé foi o espetáculo que me marcou mais, pois foi o começo para mim. Foi a primeira vez que eu tive contato com o trabalho do Samuel, aquela maneira dele de fazer as coisas. A Praça da Sé era o máximo! Era deslumbrante! Tinha um momento arrepiante que era quando alguém falava (imitando a voz do metrô) "próxima estação: Sé. Desembarque pelo lado esquerdo do trem" e uma multidão de pessoas se despejava. Eu lembro sempre disso: muita e muita gente! (FAZENDA apud L'ABBATE, 1998, p.13)

No espetáculo, a narração de Reynúncio Napoleão de Lima confrontava aspectos históricos da Praça da Sé antes e depois do plano de reurbanização, concluído em 1978[27] pelo prefeito Olavo Setúbal, dando relevo à arquitetura e seu entorno.

> *Dobram os sinos da Sé...*
> *Repique que sempre anunciaram os acontecimentos marcantes do cotidiano...*
> *(...) Até onde chegava o dobrar dos sinos, gente erguia moradias...* (ANEXO 4a)

À medida que a narração acontecia, compondo um roteiro, constituía-se um retrato sonoro do cotidiano. Em seguida, as margaridas tomavam cena e varriam o palco, aos poucos surgia o barulho das fontes, dos pombos, do vozerio, num crescente que chegava ao trânsito, com suas buzinas e motores; de súbito, surgem as rezas da procissão que se avolumam e assim ocorre a primeira intervenção cantada, um *Kyrie* gregoriano que cede aos sons do carrilhão da Sé, contraponteando o sacro e o popular. Para expressar essa dissonância ocorre a execução da música *Praça da Sé*, de Adoniram Barbosa, com seu texto insinuante, e do "Moteto para a comunhão de quinta-feira santa", de André da Silva Gomes[28], dando vistas ao compositor local.

Da visão geral da Praça, que contempla a "Praça Clóvis", de Paulo Vanzolini, chegava-se ao *marco zero* e ao ato público evidenciando a Praça da Sé como palco de manifestações, de reivindicações, de comícios e de passeatas, expresso em Caco Velho: "Não faça hora comigo que eu não sou relógio da Praça da Sé. Sou doce não sou açúcar, sou negro não sou café" e, no procedimento, *Non ducor, duco* ("Não sou conduzido, conduzo" - frase que consta na bandeira de São Paulo) em *ostinato*, acompanhado por trombone e percussão. Em seguida, ocorre a execução de *Alle-psallite cum-luya*, uma

---

[27] A Praça da Sé incorporou a Praça Clóvis Bevilacqua e os quarteirões que as separavam de modo a comportar a estação metroviária assumindo a forma atual.

[28] André da Silva Gomes (Lisboa, Portugal, 1752-São Paulo, SP, 1844). Compositor. 1774, mestre-de-capela da Sé de SP. Na noite de 7 de setembro de 1822, teria regido no Teatro da Ópera, na presença de D.Pedro I. Autor de antífonas, hinos, missas, ladainhas, salmos, motetos, vésperas, ofícios de semana santa, etc. (MARIZ, 1985, p.128)

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

menção ao *moteto* desenvolvido pela Escola de Notre Dame no séc. XIII que fundiu elementos sacros e profanos. Dessa forma, reporta-se à História da Música, contextualizada na atualidade do espetáculo. A marchinha de carnaval[29] "Tatu subiu no pau" (1923), de Eduardo Souto, finalizava a apresentação tornando a praça palco de uma grande festa popular.

Ao contemplar a Praça da Sé, o Coral da UNESP falava também de sua própria história, da localização geográfica da Reitoria e os reflexos dessa inserção. O espetáculo foi apresentado pela primeira vez no III Encontro do Coral da UNESP e reprisado até 1983, quando se deu a última apresentação no XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão.

1.2. Cororoco

Teus zói é flor da paisagem
Sereno fim da viagem
Teus zói é a cor da beleza
Sorriso da natureza
Azul de prata meu litoral
Dois brincos de pedra rara
Riacho de água clara
Roupa com cheiro de mala
Zoinho assim são mais belos
Que renda branca na sala
Quem vê não enxerga a praia
Nós num lençol de cambraia
Teus zói no fim da vereda
Amor de papel de seda
Teus zói clareia o roçado
Reluz teu cordão colado

("Flor da Paisagem" - Robertinho de Recife e Fausto Nilo)

> Começamos a imaginar o que seria o som da cidade... Logo que a gente entrava na cidade havia uma frase pichada no muro que era *Teus zói clareia o roçado.* Achamos muito bonita essa frase, e aí nos empenhamos muito na pesquisa. Fizemos o que chamamos de "grafite sonoro", porque afinal tiramos de um grafite. Montamos com essa frase um trecho musical, depois acabamos fazendo arranjo da música inteira que se chamava "Flor da Paisagem". (SILVA, 2003.ANEXO 2b)

José Luiz da Silva conta como se deu o início do trabalho no campus de Jaboticabal. O "grafite sonoro" fez parte de uma série de experiências sonoras sobre a

[29] As marchinhas de carnaval foram amplamente utilizadas por Samuel Kerr e pelos regentes bolsistas no resgate da memória musical das comunidades e sempre despontavam como um traço característico da cultura

memória musical da cidade, as quais foram alinhavadas na condução do espetáculo "YA-YTIC-ABÁ" (Jaboticabal em tupi guarani), realizado em 1980.

Em 1981, por ocasião dos 15 anos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal, foi realizado o espetáculo *Bolo de Aniversário*. A temática escolhida pelo Coral de Jaboticabal denominado "Cororoco" fazia menção à presença da UNESP e sua importância para a região. No repertório estava a "Valsa dos quinze anos" (ANEXO 3), de Carlos Monteiro de Souza, com arranjo de Samuel Kerr e "Hoje é dia do seu aniversário", com arranjo dos alunos do Instituto de Artes do Planalto (ANEXO 7). O espetáculo foi reapresentado no Teatro Cultura Artística, em São Paulo, por ocasião do VII Encontro do Coral da UNESP, em 1981.

Dos trabalhos realizados pelo Cororoco, destaca-se o *Lavrador* que, ao lado do espetáculo *Praça da Sé*, do Coral da Reitoria, foi apresentado na abertura do XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão, em 1983.

O espetáculo *Lavrador* iniciava-se com a projeção do filme *Ó xente, pois não* de Joaquim Assis e seguia com as intervenções corais. No repertório, canções alusivas à vida rural, como: "Cio da Terra", de Milton Nascimento e Fernando Brant; "Rancho da Goiabada", de João Bosco e Aldir Blanc; "Terra de Tupã", de Zé Luiz da Silva, Celso Luchesi e Mauro Rubens composição de José Luis da Silva; "Romaria", de Renato Teixeira, e encerrava com "Canto do Povo de um lugar", de Caetano Veloso, cujo texto entremeava o espetáculo descrevendo as várias fases do dia. Vale ressaltar que os arranjos foram elaborados pelos regentes bolsistas. No espetáculo ainda havia a declamação do poema *Gerimum Utópico* de José Francisco Luitgards. Como cenário foram utilizados utensílios e ferramentas agrícolas, cedidas pelo próprio campus, e vestimentas características. O trabalho realizado em Jaboticabal ainda destacou os compositores locais: Claudir e Bartemarchi com "Alinhados" e Edwiges Valério em "A Rapaziada de Jaboticabal".

Em 1986, José Luiz da Silva ainda retornou a Jaboticabal a fim de realizar encontro de ex-coralistas destacando a importância do trabalho realizado e de seus reflexos para a comunidade local.

---

local evidenciando uma forma específica de comemorar a festa popular.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

1.3. 2º. Encontro de Corais Universitários

Realizado na cidade de Curitiba, no período de 6 a 10 de julho de 1982, em comemoração aos 70 anos de fundação da Universidade Federal do Paraná e 24 anos de fundação do Coral daquela Instituição, o 2º. Encontro Nacional de Corais Universitários (ENCORU) reuniu no Teatro Guaíra, 25 grupos corais (ANEXO 9).

Do Estado de São Paulo, estavam presentes os corais das três Universidades Estaduais: USP, UNICAMP e UNESP. A título de contrapor o aspecto: tradicional (USP e UNICAMP) e experimental (UNESP), transcrevemos o repertório executado na ocasião pelos grupos mencionados.

CORAL UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Repertório:

- Les Cris de Paris – Clement Jannequin
- Hai, già mi discoloro – Carlo Gesualdo
- Leggiadre Ninfe e Pastorelli amanti – Luca Marenzio
- Salmo 150 – Ernst Widmer
- Dos amantes dichosos – Sylvia Soublete (poema: Pablo Neruda)
- Série Xavante: Ritual da perfuração da orelha, Canto das Moças, Canto dos Rapazes e Corrida do Buriti Asthmatour – Gilberto Mendes
- Choros Clássicos – Arr. Damiano Cozzella

CORAL UNICANTO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Repertório:

- Alguém Cantando – Caetano Veloso / Arr. Marcos Leite
- Cor mio mentre vi miro – Claudio Monteverdi
- Dieu! Qu'il la fait bom regarder – Claude Debussy
- Três Epitáfios: Don Quixote, Dulcinea e Sancho Pança – Rodolfo Halfter
- Ave Maria – Daltson Takeuti
- Yesterday – J. Lennon e Paul MacCartney / Arr. Ricardo Figueiredo
- Garota de Ipanema – Antônio Carlos Jobim / Arr. Damiano Cozzella

CORAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Repertório:

- *Praça da Sé*:
  as margaridas
  as fontes
  os pombos
  o vozerio
  o trânsito
  o carrilhão. Adoniran Barbosa / Arr. Samuel Kerr
  Moteto nº.4 para comunhão – André da Silva Gomes
  (visão geral da praça – o marco zero)
  Praça Clóvis: o ato público. Paulo Vanzolini / Arr. Samuel Kerr
  Alle-Psallite cum- luya (moteto de autor anônimo do séc. XIII)

- *22 / Oswald & Lamartine*
  Senhor Feudal – Oswald de Andrade
  Brinquedo - Oswald de Andrade
  História da Pátria - Oswald de Andrade
  História do Brasil – Lamartine Babo / Arr. Damiano Cozzella
  Vício na fala - Oswald de Andrade
  Medo da senhora - Oswald de Andrade
  Linda Morena – Lamartine Babo / Arr. Sérgio Vasconcelos Corrêa
  Relicário – Oswald de Andrade
  Brasil - Oswald de Andrade
  O Capoeira - Oswald de Andrade
  O teu cabelo não nega – Lamartine Babo / Arr. Samuel Kerr

O Coral a UNESP apresentou-se no 2º. ENCORU no dia 09 de julho de 1982 às 20:00h reprisando o espetáculo *Praça da Sé* e apresentando um espetáculo interativo intitulado *22 Oswald e Lamartine*, em homenagem aos 60 anos da Semana de Arte Moderna (1922), parafraseada na poesia de Oswald de Andrade, e aos 50 anos da marchinha de carnaval "O teu cabelo não nega" (1932), de Lamartine Babo. Contou com os seguintes corais e regentes participantes:

QUADRO 6: Corais e Regentes Participantes do 2º. ENCORU

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Jaboticabal	José Luiz das Silva
Coral do Campus de Botucatu	Celso Franchini
Coral da Reitoria	Gisele Corrêa da Cruz e Rosemari Sanmartin
Classes de Técnica Vocal e Expressão Vocal do Instituto de Artes do Planalto - São Paulo	Samuel Kerr

A linguagem inovadora de Samuel Kerr projetou o Coral da UNESP como um modelo das novas tendências da música coral no Brasil, no que tange especialmente à memória musical das comunidades. O apelo à linguagem teatral e o cuidado do maestro Samuel Kerr em não interferir na cena foram características que distanciaram o Coral da UNESP da linguagem tradicional apresentada pelos demais corais participantes do evento. Como pode ser verificado nas entrevistas dos regentes bolsistas, o auge do espetáculo deu-se quando Samuel Kerr liberou os coralistas da marcação técnica do gesto, num questionamento contínuo do gesto que seria mais coerente e aplicável à música brasileira e ao trabalho com corais amadores. Exemplo dessa repercussão foi o trabalho intitulado "Elaborasom" (ANEXO 9b), realizado por Kerr em setembro de 1982, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo, RS, como resultado dos contatos estabelecidos por ocasião do 2º.ENCORU.



Figura 9: Coral da UNESP no 2º.ENCORU – Curitiba, 1982
Regência: Samuel Kerr e Gisele Corrêa da Cruz

1.4. XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão

> *Com rara beleza o Coral apresenta o pitoresco, o folclórico, o triste, a frieza, o burburinho das águas da fonte, o incessante movimento de pessoas diariamente e como não podia deixar de ser o progresso, representado pelo Metrô (...). Um espetáculo diferente, inédito e inesperado que o público aplaudiu de pé. No final da representação comentários elogiosos (...). Em Campos do Jordão, uma grata surpresa.*
>
> (UNESP, Informativo, 1983)

O XIV Festival de Campos do Jordão, realizado em 1983, envolveu duas Secretarias do Estado de São Paulo: Cultura e Educação, com objetivo de colocar o Festival a serviço do aprimoramento da formação dos professores de Educação Artística da rede escolar de ensino e ampliar seu âmbito, antes limitado à música, abrangendo todas as categorias artísticas. Como narra TONI:

> Através de cursos que visam o seu aperfeiçoamento, o educador, proveniente das mais diversas regiões do Estado, poderá entrar em contato com novas técnicas, novos métodos, novas linguagens. Nesse momento, portanto, o Festival passa a ser efetivamente uma experiência multiplicadora e de base, não mais periférica. Assim, 400 profissionais passarão por uma experiência pioneira no País, que pretende não só oferecer uma atividade de extensão ao professor, mas, principalmente, atingir, diretamente o aluno, aquele que pode e deve ser sensibilizado para as atividades culturais e artísticas" (TONI, 1983, p.6-7).

Os trabalhos foram centralizados na figura de Ana Mae Barbosa, grande divulgadora dos ideais da Arte-Educação no Brasil. No entanto, a iniciativa de levar para o Festival 400 professores da rede escolar de todo o Estado foi atacada veementemente pela crítica musical, pretensos mantenedores da tradição musical de São Paulo. Kerr comenta que o vanguardismo da iniciativa foi rejeitado e esquecido logo depois, assim como o concerto de abertura "sem casacas, Beethovens e alta sociedade" (KERR, 2001. ANEXO1).



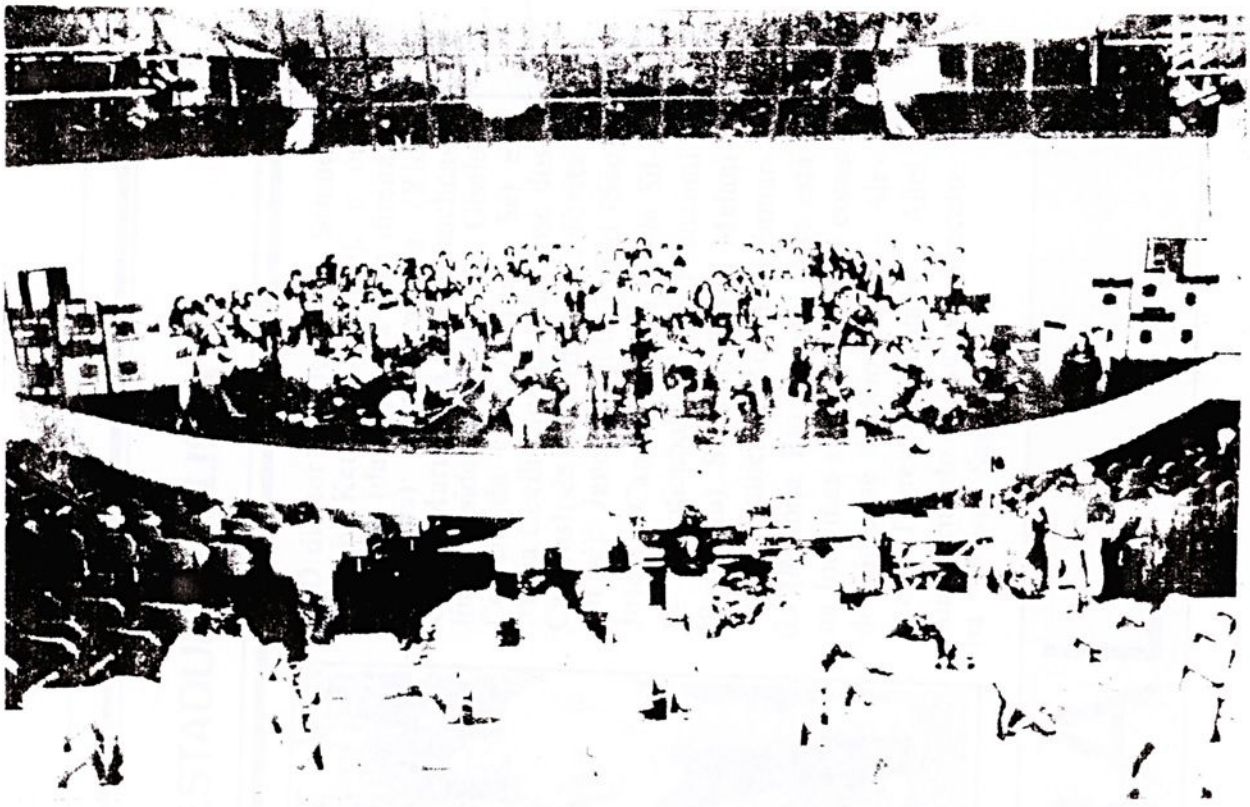


Figura 10: Participação do Coral da UNESP no XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão (1983)

O trabalho de integração das linguagens artísticas (*) desenvolvido pelo Coral da UNESP despontou como modelo no Festival. Na ocasião foi apresentada a reprise dos espetáculos: *Lavrador*, realização do Coral Cororoco de Jaboticabal e *Praça da Sé*, que contaram com os seguintes corais e regentes participantes:

QUADRO 7: Participantes do XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão

Corais Participantes (UNESP)	Regentes Participantes
Coral do campus de Araraquara	Abel Luiz Bernardo da Rocha
Coral do campus de Botucatu	Celso Franchini
Coral do campus de Rio Claro	Ruth Yazawa
Coral do campus de Jaboticabal	José Luiz das Silva
Coral do campus de São José dos Campos	Janete Kyioko Fuji Maria Cecília Soares
Coral da Reitoria	Gisele Corrêa da Cruz e Rosemari Sanmartin
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto	Samuel Kerr

(*) Procedimentos Corais: Samuel Kerr; Procedimentos Verbais: Dirce Ceribeli; Procedimentos Cênicos: Reynúncio Napoleão de Lima; Procedimentos Plásticos: Alcindo Moreira Filho; Participações Especiais: Conjunto Tropeço de Zarabatana; Classe de Percussão do Instituto de Artes do Planalto

O boletim Informativo UNESP, de 1983, relata, na ocasião, a participação de 240 coralistas.

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA



Foto: Fernando Rodrigues da Silva

O diretor artístico, prof. Samuel Morais Kerr (o barbudo), e os regentes (da esquerda para direita, sentados): Ruth Yazawa (Rio Claro), Maria Elisa Poretti Paschoalini (Presidente Prudente). Gisele Correia da Cruz (Reitoria Sé) e Maria Cecília Soares (São José dos Campos); da esquerda para a direita em pé): Janete Kiyoto Fujiki (São José dos Campos), José Luis da Silva (Jaboticabal), Celso Franchini (Botucatu). Samuel, Roseli Melani Neves (Franca) e Rosemari Samartin (Reitoria Rio Branco). Não está na foto mas são regentes dos coros de São José do Rio Preto – Alexandre Torres; Araraquara – Abel Luis Bernardo da Rocha e Araçatuba – Misue Sawada.

CORAL

1.5. Balaio de Gatos

A cidade de Presidente Prudente se notabilizou pelo intenso movimento de canto coral com formações tradicionais famosas como o Coral Santo Ignácio de Loyola e o Coral Villa-Lobos, sendo que este último ganhou o título de "Melhor Coro do Estado de São Paulo" na década de 80, regido por Marcos Júlio Sergl. Em 1983, sob a regência de Maria Elisa Peretti Pasqualini, aluna bolsista do Instituto de Artes do Planalto, foi constituído o Coral do IPEA - Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais, UNESP, congregando elementos do corpo docente, discente e administrativo.

No repertório desenvolvido no ano de fundação, o Coral do IPEA focalizou traços da memória musical da comunidade prudentina resgatando, por exemplo, versos e músicas de José Ouriques de Freitas, como "Versos da Semana" e "Prudente, Vida de Lavrador", o "Hino a Presidente Prudente", de César Cava, além do compositor Heraldo Faria, aclamado compositor do II Festival da Canção Universitária de Presidente Prudente pelo "Samba da Felicidade", amplamente utilizado nos Encontros regionais da UNESP.

> O coro de Prudente fazia muito esse trabalho de resgatar a história da comunidade. A gente se apresentava para uma população muito pobre, uma população carente, de comunidades dos bairros, que não tinham acesso aos espetáculos do teatro municipal, que ficava no centro da cidade. Então o grupo se deslocava e fazíamos muitas apresentações, chegamos a fazer quinze, num mês, pra poder percorrer todas as comunidades de bairro. Dessas comunidades pobres e carentes que adoravam coro, recebemos gente que não era do Instituto (IPEA) pra cantar, porque viram a gente numa apresentação destas e queriam fazer um trabalho semelhante" (PASQUALINI, 2003, ANEXO 2e).

O Coral do IPEA rapidamente recebeu reconhecimento pelo trabalho desenvolvido. Segue ofício enviado a Maria Elisa Peretti Pasqualini pelo então Vice-Reitor da UNESP.

Senhora regente:

Pelo presente venho cumprimentá-la pelo brilhante desempenho do Grupo Coral do Campus de Presidente Prudente no "Programa Comemorativo dos 60 anos de Fundação da Escola de Farmácia e Odontologia de Araraquara" realizado no Teatro Municipal daquela cidade no dia 27 do corrente.

Na qualidade de antigo professor e de Diretor daquela tradicional casa de ensino, confesso que fiquei profundamente comovido com o que lá assisti. Sinto-me muito feliz e orgulhoso por pertencer à UNESP.

Peço-lhe transmitir a todos os integrantes do Coral que Vossa Senhoria tão eficientemente regente meus sinceros parabéns.

Saudações Universitárias.

Raphael Lia Rolfsen
Ofício 32 / 83 – Gabinete do Vice-Reitor
São Paulo, 31 de agosto de 1983



O Coral do IPEA sempre participou ativamente dos encontros do Coral da UNESP, das propostas e temáticas desenvolvidas pelo maestro Samuel Kerr. Aos poucos, mais precisamente a partir de 1986, o grupo passou a desenvolver uma linha de trabalho inédita na cidade e na região: o coral cênico.

> Optei por um canto coral engajado numa realidade brasileira. Optei por um trabalho vocal que pudesse se manifestar dançando, interpretando, fazendo solos e fazendo fundo também. Optei por pesquisar temas, apresentá-los ao grupo, discuti-los com eles e articular apresentações comprometidas com as idéias e que envolvessem não só os participantes, mas também o público (PASQUALINI, 1992). Foi com o Samuel que eu vi isso pela primeira vez, eu era criança. As pessoas diziam que ele era louco, e aquilo ficou na minha cabeça - o *Cantum Nobile* (PASQUALINI, 2003, ANEXO 2e).

Nesta época, o grupo era formado em sua maioria por alunos, desenvolvendo espetáculos individualmente. Em 1988, sempre nesta perspectiva, o Coral do IPEA passou a ser chamado "Balaio de Gatos". Ainda em 1986, o grupo montou o espetáculo *Cheiro de Terra*, desenvolvendo o tema "Ecologia" quando falava das relações homem-homem e homem-natureza. (ANEXO 9d)



Figura 11: Cartaz do espetáculo *Cheiro de Terra* - Coral IPEA / Autor: Murilo de Oliveira Barros

QUADRO 8: Programa do espetáculo *Cheiro de Terra* / Coral IPEA de Presidente Prudente

CHEIRO DE TERRA (1986 / 87) – PROGRAMA
Madrugada na Mata - Texto de Luiz Jardim
Meu chapéu de Palha - Folclore goiano / Arr. João Wilson Faustini
Vida Marvada - Lúcio Mendonça Azevedo e Almirante / Arr. Maria Elisa P. Pasqualini
Meu nome é Terra - Texto de José Luiz Secarin
Você vai gostar - Elpídeo Santos / Arr. Maria Elisa Peretti Pasqualini
Texto no. 2 - Texto de Elília A. A. Sauro sobre Exercício no. 1 de Cássio Mendes Antas
O Plantador - Hilton Acioli e Geraldo Vandré / Arr. Maria Elisa Peretti Pasqualini
Operário em Construção - Texto de Vinícius de Morais
Cálice - Gilberto Gil e Chico Buarque / Arr. Magro / MPB4
Tem gente com fome - Texto de Solano Trindade
Balalaica - s/ texto de Y. Maikóvsky / Música de Maria Elisa Peretti Pasqualini
Haja Paz na Terra - Texto de Carlos Alberto Araújo
Marcha da Baleia - Péricles Cavalcanti / Arr. Samuel Kerr
Let us break bread together - Spiritual americano
Homem do Campo - Alexandre Cuerim Parisotto
Vila Socó Meu Amor - Gilberto Mendes
Sal da Terra - Beto Guedes / Arr. Maria Elisa Peretti Pasqualini
Cuitelinho – Adap. do foclore recolhido por Paulo Vansolim / Arr. José Luiz da Silva
Ación com Todos - Cezar Isella e A. Tejada Gomes / Arr. Maria Elisa P. Pasqualini
Crepúsculo Sertanejo - Texto de Cecília Meireles
Canto do Povo de um lugar - Caetano Veloso / Arr. Maria Elisa P. Pasqualini
Aquarela do Brasil / Maria, Maria - Ary Barroso / Milton Nascimento / Arr. Murilo de Oliveira Barros e Maria Elisa Peretti Pasqualini
Nicinha - Caetano Veloso

Em 1987, enquanto o espetáculo *Cheiro de Terra* viajava pelos campi da UNESP e pelas cidades de Marília, Paraguaçu Paulista, Bauru, Sorocaba, Bandeirantes-PR, Uberlândia-MG, o grupo montava novo espetáculo: *O Circo*, uma volta à infância e uma mostra da vida num circo e do circo da vida. (ANEXO 9d)

> Ao escolhermos o tema "O Circo" para nossa montagem de 1987, trouxemos para dentro do coro a união, as responsabilidades, a disciplina, a seriedade e a magia de uma verdadeira *troupe*.
> Revivemos o sonho que a criança dentro de cada um de nós ainda guarda do espetáculo aéreo dos bailarinos do ar, do mágico ilusionista, do medo do leão e do Globo da Morte, de ter pena do elefante, de morrer de rir do palhaço, e de ter a doce sensação de que nós mesmos poderíamos ser tudo aquilo também. Quisemos falar dessa arte maravilhosa que existe, persiste, e sobrevive da garra desses artistas populares, dessa grande família: as companhias circenses. Quisemos falar do circense como profissional; do homem enquanto mágico, do homem enquanto palhaço em sua vida; do Circo como vida e da vida dentro do circo; do espetáculo de seres com 'estranhos poderes' de se dobrar até caber numa caixinha; de enfrentar feras; desafiar a morte; amestrar pulgas ou pintar paisagens em cabeça de alfinetes. Quisemos falar de milagres. Quisemos assumir nossas fantasias.
>
> Maria Elisa Peretti Pasqualini
> (Prospecto de Concerto, *O Circo* - 1987)

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Figura 12: Cartaz do espetáculo *O Circo* – Coral IPEA / Autor: Murilo de Oliveira Barros

QUADRO 9: Programa do espetáculo *O Circo* / Coral IPEA de Presidente Prudente

O CIRCO (1987 / 88) – PROGRAMA
Viagem Encantada (Eduardo Athaide e Alberto Ribeiro) / Arr. Maria E.P.Pasqualini
Circo na Cidade (Milly Pasqualini)
Texto: Quando eu ficar grandão (Murilo de O. Barros)
O Circo vem aí /Arr. Marisa Fonterrada
O Circo (Sidney Miller) / Arr. Maria E.P.Pasqualini
Dois Corações – Dobrado
Abertura do Circo (Chico Buarque e Edu Lobo)
Passo do Elefantinho (Henri Mancini) / Roberto Anzai
Segura o Tigre (Haroldo Lobo e Milton de Oliveira) / Arr. Maria E.P.Pasqualini
O Macaquinho de Pilha (Toquinho/Mutinho) / Arr. Maria E.P.Pasqualini
Paiaço de Circo (M.Bezerra) / Arr. Maria E.P.Pasqualini
O Bêbado e a Equilibrista (João Bosco e Aldir Blanc)
Circo de Marionetes (Kleiton e Kledir) / Arr. Maria E.P.Pasqualini
Instrumental: Luzes da Ribalta (Charles Chaplin)
Os Super-heróis (Toquinho/ Mutinho) / Arr. Maria E.P.Pasqualini
Instrumental: Palhaço (Egberto Gismonte)
O Circo (Oscar da Penha) / Arr. Samuel Kerr
Meu Amor me Abandonou (Marcos Leite)
Bonanza / Arr. Roberto Anzai
Ciranda da Bailarina (Chico Buarque e Edu Lobo) / João José Félix Pereira
Texto: Palco (Nilson C.Ferreira)
Viver (Renato Teixeira)



Figura 13: Coral do IPEA – Espetáculo *O Circo*

Em 1988, por ocasião do "Centenário da Abolição", foi montado o espetáculo *Negro, Negro* (em cartaz até maio de 1989). O espetáculo questionava aspectos da abolição da escravatura indagando sua real existência e acentuando os preconceitos dos quais todos somos vítimas (ANEXO 9f).

QUADRO 10: Programa do espetáculo *Negro, Negro* / Coral IPEA de Presidente Prudente

NEGRO, NEGRO (1988 / 89) – PROGRAMA
Abertura e Tema – Milly Pasqualini e Murilo de Oliveira Barros Humbiumbi Yangue – Folclore Angolano / Arr. A. T. Sanches Come down, angels – Spititual Let us break – Spiritual A de ó – Milton Nascimento e Pedro Casaldáglia / Arr. Júlio César Giúdice Zumbi – Pedro Boi e Braúna / Arr. Milly Pressentimento (texto) – Paulo Colina Negro – Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli / Arr. Milly Velho Francisco – Chico Buarque de Hollanda / Arr, Milly Gente – Caetano Veloso / Arr. Hermelino / Ricardo / Gisele / João Maurício / Milly

Em 1989, o espetáculo em cartaz intitulado *Da Revolução à República* enfocava a Revolução Francesa, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, seus antecedentes e conseqüências, bem como paralelos com os movimentos da República, Nova República e as eleições presidenciais de 1989. Encerrava a apresentação com um samba composto especialmente para o grupo, cantando: "Revolução pode ser uma eleição" (ANEXO 9g).

QUADRO 11: Programa do espetáculo *Da Revolução à República* / Coral IPEA

DA REVOLUÇÃO À REPÚBLICA (1989 / 90) – PROGRAMA
Entreato – Milly P. Pasqualini Allemande – Michel Corrette Menuet – Michel Corrette Marche – Fernando Sor Chant de guerre pour l'armée du rhin – Rouget de Lisle Der fruhling hat sich eingestellt – J. F. Reichert (1752-1814) Herança – Texto – Raul Bopp Fado do Reino Unido – Murilo de Oliveira Barros e Milly P. Pasqualini O Relógio – Oswald de Andrade / Adap. Milly Os Inconfidentes – Cecília Meireles e Chico Buarque Tiradentes – Francisco de Assis e Ary Toledo Canudos – Criação – Murilo de Oliveira Barros Samba da Primeira República – Murilo e Milly Alegria – Vicente Longo e Waldemar Camargo / Arr. Milly Leilão do Brasil (Quem dá mais?) Noel Rosa / Adap. Milly Chorinho da Nova República – Murilo e Milly Presidente bossa nova – Juca Chaves / Arr. Murilo e Milly Samba da Revolução – Nilson C. Ferreira





Figura 14: Coral do IPEA – Espetáculo *Da Revolução à República*

O Espetáculo *Coral ao pé do Rádio* (1990/91) retratou a programação de uma rádio interiorana numa retrospectiva da histórica com um aproveitamento bem humorado do programa "Ao pé do Rádio", do ex-presidente Sarney, e exigiu uma cuidadosa pesquisa da "Era do Rádio no Brasil". Nele, foram apresentados *jingles* e músicas novas e antigas que marcaram época, com muita sátira e humor (ANEXO 9h).



Figura 15: Cartaz do espetáculo *Coral ao pé do Rádio* – Coral IPEA / Autor: Murilo de Oliveira Barros

QUADRO 12: Programa do espetáculo *Coral ao pé do Rádio* / Coral IPEA

CORAL AO PÉ DO RÁDIO (1990 / 91) – PROGRAMA
Sentimental Journey – Bud Green / L. Brown / B. Homer
O Bife – Sátira Infantil – Carlos Alberto Pinto Fonseca
Ponta de Areia – Milton Nascimento / Fernando Brant / Arr. Cláudio Goldmann
Toada – Zé Renato / Cláudio Nucci / Juca Filho / Arr. Alexandre Zilahi
Ave Maria – José Tescari
Vira virou – Kleiton e Kledir / Arr. José Pedro Boéssio
Samba do Arnesto – Adoniram Barbosa / Arr. Alexandre Zilahi
The long and winding road – John Lennon & Paulo MacCartney / Arr. Frank Metis
Samba da Felicidade – Heraldo Faria e Eliseu Xavier / Arr. Gisele Cruz
Pinga com limão – Alvarenga e Ranchinho / Arr. Milly P. Pasqualini
Leãozinho – Caetano Veloso – Arr. Painel FUNARTE de Regentes Corais



Figura 16: Coral do IPEA – Espetáculo *Coral ao Pé do Rádio*
ao centro a regente Maria Elisa (Milly) Peretti Pasqualini



Figura 17: Aspecto da platéia no Espetáculo *Coral ao Pé do Rádio* – Coral do IPEA

Em 1992, o Balaio de Gatos tinha uma proposta de montar um espetáculo voltado para as manifestações da vida no interior, ao modo de vida do caipira, do caboclo, do sertanejo, numa busca do autêntico: *Caipira Sim, e porque não?* Seria uma retomada do primeiro espetáculo, *Cheiro de Terra* (II), mas foi interrompido pelo exposto no Capítulo II.

Além dos espetáculos cênicos, o Balaio de Gatos, de Presidente Prudente, participou ativamente de encontros e festivais testemunhando um período de aproximadamente dez anos de intensa atividade musical a cargo da regente Maria Elisa (Milly) Peretti Pasqualini.



Figura 18: "Milly" Pasqualini

2.2. Encontros regionais

Além dos Encontros do Coral da UNESP que reuniam todas as Unidades, surgiu, por iniciativa de alguns regentes, a organização de Encontros Regionais (ou Distritais), com o objetivo de promover maior integração entre os grupos corais da UNESP, considerada a proximidade geográfica entre os *campi*. A liderança na organização dos

Encontros Regionais deu-se, primeiramente, por Alexandre Amaral Tôrres Sanches e, em seguida, por Maria Elisa Peretti Pasqualini. Os Encontros Regionais diferiram dos grandes Encontros, assumindo um aspecto concertante (ou tradicional) em vez de espetáculo. Cada coro executava uma obra musical e, "em apoteose", obras em conjunto, muitas vezes com a participação especial da Camerata de Araçatuba (ANEXO 6). Dentre as obras conjuntas executadas nos Encontros Regionais de Corais da UNESP, podemos destacar o "Samba da Felicidade", de Heraldo Faria, execução que partiu primeiramente do Coral IPEA de Presidente Prudente e disseminou-se pelas Unidades com o arranjo de Gisele Corrêa da Cruz feito para a Reitoria; "A de Ó" (Estamos Chegando), de Milton Nascimento, Pedro Casaldaglia e Pedro Tierra / Arr. Júlio César Giudice Maluf; "Grito Negro", de Edson Crepaldi e Altino Bessa Marques Filho / Arr.Roberto Anzai e Samuel Kerr (obras executadas nos grandes Encontros e introduzidas nos Encontros Regionais de modo a criar um repertório comum entre os grupos); "Humbiumbi Yangue" (Folclore Angolano) / Arr. Alexandre Amaral Torres Sanches, que dá margem a um uníssono coral na segunda parte, escrita para coro duplo; e "Novo Tempo", de Ivan Lins / Arr. Milly Pasqualini e adaptação para quarteto de cordas de Alexandre Amaral Torres Sanches (ANEXO 7).

O regente Alexandre Amaral Torres Sanches organizou 3 Encontros Regionais em Araçatuba (1988, 1991, 1993); 3 Encontros Regionais em Ilha Solteira (1987, 1989, 1991); e também foi co-organizador dos últimos dois Encontros Regionais, em São José do Rio Preto (1992 e 1993), remanescentes da 1ª. Fase do Coral da UNESP, juntamente à Gisela Gusmão e Miguel Ângelo Laprano (ANEXO 6).

O I Encontro Regional de Corais da UNESP, realizado na cidade de Araçatuba, em 1988, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 13: Corais e Regentes Participantes do I Encontro Regional / Araçatuba

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Ilha Solteira ("Coralisa")	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral da FARME de S.J.Rio Preto (convidado)	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Roberto Anzai

O II Encontro Regional de Corais da UNESP, realizado na cidade de Araçatuba, em 1991, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 14: Corais e Regentes Participantes do II Encontro Regional / Araçatuba

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Botucatu	Irandi Fenando Daroz
Coral do Campus de Ilha Solteira ("Coralisa")	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Marília	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches (*)
Madrigal "Paralelus"(convidado)	Mizue Sawada Otsuka

Obs. A apresentação contou com a participação especial da Camerata de Araçatuba sob regência de Alexandre Amaral Torres Sanches e da solista Fernanda Salla Barrios (IA)
(*) Substituindo Gisela Gusmão

O III Encontro Regional de Corais da UNESP, realizado na cidade de Araçatuba, em 1993, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 15: Corais e Regentes Participantes do III Encontro Regional / Araçatuba

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Bauru	Irene Pinheiro Chagas de Campos
Coral ITE de Araçatuba (convidado)	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral Yuba de Mirandópolis (convidado)	Fujico Yuba

Obs. A apresentação contou com a participação especial da Camerata de Araçatuba sob regência de Alexandre Amaral Torres Sanches.

O I Encontro Regional de Corais da UNESP, realizado na cidade de Ilha Solteira, em 1987, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 16: Corais e Regentes Participantes do I Encontro Regional /Ilha Solteira

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Ilha Solteira	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Roberto Sussumo Anzai

Obs. Programa não disponível

O II Encontro Regional de Corais da UNESP, realizado na cidade de Ilha Solteira, em 1989, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 17: Corais e Regentes Participantes do II Encontro Regional / Ilha Solteira

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Assis	Fábio Ramazzina
Coral do Campus de Bauru	Irene Pinheiro Chagas de Campos
Coral do Campus de Botucatu	Josely de Moraes Antonio
Coral do Campus de Ilha Solteira ("Coralisa")	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral Infantil do IEA-IS / Instituto de Ensino Artístico de Ilha Solteira	Alexandre Amaral Torres Sanches

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Figura 19: II Encontro Regional dos Corais da UNESP – Ilha Solteira
Realização conjunta ao 15°. Festival MPB de Ilha Solteira

O III Encontro Regional de Corais da UNESP, realizado na cidade de Ilha Solteira, em 1991, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 18: Corais e Regentes Participantes do III Encontro Regional / Ilha Solteira

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Bauru	Irene Pinheiro Chagas de Campos
Coral do Campus de Botucatu	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral da Reitoria	Edílson Vicente de Lima

Obs. A apresentação contou com a participação especial da Camerata de Araçatuba sob regência de Alexandre Amaral Torres Sanches e da solista Fernanda Salla Barrios (IA).

A regente Milly Pasqualini organizou três Encontros Regionais (Distritais): Assis (1988), Presidente Prudente (1989) e Marília (1991). O programa referente ao I Encontro Distrital de Corais da UNESP não foi localizado.

O II Encontro Distrital de Corais da UNESP, realizado na cidade de Presidente Prudente, em 1989, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 19: Corais e Regentes Participantes do II Encontro Distrital / Presidente Prudente

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Assis	Fábio Ramazzina
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Ilha Solteira ("Coralisa")	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Marília	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini

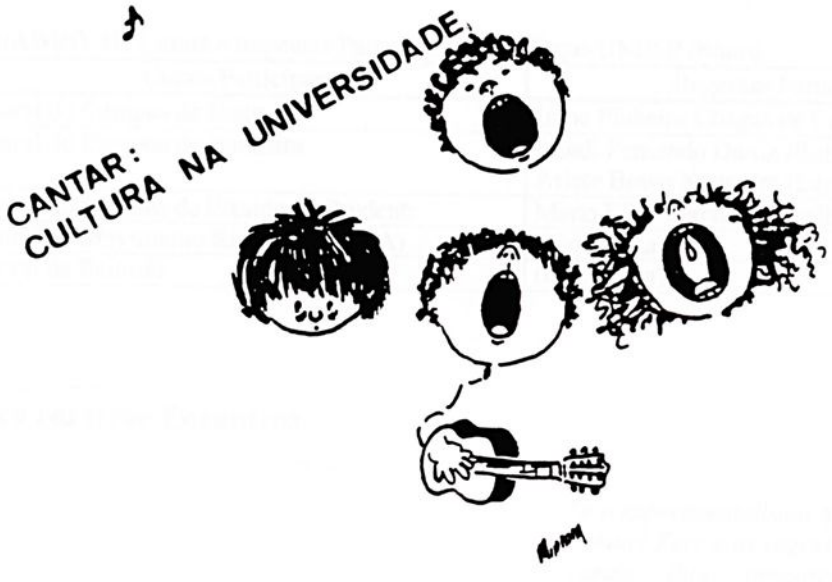


Figura 20. Slogan / Programa do II Encontro Distrital de Corais da UNESP / Autor: Murilo de Oliveira Barros

O III Encontro Distrital de Corais da UNESP, realizado na cidade de Marília, em 1991, contou com a participação dos seguintes corais:

QUADRO 20: Corais e Regentes Participantes do III Encontro Distrital / Marília

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Bauru	Irene Pinheiro Chagas de Campos
Coral do Campus de Botucatu	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Ilha Solteira ("Coralisa")	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Marília	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini

A I Expo-UNESP, realizada na cidade de Bauru de 13 a 16 de setembro de 1990, reuniu os grupos corais dos *campi* de Bauru, São Paulo, Botucatu e Presidente Prudente (260 vozes). Contou com a participação do grupo de dança UNESP-Bauru, sob coordenação da Profa. Ana Flora Zanibalto Zonta, num espetáculo interativo com o Coral FAAC interpretando trechos da obra *Carmina Burana*, de Carl Orff.

QUADRO 21: Corais e Regentes Participantes do I Expo-UNESP /Bauru

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Bauru	Irene Pinheiro Chagas de Campos
Coral do Campus de Botucatu	Irandi Fernando Daroz (Rubião Jr) Arlete Bravo Nogueira (Lageado)
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Movimento Ritmo e Som (IA)	(não consta)
Coral da Reitoria	(não consta)

2.3. Música em treze Encontros

> *Se o experimentalismo que o diretor artítico Samuel Kerr e os regentes desenvolvem nos corais lhes proporcionam realização profissional, os participantes dos coros também extraem desse movimento seu quinhão de satisfação pessoal.*
>
> (Informativo UNESP)

Enumeramos a seguir os Encontros do Coral da UNESP realizados no período de 1978-1992, destacando o programa desenvolvido, grupos e regentes participantes e comentário.

unesp

Coral da
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"
(UNESP)

DIA: 30 DE SETEMBRO - 20 HORAS

LOCAL: Filarmônica Rioclarense
(RUA CINCO N.º 914)

FORMADO POR UNIVERSITÁRIOS DO:

INSTITUTO DE ARTES DO PLANALTO
(São Bernardo do Campo)

INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS
(São José do Rio Preto)

INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS (Rio Claro)

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS (Rio Claro)

COORDENAÇÃO: Professor Samuel Kerr
(de São Bernardo do Campo)

FINALIDADE: Comemoração do 20.º Aniversário de Instalação do "CAMPUS" Universitário de Rio Claro

ENTRADA FRANCA

Figura 21: Cartaz do I Encontro do Coral da UNESP – Rio Claro, 1978

2.3.1. I Encontro do Coral da UNESP (1978)

Local: Rio Claro (Salão da Sociedade Filarmônica Rioclarense)
Data: 30 de setembro de 1978

QUADRO 22: Corais e Regentes Participantes do I Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Rio Claro	Vitor Gabriel de Araújo
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral e Percussão do Instituto de Artes do Planalto - campus de São Bernardo do Campo	Samuel Kerr

Narração: Reynúncio Napoleão de Lima

Repertório:
- Anônimo do século XIV - "Sumer is icumen in"
  Coral do Campus de São Bernardo do Campo
  Regência: Samuel Kerr
- Philbert de Lavigne - "Tambourin" – (para flauta e baixo contínuo)
  Flauta: Rogério Zerlotti Wolf
  Piano: Ana Cristina Guido
  Fagote: Mauro Botelho
- Mendelssohn - "Romança sem palavras" op. 102 n.4
  Piano: Ana Cristina Guido
- Anônimo do século XIII – "Veni, veni, Emmanuel"
  Anton Dvorak – "Up sprang a birch tree"
  Coral do Campus de São José do Rio Preto
  Regência: Alexandre Torres Sanches
- Alessandro Scarlatti – "Sonata"
  Piano: Sonia Naomi Ito
- Clement Janequin – "Ce son galans"
  Negro Spiritual – "Down in dixie"
  Coral do Campus de Rio Claro
  Regente: Vitor Gabriel de Araújo
- Charles Camilieri – "Canto Hipnótico"
  Alunos de Percussão do Campus de São Bernardo do Campo
- Claudio Monteverdi – "3 sinfonias"
  Conjunto de Metais da Orquestra Jovem Municipal de São Paulo
- Anônimo do século XIII – "Alle-Psalite cum-luya"
  Henrique de Curitiba – "Fecha os olhos meu bem"
  Nilson Lombardi – "Teresa" (texto de Manuel Bandeira) – 1ª. Audição
  Conrado Silva– "Das Capitanias Hereditárias" (micro-ópera para coro e narrador) – 1ª. Audição

Observa-se no Programa do I Encontro do Coral da UNESP um aspecto concertante incluindo obras tradicionais do repertório coral universal intercaladas a execuções instrumentais realizadas pelos alunos do Instituto de Artes do Planalto. Deve-se observar, no entanto, que na última seção, a qual diz respeito à participação do Coral da UNESP, o repertório foi constituído por obras de compositores nacionais, das quais "Teresa", de Nilson Lombardi (texto de Manuel Bandeira), e "Capitanias Hereditárias" (micro-ópera para coro e narrador), de Conrado Silva, foram executadas em primeira audição. Este aspecto fica destacado no planejamento inicial esboçado por Samuel Kerr em 1978, a

propósito de estabelecer um Regimento para o Coral da UNESP. O texto diz o seguinte: "A fim de que o repertório seja caracterizado pela atualidade, impõe-se que a UNESP possa encomendar obras especialmente escritas para o seu Coral" (KERR, 1978. ANEXO 15a).



Figura 22: Coral da UNESP – 1978



Figura 23: Aspecto da platéia no I Encontro do Coral da UNESP – 1978 / O ator Reynúncio de Lima ao centro.

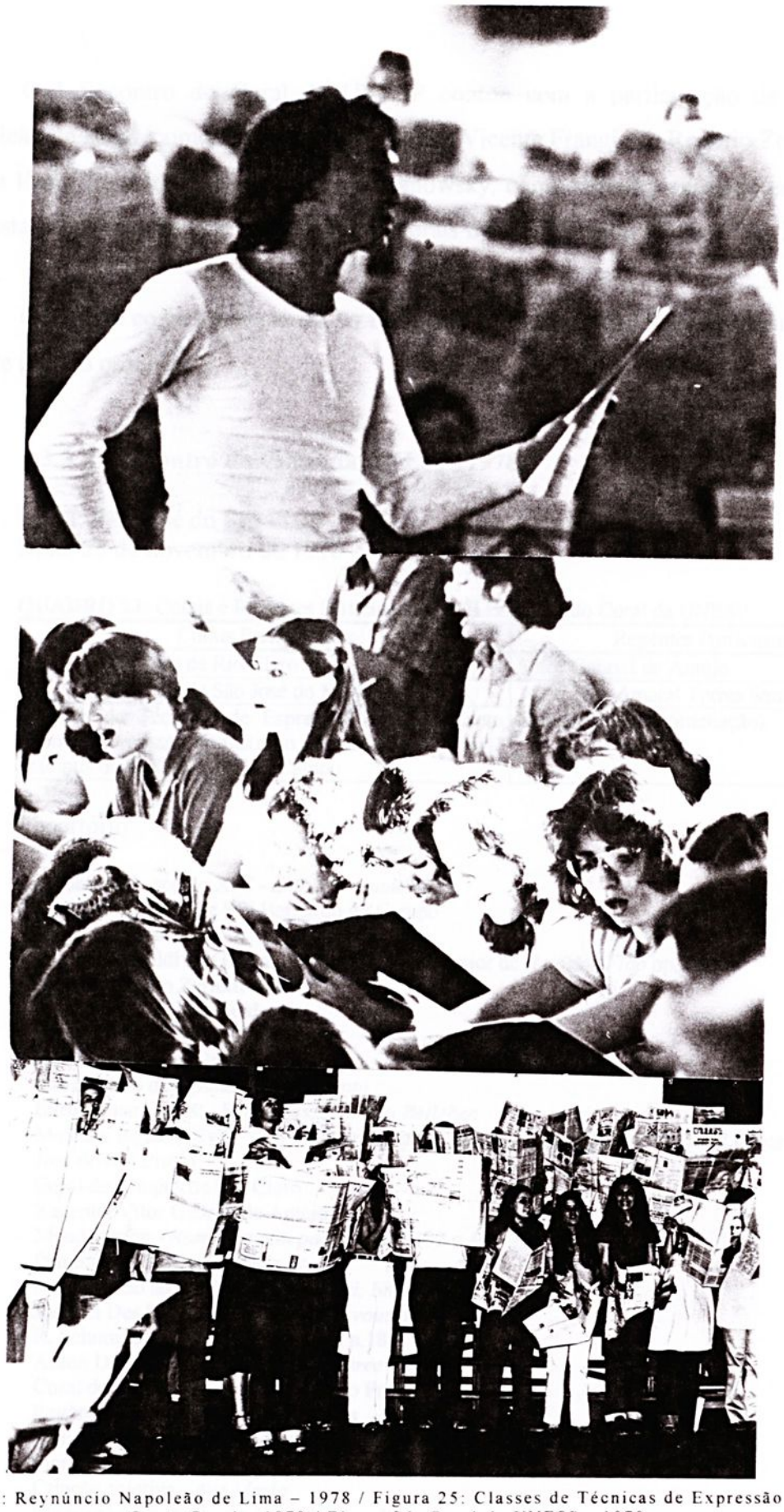


Figura 24: Reynúncio Napoleão de Lima – 1978 / Figura 25: Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral – 1978 / Figura 26: Coral da UNESP - 1978

O I Encontro do Coral da UNESP contou com a participação de Reynúncio Napoleão de Lima, como narrador, e dos alunos Vicente Frangiotti, Rogério Zerlotti Wolf, Sheila Hafez, Esmeralda Bom Tempo Ruzanowsky, como regentes ensaiadores. O quadro 21 destaca a formação dos dois primeiros corais da UNESP: Rio Claro e São José do Rio Preto.

O mesmo comentário caberá ao II Encontro do Coral da UNESP, que reprisou em grande parte o primeiro.

2.3.2. II Encontro do Coral da UNESP (1978)

Local: São José do Rio Preto
Data: 25 de novembro de 1978

QUADRO 23: Corais e Regentes Participantes do II Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Rio Claro	Vitor Gabriel de Araújo
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Classes de Técnicas de Espressão Vocal e Canto Coral e Percussão do Instituto de Artes do Planalto – campus de São Bernardo do Campo	Samuel Kerr (Coordenação)

Repertório:

- Anônimo do século XIV - *Sumer is icumen in*
  Coral do Campus de São Bernardo do Campo
  Regência: Samuel Kerr
- Antonio Vivaldi – "Giga da Sonata III em sol maior de *Il pastor Fido* op. 13
  Flauta: Rogério Zerlotti Wolf
  Piano: Ana Cristina Guido
- Clement Janequin – *Ce son galans*
  Negro Spiritual – *Down in dixie*
  Cancioneiro de Upsala – *Noche Santa*
  Bartolomeu Gesus – *Ein Kind Geborn zu Betlehen*
  Melodia Inglesa: *Away in a manger* – Letra: Tom Zé (participação do Coral do campus de São José do Rio Preto)
  Coral do campus de Rio Claro
  Regente: Vitor Gabriel de Araújo
- Mendelssohn - *Romança sem palavras* op. 102 n.4
  Piano: Ana Cristina Guido
- Anônimo do século XIII – *Veni, veni, Emmanuel*
  Josquin Des Prez – *Mille regretz de vous abandonner*
  R. Schumann – *Der Traum* op. 146 n.18
  Anton Dvorak – *Up sprang a birch tree*
  Coral do Campus de São José do Rio Preto
  Regência: Alexandre Torres Sanches
- G. F. Haendel – *Prelúdio e fuga em dó maior*
  Piano a 4 mãos: Margaret Fazoline e João Paulo Serinolli
- Criação coletiva - *Ave Maria*
  Madrigal do Instituto de Artes do Planalto
  Regência: João Paulo Serinolli

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

- Criação coletiva - "Contrastes"
  Grupo Experimental do Núcleo de Música Nova
  Coordenação: Conrado Silva
  Pauline Oliveros – *Sound Patterns*
- Eric Satie – *La belle excentrique*
  Piano a 4 mãos: Margaret Fazoline e Yoshino Schirota
- Anônimo do século XIII – *Alle-Psalite cum-luya*
  Henrique de Curitiba – "Fecha os olhos meu bem"
  Nilson Lombardi – "Teresa" (texto de Manuel Bandeira)
  Conrado Silva –"Das Capitanias Hereditárias" (micro-ópera para coro e narrador)
  Narrador: Reynúncio de Lima
  Regência: Samuel Kerr

2.3.3. III Encontro do Coral da UNESP (1980)

Local: Jaboticabal
Data: 31 de maio de 1980

QUADRO 24: Corais e Regentes Participantes do III Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Jaboticabal	Cássio Mendes Antas José Luiz da Silva
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral da Reitoria da UNESP	Gisele Correa da Cruz Ruth Yazawa
Classes de Técnicas de Espressão Vocal e Canto Coral e Percussão do Instituto de Artes do Planalto - campus de São Bernardo do Campo	Samuel Kerr

Repertório:

Coral da Reitoria da UNESP
- Gilberto Gagliardi – "Noites de Junho de Antigamente"
- Lamartine Babo – "Chegou a hora da fogueira" – Arr. Samuel Kerr
- Alberto Ribeiro – "Sonho de papel" – Arr. Samuel Kerr
- Ariowaldo Pires – "Tarratatchim"
- Criação coletiva – "A Praça da Sé"
  Narração: Reynúncio Napoleão de Lima
  Montagem dos Textos: Dirce Ceribeli

Coral do Campus de Jaboticabal
- Anônimo do século XIII – *Alle-psallite cum-luya*
- Eduwiges Valério – "A Rapaziada de Jaboticabal"
- Osvaldo Lacerda – "Cateretê" (Pequena suíte coral)
- Luiz Gonzaga – "Asa Branca" e "Ave Maria Sertaneja" – Arr. Zé Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas
- Claudir e Bartemarchi – "Alinhados" - Arr. Zé Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas
- Criação coletiva – "Memória musical de Jaboticabal"

Coral do campus de São José do Rio Preto
- Castelnuevo Tedesco e Garcia Lorca – "Romancero Gitano" (Baladilla de los três rios, La Guitarra, El puñal, Procession, Memento, Baile e Crótalo)
  Violão: Everton Gloeden
- Tom Jobim e Chico Buarque – "Sabiá"
- Chico Buarque – "Januária" – Arr. Rafael dos Santos
- João Donato – "A rã" – Arr. Rafael dos Santos
- Dorival Caymmi – "Suíte dos Pescadores" – Arr. D. Cozzella
- Villa-Lobos – "Rosa Amarela"

O III Encontro de Corais da UNESP traz uma inovação quando comparado aos dois anteriores contemplando o trabalho de pesquisa da paisagem sonora e a memória musical das comunidades de São Paulo e Jaboticabal. O primeiro módulo ainda traz indícios do repertório de resgate da memória do Coral da Reitoria sobre as festas juninas dilatado na criação coletiva sobre a Praça da Sé. O segundo módulo contempla o compositor local e marca os resultados do laboratório experimental desenvolvido por Samuel Kerr junto aos alunos José Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas, já tratado anteriormente. Observa-se que a obra *Alle-psallite cum-luya* estabelece uma elisão entre os dois trabalhos e, provavelmente, tenha sido executada conjuntamente visando o terceiro módulo em seu aspecto concertante a cargo do Coral de São José do Rio Preto. No quadro, ainda podem-se observar o início do trabalho de Gisele Corrêa da Cruz e Ruth Yazawa e a interrupção dos trabalhos na Unidade de Rio Claro.

2.3.4. IV Encontro do Coral da UNESP (1980)

Local: São Paulo (Teatro da Pontifícia Universidade Católica – PUC)
Data: (Não consta)

QUADRO 25: Corais e Regentes Participantes do IV Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do campus de Jaboticabal	Cássio Mendes Antas José Luiz da Silva
Coral do campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral da Reitoria da UNESP	Gisele Corrêa da Cruz Ruth Yazawa
Classes de Técnicas de Espressão Vocal e Canto Coral e Percussão do Instituto de Artes do Planalto - campus de São Bernardo do Campo	Samuel Kerr

Equipe de Montagem: Procedimentos corais: Samuel Kerr; Procedimentos Cênicos: Reynúncio Napoleão de Lima; Procedimentos Verbais: Dirce Ceribeli; Procedimentos Acústicos: Conrado Silva.
Obs. Constam ainda os nomes de João Maurício Galindo e Siomara Pereira de Souza (sem especificação de funções no Encontro)

Repertório:

MÓDULO I : Apresentações Específicas
- Marcelo Tupinambá – "Aranha Tatanha" (da suíte "Assombração")
  Coral da Reitoria da UNESP
- Robertinho de Recife e Fausto Nilo – "Flor da Paisagem"
  Coral do Campus de Jaboticabal
- Castelnuovo Tedesco e Garcia Lorca – "La Guitarra" (do "Romancero Guitano")
  Coral do Campus de São José do Rio Preto
- Anônimo do século XIII – "Alle-psallite cum-luya" – Corais Unidos

MÓDULO II : Praça da Sé
- Caco Velho / Adoniram Barbosa / J.J. de Morais / Drumond / Oswald de Andrade / Murilo Mendes

MÓDULO III : "YAB-YTIC-ABÁ"
- Memória da cidade (Jaboticabal) / Osvaldo Lacerda / Eduwiges Valério / Claudir e Bartemarchi – Arranjos: José Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas

MÓDULO IV: "Romancero Guitano" de Castelnuevo Tedesco e Garcia Lorca (La guitarra, Procession, Memento)

RE-MODULAÇÃO: "Praça da Sé" / Ronaldo Azevedo / Oswald de Andrade / Augusto de Campos/ "YAB-YTIC-ABÁ"

Deve-se observar que basicamente o repertório se mantém. O módulo I apresenta os corais individualmente e, em seguida, reunidos. Os módulos II, III e IV apresentam os trabalhos específicos de cada Unidade e o Módulo IV apresenta uma retrospectiva fundindo os trabalhos de São Paulo e Jaboticabal. O mesmo comentário caberá ao V Encontro do Coral da UNESP, salvo inclusão do Coral de Ilha Solteira, sob regência de Abel Luiz Bernardo da Rocha.

2.3.5. V Encontro do Coral da UNESP (1980)

Local: Ilha Solteira
Data: 19 de novembro de 1980

QUADRO 26: Corais e Regentes Participantes do V Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Ilha Solteira	Abel Luiz Bernardo da Rocha
Coral do Campus de Jaboticabal	José Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral da Reitoria da UNESP	Gisele Corrêa da Cruz e Ruth Yzawa
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral e Percussão do Instituto de Artes do Planalto - campus de São Bernardo do Campo	Samuel Kerr

Equipe de Montagem: Procedimentos corais: Samuel Kerr; Procedimentos Cênicos: Reynúncio Napoleão de Lima; Procedimentos Verbais: Dirce Ceribeli; Procedimentos Acústicos: Conrado Silva.
Obs. Constam ainda os nomes de João Maurício Galindo e Siomara Pereira de Souza (sem especificação de funções no Encontro)

Repertório:

MÓDULO I : Apresentações Específicas
- Marcelo Tupinambá – "Aranha Tatanha" (da suíte "Assombração")
  Coral da Reitoria da UNESP
- Robertinho de Recife e Fausto Nilo – "Flor da Paisagem"
  Coral do campus de Jaboticabal
- Castelnuovo Tedesco e Garcia Lorca – "La Guitarra" (do "Romancero Guitano")
  Coral do campus de São José do Rio Preto
- Jair E. Toledo e Rubens J. de Toledo – "Ilha Solteira, meu amor"
  Coral do campus de Ilha Solteira
- Anônimo do século XIII – "Alle, Psallite" – Corais Unidos

MÓDULO II : Praça da Sé
- Caco Velho / Adoniram Barbosa / J.J. de Morais / Drumond / Oswald de Andrade

MÓDULO III : "YAB-YTIC-ABÁ"
- Memória da cidade (Jaboticabal) / Osvaldo Lacerda / Eduwiges Valério / Claudir e Bartemarchi – Arranjos corais: José Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas

MÓDULO III : YAB-YTIC-ABÁ

MÓDULO IV: Castelnuovo Tedesco e Garcia Lorca - "Romancero Guitano" (La guitarra, Procession e Memento)

RÉ-MODULAÇÃO: "Praça da Sé" / "Moteto do Séc. XIII"

2.3.6. VI Encontro do Coral da UNESP (1981)

Local: Jaboticabal
Data: 30 de maio de 1981
Horário: 20:00 horas

QUADRO 27: Corais e Regentes Participantes do VI Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Jaboticabal	José Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral da Reitoria da UNESP	Gisele Corrêa da Cruz e Ruth Yazawa
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto - campus de São Paulo	Samuel Kerr

Pesquisa Musical: Cássio Mendes Antas, Celso Franchini, Gisele Corrêa da Cruz, Janete Kiyoko Fujiki, José Luiz da Silva, Ruth Yazawa
Coordenação Geral: Samuel Kerr (Diretor Artístico)
Sonoplastia: Flávia Calabi

Repertório:

- "Bolo de Aniversário" – Pesquisa Histórica dos 15 anos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal e 60 anos do Antigo Patronato Agrícola
  Coordenação : Maria Esmeralda S. Payão Demattê (docente)
  Texto: Manoel Antônio dos Santos (aluno do Colégio Agrícola)

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Roteiro:

Que festa é esta?
Antes, era o patronato agrícola (1921)
A formatura de 1940
Episódios :
- Quando trancaram o Diretor fora da escola
- Os alunos em volta do rádio
- Futebol: a Escola Prática versus Seleção do Atlético de Jaboticabal
  A tradição musical
- Uma representação da Banda Marcial do Curso Técnico em Agropecuária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal
- O Coral da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal e o Coral da UNESP
  Aprender a fazer – Fazer para aprender
  A Faculdade é debutante
  Tem bolo de aniversário!

Seqüências Musicais
- Luiz Assumção – "Siá Mariquinha" / Arr. Samuel Kerr
- Canção de formatura da década de 40 – "Meigo adeus" / Arr. Samuel Kerr
- Chico Buarque que Holanda – "Acalanto" / Arr. Samuel Kerr
- Luiz Gonzaga – "Asa Branca" / Arr. Samuel Kerr
- Milton Nasciemtno e Fernando Brandt – "Canção da América" / Arr. José Luiz da Silva
- Adoniram Barbosa – "Praça da Sé" / Arr. Samuel Kerr
- Cancioneiro de Hortênsia – "Já não podeis ser contente", "Porque me não vês Joana", "Ojuelos Graciosos" – Participação Especial do Coral da FAFI
  Regência: Alexandre Torres Sanches
- Folclore – "Nas água verde do má", "Chegô, chegô" (das "Toadas de Maracatu) / Arr. Ernst Mahle
- Kiko Zambianchi – "Ilha" (3°. Lugar do Festival de MPB-81, Jaboticabal)
- Carlos Monteiro de Souza – "Valsa dos Quinze anos" / Arr. Alunos do Instituto de Artes do Planalto
- Saudação tradicional de aniversário – "Hoje é dia do seu aniversário"

O VI Encontro do Coral da UNESP foi realizado em comemoração ao 15°. Aniversário da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias e aos 60 anos do antigo Patronato Agrícola em Jaboticabal. A pesquisa musical "Bolo de Aniversário", a cargo dos regentes bolsistas, já contou com a participação dos alunos Celso Franchini (em início de atividades no Campus de Botucatu) e Janete Kiyoko Fujiki (que assumirá o Campus de São José dos Campos em 1982). O Coral de São José do Rio Preto aparece no programa como "Participação Especial", pelo fato de tratar-se de um programa específico para aquela ocasião, composto de música renascentista *a cappella.*

O Coral de Ilha Solteira não participou na ocasião, mas manteve-se em atividade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

2.3.7. VII Encontro do Coral da UNESP (1981)

Local: São Paulo (Teatro Cultura Artística)
Data: 03 de outubro de 1981

QUADRO 28: Corais e Regentes Participantes do VII Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Botucatu	Celso Franchini
Coral do Campus de Ilha Solteira	Abel Luiz Bernardo da Rocha e Luiz Fernando Marchetti
Coral do Campus de Jaboticabal	José Luiz da Silva e Cássio Mendes Antas
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral da Reitoria da UNESP	Gisele Corrêa da Cruz Ruth Yazawa
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto – Campus de São Paulo	Samuel Kerr

Pesquisa Musical: Cássio Mendes Antas, Celso Franchini, Gisele Corrêa da Cruz, Janete Kiyoko Fujiki, José Luiz da Silva, Ruth Yazawa
Coordenação Geral: Samuel Kerr (Diretor Artístico)
Sonoplastia: Flávia Calabi

Repertório:

- Coral do Campus de Jaboticabal - "*Bolo de Aniversário*" – Pesquisa Histórica dos 15 anos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal e 60 anos do Antigo Patronato Agrícola
  Coordenação : Maria Esmeralda S. Payão Demattê (docente)
  Texto: Manoel Antônio dos Santos (aluno do Colégio Agrícola)

- Coral do Campus de São José do Rio Preto – "Cancioneiro de Upsala" (El Rey que los reyes adoran) e "Cancioneiro de Hortência" (Que he o que vejo, Cuydados meus tão cuidados, Ojuelos graciosos,Toda noite e todo dia, Porque me não vês Joana, De vos, e de mim naceo, Se do mal que me quereis e Já dei fim a meus cuidados)

- Sexteto de Trombones de São Paulo – "Valsa de Abril" de Gilberto Gagliardi

- *Capitanias Hereditárias* – Conrado Silva (micro-ópera para coro, instrumentos de sopro, percussão e narrador)
  Narrador: Reynúncio Napoleão de Lima
  Percussão: Classe de Percussão do IAP – Coordenação do Prof. John Boudler
  Sexteto de Trombones de São Paulo

O VII Encontro do Coral da UNESP teve uma característica muito especial: sua realização no Teatro Cultura Artística de São Paulo. Na ocasião foram apresentados os trabalhos em andamento nos *campi* (em reprise do encontro anterior) pela execução de *Capitanias Hereditárias*, de Conrado Silva (uma menção ao início das atividades, em 1978), contando com a narração de Reynúncio Napoleão de Lima. Em relação ao quadro, observamos o retorno do Coral de Ilha Solteira e a inclusão do Coral de Botucatu. Para ilustrar a participação do Coral de Botucatu pela primeira vez no Encontro do Coral da UNESP, segue o relato abaixo:

Um breve relato da heróica participação do Coral do Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola de Botucatu no VII Encontro do Coral da UNESP

Os Encontros corais da UNESP têm a finalidade de estimular e difundir o saudável hábito do canto coral dentro de nossa Universidade.

O Coral do IBBMA, o mais novo coral da UNESP soube destacar o nome de Botucatu, marcando presença ao lado de corais de alto nível artístico como os corais do Campus de São José do Rio Preto e do Instituto de Artes do Planalto.

Foi um ato de heroísmo de nosso dinâmico regente-ensaiador CELSO FRANCHINI e de nós, cito membros: Maria Helena, Salete, Rosângela, dona Lazara, Senhor José, Benedito, Djalma e Cláudio – nos aventuramos e cantamos ao lado dos corais dos *campi* de Jaboticabal (o mais numeroso), Ilha Solteira e São José do Rio Preto, dos corais da Reitoria e do Instituto de Artes do Planalto.

O dinamismo e a didática musical do regente geral Samuel Kerr nos colocou muito à vontade, em mesmo pé de igualdade dos demais participantes.

O programa constou de três partes: a primeira delas foi o "Bolo de Aniversário", uma montagem cênica coral (da qual participamos) sobre os 15 anos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal, a segunda foi sobre canções do cancionairo de Upsala e e Hortênsia, numa pesquisa proposta pelo Coral de Rio Preto. Cantamos com os demais corais, o "El Rey que los Reys adoran" do cancionaiero de Upsala. A terceira parte, a mais bonita e emocionante foi a micro-ópera "Capitanias Hereditárias" de Conrado Silva, para coro, instrumentos de sopro, percussão e narrador.

Só por participar desta montagem, todos os nossos sacrifícios foram recompensados. Versava sobre a história da capitania de São Vicente, desde sua criação por D. João VI até sua perda por seus herdeiros. O clima criado para a apresentação era tipicamente quinhentista.
Iniciava-se a peça com o madrigal medival "Já não podeis ser contentes", da literatura musical portuguesa apresentado pelos metais e percussão, num crescendo suave, até a entrada em fortíssimo do coro, entoando a mesma melodia. O efeito sonoro estourou como bomba sobre a platéia e sobre nós os participantes. O público não resistiu e em pé aplaudia e gritava "bravo". O final foi ainda mais emocionante, quando o público nos aplaudiu dez minutos consecutivos, clamando pelo regente, o qual voltou ao palco quatro vezes. Ríamos e chorávamos ao mesmo tempo, pois o final levava o coro e a orquestra a um clímax emotivo, pelo efeito do "tutti", isto é, canto em uníssono do coral e orquestra.

No domingo nos apresentamos no encontro de corais promovido pelos alunos do Instituto de Artes do Planalto, na Igreja Imaculada Conceição. Foi, segundo Samuel Kerr, nosso batismo de fogo. Neste encontro, cantamos sozinhos o "Baião" de Edino Krieger. Estávamos muito nervosos, pois o coral que se apresentava antes era de nível altíssimo e na platéia encontravam-se musicólogos e compositores, tais como Walter Lourenção e Nilson Lombardi. Cantamos com toda nossa fé. O público reconheceu nosso esforço e nos aplaudiu de pé.

No entanto, nada disso teria acontecido sem o apoio da Reitoria na pessoa da eficientíssima Ednéia Rodrigues, que nos dispensou um tratamento especial e do Diretor do Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola, Dr. Gilberti Moreno, nosso mais fervoroso estimulador. Obrigado, Dr. Gilberti, é o que podemos lhe falar. Obrigado por tanta emoção. Como dizia Beethoven, onde cessam as palavras começa a música.

Gostaríamos que o Campus todo soubesse desse nosso feito que todos participem mais, para que mais pudéssemos elevar o nome de Botucatu. Obrigado, Dr. Gilberti, por esse fim de semana de bem estar do espírito.

O nosso coral é pequenino, porém há de crescer. Estímulo e apoio não nos faltam. O que falta é somente um pouco de boa vontade de quem queria participar. Voz todos temos. O importante é usá-la."

CLÁUDIO COSTA
Membro do Coral do IBBMA e docente do Departamento de Genética
Botucatu, 14 de outubro de 1981



2.3.8. VIII Encontro do Coral da UNESP (1982)
(Jubileu de Prata da Faculdade de Odontologia de Araçatuba)

Local: Araçatuba
Data: 29 de maio de 1982

QUADRO 29: Corais e Regentes Participantes do VIII Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Mizue Sawada Otsuka
Coral do Campus de Araraquara	Abel Luiz Bernardo da Rocha
Coral do Campus de Botucatu	Celso Franchini
Coral do Campus de Jaboticabal	José Luiz da Silva
Coral do Campus de Rio Claro	Ruth Yazawa
Coral do Campus de São José dos Campos	Maria Cecília Soares e Janete Kiyoko Fujiki
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral da Reitoria da UNESP	Gisele Corrêa da Cruz – Praça da Sé e Rosemari Sanmartin – Av. Rio Branco
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto – campus de São Paulo	Samuel Kerr

Equipe de Montagem: Procedimentos corais: Samuel Kerr; Procedimentos cênicos: Reynúncio Napoleão de Lima; Procedimentos verbais: Dirce Ceribeli e Luiz Antônio de Figueiredo; Procedimentos plásticos: Alcindo Moreira Filho

Repertório:

- Coral da UNESP (reunião dos corais das unidades universitárias):
  Cancioneiro de Hortência - "Já não podeis ser contentes"

- Coral do Campus de Araçatuba:
  H. Arlen – "Além do Arco-íris" / Arr. Costa Júnior
  Tom Jobim e Vinícius de Moraes - "Eu sei que vou te amar" / Arr. Mizue Sawada Otsuka
  Regência: Mizue Sawada Otsuka

- Coral do Campus de Jaboticabal:
  Renato Teixeira – "Romaria" / Arr. José Luiz da Silva
  Caetano Veloso – "Canto do Povo de um lugar" / Arr. José Luiz da Silva
  Regência: José Luiz da Silva

- Coral do Campus de São José do Rio Preto:
  Marcos e Paulo S.Valle – "Preciso aprender a ser só" / Arr. Damiano Cozzella
  Gilberto Gil – "Domingo no Parque" / Arr. Alexandre Amaral Torres Sanches
  G. Gastoldi – "Amor vitorioso"
  Regência: Alexandre Amaral Torres Sanches

- Coral da Reitoria da UNESP – "Praça da Sé"
  as margaridas
  as fontes
  os pombos
  o vozerio
  o trânsito
  o carrilhão

"Praça da Sé"- Adoniran Barbosa / Arr. Samuel Kerr
"Moteto n. 4", para comunhão – André da Silva Gomes
visão geral da praça
o Marco Zero
"Praça Clóvis" – Paulo Vanzolini / Arr. Sameul Kerr
o ato público
Alle-Psallite cum-luya – moteto de autor anônimo do século XIII

- Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto – "22 Oswald e Lamartine"
Senhor feudal – Oswald de Andrade
Brinquedo – Oswald de Andrade
História da pátria – Oswald de Andrade
Vício da fala – Oswald de Andrade
Medo da senhora – Oswald de Andrade
Linda morena – Lamartine Babo / Arr. Sérgio Vasconcelos Corrêa
Relicário – Oswald de Andrade
Brasil – Oswald de Andrade
O capoeira - Oswald de Andrade
O teu cabelo não nega – Lamartine Babo / Arr. Samuel Kerr, com a participação de todos os corais

O VIII Encontro de Corais da UNESP traz à cena novamente o espetáculo *Praça da Sé* revigorado pela participação do campus de Botucatu e também pela fusão do trabalho desenvolvido pelos alunos do Instituto de Artes do Planalto intitulado *22 Oswald e Lamartine*, em homenagem aos 60 anos da Semana de Arte Moderna de 1922 (parafraseada na poesia de Oswald de Andrade), e aos 50 anos da marchinha de carnaval "O teu cabelo não nega" (1932), de Lamartine Babo. Consta "participação especial" do Coral de São José do Rio Preto.

O quadro 29 mostra a primeira participação, nos números conjuntos, dos *campi* de São José dos Campos, regido por Maria Cecília Soares e Janete Kiyoko Fujiki, e Rio Claro, regido por Ruth Yazawa (que retomou as atividades após dois anos de interrupção). O campus de Araçatuba, regido por Mizue Sawada Otsuka, também marcou sua participação, de acordo aos propósitos de Samuel Kerr de estimular lideranças de regentes locais. O quadro mostra ainda a ausência do Coral de Ilha Solteira, que interrompeu suas atividades em função da distância geográfica da capital paulista. O regente Abel Luiz Bernardo da Rocha, dessa forma, passou a reger o campus de Araraquara.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

2.3.9. IX Encontro do Coral da UNESP (1983)

(Programa Comemorativo dos 60 anos de fundação da Escola de Farmácia e Odontologia de Araraquara)

Local: Araraquara
Data: 27 de agosto de 1983

QUADRO 30: Corais e Regentes Participantes do IX Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Mizue Sawada Otsuka
Coral do Campus de Araraquara	Abel Luiz Bernardo da Rocha
Coral do Campus de Botucatu	Celso Franchini
Coral do Campus de Franca	Roseli Melani Neves
Coral do Campus de Jaboticabal	José Luiz da Silva
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Rio Claro	Ruth Yazawa
Coral de São José dos Campos	Janete Kiyoko Fujiki Maria Cecília Soares
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral da Reitoria da UNESP	Gisele Corrêa da Cruz – Praça da Sé e Rosemari Sanmartin – Av. Rio Branco
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto – Campus de São Paulo	Samuel Kerr

Repertório:

ABERTURA
- Cena campestre – Música de José Tescari
- A passarinhada.

O NOME DA CIDADE
- O texto do Astrônomo Francisco José de Lacerda e Almeida – 1978
- Araraquara – uma versão coral de Janete K. Fujiki
- Arara-quara – Música de Henrique de Curitiba
- Hino de Araraquara – composição de Aparecida de Godoy Aguiar / Arr. Abel Rocha

LEMBRANÇA DA CIDADE
- Campo Belo
- Araraquara ao meio-dia
- "Não quero que ninguém me prenda" – Tema popular de Araraquara / Arr. Gisele Corrêa da Cruz
- Araraquara – Música de Oswaldo Luiz Mori

O MAESTRO TESCARI
- Organista
- Pianista de Cinema / Claudio Goldman (piano)
- *Salutaris Hostia* – Coral do Campus de Araraquara (regente Ailton Boso)
- *Ave Maria*

LEMBRANÇAS DA FACULDADE
- A Sapataria
- As melancias
- Sangue e Areia
- Alegre vizinhança

A PRIMEIRA FORMATURA
- 1927 – Dra. Beatriz Aguiar Borges / Maria Angélica Leutwiler interpreta
- 1928 – A primeira festa de formatura
- 1923 – A fundação da Escola
- *Tatu subiu no pau* – sucesso do carnaval de 1923 – Música de Eduardo Souto

O IX Encontro do Coral da UNESP ocorreu em agosto de 1983 e contou com a dedicação do regente Abel Luiz Bernardo da Rocha que realizou intensa pesquisa sobre a memória musical da cidade de Araraquara. A composição de Henrique de Curitiba, "Araraquara", serviu de material sonoro para a realização de diversos procedimentos musicais em torno do nome da cidade. O repertório evidenciou o compositor local José Tescari e reminiscências sonoras da cidade em questão, como é o caso da sirene da fábrica LUPO, contemplada por Abel Rocha no arranjo para o "Hino de Araraquara", composição de Aparecida Godoy Aguiar (ANEXO 7).

> No Encontro de Araraquara se recuperou a sirene da fábrica de meias LUPO da cidade (que ainda existe). Eu me lembro que foi tão bonito isso no teatro, a sirene foi tão bem caracterizada e inserida que parou a apresentação para o pessoal aplaudir de tão forte que isso era na cidade. Eu passei a minha vida escutando esse apito, porque eu morava na rua da indústria. Eu trabalhava lá e fui transferida para São Paulo. Eu escutava essa sirene de manhã e de tarde. Eu via o pessoal descendo a rua para trabalhar e depois via no fim da tarde virem todos de volta. A indústria fica praticamente no centro da cidade, não é na periferia, então toda comunidade se relaciona com a indústria. Eu tinha 28 anos, aí que eu vim para a Reitoria participei do coro e depois ainda revivi isso lá. Foi uma grande emoção pra mim. Lembro daquele som até hoje (FRANCHINI, 2003. ANEXO 2d).

O quadro 30 mostra o início dos trabalhos nas Unidades de Franca e Presidente Prudente por Roseli Melani Neves e Maria Elisa Peretti Pasqualini, respectivamente, e novamente, a participação especial do Coral da Unidade de Araçatuba, sob regência de Mizue Sawada Otsuka.

De 1984 a 1985, ocorreu a 1ª. interrupção das atividades do Coral da UNESP. Os Encontros do Coral da UNESP foram retomados em 1986.



2.3.10. X Encontro do Coral da UNESP (1986)

Local: Presidente Prudente
Data: 31 de maio de 1986

QUADRO 31: Corais e Regentes Participantes do X Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Regina Fazenda
Coral do Campus de Araraquara	Edson Sekeff Zampronha Lina Maria Noronha
Coral do Campus de Assis	Júlio César Giúdice Maluf Simone Maria Cabrera
Coral do Campus de Botucatu	Sílvia Helena Handro
Coral do Campus de Franca	Sílvia Maria Prior
Coral do Campus de Guaratinguetá	Alex Flores de Souza e Giselle Loiácomo Ramos
Coral do Campus de Ilha Solteira	Regina Fazenda
Coral do Campus de Jaboticabal	Júlio César Giúdice Maluf
Coral do Campus de Marília	Paulo Celso Moura
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Rio Claro	Amaury de Oliveira Pimenta
Coral do Campus São José dos Campos	Maria Cristina Martins Pereira
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Roberto Sussumo Anzai
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto– Campus de São Paulo	Alunos do Instituto de Artes do Planalto
Coral da Reitoria da UNESP	Regina Fazenda e Sérgio Pinto

Repertório:

- Há mil sons no ar – Bené Fonteles – Arr. Samuel Kerr
  Obs. Não consta o restante do Programa

> Toda a UNESP está aqui representada, cantando.
> Os quatorze *campi* que compõe, espalhados por todo o Estado de São Paulo, movimentaram-se até Presidente Prudente trazendo os sons de suas cidades; trazendo de volta uma esquecida marchinha do Carnaval de 1926; trazendo na garganta as reivindicações por uma Universidade reestruturada e trazendo quem encontrou pelos caminhos, convidando a cantar: "Há Mil sons no ar..." (Programa do X Encontro do Coral da UNESP, ANEXO 5).

Kerr, estimulado pelo movimento de Reestruturação da UNESP, retoma as atividades do Coral da UNESP em 1986 e assim é realizado o X Encontro de Corais da UNESP na cidade de Presidente Prudente. O fato de o Coral do IPEA não ter interrompido as atividades de 1984 a 1985 serviu de estímulo para que o encontro fosse realizado na região. O Encontro refletia o momento político pelo qual passava a Universidade e tinha a

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

reestruturação como tônica, conforme verificado no programa de Apresentação. Assim a retomada do Coral da UNESP e a reestruturação da UNESP caminhavam juntas no desenvolvimento do repertório, conforme pode-se observar no roteiro escrito por Samuel Kerr para o X Encontro do Coral da UNESP (ANEXO 4c).

Vale ressaltar que, nesta ocasião, não houve uma preocupação temática, conforme apontam os regentes nas entrevistas (ANEXO 2), mas havia uma expectativa na retomada dos corais. O regentes destacaram que a música "Há mil sons no ar", de Bené Fonteles e arranjo de Samuel Kerr, conduzia todo o restante da programação. Como aponta Pasqualini, foi a primeira vez que o Encontro de Corais da UNESP foi realizado numa quadra de esportes, com teto de zinco e muita reverberação, nomeando o "Parque de Uso Múltiplo" de Presidente Prudente, cuja forma circular promovia uma grande integração entre público e platéia.

O quadro 31 mostra uma nova relação de regentes bolsistas que passaram, a partir de 1986, a integrar o Coral da UNESP. Regina Fazenda dá continuidade ao trabalho realizado em Araçatuba por Mizue Sawada Otsuka, assume a Unidade de Ilha Solteira após 4 anos de interrupção e passa a reger também o Coral da Reitoria contando com a assistência de Sérgio Pinto. Abel Luiz Bernardo da Rocha é sucedido por Edson Sekeff Zampronha e Lina Maria Noronha, em Araraquara; Celso Franchini, por Sílvia Helena Handro, em Botucatu; José Luiz da Silva, por Júlio César Giúdice Maluf, em Jaboticabal; Ruth Yazawa, por Amaury de Oliveira Pimenta, em Rio Claro; Janete Kiyoko Fujiki & Maria Cecília Soares, por Maria Cristina Martins Pereira, em São José dos Campos; e Alexandre Amaral Torres Sanches, por Roberto Sussumo Anzai, em São José do Rio Preto.

São criados os Corais das Unidades de Assis, regido por Júlio César Giudice Maluf e Simone Maria Cabrera; e Marília, por Paulo Celso Moura.

Sílvia Maria Prior dá continuidade ao trabalho na Unidade de Franca, após dois anos de interrrupção; Alex Flores de Souza e Giselle Loiácomo Ramos dão continuidade ao trabalho na Unidade de Guaratinguetá, após dois anos de interrupção (O trabalho foi iniciado em 1983 por Itagiba José de Paula Campos Neto, mas interrompido em seguida).



2.3.11. XI Encontro do Coral da UNESP (1987)

Local: Botucatu
Data: 25 e 26 de abril de 1987

QUADRO 32: Corais e Regentes Participantes do XI Encontro do Coral da UNESP (Hipótese)

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Tôrres Sanches
Coral do Campus de Araraquara	Tânia Bertassoli
Coral do Campus de Assis	Miguel Marcelo Telhada
Coral do Campus de Botucatu	Sílvia Helena Handro
Coral do Campus de Franca	Sílvia Maria Prior
Coral do Campus de Guaratinguetá	Marta Barbosa da Costa Nunes
Coral do Campus de Ilha Solteira	Alexandre Amaral Tôrres Sanches
Coral do Campus de Jaboticabal	Júlio César Giúdice Maluf
Coral do Campus de Marília	Giselle Loiacamo Ramos
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Rio Claro	Amaury de Oliveira Pimenta
Coral do Campus de São José dos Campos	Maria Cristina Martins Pereira
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Roberto Sussumo Anzai
Coral dos funcionários do Campus de São Paulo (Instituto de Artes do Planalto)	Adriana Alexandre Francato
Coral da Reitoria da UNESP	Regina Fazenda Sérgio Pinto
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto – campus de São Paulo	Samuel Kerr

Obs. Não consta informação sobre os corais e os regentes participantes, no entanto, o quadro foi reconstituído considerando as informações contidas no Capítulo II e as informações que constam no IX Encontro de Corais da UNESP (1986).

Repertório:
(Obs. Não consta no programa oficial referência de repertório, no entanto o roteiro de ensaio escrito por Samuel Kerr e a imprensa local dão algumas indicações (ANEXO 4).

- Pulsar – Caetano Veloso / Arr. Ana Yara Campos
- Manhãs de minha terra – Angelino de Oliveira
- Bambalalão – Folclore / Arr. H. Villa –Lobos
- Chico Mulato – Raul Torres
- Jazz-Canon – Ricardo Góes
- Xangô – Anônimo / Arr. H. Villa-Lobos
- Um canto de afoxé – Caetano Veloso / Arr. Kity
- Ave Maria – H. Villa-Lobos
- Chitãozinho e Chororó – Serrinha
- Saudades de Botucatu – Angelino de Oliveira / Arr. Samuel Kerr
- Na minha casa – Nuccie e Cacaso / Arr. Silvia Handro

O XI Encontro de Coral da UNESP deu continuidade ao trabalho de resgate da memória musical de Botucatu, iniciada em 1982 por Franchini, e resgatou compositores locais como: Angelino de Oliveira, Raul Montes Torres e Antenor Serra (Serrinha). Segue trecho publicado pela imprensa local na ocasião:

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

> Coral da UNESP: experimenta e inova
> A opção de Samuel Kerr em redescobrir compositores locais está fundamentada também na reação que isso provoca junto às pessoas que estão na platéia. No caso de Botucatu, o maestro destaca que "quando cantamos o hino da cidade, composição de Angelino de Oliveira, o povo cantou junto, reagindo de uma maneira que nós gostaríamos que sempre fosse. Foi muito bonito". Em Botucatu, mais uma vez o Encontro se constituiu numa "oficina de Criação vocal", como costuma definir Samuel Kerr. Na quadra de esportes do Tênis Clube, com as oito letras da palavra "Botucatu" espalhadas no chão, os dezesseis coros (O IAP entrou com dois grupos – alunos e funcionários separadamente), se agruparam de dois em dois em cada uma das letras. Com uma movimentação constante, ora os cantores estavam no compasso de seu grupo, ora estavam no seu naipe (soprano, contralto, baixo ou tenor). Conforme é exigência do repertório "de repente toda a UNESP estava confundida entre quatro vozes diferentes", vibra Samuel. (Referência não localizada)

O Encontro de Botucatu foi realizado em dois dias, uma inovação que será repetida nos Encontros seguintes. No segundo dia, o Coral da UNESP apresentou-se pela manhã no casarão e Museu do Café, na Fazenda Experimental Lageado, onde tomou contato com aspectos da história da cidade cantada na noite anterior.[30]

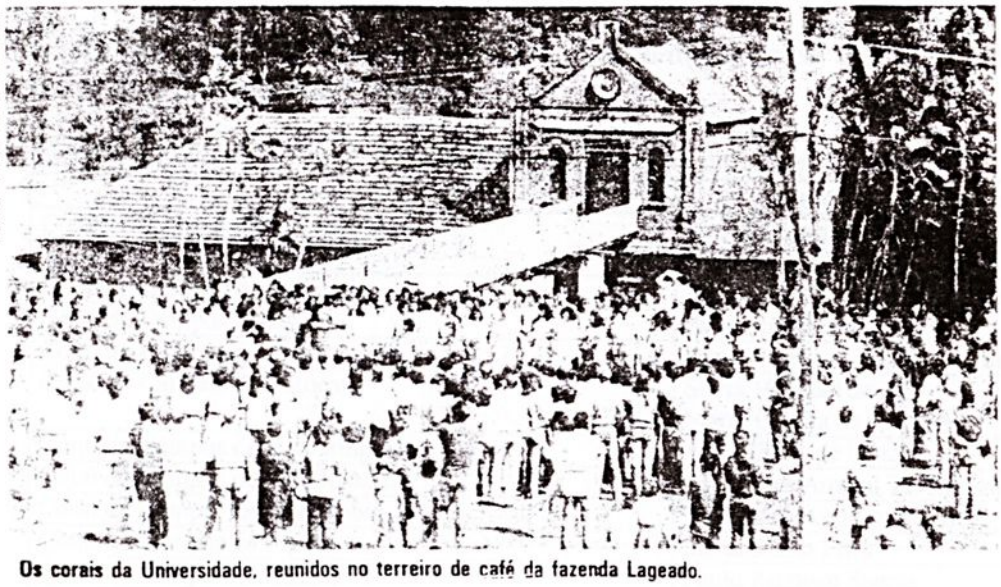
> De Botucatu eu tenho uma lembrança bárbara de cantar lá no Lageado, no terreiro de café. O Samuel dizia: "Vamos cantar lá no terreiro de café que tem uma acústica incrível" (...) No Encontro de Botucatu recuperamos os compositores da região, que tinham uma coisa bem regional que se espalhou por todo o Brasil: a música caipira (MALUF, 2003. ANEXO 2i)

É necessário observar no quadro a passagem do regente Alex Torres Sanches da Unidade de São José do Rio Preto para as Unidades de Araçatuba e Ilha Solteira. Esse período é marcado por um intenso revezamento e troca constante de regentes bolsistas, que ocorerrão até o último encontro da 1ª. Fase do Coral da UNESP (1978-1992).

---

[30] Essa experiência foi significativamente relatada pelos regentes bolsistas participantes do XI Encontro do Coral da UNESP. Em 1992, por ocasião do último Encontro, realizado em Botucatu, sob direção artística do maestro Samuel Kerr, a experiência foi reprisada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Fotos: Silvio Garcia Manoel

Os corais da Universidade, reunidos no terreiro de café da fazenda Lageado.

Figura 27: XI Encontro do Coral da UNESP / Fazenda Experimental Lageado (Botucatu)



Figura 28: Samuel Kerr no XI Encontro do Coral da UNESP

2.3.12. XII Encontro do Coral da UNESP (1988)

Local: São José do Rio Preto (Ginásio Municipal de Esportes "Antônio Natalone")
Data: 28 e 29 de maio de 1988

QUADRO 33: Corais e Regentes Participantes do XII Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araraquara	Lucila Pereira da Silva Basile Márcio Spartaco N. Landi
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Assis	Fábio Ramazzina
Coral do Campus de Bauru	Irene Pinheiro Chagas de Campos
Coral do Campus de Botucatu	Sílvia Helena Handro Maria Cecília de Oliveira
Coral do Campus de Guaratinguetá	Alex Flores de Souza
Coral do Campus de Ilha Solteira	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Jaboticabal	Júlio César Giúdice Maluf
Coral do Campus de Franca	Sílvia Maria Prior
Coral do Campus de Marília	Paulo Augusto Soares
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Rio Claro	César Cerassoma Júnior José Leonardo Tônus
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Roberto Sussumo Anzai
Coral dos funcionários do Campus de São Paulo (Instituto de Artes)	Adriana Francato
Coral da Reitoria da UNESP	Regina Fazenda
Classes de Técnicas de Expressão Vocal e Canto Coral do Instituto de Artes do Planalto – Campus de São Paulo	Samuel Kerr
Coral da FATEC – São Paulo	Kitty Pereira
Coral da FARME – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (participação especial)	Alexandre Amaral Torres Sanches

Repertório:
- "A de Ó" ("Missa dos Quilombos") - Milton Nascimento, Pedro Casaldaglia e Pedro Tierra
- "Um canto que saiu das senzalas" - Anônimo
- Jogo de capoeira - ANGOLA (Participação especial da "Associação de Capoeira Praia de Amaralina)
- Apresentação dos corais por campus
- "*Alle- Psallite cum, luya*" - Moteto anônimo do século XIII
- "Um canto que saiu das senzalas" - Anônimo
- Jogo de capoeira - REGIONAL
- Apresentação dos corais por campus
- "Grito Negro" – Edson Crepaldi e Altino Bessa Marques Filho (Participação especial: Fernanda Sala Barrios e Altino Bessa Marques Filho)

A imprensa local divulgou que o XII Encontro de Corais da UNESP reuniu 550 coralistas para a apresentação do tema "Centenário da abolição".

O repertório apontou para a contribuição do negro na formação étnica do povo brasileiro, resgatando melodias como "Um canto que saiu das senzalas" (motivo dos pretos do Recôncavo baiano), divulgada por Villa-Lobos no *Canto Orfeônico* (VILLA-LOBOS, 1951), ambientalizada pelo maestro Samuel Kerr (ANEXO 4), e "Grito Negro", fazendo

menção ao compositor local. A inserção dos jogos de capoeira contribuíram para a busca de referências locais, já que, segundo Anzai, a cidade não possuía uma identidade musical muito presente

> Eu lembro que foi uma batalha muito grande, eu botei todo mundo do coro pra ajudar e buscar essas referências sonoras, um pouco da história da cidade. Eu lembro que a gente fez uma busca intensa, mas eu lembro que não tinha muita coisa porque Rio Preto era uma cidade muito relacionada com o comércio, uma cidade transitória, então não tinha uma coisa muito específica, uma identidade muito particularizada. Lembramos um pouco da cultura do café, mas nada muito marcante. (ANZAI, 2003. ANEXO 2f)

Deve-se destacar, no quadro 33, a participação do Coral da Unidade de Bauru, regido por Irene Pinheiro Chagas de Campos, da comunidade local e de Fernanda Sala Barrios em "Grito Negro", que posteriormente formou-se em Canto pelo Instituto de Artes.

2.3.13. XIII Encontro do Coral da UNESP (1992)

Local: Botucatu
Data: 30 e 31 de maio de 1992

QUADRO 34: Corais e Regentes Participantes do XIII Encontro do Coral da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes (Hipótese)
Coral do Campus de Araraquara	Daniel Chris Amato
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Tôrres Sanches
Coral do Campus de Assis	(não foi possível reconstituir)
Coral do Campus de Bauru	Irene Pinheiro Chagas de Campos
Coral do Campus de Botucatu	Irandi Fernando Daroz Arlete Bravo Nogueira
Coral do Campus de Guaratinguetá	Paulo Augusto Soares
Coral do Campus de Ilha Solteira	Alexandre Amaral Tôrres Sanches
Coral do Campus de Jaboticabal	Claudia Lima Leal
Coral do Campus de Marília	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Presidente Prudente	Maria Elisa Peretti Pasqualini
Coral do Campus de Rio Claro	Michele Miwako Willis
Coral do Campus de São José dos Campos	(não foi possível reconstituir)
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Gisela de Oliveira Gusmão
Coral de funcionários do Campus de São Paulo (Instituto de Artes do Planalto)	Mônica Regina Augusto
Coral da FATEC	Josely de Moraes Antonio
Coral da Reitoria da UNESP	Edilson Vicente Lima

Obs. Não consta informação sobre regentes participantes, no entanto, o quadro foi reconstituído considerando as informações contidas no Capítulo II e as informações do XII Encontro de Corais da UNESP (1988).

Repertório: (não consta)

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Figura 29: Adesivo do XIII Encontro de Coral da UNESP

O XIII Encontro do Coral da UNESP teve um aspecto mais concertante. No entanto, Samuel Kerr procurou resgatar aspectos do Encontro realizado em 1987, evidenciando características históricas como a lenda do Peabiru, o lendário caminho trilhado pelos indígenas que ligava Botucatu a Assunção, no Paraguai. O Encontro teve forte apelo ecológico inspirado na ECO-92.

Na ocasião foi redigido o "Documento de Botucatu", documento que continha as diretrizes para a continuidade do Projeto Coral da UNESP na Universidade.

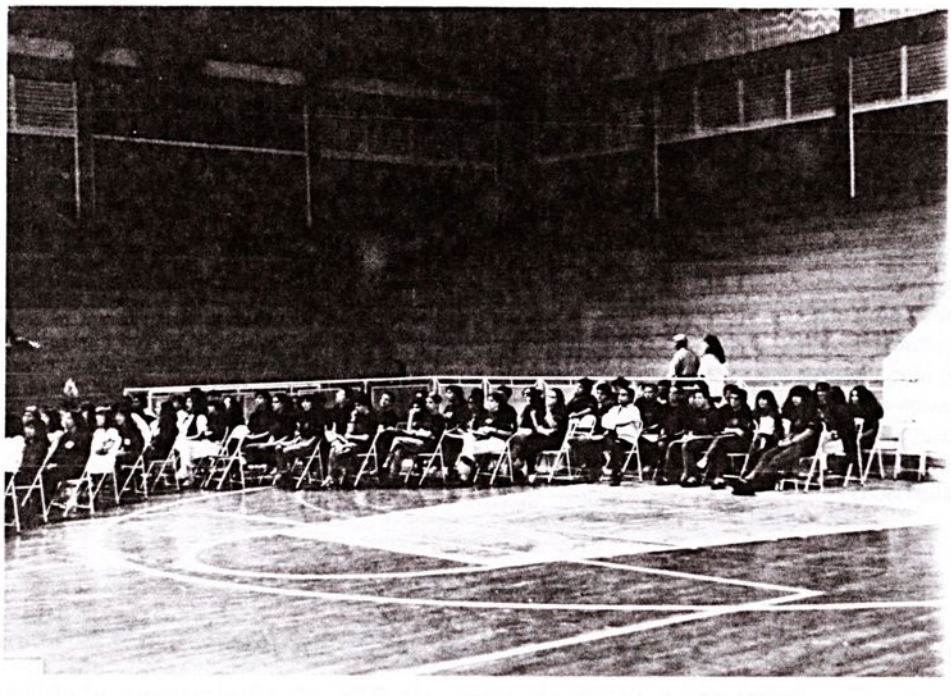


Figura 30: XIII Encontro do Coral da UNESP – 1992 / Botucatu Tênis Clube



Figura 31: XIII Encontro do Coral da UNESP – 1992 / Fazenda Experimental Lageado (Botucatu)

CAPÍTULO IV
O Coral da UNESP – A História continua (1998 - 2002)

O Coral da UNESP é a face mais democrática da Universidade., porque lá estão representados todos os segmentos, desde o servidor mais humilde, até o professor mais titulado, que se agregam pelo gosto comum de cantar. No momento do ensaio, estão juntos, irmanados.

(FONTERRADA, ANEXO 2)

Na reunião realizada entre Samuel Kerr, os regentes bolsistas, os regentes comunitários e os elementos de ligação com Arthur Roquete de Macedo, então Reitor da Universidade, por ocasião do XIII Encontro do Coral da UNESP, em maio de 1992, foi lançada a semente para a reestruturação do Projeto Coral da UNESP. O "Documento de Botucatu" teve sua repercussão na Universidade, mesmo que a longo prazo.

As Unidades do interior mobilizadas em continuar os trabalhos desenvolvidos pelos corais, que ganharam ressonância nas comunidades, tiveram papel relevante em pressionar a Reitoria a dispor de meios alternativos para a manutenção das atividades. O Coral sempre foi, mesmo que nos períodos de crise, um marco na vida cultural do campus e atingiu plenamente o seu caráter de extensão ao ultrapassar os muros da universidade e envolver a comunidade. Por outro lado, a atividade coral complementava uma formação cultural extracurricular do aluno proporcionando uma vivência estética imprescindível ao perfil profissional do mesmo, qualquer que fosse sua área de conhecimento.

Na busca temporária de soluções para o problema, músicos da própria comunidade, munidos de "boa vontade", foram inseridos nas unidades. Os regentes comunitários que assumiram os corais da UNESP foram imprescindíveis na continuação do projeto durante a fase crítica da 2ª. interrupção. Destacamos: Irene Pinheiro Chagas, regente do "Coral UNESP – Campus Universitário de Bauru"; Arlete Bravo Nogueira, regente do "Coral Lageado em Canto", da Faculdade de Ciências Agronômicas de Botucatu; Paulo Roberto de Toledo Feltrin, regente do "Coral UNESP – Campus Universitário de Marília.

Em 1993, quando a coordenação do Programa de Atividades Artísticas e Culturais (PAC) ficou a cargo do Prof. Carlos Antônio Kaminsky, houve um rompimento com os propósitos traçados anteriormente para o Coral da UNESP. A reorganização do Coral da

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

UNESP seguiu caminhos diferentes e idéias divergentes, muitas vezes apoiadas no modelo estabelecido para o CORALUSP, desconsiderando que o Coral da UNESP já havia conquistado uma característica própria que o distinguia das outras duas universidades do estado, apontando para uma idéia original quanto à concepção musical. Por outro lado, o tratamento administrativo apontava soluções eficazes.

A primeira tentativa de reestruturar o Coral da UNESP ocorreu utilizando primeiramente alunos vinculados às próprias unidades que apresentavam condições técnicas para levar adiante um trabalho musical, conforme o artigo 7°. da Portaria UNESP 101/91 (ANEXO 17). Esta nova modalidade de regente coral já estava sendo observada anteriormente, mas em caráter extraordinário. Por algum tempo, as atividades funcionaram desta forma e surtiram um efeito preliminar. De 1993 a 1996, os *campi* do interior já não contavam com os alunos bolsistas do Instituto de Artes. No entanto, foram destinadas 12 bolsas de Incentivo Técnico Acadêmico, por meio do PAE – Programa de Apoio ao Estudante, em caráter excepcional para a manutenção das atividades, mesmo que precariamente. Destacamos os seguintes regentes bolsistas de outras Unidades da UNESP que assumiram as atividades neste período: Irandi Fernando Daroz, regente do "Coral UNESP – Campus Universitário de Botucatu" / Distrtito Rubião Jr.(aluno da FAAC de Bauru); Daniel Chris Amato, regente do Coral "Perdidos na pauta" do Campus de Araraquara; Lúcia Maria de Moura, regente do "Coral Vozes do Campus", de Presidente Prudente; Valéria Duarte de Araújo Silva e Beatriz Gomes Carreira, regentes do "Coral UNESP- Campus Universitário de Bauru"; Stefano Paschoal, regente do "Coral UNESP-Campus Universitário de Assis" (QUADRO 2). No caso de Araraquara, o aluno Daniel formou-se em 1994 (1991-1994). A partir de 1995, as quatro Unidades que compõem o campus de Araraquara resolveram assumir, com recursos próprios, o pagamento do regente, mantendo assim em pleno funcionamento o "Coral UNESP-Campus Universitário de Araraquara", até dezembro de 1996, como relata o Prof. Cláudio B. Gomide de Souza, diretor do Campus de Araraquara, em ofício enviado à PROEX em 24 de março de 1997.

De forma ilustrativa, segue trecho transcrito do Relatório de Atividades do Coral UNESP - Campus Universitário de Botucatu, enviado à Reitoria por Leda Galvão de Avellar Pires (elemento de ligação) em abril de 1992, relatando a presença do regente bolsista em caráter extraordinário no campus: "Os problemas que vínhamos enfrentando com os Regentes do Instituto de Artes da UNESP – não por culpa destes, obviamente, mas

do sistema, que dificulta a vinda dos mesmos a Botucatu uma vez por semana, foram sanados pela admissão do regente bolsista em caráter especial." (PIRES, 1991, p.2)

Posteriormente, a contratação de regentes profissionais para atuarem no interior surgiu como a solução definitiva para atender à solicitação dos *campi* e dar suporte à continuidade do Projeto Coral da UNESP. A Reitoria, por meio da PROEX, foi muito questionada na época quanto ao interesse pelo Projeto Coral, ficando evidente que a prioridade estava dirigida aos grupos instrumentais. Segue o depoimento de Jairo Francisco Moraes[31]: "Falei para o Reitor: Se continuar assim o senhor vai acabar com os coros da Universidade. Ele respondeu: Que acabem! A Universidade existe para fazer pesquisa." (L'ABBATE, 1988, p.37)

No entanto, Kaminsky propôs uma solução administrativa que lançou novas diretrizes ao Coral da UNESP.

A Portaria 344 de 1994 alterou substancialmente a situação do regente. Pelo expresso no artigo 12°, cria três categorias de regentes:

> I. Alunos da UNESP, regularmente matriculados no Instituto de Artes do Campus de São Paulo ou de outra Unidade, que tenham demonstrado, em suas comunidades de estudo, interesse, pendores e formação artística para esta atividade;
>
> II. Elementos estranhos à comunidade da UNESP, ou regentes profissionais, a serem contratados pelas respectivas Unidades Universitárias, em regime de trabalho definido pela Reitoria, após devidamente justificado pela CEUAC à Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários e informado ao Programa de Atividades Culturais;
>
> III. Elementos não pertencentes à comunidade da UNESP, oriundos de órgãos ou entidades que se responsabilizem totalmente e com exclusividade por essas atividades desenvolvidas pelos mesmos, fruto de convênios firmados entre as partes envolvidas.

---

[31] Depois do afastamento e falecimento de Heleninha Lobo, a função de Coordenação do Coral da UNESP foi atribuída a Jairo Francisco Moraes, funcionário da Reitoria que se tornou responsável pelo GAA - Grupo de Apoio Administrativo. Em seguida, é conduzido ao CAC (Coordenação de Atividades Culturais) permanecendo neste cargo até a 1988. Em 1989, é criado o PAC - Programa de Atividades Culturais tornando-se o órgão responsável pelas atividades do Coral. Jairo Francisco Moraes afasta-se por motivo de aposentadoria em 1992. Atualmente a função é atribuída ao Coordenador do PAC.

unesp

A coordenação de Carlos Antônio Kaminsky contou com duas Supervisões Artísticas: Vitor Gabriel de Araújo em 1995, que permaneceu pouco tempo no cargo, e Márcia Aparecida Baldin Guimarães, de 1996 a 1997, completando um mandato, sucedida a partir de 1998 pela atual Supervisora, Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (QUADRO 35).

QUADRO 35: Supervisão Artística do Coral da UNESP (1980 – 2002)

SUPERVISÃO	MANDATOS	PERÍODO: Duração de 2 anos
Samuel Moraes Kerr (Diretor Artístico)	5	10/11/1980 a 18/11/1992
Vitor Gabriel de Araújo	-	14/03/1995 a 18/10/1995
Márcia Aparecida Baldin Guimarães	1	05/03/1996 a 05/03/1998
Marisa Trench de Oliveira Fonterrada	2	05/03/1998 (em exercício)

Observação: O termo Supervisor Artístico substituiu o antigo Diretor Artístico

No segundo semestre de 1996, na Supervisão de Márcia Guimarães, fez-se ampla pesquisa junto às Unidades da UNESP no interior, indagando sobre o interesse de cada uma delas "em possuir uma atividade coral". A partir desta previsão, foi realizado um plano de trabalho. O QUADRO 36 apresenta os resultados desta pesquisa, divulgados em maio de 1997[32].

Pode-se observar que os resultados apontam para praticamente 100% de interesse das unidades pelo Projeto Coral da UNESP. No caso particular de Bauru, como as atividades sempre estiveram centralizadas na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), ficam justificados o veto da Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET) e a indiferença da Faculdade de Ciências, conscientes da ligação do Coral à FAAC e dos 21 (vinte e um) anos de sua existência. No entanto, este é o campo do quadro que merece maior atenção, pois os demais não mostram uma situação real, já que as atividades do Coral da UNESP foram interrompidas de maio 1992 a março de 1998, comprometendo,

[32] FO – Faculdade de Odontologia de Araçatuba; FCF – Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara; FO – Faculdade de Odontologia de Araraquara; FCL – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara; IQ – Instituto de Química de Araraquara; FCL – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru; FC – Faculdade de Ciências de Bauru; FET – Faculdade de Engenharia e Tecnologia de Bauru; FCA – Faculdade de Ciências Agronômicas de Botucatu; FM – Faculdade de Medicina de Botucatu; IB – Instituto de Biociências de Botucatu; FMVZ – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Botucatu; FHDSS – Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca; FE – Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá; FE – Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira; FCAV – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal; FFC – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília; FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente; IB - Instituto de Biociências de Rio Claro; IGCE – Instituto de Geociência e Ciências Exatas de Rio Claro; FO – Faculdade de Odontologia de São José dos Campos; IBILCE – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto; IA – Instituto de Artes de São Paulo.

portanto, a memória dos fatos. Sabe-se, por exemplo, por meio de contatos nas unidades, que o Coral UNESP - Campus Universitário de Botucatu (IB) iniciou sua atividade em 1981, sendo que, de 1990 a 1992, foi regido por um aluno bolsista em caráter extraordinário, da faculdade de Arquitetura e Urbanismo do campus de Bauru. No entanto, o campo apresenta-se não preenchido (QUADRO 36).

Após pesquisa realizada nas unidades, seguiu-se uma ampla revisão na Portaria nº. 344 de 1994 que deu origem à Portaria 119 de 1995, cuja ementa "dispõe sobre o sistema retribuitório, bem como define normas para a contratação de regente de coral".

O período descrito acima, que vai de 1993 a 1997, foi, para efeito desse trabalho, denominado de "Período de Transição", pois, além das atividades práticas do Coral da UNESP, os Encontros de Corais foram também temporariamente cancelados. Nos relatórios de Márcia Guimarães (1996), nota-se com nitidez o propósito da Coordenação do PAC em resolver os problemas de gerenciamento das atividades do Coral da UNESP. Segundo o planejamento, por exemplo, o Encontro de Corais da UNESP deveria ser realizado duas vezes ao ano, um no primeiro semestre, outro no segundo, por ocasião das festividades de Natal - o que nunca ocorreu.

O objetivo principal da PROEX, em 1997, foi a uniformidade dos corais da Universidade, resultando na proposta de reformulação do projeto original e na conseqüente necessidade de readequação da documentação que até então regulamentava essa atividade

Terminado o levantamento junto às unidades, o Projeto Coral da UNESP foi submetido à avaliação do CONVIDUNESP[33], realizado em 20/05/97 no Campus de Franca, e CCEU[34], em 13/06/97, no Campus de Araraquara. Assim chegou-se à aprovação final do Regimento do Coral da UNESP.

---

[33] CONVIDUNESP – Conselho de Vice-Diretores da UNESP. Fórum que trata de assuntos e troca de experiências dentre as Unidades da Universidade. Como os regentes contratados estariam diretamente ligados às vice-Diretorias, tornou-se um importante espaço de discussão dos propósitos traçados pelo Coral da UNESP. Vale destacar que o CONVIDUNESP não tem poder deliberativo, apenas ele emite sugestões.

[34] CCEU – Câmara Central de Extensão Universitária. Órgão deliberativo da Reitoria que trata da aprovação dos recursos referentes aos dispositivos de Extensão da Universidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

QUADRO 36 : PROJETO CORAL DA UNESP / Pesquisa realizada em 1986 junto às unidades quanto ao interesse na atividade coral.

CAMPUS / UNIDADE	POSSUI CORAL		INTERESSE NO PROJETO		POSSUI REGENTE		ALUNO REGENTE		TEMPO DE EXISTÊNCIA	NÚMERO DE INTEGRANTES	BOLSA EM 1996
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO			
ARAÇATUBA-FO	X		X		X			X	17 anos		
ARARAQUARA-FCF		X	X			X		X			
ARARAQUARA-FO		X	X			X		X			
ARARAQUARA-FCL	X		X		X			X	15 anos		
ARARAQUARA-IQ		X	X			X		X			
ASSIS-FCL	X		X			X				01	
BAURU-FAAC	X		X		X			X	21 anos	44	02
BAURU-FC											
BAURU-FET		X		X							
BAURU-Colégio Técnico		X	X								
BOTUCATU-FCA	X		X						Desativado		
BOTUCATU-FM		X	X			X		X			
BOTUCATU-IB		X	X			X		X			
BOTUCATU-FMVZ											
FRANCA-FHDSS		X	X								
GUARATINGUETÁ-FE*		X	X								
GUARATINGUETÁ Colégio Técnico		X	X			X		X			
ILHA SOLTEIRA-FE		X	X					X			
JABOTICABAL-FCAV		X	X								
JABOTICABAL** Colégio Técnico		X	X								
MARÍLIA-FFC	X		X			X		X	10 anos	30/40	01
P. PRUDENTE-FCT	X		X		X		X		1 ano	24	01
RIO CLARO-IB	X		X		X			X	7 meses	25	
RIO CLARO-IGCE		X	X								
S.J.CAMPOS-FO		X	X			X		X			
S.J.RIO PRETO-IBILCE		X	X			X		X	Desativado em 1995		
SÃO PAULO-IA	X		X		X		X		3 anos	desativado	01
Total	08	16	23	01	06	09	02	13	-	-	-

*GUARATINGUETÁ / FE – Gostariam de constituir o coral com alunos da Faculdade aberta à Terceira Idade - UNATI.

** JABOTICABAL /Colégio Técnico Agrícola – Funciona em regime de residência (INTERNATO), possuem uma Banda Marcial com 80 integrantes, muitos outros gostariam de participar, mas não tem vaga. Julgam de grande importância a constituição de um coral tanto para a formação cultural como também uma atividade ocupacional.

Dando seqüência, em outubro de 1997, a CRH/PRAD[35] divulgou o edital de abertura de concurso público para a contratação de regentes corais.[36] As diretrizes das reformulações do Coral da UNESP estão expressas na Portaria UNESP n.° 21 de 16/02/98, alterada pela Portaria UNESP 190 de 29/07/98, que dispõe sobre o sistema retribuitório.

Assim, em 1998, iniciou-se definitivamente a segunda fase do Coral da UNESP, consolidada pelo Reitor Antonio Manoel dos Santos Silva e pelo Pró-Reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários Edmundo José de Lucca.

A nova portaria dispõe sobre a constituição de um único coral por campus, independente do número de unidades universitárias, e da contratação de regentes por região, de forma que um pudesse atuar em dois campus próximos, verificada a facilidade de translado. Dessa forma, os quatorze *campi* da UNESP seriam atendidos com a contratação de 7 regentes. Inicialmente foram preenchidas 6 vagas, das 7 que constavam no edital, já que, para as unidades de Marília e Assis, não houve candidato (QUADRO 37).

Como não houve candidato para a vaga existente em Marília, por ocasião do primeiro concurso público para regente de coral realizado em janeiro de 1998, o quadro de regentes contratados permaneceu incompleto até o presente momento. No caso de São José dos Campos e Guaratinguetá, houve desistência da vaga por Maria Elisa Peretti Pasqualini e assumiu Sandra Mendes Sampaio, por ocasião do segundo concurso, realizado em julho de 1998. Houve uma terceira tentativa para preencher a função de regente nas Unidades de Marília e Assis, que não aprovou nenhum candidato. No caso de Franca e Jaboticabal, como houve renúncia do cargo pela regente Sílvia Maria Prior Fuga em abril de 2001, foi realizado novo concurso em fevereiro de 2003, assumiu Cristina Emboaba de Camargo, a título de substituição, pelo fato do cargo ter sido criado anteriormente no quadro de funcionários da Unidade. Como ainda o cargo regente de coral no quadro funcional da Universidade sofre uma série de ajustes, não houve possibilidade de realizar novo concurso de preenchimento da vaga de regente destinado à Marília. No entanto, há um trabalho sendo desenvolvido por iniciativa do Prof. Ubirajara Rancan de Azevedo Marques, docente da FFC de Marília: o Projeto Coral "Boca Santa", iniciado em 1999. O mesmo gentilmente iniciou um trabalho voluntário no Campus de Assis, em 2002, grupo então denominado

---

[35] A Coordenadoria de Recursos Humanos da UNESP é subordinada à Pró-Reitoria de Administração.

[36] O regente contratado é um profissional de nível superior, formado em Música ou não, verificada competência para a função. A gratificação ocorre de acordo com a experiência profissional: REGENTE I (mínimo de 3 anos), REGENTE II (mínimo de 5 anos), REGENTE III (mínimo de 10 anos), estabelecendo três níveis de salário. O regente contratado por meio de concurso público possui o compromisso de prestar serviço em duas unidades universitárias.



"Papo de Anjo", mas pelo fato de não poder dar continuidade ao trabalho, a unidade passou a ser atendida em seguida, em caráter extraordinário, pelo regente Alexandre Amaral Torres Sanches lotado na Unidade de Araçatuba.

QUADRO 37 : Situação atual dos regentes contratados por unidades

LOTAÇÃO	UNIDADES	REGENTE	INGRESSO
Araçatuba / FO	Araçatuba e Presidente Prudente	Alexandre Amaral T. Sanches	Março de 1998
Araraquara / FCL	Araraquara e Rio Claro	José Ricardo Godoy Ocampos	Março de 1998
Botucatu / FCA	Botucatu e Bauru	Irandi Fernando Daroz	Março de 1998
Franca / FHDSS	Franca e Jaboticabal	Silvia Prior Fuga Cristina Emboada de Camargo	Março de 1998 Fev. de 2003
Guaratinguetá / FE	Guaratinguetá e S. José dos Campos	Sandra Mendes Sampaio	Agosto de 1998
Marília / FFC	Marília e Assis	(*)	-
São José do Rio Preto/IBILCE	São José do Rio Preto e Ilha Solteira	Zuleica de Carvalho Moreira	Março de 1998
-	São Paulo (Instituto de Artes)	Guilherme Terra (bolsista IA)	Março de 2003
-	São Paulo (Reitoria)	Samantha Mainini (bolsista IA)	Março de 2003
-	São Vicente	Daniel Tauszig (bolsista IA)	Março de 2002

(*) Prof.Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (FFC-Marília) – Regente não contratado

Desde o início da sua 2ª. fase, em março de 1998, o Coral da UNESP foi amparado pela Supervisão da Profa. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, atualmente no exercício de seu terceiro mandato. Dentre outros objetivos, Fonterrada pretendeu recuperar os propósitos traçados inicialmente por Samuel Kerr para o Coral da UNESP, porém dentro da nova estrutura administrativa.

> Desde que assumi a supervisão, sempre procurei fazer com que o Projeto fosse a continuação das idéias dele. É claro que não poderia ser nos mesmos moldes, era uma outra era, e as condições iniciais haviam mudado, mas, pelo menos, a filosofia deveria ser aquela defendida por Samuel (FONTERRADA, 2002. ANEXO 2).

Na primeira reunião de regentes contratados, em 1998, o maestro Samuel Kerr esteve presente. Na ocasião, falou sobre os objetivos que mobilizaram a criação do Coral da UNESP, lamentou que a nova fase não considerasse a função de regente de coral como um laboratório extensivo aos alunos do curso de Composição e Regência do Instituto de Artes, mas, por outro lado, destacou que muito havia a ser feito e que a nova fase era favorável, pois gerava outras possibilidades à criação musical. Finalizou referindo-se à

importância do resgate da memória das comunidades, deixando-o a critério de cada regente. Kerr esteve presente também em 1998, na regência da obra conjunta "I am Om" ("Hare Om") de Gualtieri Beloni Filho, por ocasião do "XIV Encontro de Corais da UNESP" e em 2001, por ocasião do XVII Encontro do Coral da UNESP, realizado em São José do Rio Preto, onde foi homenageado.

> No 17°. Encontro Coral da UNESP, agora chamado de Encontro de Corais da UNESP, 2001, fui motivo de homenagem, o que me emocionou demais (pensei até que havia morrido). Durante todo o Encontro, desenvolveram-se imagens e repercutiram sonoridades que eu havia colecionado desde 1980 e, nesse desfile, em vários momentos, os sons se multiplicavam, se dividiam, se somavam em um mesmo instante, como no imaginado coral virtual..... (KERR, 2002, p. 25).

Deve-se ressaltar que, no novo formato dado ao Coral da UNESP, os corais do Campus de São Paulo, Instituto de Artes (Comunitário) e da Reitoria, pela proximidade, continuam sendo regidos por alunos bolsistas do Instituto de Artes, dando continuidade, portanto, à proposta original do maestro Samuel Kerr. Ao recém-criado Coral de São Vicente, pela proximidade de São Paulo, cabe a mesma observação.

O Projeto Coral da UNESP incorporou afetivamente o Coral Infanto-Juvenil "CantorIA" do Instituto de Artes. Embora o "CantorIA" não pertença ao Projeto Coral da UNESP, surgiu em 1989, constituindo-se num projeto específico de Corais Infantis intitulado "Educação musical através da voz" planejado para funcionar em outros *campi*. O período crítico pelo qual passava o Coral da UNESP fez com que o trabalho fosse concentrado efetivamente no Instituto de Artes. Atualmente o CantorIA conta com a regência da docente e diretora do Instituto de Artes, Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, assessorada pelas regentes bolsistas Leila Vertamatti e Tânia Ávila. Para melhor atender a faixa etária dos participantes, o grupo foi dividido em dois: o "CantorIA" (dirigido ao público infanto-juvenil) e o "CotovIA" (dirigido ao público infantil. A partir de 2000, a atividade de coral infantil surgiu no campus de Ilha Solteira, por iniciativa de Zuleica de Carvalho Moreira e tende a se expandir efetivando o movimento coral dentro da Universidade.

Em 2000, foi realizada a primeira proposta do logotipo oficial da 2ª. Fase do Coral da UNESP pelos alunos da FAAC (Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru) Luís Gustavo Batistela Spínola e Alexandre Wiliam Beraldo de Paiva.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Figura 32. Logotipo criado para o Coral da UNESP para o XVI Encontro de Corais da UNESP (2000) por Luís Gustavo Batistela Spínola e Alexandre Wiliam Beraldo de Paiva, reformulado por ocasião do XVIII Encontro de Corais da UNESP (2002)

No início, em 1980, havia somente o Coral da Reitoria, em torno de 30 integrantes. Em 1983, na Abertura do XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão, o Coral da UNESP era constituído por cerca de 240 coralistas; em 1988, no XII Encontro do Coral da UNESP em São José do Rio Preto, 550. Atualmente o Coral da UNESP é constituído por cerca de 700 coralistas.

Pelo que rege a atual Portaria (nº. 21, de 16/02/1998), o Coral da UNESP está subordinado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários – PROEX, coordenado pelo Programa de Atividades Culturais – PAC e pelo supervisor artístico (Art. 4.º). Nas Unidades, é subordinado à Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários – CEUAC, é presidido pelo Vice-Diretor (Art.13º.). É composto pela comunidade docente e discente, funcionários e membros da comunidade em geral (Art.10.º). Cada coral é independente podendo apresentar-se individualmente ou unir-se a outros coros para apresentações conjuntas (Art. 9.º). Acima de tudo, destaca-se por seu papel de integração e aprimoramento artístico-cultural da comunidade da UNESP, constituindo-se num veículo de extensão e interação com a sociedade (Art. 3.º).

O Coral da UNESP completa 25 anos de existência, dos quais, seis em sua atual estrutura. Neste período foi constatada sua relevância junto às comunidades locais. Apesar do aspecto múltiplo, o projeto funciona numa unidade e trabalha em busca de objetivos comuns. "Respeitando a inteligibilidade, chegamos à homogeneidade pela heterogeneidade", comenta a atual coordenadora do PAC, Maria Helena Maestre Gios.

1. Parâmetros de atuação dos regentes contratados

> *O gesto do regente é construtor de criação, descongela a partitura, traduz sonoridades e revela a concepção do compositor intermediado pela interpretação do regente. Assim o gesto tem o poder de "transmutação".*
>
> (Marisa Fonterrada, 1991)

O relato abaixo pretende destacar os parâmetros de atuação dos regentes contratados nas Unidades no interior a partir de 1998, na 2ª. fase do Coral da UNESP, considerados os tópicos: gesto, classificação vocal, técnica vocal, dinâmica de ensaio e repertório (arranjo e programa), a fim de estabelecer relação com o tópico Perspectivas na atuação e formação dos regentes bolsistas, tratado no Capítulo II deste trabalho.

Até o momento de aplicação do questionário, os *campi* de Franca, Jaboticabal, Assis e Marília permaneciam sem regentes[37]. Os regentes dos grupos de São Paulo e São Vicente não foram considerados na análise, por tratarem-se de alunos bolsistas do Instituto de Artes, característica peculiar à 1ª. Fase do Coral da UNESP. Tal observação também é aplicada a Alexandre Amaral Torres Sanches, ex-regente bolsista do Instituo de Artes, atualmente contratado para as Unidades de Araçatuba e Presidente Prudente.

O propósito é verificar que tipo de considerações técnicas os regentes adotam nas Unidades, observada sua formação musical fora do âmbito acadêmico da UNESP. Segue a relação dos regentes considerados nesta análise e breve *curriculum* dos mesmos.

REGENTE 1: Irandi Fernando Daroz
Unidades de atuação: Bauru e Botucatu

Breve Curriculum:

- Curso técnico em instrumento (piano) pelo Conservatório Musical Santa Marcelina – Botucatu / SP.
- Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UNESP e Educação Artística - Habilitação em Música, pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru / SP.
- Participante dos cursos de regência coral promovidos pela FUNARTE, Festivais de Londrina e Curitiba, Oficina Coral do Rio de Janeiro e RioAcappella, entre outros, aperfeiçoando-se nas áreas de regência coral e técnica vocal.
- Aluno do curso de regência coral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e monitor do Movimento Coral Unisinos em São Leopoldo / RS (1996 –1997).

---

[37] As atividades do grupo "Boca Santa" de Marília não foram consideradas por tratar-se de um projeto específico realizado pelo docente Prof. Dr. Ubirajara Rancan de Azevedo Marques.

- Regente dos corais "Lageado em Canto" – UNESP de Botucatu e "Coral UNESP – de Bauru". Docente do curso de Música e Artes Cênicas da Universidade do Sagrado Coração, Bauru / SP. Regente do "Coral da Associação Paulista de Medicina", Botucatu / SP, "Conjunto Vocal Arabesco" de Lençóis Paulista / SP e "Madrigal Anima" da USC/ Bauru.

REGENTE 2: José Ricardo Godoy Ocampos
Unidades de atuação: Araraquara e Rio Claro

Breve Curriculum:

- Curso Técnico em Piano – concluído em 1986
- Engenheiro Eletricista – concluído em 1993
- Mestre em Engenharia de Produção – concluído em 1997
- Regente da Orquestra de Câmara da Sociedade Pró-Música / USP de São Carlos – 1990 a 1998
- Regente do Coral do São Carlos Clube – 1993 e 1994
- Regente da Orquestra de Câmara de Araraquara – 1997 e 1998
- Monitor e regente assistente do Coral da USP de São Carlos ("Boca em Cena") – 1992 a 1993.
- Regente do Coral da USP de São Carlos – 1994 a 1998
- Regente do Coral da UNESP nos *campi* de Araraquara e Rio Claro

REGENTE 3: Sandra Mendes Sampaio De Souza
Unidades de atuação: Guaratinguetá e São José dos Campos

Breve Curriculum:

- Bacharel em Composição e Regência pela Faculdade de Artes Alcântara Machado – FAAM / SP estudando também na Fundação das Artes de São Caetano do Sul.
- Mestranda pela UNESP – Universidade Estadual Paulista.
- Especialização sobre o Método Kodály em 1994.
- Regente Assistente da Orquestra Sinfônica Jovem da Fundação das Artes de S. Caetano do Sul, entre 1992/96 e Regente Assistente da Orquestra Filarmônica de S. Caetano do Sul entre 1997/98.
- Regente dos corais dos *campi* da UNESP de São José dos Campos e Guaratinguetá. Dirige também o Coral Libercanto de São José dos Campos e a "Oficina coral" na cidade de Jacareí.
- Professora da Fundação das Artes de São Caetano do Sul e da FAAM - Faculdade de Artes Alcântara Machado.

REGENTE 4: Zuleica Carvalho Moreira
Unidades de atuação: Ilha Solteira e São José do Rio Preto

Breve Curriculum:

- Graduada em Matemática e Pedagogia
- Musicista formada em Piano Erudito
- Curso de Interpretação, Magistério e Virtuosismo de piano com Guilherme Fontainha e aperfeiçoamento de piano com Lydia Alimonda e Bezzan
- Cursos de Regência Coral – Joaquim Paulo do Espírito Santo, Jonas Christensen, Samuel Kerr, Paulo Buchala, Paulo Rowlands, Nelson Matias, J. W. Faustini, Henry Leck, Stanley DeRusha, David Junker e outros.
- Técnica Vocal – Yara Campos, Kátia Guedes.
- Regente de Coral da UNESP dos *campi* de São José do Rio Preto e Ilha Solteira
- Regente do Coral da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto
- Diretora e Educadora da ARTEMAIOR – Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental de Mirassol



QUESTIONÁRIO APLICADO AOS REGENTES CONTRATADOS

1. Dados Gerais:

a) Nome:

b) Unidades em que atua como regente do "Coral da UNESP" supervisionado(a) pela Prof. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada:

c) Breve *curriculum*:

2. Considerando os tópicos abaixo, comente os aspectos que servem de parâmetros para sua atuação no "Coral da UNESP".

- Gesto
- Classificação vocal
- Técnica Vocal
- Dinâmica de Ensaio
- Repertório.

a) Critérios Gerais

b) Critérios utilizados na seleção de Arranjos

c) Critérios utilizados para a determinação do Programa

3. Qual é a dimensão da palavra "Coral" para você?

Quanto ao gesto, o regente 1 destaca que a Regência Coral possui certos "maneirismos" assimilados no decorrer dos ensaios que podem prejudicar a precisão técnica. No entanto, refere-se ao termo "adequação" esclarecendo que a utilização de gestos alternativos dependem da resposta do grupo na construção sonora idealizada. Neste aspecto, o regente 2 admite serem necessárias "alterações de socorro" no gestual do regente (em apresentações). Enfatiza a criação de gestos apropriados a cada peça do repertório e a busca por um gesto, o qual chamou de "econômico", ou seja, sem desperdício. O regente 3 vê na precisão do gesto o fator fundamental para a obtenção dos resultados musicais, observando que os gestos são introduzidos à medida que o repertório se desenvolve destacando o regente como ensaiador. Para o regente 4, o gesto é o meio do qual o regente dispõe para comunicar ao seu grupo o andamento, a dinâmica expressiva da obra, dentre outros aspectos técnicos peculiares à condução coral. Destaca o gesto como um viabilizador da "mágica sonora".

unesp

Quanto à classificação vocal, o regente 1 relata que realiza teste vocal, mas que a primeira classificação não é definitiva. Comenta, ainda, que reunir as vozes masculinas num único naipe tem despontado como solução para a escassez das mesmas nos grupos corais. O regente 2 observa que a classificação tradicional (S,C,T,B) não exprime a realidade das vozes de seus grupos e constata a necessidade de deslocar os cantores entre os naipes na realização de repertório visando maior conforto vocal. O regente 3 destaca que "a classificação vocal se fez útil e necessária" com o decorrer do tempo, ressaltando que, num primeiro momento, foi necessário fornecer subsídios para que o cantor amador desenvolvesse seu potencial vocal. O mesmo aspecto foi apresentado pelo regente 4 que destaca a importância do coralista entender a importância de sua voz para o grupo.

Quanto à técnica vocal, o regente 1 relata que parte do ensaio é dedicada ao estudo da técnica vocal como uma "condição ao trabalho de uniformização da sonoridade do coro", e destaca a importância do modelo vocal do regente para o cantor. O regente 2 a considerou fundamental à atuação do coro indicando a necessidade de uma "técnica aplicada" a fim de solucionar problemas intrínsecos do repertório, já na leitura do mesmo. Do mesmo modo, indica o regente 3 sua função em "vencer os obstáculos momentâneos" que se apresentam no repertório e observa que, desta forma, o aprendizado torna-se mais eficaz. O regente 4 retoma os aspectos destacados pelo regente 1, ressaltando que a técnica vocal deve "fazer parte da rotina do coro".

Quanto à dinâmica de ensaio, o regente 1 observa que o rendimento do ensaio depende do domínio musical do repertório por parte do regente. Ressalta a necessidade, extra-ensaio, de viabilizar situações que promovam maior entrosamento do grupo. Neste sentido, acrescenta o regente 4 que "uma boa condução nas relações interpessoais é fundamental a qualquer líder". O regente 2 estabelece etapas de andamento para o ensaio a fim de aumentar sua produtividade. O regente 3 considerou que o ensaio é um momento de aprendizado e, dessa forma, o regente deve dispor de todos os recursos pedagógicos a fim de obter os resultados desejados. O regente 4, de acordo com os anteriores, priorizou o ensaio do conjunto ao de naipes.

Quanto ao repertório, item a, todos os regentes destacam que o mesmo deve partir do regente e ser eclético. Quanto ao item b, o regente 1 destaca que a escolha do arranjo deve ser feita sob medida, acentuando ainda a importância do regente-arranjador, a par das peculiaridades de seu grupo e conseqüentemente dos aspectos a serem considerados na elaboração de arranjos. Os regentes 2 e 4 consideram como fatores relevantes para a

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

escolha do arranjo: o número de vozes, o timbre necessário para a execução da peça, a tessitura, tema ou texto, complexidade rítmica e memorização. Destacam que os arranjos polifônicos, embora mais complicados, são imprescindíveis ao crescimento do grupo. O regente 3 observa que a escolha do arranjo deve considerar o estágio de aprendizado musical do grupo verificada sua forma de inserção e qualidade musical (boa prosódia, ritmo e dificuldades musicais que justifiquem o resultado musical). Quanto ao item c, o regente 1 declara que prefere o programa executado tradicionalmente, ou seja, na forma concertante, sem a preocupação com uma temática específica. Da mesma forma, o regente 4 define programa como um "passeio musical", de estilos e gêneros culturais e musicais diversos. O regente 2 relata a tentativa de criar subtemas e a intenção de realizar trabalhos neste sentido. O regente 3 manifesta que a construção do programa pode servir a critérios diversos.

Conforme verificado nos questionários (ANEXO 12), todos os regentes da nova fase acreditam que o canto coral é um instrumento de socialização e que este é o objetivo primeiro de sua importância destacada na comunidade. Quanto aos parâmetros de trabalho desenvolvido nas Unidades, observa-se que o tratamento dado à regência coral é diversificado, mas se identifica sobremaneira com o tratamento tradicional. Estas atitudes diferenciadas são justificadas pela heterogeneidade na formação musical dos próprios regentes contratados. Neste sentido, é necessário destacar que a Supervisão do Coral da UNESP é feita à distância, estabelecida reunião mensal obrigatória para tratar de assuntos específicos, como é o caso do Planejamento do Encontro do Coral da UNESP, diferindo da primeira fase quando os regentes bolsistas tinham reuniões semanais com o Diretor Artístico.

Comparando as duas fases obtemos como resultado o seguinte quadro:

QUADRO 38: Confronto de informações.

Parâmetro	1ª. Fase	2ª. Fase
Gesto	- Gesto natural ("comum"), estabelecido na relação entre coro e regente – "O som produz um gesto". - Gesto tradicional utilizado como ferramenta em momentos específicos.	- Gesto como viabilizador do som – "O gesto produz o som". - Gesto tradicional utilizado como Padrão - Precisão técnica.
Classificação Vocal	- Classificação guiada pelo timbre. Todos podem cantar. - Distribuição em grupos	- Teste vocal provisório guiado pela tessitura e extensão vocal - Classificação em naipes.
Técnica Vocal	- Saúde vocal. Apelo à Fonoaudiologia. - Maneiras de cantar - Fuga de um modelo estereotipado de emissão. Busca de uma referência para a música brasileira. - Modelo vocal do regente - Aplicabilidade ao repertório.	- Treino de habilidades. - Uniformização da sonoridade do coro. - Modelo vocal do regente - Aplicabilidade ao repertório.

unesp

Dinâmica de Ensaio	- Consciência corporal otimizando a produção vocal. - Roteiro de ensaio. Planejamento de ensaio. Criação de procedimentos que facilitem a montagem das obras musicais. Ensaio envolvente. - O regente como personagem.	- Produção Vocal. - Etapas de ensaio. Planejamento de ensaio. Montagem de obras musicais. - O regente como líder. - Relações interpessoais (grupo)
Repertório	- Ênfase na música brasileira. Dentro das possibilidades do grupo ("som possível"). A escolha é indicada pela comunidade. - Formações corais alternativas condizentes com a realidade dos coros amadores. Procedimentos musicais e "Invenções corais". - Partitura da Utopia. Investigação musical de uma comunidade. - Apresentação em forma de espetáculo.	- Repertório eclético dentro das possibilidades do grupo. A escolha é indicada pelo regente. - Prioridade para quarteto vocal tradicional. Arranjos vocais. - Repertório coral universal. - Apresentação em forma Concertante.

2. Música em Cinco Encontros

Para os Encontros de Corais da UNESP, a cada ano é escolhido um campus do interior, manifestados interesse e disponibilidade em receber o evento. Este campus universitário deverá criar estrutura e dar suporte à elaboração do evento. Logo após, é criada uma comissão de organização composta por membros da comunidade universitária presidida pelo Vice-Diretor em questão e submetida à apreciação do Reitor. A partir daí, a comissão começa a atuar, guiada pelo regente do campus quanto aos aspectos a serem considerados para a realização do Encontro. Qualquer decisão é submetida ao Programa de Atividades Artísticas e Culturais - PAC e à Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários - PROEX, que trata da liberação de recursos.

A primeira providência é a realização de uma reunião conjunta da Supervisão do Coral da UNESP, do corpo de regentes e da comissão organizadora. Nesse primeiro contato, é relatada toda a dinâmica dos Encontros anteriores a fim de que o Campus tome conhecimento do evento em escala. Em seguida, dá-se a visita ao local destinado à apresentação artística, previamente pesquisado pelo regente. O espaço é avaliado quanto à sua capacidade física de abrigar os grupos e o público convidado, quanto à adequação acústica, possibilidades de sonorização e, principalmente, quanto à facilidade de deslocamento dos grupos de acordo com os propósitos traçados para o espetáculo. Dessa forma, o espaço poderá sofrer mudanças em sua configuração bem como o espetáculo. A comissão, por sua vez, deve ter à frente a preocupação de resolver problemas de alimentação, hospedagem, locomoção, divulgação, filmagem, iluminação, sonorização, entre outras providências necessárias para a realização do evento. A cada evento, destina-se também uma preocupação visual, responsabilidade que normalmente ocorre por parte do



regente. Assim, o projeto gráfico prevê a criação de cartazes, *out-doors*, faixas, *banners*, convites, prospectos para o concerto e logotipo destinado à silcagem do uniforme (camisetas).

Por sua vez, a equipe de regentes se reúne periodicamente nos meses que antecedem a apresentação, convocados pela Supervisora do Coral da UNESP. A primeira reunião da série, realizada no final do mês de fevereiro ou em março, tem a preocupação de colher relatos sobre a experiência do Encontro anterior e também sobre o trabalho desenvolvido em cada Unidade no ano anterior. Nessa bateria de depoimentos, os regentes se identificam, cada qual com suas peculiaridades, mas engendrados por uma dinâmica administrativa intrínseca. Nestes diálogos, também são tratados assuntos particulares à função do regente de coral dentro da Universidade. Tais resultados são encaminhados à Supervisão e, em seguida, ao PAC-PROEX para apreciação e tomada de providências.

Na segunda reunião, ocorre um *brainstorming*, a título de decidir sobre a temática do próximo Encontro de Corais da UNESP. Cada regente contribui democraticamente indicando possibilidades. A Profa. Marisa Fonterrada, a par das sugestões, também é participativa e, aos poucos, em equipe, chega-se às primeiras conclusões que poderão firmar-se nas próximas reuniões sofrendo ajustes necessários.

Na terceira reunião, dando-se continuidade ao trabalho de definição da temática, ocorre o início da escolha do repertório. Cada regente traz seu conhecimento sobre o assunto, tomado por informações típicas da região do Estado no qual atua, tornando essa fase uma experiência sempre enriquecedora. Vale ressaltar que a Marisa Fonterrada, como exposto anteriormente, pretendeu desde seu ingresso, em 1998, retomar os objetivos traçados pelo maestro Samuel Kerr. Dessa forma, é receptiva às informações trazidas pelos regentes de modo a tornar viva a memória musical das comunidades. A cada Encontro, há um momento em que a cidade se reconhece, seja por uma sonoridade que lhe é peculiar, que é resgatada, seja pelo compositor local que é homenageado, seja pela interação de um segmento artístico daquele contexto que é inserido na apresentação, dando vistas à extensão.

Cada espetáculo musical é construído prevendo-se um roteiro de movimentação entremeado por *tutti*, apresentações individuais dos grupos corais e recursos cênicos, sonoros e/ou audiovisuais. Desde a retomada, o Coral da UNESP conta com a participação do Instituto de Artes. Os professores participam de forma a assessorar o movimento apontando soluções plásticas, cênicas e musicais. Os alunos também têm sua parcela de

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

contribuição, atuam como instrumentistas nas peças que exigem acompanhamento e nas performances cênicas que conferem unidade aos espetáculos. Os alunos bolsistas responsáveis pela regência das Unidades de São Paulo (Coral da Reitoria e Coral de Funcionários do Instituto de Artes , "CantorIA" e "CotovIA") e São Vicente foram inseridos ao grupo de regentes contratados com participação plena em todas as construções e decisões tomadas, efetivando sua atuação e formação profissional, objetivo que novamente remete-se a Kerr.

Nas reuniões seguintes, o repertório escolhido vai se ajustando aos propósitos da temática desenvolvida e passa por um tratamento técnico. Assim, cada grupo é avaliado quanto ao que pode trazer de colaboração para o Encontro. Deve-se destacar que o Coral da UNESP é um organismo que trabalha na mutiplicidade, não permitindo que os grupos sejam submetidos às dificuldades de um repertório estanque. Além dos grupos infantis, o Coral da UNESP congrega os corais da UNATI, constituídos por membros da terceira idade. Outros são, em sua maioria, constituídos por funcionários, outros por alunos e há ainda os que são miscelâneas desses perfis e portanto, ficam resguardados a uma participação possível. Por exemplo, se há uma proposta de *tutti* para uma determinada música a quatro vozes, o regente selecionará eventos que possibilitem a participação de seus grupos, restringindo-os a uma linha melódica, um *ostinato*, um refrão, etc. Assim, o repertório é distribuído entre os grupos, criadas possibilidades para que todos participem. As limitações peculiares de cada coro são atenuadas quando as 700 vozes soam simultaneamente. Nesta perspectiva, os arranjos também podem sofrer alteração, ou, re-elaborados caso a obra seja de extrema importância ao espetáculo. Os regentes são estimulados a uma produção interna, de escrever arranjos próprios. Essas dificuldades inerentes ao repertório são questionadas pela execução e estudo conjunto da equipe de regentes, antecedendo sua aplicação propriamente dita.

No final do primeiro semestre o espetáculo está praticamente montado. A partir daí, cada regente desenvolve em sua Unidade as providências necessárias à participação de seu grupo no Encontro de Corais da UNESP. As reuniões continuam sendo realizadas atendendo a critérios técnicos. Além disso, cada grupo realiza atividades simultâneas ao estudo do repertório destinado ao Encontro, pois cada qual atende a uma demanda interna, já que adquiriu expressividade no Campus, na cidade e na região em questão, conforme destacado anteriormente. Dentre as atividades, podemos citar concertos, pequenos

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

encontros e festivais natalinos. No caso de Botucatu, por exemplo, o evento "Natal no Casarão" está em sua 4ª. edição.

O Encontro de Corais da UNESP é composto por um espetáculo de luz, imagem e som, que cada ano se aperfeiçoa refletindo os objetivos traçados. Abaixo seguem relacionados os Encontros realizados no período de 1998-2002, seu repertório e suas propostas temáticas.

Desde 1998, foram realizados cinco Encontros: Jaboticabal (1998), Presidente Prudente (1999), Araraquara (2000), São José do Rio Preto (2001) e Bauru (2002). Os dois primeiros Encontros de Corais da UNESP, nesta segunda fase de atividades, assumiram um aspecto concertante. A partir do Encontro de Araraquara, houve uma preocupação maior em construir uma unidade temática como fio condutor, estruturada como espetáculo por meio de roteirização (ANEXO 14).

3.1. XIV Encontro de Corais da UNESP (1998)



Figura 33: Cartaz do XIV Encontro de Corais da UNESP

Local: Jaboticabal
Data: 21 de novembro de 1998

QUADRO 39: Corais e Regentes participantes do XIV Encontro de Corais da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Araraquara ("Nota Livre")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de Bauru	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Botucatu ("Lageado em Canto")	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Franca e Coral UNATI	Sílvia Prior Fuga
Coral do Campus de Guaratinguetá	Sandra Mendes Sampaio
Coral do Campus de Ilha Solteira	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de Jaboticabal	Sílvia Maria Prior Fuga
Coral do Campus de Marília	Paulo Roberto de Toledo Feltrin
Coral do Campus de P. Prudente ("Vozes do Campus")	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Rio Claro ("Uirapuru")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de São José dos Campos	Sandra Mendes Sampaio
Coral da Reitoria	Moira L'Abbate
Coral do Campus de São Paulo – CantorIA (IA)	Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
Coral do Campus de São Paulo - Instituto de Artes	Amarilis Cid Coev

Repertório:

1) Hino Nacional Brasileiro
2) "Hare Om" – parte a
3) "Alguém cantando" – Caetano Veloso / Arr. Laércio Resende
   Coral de Jaboticabal
4) "Falando de Amor" – Tom Jobim
   Coral de Ilha Solteira
5) "Hare Om" – parte b
6) "Rancho Fundo" – Ary Barroso / Lamartine Babo / Arr. Edílson Lima
   Coral da Reitoria
7) "Bumba Chora" – Folclore Nordestino / Arr. Ronaldo Miranda
   Coral da Botucatu
8) "Hare Om" – parte c
9) "Mangwani Mpulele" – Folclore Zulu / Arr. Laura Walter
   Coral do Instituto de Artes
10) "Sansa Kroma" – Folclore Africano / Arr. Salli Terri
   Coral de Franca
11) "Hare Om" – parte t
12) Caçador de Mim"– Milton Nascimento / Arr. Roberto Anzai
   Coral de Presidente Prudente
13) "Ponta de Areira" - Milton Nascimento / Arr. Marisa Ramirez
   Coral de Guaratinguetá
14) "Asa Branca" – Luiz Gonzaga / Arr. Aécio José
   Coral de Marília
15) "Hare Om" – "Hum" / Instrumental
16) "Hare Om" – parte a
17) "Ciranda da Rosa Vermelha" – Alceu Valença
   Coral de São José do Rio Preto
18) "Pot-pourri de Negro Spirituals"
   CantorIA
19) "Hare Om" – parte b
20) "Canção da América" – Milton Nascimento / Arr. Suzana Samorano
   Coral Coral "Nota Livre" – Araraquara
21) "Luz do Sol" – Caetano Veloso / Arr. Adroaldo Cauduro
   Coral de Bauru

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

22) "Hare Om" – parte c
23) "Passarim" – Tom Jobim / Arr. Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral de Araçatuba
24) "A Lua Girou"- Folclore Brasileiro / Arr. Ana Yara Campos
Coral "Uirapuru" de Rio Claro
25) "Hare Om" – parte t
26) "Lá no pé da serra"- Umberto Urban / Arr. Elpídio dos Santos
Coral da UNATI de Franca
27) "Let us break" – Negro Spiritual / Arr. João Wilson Faustini
Coral de São José dos Campos
28) "Hare Om" – "Hum" / Instrumental
29) "Hare Om" (íntegra) – Gualtieri Beloni Filho
Reg. Samuel Kerr

O XV Encontro de Corais da UNESP foi realizado no Ginásio de Esportes da UNESP - Campus de Jaboticabal. Os grupos corais foram dispostos ao longo da quadra de esportes formando um círculo, cada qual identificado por uma faixa com o nome da cidade de proveniência. A cada giro do círculo, um grupo coral se apresentou individualmente no palco montado até que cada grupo retornasse ao seu lugar de início. Para a ocasião, foi composta a obra performática para vozes e conjunto instrumental (metais, teclados, guitarra, baixo, bateria e percussão) intitulada "I AM OM" ou "HARE OM", como ficou conhecida, uma série de mantras sobre temas de Paramahansa Yoganando (*I am Om*), música africana (*Egbêji*) e índios Guaikurus (*Enô-nô*) por Gualtieri Beloni Filho. (ANEXO 12) A obra contou com a participação de instrumentistas do Instituto de Artes e com a regência do maestro Samuel Kerr. Os mantras foram apresentados pelos grupos corais intercalados às apresentações individuais e, no encerramento, deu-se a montagem geral. Deve-se observar que não houve propósito de desenvolver uma temática específica, embora fique evidente uma articulação performática dos grupos de modo a dar o sentido ininterrupto de espetáculo.

3.2. XV Encontro de Corais da UNESP (1999)

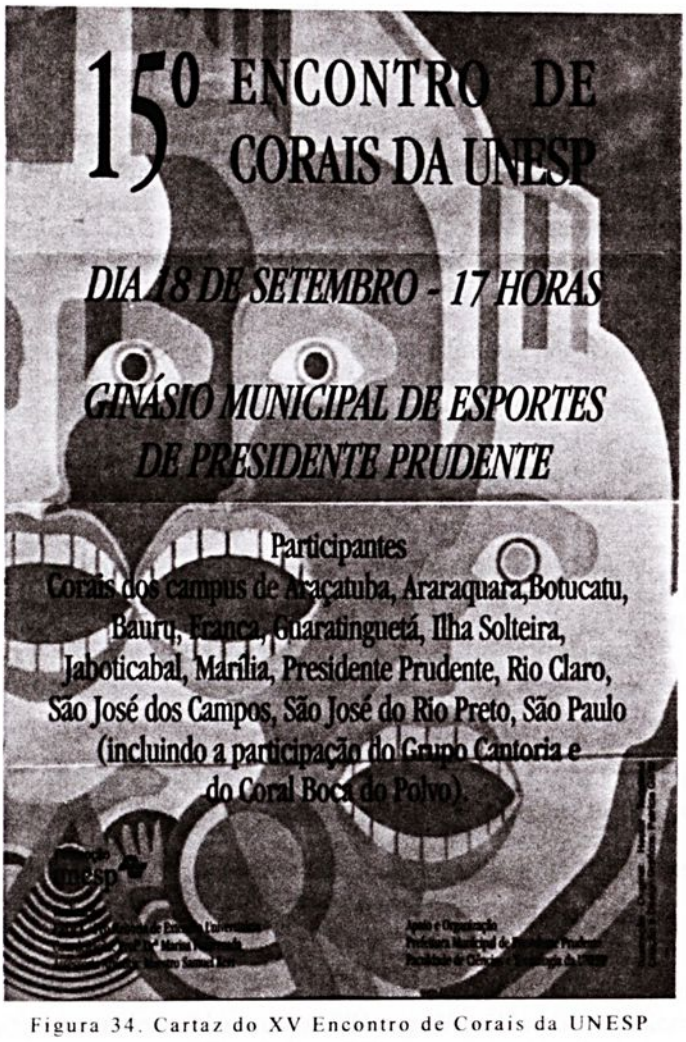


Figura 34. Cartaz do XV Encontro de Corais da UNESP

Local: Presidente Prudente
Data: 18 de setembro de 1999

QUADRO 39: Corais e Regentes participantes do XV Encontro de Corais da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Araraquara	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de Bauru	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Botucatu ("Lageado em Canto")	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Franca e Coral UNATI	Sílvia Prior Fuga
Coral do Campus de Guaratinguetá	Sandra Mendes Sampaio
Coral do Campus de Ilha Solteira	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de Jaboticabal	Sílvia Prior Fuga
Coral do Campus de Marília	Paulo Roberto de Toledo Feltrin
Coral do Campus de Presidente Prudente	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Rio Claro ("Uirapuru")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de São José dos Campos	Sandra Mendes Sampaio
Coral da Reitoria	Moira L'Abbate
Coral do Campus de São Paulo – "Boca do Polvo" (IA)	(Direção artística: Samuel Kerr)
Coral do Campus de São Paulo – CantorIA (IA)	Marisa Trench de O.Fonterrada
Coral do Campus de São Paulo – IA ("Canto em todo canto")	Amarilis Cid Coev

Repertório:
1 – Todos os corais – "Canide Uoune"/Tema indígena/Arr. Villa-Lobos
2 – Abertura Oficial – "Hino Nacional Brasileiro"

GRUPO I
a) Coral "Nota Livre" de Araraquara – "Je ne l'ose dire"/Pierre Certon
b) CantorIA de São Paulo – "Bola de meia, bola de gude"/M. Nascimento/Arr. Maria L.Trevisan
c) Coral "Canto em todo canto" de São Paulo – "Yonder come day"/Negro Spiritual
d) Coral "Uirapuru" de Rio Claro – "Syahamba"/Trad. Africano/Arr. Pablo Trindad Roballo Grupo I reunido - "Cantos de Çairé nº.3/Folclore Amazônico/Arr. Villa-Lobos

GRUPO II
a) Coral de Araçatuba – "Cravo e canela" – Milton Nascimento/Arr. Fernando Ariani
b) Coral de Botucatu – "Sina"/Djavan/Arr. Alexandre Zilahí
c) Coral da Reitoria – "Quero-quero"/Cláudio Nucci/Arr. Magda Gomes
d) Coral de São José dos Campos – "Estão voltando as flores"/Paulo Soledad/Arr. R. Manzo
Grupo II reunido – "Venid a sospirar"/Cancioneiro de Hortênsia

GRUPO III
a) Coral da UNATI de Franca – "Ciranda na beira da praia"/Folclore/Arr. E. Ruzanowsky
b) Coral de São José do Rio Preto – "Tocando em frente"/Almir Sater/Arr. H. Ribas
c) Coral de Franca – "Ai que saudade d'ocê"/Vital Farias/Arr. Roberto Farias
d) Coral de Bauru – "Hanapachap"/Motivo Inca/Juan Pérez Bocanegra
Grupo III reunido – "Um canto que saiu das senzalas"/Arr. Villa-Lobos

GRUPO IV
a) Coral de Presidente Prudente – "A lua girou"/Folclore/Arr. Ana Yara Campos
b) Coral de Marília – "Encontros e Despedidas"/M.Nascimento/Arr. Eunice Rangel
c) Coral de Jaboticabal – "Cio da Terra"/M.Nascimento/Arr. Jether Gatotti
d) Coral de Ilha Solteira -"Prece ao vento"/Dorival Caymmi/Arr.Vagner Ferreira
e) Coral de Guaratinguetá – "Jardineira"/João de Barro
Grupo III reunido – "Ó abre-alas"/Chiquinha Gonzaga/Arr. Roberto Anzai

Grupo "Boca do Polvo"(convidado)-"Vira-Virou"/Kleiton e Kledir/Arr. Pedro Boéssio
Todos os grupos reunidos – "Auto-retrato"/George Vidal/Arr. Samuel Kerr
"Canide-Ioune"/Tema indígena/Arr. Villa-Lobos

O XV Encontro de Corais da UNESP foi realizado no Ginásio Municipal de Esportes de Presidente Prudente. Os grupos corais foram dispostos ao longo da quadra de esportes formando círculo, promovendo uma dinâmica de setorização. Deu-se início também, mesmo que modestamente, o desenvolvimento de uma temática de espetáculo, no caso, a formação étnica do povo brasileiro brasileiro. O índio foi representado por "Cantos de Çairé", o europeu (português e espanhol) por "Venid a sospirar" e o negro por "Um canto que saiu das senzalas" e como encerramento, a festa étnica do Coral da UNESP foi representada pela marchinha de carnaval "Ó abre-alas". Marcando um grande momento de congraçamento vocal foi executadao o "Auto-Retrato" com letra e música de George Vidal (Bauru, SP). A divisão em blocos musicais dinamizou as apresentações individuais e conjuntas prevendo ciclo que iniciou e encerrou com "Canide Ioune" em *tutti*, exaltando o índio dentre as três raças.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

3.3. XVI Encontro de Corais da UNESP (2000)



Figura 35. Cartaz do XVI Encontro de Corais da UNESP

Local: Araraquara
Data: 07 de outubro de 2000

QUADRO 40: Corais e Regentes participantes do XVI Encontro de Corais da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Araraquara	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de Bauru	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Botucatu ("Lageado em Canto")	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Franca e Coral UNATI	Sílvia Prior Fuga
Coral do Campus de Guaratinguetá	Sandra Mendes Sampaio
Coral do Campus de Ilha Solteira e Coral Infantil	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de Jaboticabal	Sílvia Prior Fuga
Coral do Campus de Presidente Prudente e Coral UNATI	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Rio Claro ("Uirapuru")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de São José dos Campos	Sandra Mendes Sampaio
Coral da Reitoria	Joel do Prado Jr.
Coral do Campus de São Paulo – CantorIA (IA)	Marisa Trench de O. Fonterrada
Coral do Campus de São Paulo - Instituto de Artes	Emerson Tineo



Figura 36: XVI Encontro de Corais da UNESP - 2000
Regência: Ana Yara Campos

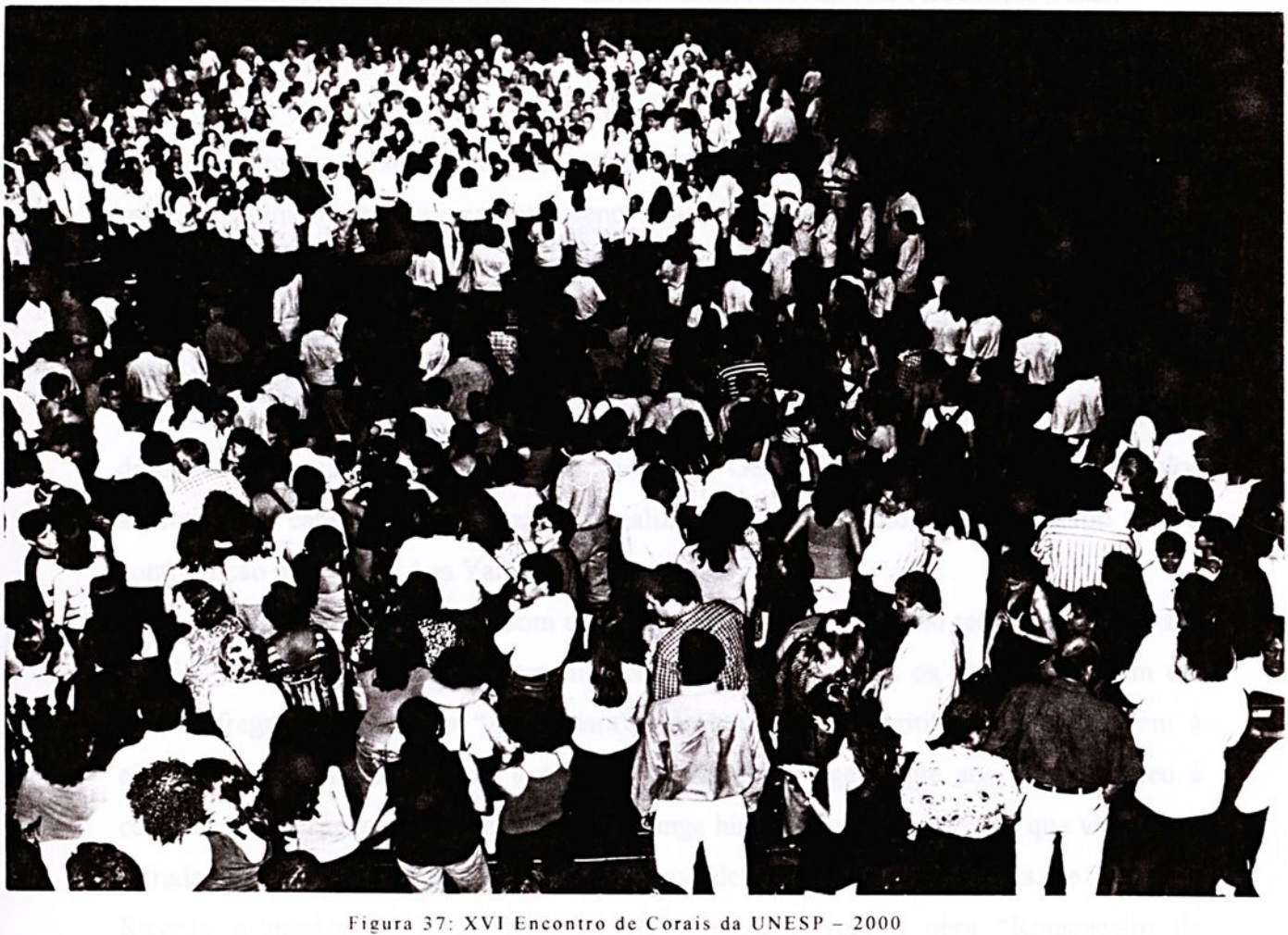


Figura 37: XVI Encontro de Corais da UNESP – 2000

Repertório:

1. Aboios – vários temas regionais (Todos)
2. Araraquara – Henrique de Curitiba/Adap. AYara Campos/Reg. José Ricardo Ocampos (Todos)
3. Canide Ioune-Tema Indígena/Arr. Villa-Lobos/Reg. Marisa Fonterrada (Todos)
4. Praláprací – Ernst Widmer/Cassiano Ricardo/Regência: Irandi Fernando Daroz (Botucatu, Bauru e Rio Claro)
5. Nigue, Ninhas – Folclore/Arr. Camargo Guarnieri/Reg. Sandra Mendes Sampaio (S.J.Campos)
6. Romanceiro da Inconfidência – Edino Krieger/Cecília Meireles/Arr. e Reg. Marisa Fonterrada
   - Romance XXXI ou De Mais Tropeiros (Guaratinguetá e Franca)
   - Romance II ou Do Ouro Incansável (UNATI - Presidente Prudente, Araraquara, Jaboticabal, São José do Rio Preto, Ilha Solteira)
   - Romance XXIII ou Das Exéquias do Príncipe (Presidente Prudente e Bauru
   - Romance XXV ou Do Aviso Anônimo (Rio, CantorIA, São José dos Campos, Infantil de Ilha Solteira)
   - Romance XXXI ou De Mais Tropeiros (Guaratinguetá, Franca)
   - Romance XXXVII ou De Maio de 1789 (Araçatuba, Botucatu e Reitoria)
   - Romance LIX ou Da Reflexão dos Justos (Instituto de Artes e UNATI - Franca)
7. Novo Tempo – Ivan Lins e Vitor Martins/Arr. Sandra M.Sampaio (Todos)
8. Chuva chovendo – Elvira Drummond/Reg. Zuleica C. Moreira (Infantil de Ilha Solteira)
9. Gato na Tuba – João de Barro e Alberto Ribeiro (São José do Rio Preto e Ilha Solteira)
10. Prece ao vento – Dorival Caymmi/Arr. Umberto Urban/Reg. Emerson Tineo (São Paulo-IA)
11. Panis et circenses – Caetano Veloso e G. Gil/Arr. Maurício Maestro/Adap. Alexandre Amaral Torres Sanches (Araçatuba e Franca)
12. Boi de Mamão – Folclore / Reg.Marisa Fonterrada (CantorIA)
13. Geléia Geral – Gilberto Gil e T. Neto/Arr. Marcos Leite/Reg. Ana Yara Campos (Todos)

O XI Encontro de Corais da UNESP foi realizado no Teatro Municipal de Araraquara tornando-se necessário amplo estudo de ocupação do espaço. O fato de o espaço escolhido ser relativamente menor em relação àqueles utilizados nos Encontros anteriores proporcionou maior integração com a platéia, já que o Coral da UNESP se estendeu do saguão de entrada ao palco, ocupando os corredores centrais e laterais para o deslocamento dos grupos.

Pela primeira vez, desde a retomada dos corais da UNESP, o espetáculo foi desenvolvido baseado numa temática: "A Geléia Geral" brasileira, ou seja, os múltiplos aspectos que caracterizam o Brasil. A realização do espetáculo também contou com a contribuição da regente Ana Yara Campos.

O espetáculo teve início com os grupos corais, cada um a seu tempo, entoando seu "aboio" compondo um efeito estereofônico. Em seguida, todos os grupos entoaram em cânone fragmentos da obra "Araraquara", de Henrique de Curitiba, em homenagem à cidade. "Canide iuone" trouxe a menção da cultura indígena que aos poucos cedeu à colonização portuguesa e assim "começa a longa história do navio que ia e que vinha pela estrada azul do Atlântico abarrotado de saudade portuguesa" na poesia de Cassiano Ricardo e música de Ernst Widmer. Na seqüência, veio a obra "Romanceiro da

Inconfidência", com música de Edino Krieger, e texto de Cecília Meireles e arranjo para o Coral da UNESP de Marisa Fonterrada (ANEXO 12b), destacando o "ciclo do ouro" em Minas Gerais.

O novo tempo "apesar dos castigos" traz uma série de outras obras agrupadas a título de representar a mistura de estilos que compõe a "Geléia Geral" brasileira, no texto de Gilberto Gil: "Ano que vem, mês que foi.... É a mesma dança, meu boi", retomando a idéia do início do espetáculo. Vide programa. (ANEXO 14c)

3.4. XVII Encontro de Corais da UNESP (2001)



Figura 38. Cartaz do XVII Encontro de Corais da UNESP

Local: São José do Rio Preto (SESC)
Data: 06 de outubro de 2001

QUADRO 42: Corais e Regentes participantes do XVII Encontro de Corais da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral "Boca Santa" de Marília (convidado)	Ubirajara Rancan de Azevedo Marques
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Araraquara ("Rairaram")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de Bauru	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Botucatu ("Lageado em Canto")	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Guaratinguetá	Sandra Mendes Sampaio

Coral do Campus de Ilha Solteira Coral Infantil "Pintando o Sete"	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do campus de Presidente Prudente e Coral UNATI	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do campus de Rio Claro ("Uirapuru")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do campus de São José do Rio Preto	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do campus de São José dos Campos	Sandra Mendes Sampaio
Coral da Reitoria	Joel do Prado Jr.
Coral do campus de São Paulo – CantorIA (IA)	Marisa Fonterrada, Tânia d'Avila Joana D'Arc da Conceição Soares
Coral do campus de São Paulo - Instituto de Artes	Emerson Tineo

Regentes convidados: Gisele Corrêa da Cruz, José Luiz da Silva e Roberto Sussumo Anzai.

Repertório:

1. Kyrie – Gregoriano/Coro masculino (Marília, Botucatu, Bauru, Araraquara e Rio Claro)
2. Carrilhão da Sé – Vocalizes (Todos os corais)
3. Praça da Sé – Adoniran Barbosa/Arr. Samuel Kerr
4. Histórico do Coral da UNESP
5. Texto 1 – "A Canção"
6. Há mil sons no ar – Fragmento 1 (Botucatu e Bauru)
7. Estrela, Estrela – Victor Ramil/Arr. Samuel Kerr (Rio Claro e Araraquara)
8. Certas Canções – Fragmento 2 (S.J.Rio Preto, Ilha Solteira, S.J.Campos e Guaratinguetá)
9. Tem gato na tuba – João de Barro e Alberto Ribeiro/Arr. Samuel Kerr (Reitoria e IA)
10. Ta Man – Fragmento 3 (Marília, Araçatuba e Presidente Prudente)
11. Certas Canções – Fragmento 4 (Rio Claro, Araraquara, Reitoria e IA - Todos dos corais)
12. O Trem/RFFSA – Arr. Samuel Kerr (Cantoria, IA e "Pintando o Sete" de Ilha Solteira)
13. Paisagem sonora de S.J.Rio Preto: Imagens e frases (Estrada de Ferro – Companhia Swift do Brasil – Palácio das águas – Basílica.
14. Texto 2 – "O compositor"
15. Grito Negro – Edson Crepaldi e Altino Bessa Marques Filho/Arr. Roberto S. Anzai e Samuel Kerr (S.J.Rio Preto e Ilha Solteira com performance dos Grupos Dindara e Abadá Capoeira.
16. Capitanias Hereditárias – Canções Infantis portuguesas/Conrado Silva/Arr. Samuel Kerr ("Pintando o Sete" e CantorIA)
17. Baladainha – CantorIA
18. Seduzir – Djavan (Todos os coros e público)
19. Texto 3 – "O Cantor"
20. Cunhataiporã – Geraldo Espíndola/Arr. Samuel Kerr (Marília)
21. Boa Noite, Amor – José Maria de Abreu/F. Matoso/Arr. Samuel Kerr (Bauru e Botucatu)
22. Estrela do mar – Marino Pinto/Paulo Soledad/Arr. Samuel Kerr (Marília, Botucatu, Bauru, Guaratinguetá e São José dos Campos.
23. Jingle da Varig – Caetano Veloso/Arr. Samuel Kerr (Guaratinguetá e São José dos Campos)
24. O Circo – Mário Zan/Arr. Samuel Kerr (Araçatuba e Presidente Prudente)
25. Agradecimentos e Homenagens
26. Auto-Retrato – George Vidal/Arr. Sameul Kerr (Grande Coro)
27. (Obra Aberta) Canto do povo de um lugar – Arr. Sameul Kerr (Grande Coro)

O XVII Encontro de Corais da UNESP teve como temática sua própria memória musical e homenageou seu idealizador, o maestro Samuel Kerr. O evento também contou com a participação de regentes bolsistas convidados: Gisele Corrêa da Cruz, José Luiz da Silva e Roberto Sussumo Anzai.



Realizado no SESC de São José do Rio Preto, o encontro teve início recordando o espetáculo "*Praça da Sé*". O *Kyrie* gregoriano entoado por coro masculino em procissão conduziu os Corais ao palco, de forma incidental os coralistas restantes reproduziram os sons do "Carilhão da Sé", o vocalize memorável do Natal de 79. Montado o coro, o trombonista iniciou a execução de "Praça da Sé" (Adoniran Barbosa), regido por Alexandre Amaral Torres Sanches, o primeiro regente bolsista da história do Coral da UNESP e também o primeiro a atuar no campus de São José do Rio Preto. Em seguida, após breve histórico, houve a narração de trechos selecionados do livro "Monitores Corais" de Samuel Kerr. A música "Certas canções", sob regência de José Luiz da Silva, trouxe à cena a memória musical da cidade de São José do Rio Preto (Estrada de Ferro, Companhia *Swift* do Brasil, Palácio das Águas, Basílica Menor Nossa Senhora Aparecida e Grupos de capoeira) e o compositor local, expresso em "Grito Negro" (Edson Crepaldi e Altino Bessa Marques Filho), também recordou o "II Encontro do Coral da UNESP" na cidade em comemoração do Centenário da Abolição, sob regência de Roberto Sussumo Anzai, regente que sucedeu Sanches na Unidade. Trecho selecionado da micro-ópera *Capitanias Hereditárias*, de Conrado Silva, também ilustrou os primeiros encontros realizados no início do Projeto. Por meio da frase "o uníssono é a força total do coro", de Samuel Kerr, os corais em *tutti* estimularam a participação da platéia na execução da canção "Seduzir"- Djavan, promovendo um grande momento de congraçamento entre o coral e a platéia, sob regência de Gisele Corrêa da Cruz. A mesma dá prosseguimento ao concerto regendo a marchinha de carnaval "Estrela do mar". Finalizando o Encontro, menção à memória recente na execução de "Auto-Retrato" que finalizaou o Encontro de 1999, sob regência de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. O grande momento deu-se enfim quando o maestro Samuel Kerr subiu ao palco para reger "Canto do povo de um lugar", que no programa anexo consta como "obra aberta", ensaiada de memória na ocasião, conforme os propósitos de Kerr já destacados anteriormente. Fica a seguinte frase da regente Sandra Mendes de Souza[38]: "Agora pessoal, vai pro lixo as 700 cópias que nós preparamos para o ensaio". Observamos no programa que todos os arranjos utilizados são de autoria de Samuel Kerr (ANEXO 14d).

3.5. XVIII Encontro de Corais da UNESP (2002)

[38] Dentre os regentes da equipe, Sandra Mendes Sampaio de Souza ficou responsável, desde 1989, por toda a dinâmica do ensaio geral que antecede a apresentação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19



Figura 39. Cartaz do XVIII Encontro de Corais da UNESP

Local: Bauru
Data: 08 de novembro de 2002

QUADRO 43: Corais e Regentes participantes do XVIII Encontro de Corais da UNESP

Corais Participantes	Regentes Participantes
Coral do Campus de Araçatuba	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Araraquara ("Rairaram")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de Bauru	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Botucatu ("Lageado em Canto")	Irandi Fernando Daroz
Coral do Campus de Guaratinguetá	Sandra Mendes Sampaio
Coral do Campus de Ilha Solteira e Coral Infantil "Pintando o Sete"	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de Presidente Prudente e Coral UNATI	Alexandre Amaral Torres Sanches
Coral do Campus de Rio Claro ("Uirapuru")	José Ricardo Godoy Ocampos
Coral do Campus de São José do Rio Preto	Zuleica Carvalho Moreira
Coral do Campus de São José dos Campos	Sandra Mendes Sampaio
Coral da Reitoria	Guilherme Terra
Coral do Campus de São Paulo – CantorIA (IA)	Marisa Fonterrada, Tânia d'Avila Joana D'Arc da Conceição Soares
Coral do Campus de São Paulo - Instituto de Artes	Emerson Tineo
Coral do Campus de São Vicente	Daniel Tauszig

Participação Especial dos atores: Osvaldo A. Anzolin e André Rosa (Instituto de Artes) e "Banda Trombada Auê" de Carloz Bauzys.

Repertório:

1. Vídeo: Abertura
2. Bradados para domingo de Ramos - Faustino do Prado Xavier/Reg. Zuleica Carvalho Moreira (Corais Reunidos)
3. Texto e Vídeo: Marcos Leite/Atores: Osvaldo A. Anzolin e André Rosa (IA)
4. Kid's Boy - Marcos Leite/Amauri Vieira/ Reg. José Ricardo Ocampos (Corais Reunidos)
5. Três Cantos Nativos dos Índios Kraho (2.° Canto) - Recolhido por Marluí Miranda / Arr. Marcos Leite/ Reg. Guilherme Terra (Corais Reunidos)
6. Mira Ira ("Nação Mel")- Corais: - Lula Barbosa e Vanderlei de Castro/Arr. Olavo B. Soares/Alexandre Amaral Torres Sanches/Reg. José Ricardo Ocampos (Araraquara e Rio Claro)
7. Tché Nane - Índios Jarotí de Rondônia/ Recolhido e Arranjado por Marluí Miranda/Reg. Irandi Fernando Daroz (Botucatu, Bauru, São José do Rio Preto e Ilha Solteira)
8. Trem do Pantanal – Geraldo Rocca e Paulo Simões/Arr. Iso Fischer/ Reg. Alexandre A. T. Sanches (Araçatuba e Presidente Prudente)
9. Vídeo: "Bauru, Cidade sem limites"
10. Rosa que é Rosa - Miguel Ângelo Ruiz (compositor bauruense)/Reg. Irene Pinheiro Chagas (homenagem) (Corais Reunidos)
11. Texto: "Astral"
12. Alguém cantando – Caetano Veloso/Arr. Marcos Leite/Reg. Sandra Mendes Sampaio (São José dos Campos e Guaratinguetá)
13. Uirapuru - Valdemar Henrique/ Arranjo e Reg. Daniel Tauszig (São Vicente)
14. Qui nem Jiló – Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga/Arr. Eduardo Dias Fernandes/ Regência: Zuleica Carvalho Moreira (São José do Rio Preto e Ilha Solteira)
15. Vatapá – Dorival Caymmi/Arr. Marcos Leite/ Reg. Alexandre A. T. Sanches (Corais Reunidos)
16. Estrela, Estrela – Victor Ramil/Arr. Marisa Fonterrada e Gisele Cruz/ Reg. Leila Vertamatti (CotovIA "Pintando o Sete")
17. Maria Fumaça – Kleiton e Kledir/ Arr. Damiano Cozzellla/ Reg. Tânia Ávila (Coral CantorIA)
18. Bolinha de Sabão – Orlando Divo e Adilson Azevedo/ Arranjo e Reg. Alexandre A. T. Sanches (Araçatuba e Presidente Prudente)
19. Samba de Boca – Arr. E Reg. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (Corais Reunidos)
20. Samba do Arnesto – Adoniran Barbosa/Arr. Sérgio Wontroba/Reg. Emerson Tíneo (Reitoria e IA)
21. Barbatuques - Regência: Integrantes do grupo BARBATUQUES
22. Magamalabares - Marisa Monte e Carlinhos Brown/ Arranjo e Reg. Irandi Fernando Daroz (Bauru e Botucatu)
23. Aquacídio - Carlos Bauzys / Banda Trombada Auê/Reg. Carlos Bauzys (Corais Reunidos)
24. Poema: "Cem anos de amor por Bauru"/Luciana Gonçalves/ Atores: Osvaldo A Anzolin e André Rosa
25. Cidade Linda - George Vidal/Reg. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
26. Barbatuques – Reg. integrantes do grupo BARBATUQUES
27. Texto: "Criação Livre"- Atores: Osvaldo A Anzolin e André Rosa
28. Aquarela do Brasil – Ary Barroso /Arr. Marcos Leite/Reg. Sandra Mendes Sampaio (Corais Reunidos)

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

"Isto aqui, o que é?"

Texto: Sandra Mendes Sampaio de Souza

Era o século XVIII. O ciclo do ouro. Incentivadas pela Coroa Portuguesa, expedições saiam do litoral em direção às Minas Gerais, em busca do ouro e das pedras preciosas no Brasil colonial. No caminho, quase no topo da serra, chegam os viajantes à vila de Mogi das Cruzes, às vésperas da Páscoa. Na igreja matriz da cidade, ao som dos Bradados para Domingo de Ramos", pedem a Deus auxílio, para obterem sucesso na empreitada. Penetrando cada vez mais no interior da colônia, os exploradores aumentam em quase três vezes os limites territoriais do Brasil.

Três séculos depois, voltamos às Minas Gerais. Não buscamos o metal precioso; viemos atrás de outras preciosidades. Nosso interesse é a música, e trazemos conosco um desbravador da música brasileira: o grande músico carioca Marcos Leite, a quem rendemos nossas homenagens.

As Minas já não produzem tanto ouro. Mas produzem outras riquezas, entre elas, um produto reconhecidamente brasileiro; um patrimônio nacional: a cachaça. Em sua homenagem, Marcos Leite, em companhia do mineiro Amaury Vieira, ligados pela música e pela irreverência, compõem Kid's Boy, a oração do cachaceiro de Itajubá, sem esquecerem, porém, da tradição musical construída naqueles tempos.

Como no passado, adentramos o Brasil, desta vez para uma expedição musical. Vamos ao centro-oeste, para ouvirmos os Cantos nativos dos índios Kraó, a canção Mira Ira e Tche Nane, três demonstrações da nossa inegável mistura de raças e da presença do índio em nossa cultura.

Do centro-oeste ao centro-sul, saímos no Trem do Pantanal. Chegamos a Bauru, de onde muitos trens partem em diversas direções e ouvimos Rosa que é rosa. Momento nostálgico: vem à nossa memória o carnaval das marchas-rancho, com sua poética amorosa.

Mas a nossa viagem ainda não terminou. Ouvimos Alguém cantando, bem longe daqui. É o canto do Uirapuru, que nos leva ao norte do país. De lá vamos ao nordeste. Chegando a Pernambuco, encontramos Luiz Gonzaga cantando a saudade do seu xodó, que amarga Qui nem jiló. Descendo à Bahia, pedimos a benção de todos os santos. E lá podemos saborear um delicioso Vatapá.

É chegada a noite. Do nordeste vamos direto ao sul. Observando o céu, cantamos em sua homenagem Estrela, estrela. Viajamos de Maria Fumaça. '_Ô seu foguista, bota fogo na fogueira!'

Iniciamos nosso retorno ao sudeste. No caminho, assistimos uma criança com a velha brincadeira de Bolinha de Sabão. Em São Paulo, tentamos ir ao Samba do Arnesto, mas chegando lá não encontramos ninguém.

Neste momento, ouvimos um burburinho ao longe. Aos poucos o som vai se tornando mais e mais próximo.

Em meio à multidão que se aproxima, nos deparamos com Carlinhos Brown, dançando ao som dos tambores, vestido com seu cocar; o negro fantasiado de índio, a síntese das raças, ao som de sua Magamalabares. Logo atrás dele, na mistura de tantos sons, ouvimos o som verdadeiramente urbano, o *rap* Aquacideo, com seu texto engajado lamentando a destruição da natureza.

Isto aqui, o que é? Isto é o Brasil! A música brasileira! Não nos foi possível visitar todos os lugares, o Brasil é imenso e as tradições brasileiras são muitas! Porém em nosso delírio, viajamos pelo universo musical brasileiro, diretamente desta Cidade Linda que é Bauru, para todos juntos, pintarmos a Aquarela do Brasil! Viva Ary Barroso! Viva Marcos Leite!

Isto aqui
é um pouquinho de Brasil
Este Brasil que canta e é feliz.
É também um pouco de uma raça
Que não tem medo de fumaça
E não se entrega não
(Ary Barroso)

Praticamente pode-se dizer que o XVIII Encontro de Corais da UNESP deu continuidade ao Encontro realizado em Araraquara, em 2000, porém, dando-se prioridade para a música popular brasileira. Na ocasião, também foi homenageado o regente e arranjador carioca Marcos Leite, falecido no início de 2002, por razão de sua enorme contribuição ao canto coral e à execução da música brasileira.

A fim de que a platéia se inteirasse do roteiro estabelecido, foi elaborado o texto "Isso aqui, o que é?" de autoria de Sandra Mendes Sampaio de Souza.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

O Encontro iniciou com a música colonial brasileira (e sua retórica transplantada da Europa para o Brasil) caricaturizada em "Kid's Boy", composição de Marcos Leite e Amaury Vieira. A "Nação mel" foi envolvida pela cultura indígena enquanto a cidade de Bauru foi destacada pela importância da via férrea, assim, o trem tornou-se pretexto para a condução do espetáculo. A memória musical de Bauru foi evidenciada na execuação de "Rosa que é rosa" de Miguel Ângelo Ruiz, compositor local. "Alguém cantando longe daqui", na poesia de Caetano Veloso, conduziu a apresentação para regiões distantes e de "Maria Fumaça", chegou-se ao Sul, com Kleiton e Kledir. Sob a regência de Marisa Fonterrada, ocorreu grande integração com a platéia na execução do "Samba de Boca". A seguir, a região sudeste apareceu representada pelo *rap* "Aquacídio" de Carlos Bauzys, aluno do curso de composição e regência do Instituto de Artes. Segue homenagem à cidade que sediou o encontro na poesia "Bauru, cidade sem limites" de Luciana Rodrigues e música de George Vidal (compositor local). A festa de encerramento do XVIII Encontro de Corais da UNESP deu-se com "Aquarela do Brasil" arranjada por Marcos Leite. (ANEXO 14e).

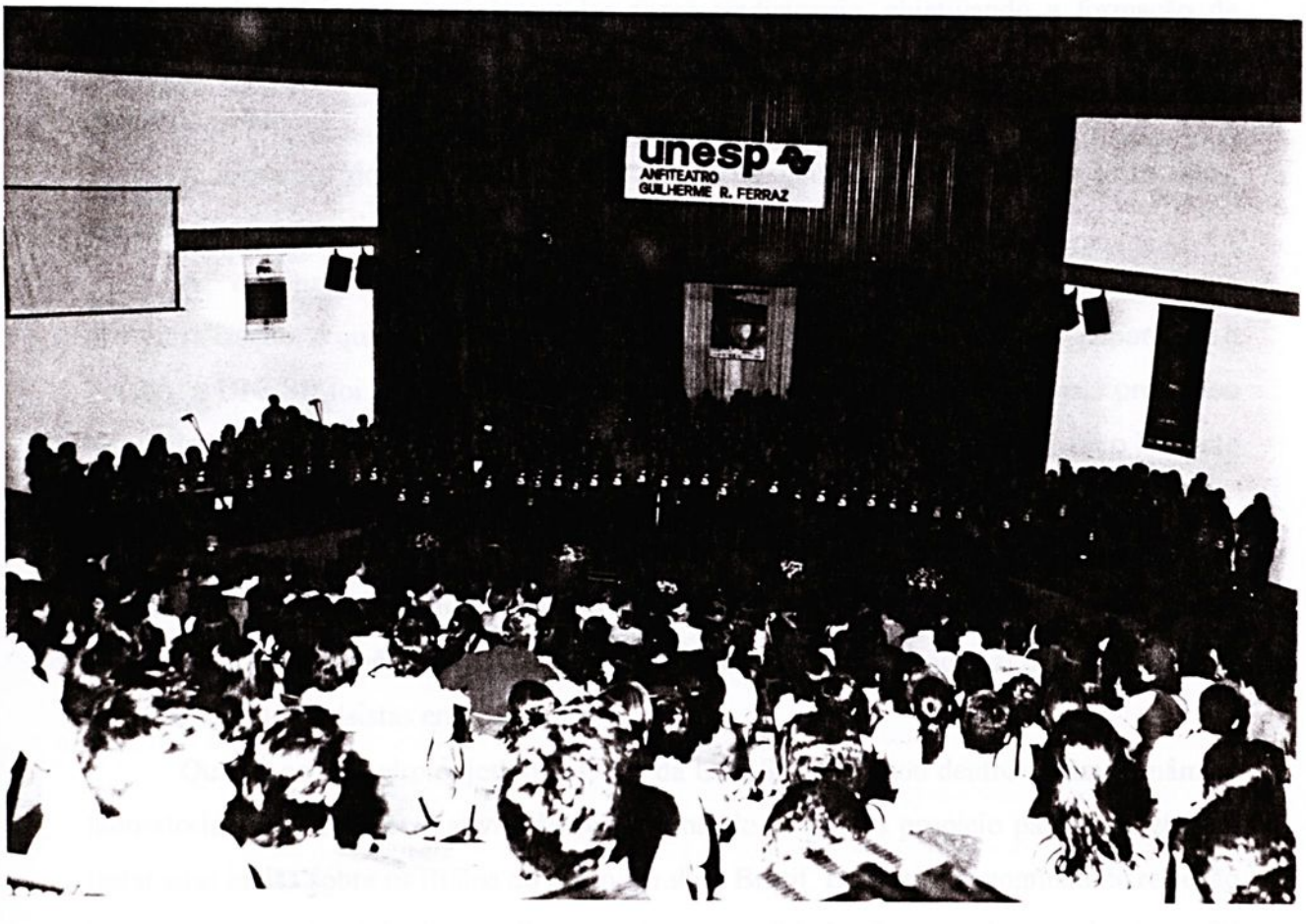


Figura 40: XVIII Encontro de Corais da UNESP - 2002

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatar a história do Coral da UNESP é refletir sobre a atividade coral no Estado de São Paulo.

O Coral da UNESP surgiu impulsionado pelas idéias do maestro Samuel Kerr, que, antes de iniciar o trabalho, já tinha uma vasta experiência no assunto, adquirida, principalmente, de sua formação ligada à igreja protestante e do conhecimento recebido nos Seminários de Música da Pró-Arte, onde teve contato com as idéias do "Movimento Música Viva" de Koellreutter, transmitido principalmente por Roberto Schnorrenberg, presença marcante em sua vida musical.

O Movimento Música Viva refutava a chamada arte acadêmica em busca de uma arte musical que fosse expressão real da época e da sociedade, destacando a função socializadora da música, no entanto reportava-se exclusivamente à música estrangeira (Renascentista). Em paralelo, o movimento Escola Nova caminhava no mesmo sentido, opunha-se às práticas pedagógicas tidas como tradicionais, objetivando a formação de cidadãos aptos à reflexão, considerando sua liberdade individual e sua responsabilidade diante do coletivo.

A formação do Coral da UNESP, em 1978, deu-se paralelamente a estes fatos, assumindo características específicas, priorizando a música brasileira.

A estrutura da UNESP em seu formato *multicampi* possibilitou uma descentralização, o que não aconteceu com a USP e a UNICAMP. Irradiando-se por todo o Estado, a UNESP foi congregada pela diversidade. Dessa forma, cada campus preservou seu regionalismo e isso refletiu também na atividade coral. O pólo irradiador foi o Instituto de Artes sediado, inicialmente, em São Bernardo do Campo e, em seguida, em São Paulo.

Sob a direção artística de Samuel Kerr, o Coral da UNESP voltou-se para os seguintes objetivos: possibilitar ao aluno do Instituto de Artes do Planalto uma experiência prática na área de Regência Coral e recuperar aspectos memória musical das comunidades onde os regentes bolsistas eram atuantes.

Quanto ao primeiro objetivo, o Coral da UNESP funcionou dentro de uma dinâmica laboratorial de (re)pensar a atividade coral tornando-se campo propício para Samuel Kerr testar suas idéias sobre os rumos do canto coral no Brasil. Essa atitude contínua de reflexão buscava uma metodologia condizente com a realidade dos corais amadores e foi

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

imprescindível para a formação de regentes do Instituto de Artes. Pode-se dizer que essa atuação assistida funcionou como extensão da própria sala de aula.

Quanto ao segundo objetivo, o Coral da UNESP procurou preservar aspectos inerentes a cada comunidade, ressaltando, ao mesmo tempo, um valor histórico e um valor humano, tornando o coralista um poeta dos fatos ao ilustrar musicalmente a narração de seu cotidiano. O repertório que surgia dessas histórias contadas pelos cantores de cada região não estava expresso exclusivamente no compositor local mas principalmente na ambientação sonora da cidade ou região em questão.

Dessa forma, considerados tais objetivos, pode-se dizer de antemão que o Coral da UNESP constituiu-se num momento de grande democratização do canto coral acompanhando uma amplitude de ação muito grande.

Observando a história do Coral da UNESP, pode-se notar que às iniciativas isoladas de Rio Claro e São José do Rio Preto somaram-se outras, manifestadas pelo desejo de cada Unidade em possuir o seu próprio grupo coral. Observa-se também que, nos dois últimos encontros de corais da UNESP, todos os *campi* já haviam sido contemplados com a atividade. A portaria publicada em 1980, que oficializou o Coral da UNESP, documentou esse desejo manifestado pela comunidade em eleger o canto coral como um dispositivo eficaz de extensão. Assim, foram realizados treze encontros corais na primeira fase e cinco encontros na segunda fase.

A discussão sobre a formação de grupos corais amadores e a participação ativa do coralista no trabalho de reconstituição da memória musical das comunidades projetou o Coral da UNESP para todo o Brasil, apontando para a reavaliação dos parâmetros tradicionais em busca de coerência, originalidade e atenção à realidade brasileira.

Deve-se destacar ainda que o Coral da UNESP ao voltar-se à participação do coralista, enfatizou de antemão um aspecto de inserção social onde a música muitas vezes serviu de pretexto, ou seja, nem sempre a excelência musical ou a perssecussão de um padrão estético consagrado foi imprescindível.

O espetáculo *Praça da Sé* foi o primeiro realizado por Samuel Kerr no gênero de pesquisa musical sobre a ambientação sonora do cotidiano e serviu de modelo para outros trabalhos, como, por exemplo, *Lavrador* (Jaboticabal). Ambos os trabalhos contaram com a participação dos professores do Instituto de Artes do Planalto gerando uma dinâmica interdisciplinar.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

A participação do Coral da UNESP no XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão (1983) projetou o grupo como modelo de canto coral no Estado de São Paulo, vindo de encontro a proposta da Arte-Educação em fundir as linguagens artísticas. Além disso, o Coral da UNESP tornou-se conhecido nacionalmente pelo Projeto Villa-Lobos da FUNARTE (1981-1990) e pelo 2° Encontro Nacional de Corais Universitários de Curitiba (1982).

Dentre os regentes bolsistas que permaneceram mais tempo no Coral da UNESP destacam-se Alexandre Amaral Torres Sanches (em atividade desde 1978) e Maria Elisa Peretti Pasqualini. Há de se observar também que eles seguiram linhas de trabalho opostas. Enquanto o primeiro regente optou por um trabalho centrado nos parâmetros tradicionais, o segundo desenvolveu intenso trabalho musical inspirado nas idéias de Samuel Kerr. O Coral do IPEA de Presidnete Prudente ("Balaio de Gatos") sob sua direção, assumiu postura experimental na modalidade coro cênico, da qual Kerr foi idealizador, realizando inúmeras montagens temáticas roteirizadas no espetáculo. Ambos foram responsáveis pela organização de vários Encontros Regionais, o que demonstra o grau de envolvimento nas atividades propostas e o compromisso com a Universidade.

O Coral da UNESP passou por duas interrupções, ocorridas como ressonância de momentos políticos nacionais que abalaram a estrutura de todos os segmentos da sociedade e a universidade pública também sofreu seu efeito. A segunda interrupção deu-se por um desentendimento progressivo marcado pela criação do PAC-PROEX em 1989. A nova administração reavaliou questões relativas ao coral, submetendo o diretor artístico às determinações deste órgão, diferindo da fase inicial quando os assuntos referentes ao Coral não possuíam intermediação, eram ligados diretamente ao Gabinete do Reitor.

A falta de uma política dirigida por parte da Reitoria, condizente com a realidade do Projeto Coral da UNESP tornou as atividades cada vez mais rarefeitas. O "Documento de Botucatu" apontou a criação da Portaria nº. 101/91 como a provável causa do problema. Tal documento dificultou as atividades ao delimitar o raio de abrangência do Coral da UNESP aos alunos do Instituto de Artes (ou alunos de outras unidades), desconsiderando lideranças locais.

Neste aspecto, a normatização traçada inicialmente para o Coral da UNESP e expressa na Portaria nº. 178/80 foi reproduzida com o passar do tempo não reconhecendo falhas e tampouco a necessidade de adaptações condizentes com a realidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

A escassez de verba refletiu bruscamente nas atividades do Coral da UNESP pelo "gigantismo" apontado por Kerr, limitando o deslocamento dos regentes bolsistas da capital para o interior. Assim, aqueles regentes que haviam adquirido expressividade nas comunidades foram afastados quando cessado o vínculo estudantil com a Universidade. Não havendo alternativas para a geração de recursos (o que também caracterizou um impasse - o vínculo empregatício), os trabalhos que foram solidamente construídos com o passar do tempo foram interrompidos. Deve-se ressaltar que os regentes comunitários foram solaboradores imprescindíveis para dar continuidade às atividades.

Pelo exposto, nota-se claramente a dificuldade da Universidade em criar meios alternativos para a manutenção do Coral da UNESP. Diante disso, os *campi*, dispostos a manter viva a atividade mobilizaram-se provisoriamente, disponibilizando recursos próprios para remunerar os regentes da comunidade local, conforme observado em Araçatuba e Botucatu entre outros *campi*. O fato das comunidades pressionarem a Reitoria a tomar atitudes sobre o Coral da UNESP foi fator primordial e definitivo para a sua reimplantação e manutenção nos dias atuais.

Embora o período de transição entre a primeira e segunda fase tenha sido conturbado, reduzindo sensivelmente as atividades artísticas do Coral da UNESP, a coordenação de Carlos Kaminsky apontou soluções administrativas para a situação funcional dos regentes na Universidade.

A reformulação do projeto original e a conseqüente readequação da portaria vigente contou com o parecer favorável do CONVIDUNESP culminando na contratação de regentes profissionais para trabalharem nas Unidades do interior. A nova estrutura administrativa, mesmo possibilitando a manutenção das atividades, mudou os rumos da trajetória, incidindo no rompimento com os ideais e propostas definidas por Samuel Kerr inicialmente (de ser um laboratório extensivo aos alunos de composição e regência do Instituto de Artes - experiência prática que complementava seus estudos). Deve-se excetuar, nesta observação, os Corais da Reitoria, Instituto de Artes e do campus de São Vicente, que permaneceram com regentes bolsistas.

A introjeção de "sangue novo", com a contratação de regentes efetivos, trouxe novos ideais e propostas, advindos de experiências externas ao Instituto de Artes, dando outras características ao Coral da UNESP. Essa heterogeneidade de regentes destacou pensamentos, condutas e modos de agir diferenciados, mais próximos do canto coral tradicional. No entanto, Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, como supervisora artística

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

do Projeto Coral da UNESP, por sua atuação e identificação com as idéias de Samuel Kerr, pretendeu dar continuidade a seus objetivos.

No que diz respeito ao confronto de informações (QUADRO 38), pode-se estabelecer relação imediata entre os tópicos "Perspectivas na atuação e formação de regentes bolsistas" e "Parâmetros de atuação dos regentes contratados" mesmo que utilizando metodologias diferenciadas. O fato de aplicar questionário e realizar entrevista, na primeira fase, contribuiu na coleta de dados imprimiu certa relatividade ao texto, amalgamado pelas idéias de Kerr. Na segunda fase, o fato de somente aplicar questionário deu maior precisão às respostas permitindo análise comparativa. Assim foi possível verificar, abaixo, diferenças, bem como semelhanças, no método de trabalho desenvolvido nas duas fases do Coral da UNESP. Neste último aspecto, deve-se considerar que as idéias de Samuel Kerr foram amplamente disseminadas no meio coral brasileiro. No caso dos regentes contratados este contato deu-se principalmente por meio da atual supervisão artística.

Verificada a importância da atividade musical nos diversos *campi* da UNESP e seu reflexo para a comunidade, a contratação de novos regentes tende a expandir-se gradativamente.

O Coral da UNESP sempre foi uma atividade cultural de expressão, se não a única, na medida em que congrega todos os segmentos da Universidade, constituindo-se no movimento artístico-cultural de maior amplitude, marcando presença em todos os *campi*, efetivando seu caráter de extensão ao envolver a comunidade. Deve-se ainda destacar seu impacto social na vida dos coralistas espalhados pelo Estado de São Paulo que fizeram de seu canto parte deste processo musical continuado e carregam consigo a memória do Coral da UNESP.



BIBLIOGRAFIA

ALVES, P.C.; BRAGA, S.M.; PESSONI, M.P. Performance vocal de um grupo de coralistas na pré e pós-atuação fonoaudiológica. In: FERREIRA, L.P. ; SILVA, M.A.A. **Saúde vocal**: práticas fonoaudiológicas. São Paulo: Roca, 2002. p. 133-154.

AMIN, E.; ESPIRESZ, S. Atuação do fonoaudiólogo no CORALUSP. In: FERREIRA, L.P.; SILVA, M.A.A. **Saúde vocal**: práticas fonoaudiológicas. São Paulo: Roca, 2002. p. 119-132.

ANDRADE, M. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

ANDRADE, M. **Pequena história da música**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BAKALEINIKOFF, V. **Elementary rules of conducting for orchestra, band and chorus.** New York: Belwin Mills, 1938.

BAPTISTA, R. **Tratado de regência**: aplicada à orquestra, à banda de música e ao coro. São Paulo: Irmãos Vitale, 1976.

BARDI, P.M. **O modernismo no Brasil**. São Paulo: Banco Sudameris, 1982.

BARRETO, C.B. **Canto coral, organização e técnica de coro**. Petrópolis: Vozes Ed.,1973.

BEHLAU, M.; REHDER, M.I. **Higiene vocal para o canto coral**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

BEHLAU, M.; PONTES, P. **Higiene vocal**. São Paulo: Lovise, 1993.

BEUTTENMÜLLER, M.G.; LAPORT, N. **Expressão vocal e expressão corporal.** Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1974.

BOONE, D.R. **Sua voz está traindo você?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOONE, D.R.; McFARLANE, S.C. **A voz e a terapia vocal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BORN, S. Como preparar uma obra vocal. In: MATHIAS, N. **Coral, um canto apaixonante**. Brasília: Musimed, 1986. p. 65-86.

BRASALOTO, A. **Estágio de voz profissional**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1998. Trabalho não publicado.

BRETANHA, C. Técnica vocal. In: MATHIAS, N. **Coral, um canto apaixonante**. Brasília: Musimed, 1986. p. 36-64.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

BUSCH, B.R. **The complete choral conductor**. New York: G. Schirmer Inc., s.d.

CANUYT, G. **La voz**: técnica vocal.Buenos Aires: Hachette, 1958.

CARTOLANO, R.B. **Regência: coral, orfeão, percussão**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1968.

_____. **A expressão corporal como elemento de comunicação do regente**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1984.

CINTRA, F.C. M. **Noigandres**: **o programa coral como composição**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação em Artes, Universidade de São Paulo, 1987.

COELHO, H. W. **Técnica vocal para coros.** São Leopoldo: Sinodal, 1997.

_____. **Musicalização de adultos através da voz**: **uma proposta metodológica de abordagem multimodal**. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

COSTA, E. **Voz e arte lírica: técnica vocal ao alcance de todos**. São Paulo: Lovise, 2001.

COSTA, H.O.; SILVA, M.A.A.**Voz cantada**: **evolução, avaliação e terapia fonoaudiológica.** São Paulo: Lovise, 1998.

CRUZ, G. **Canto, canção e cantoria**, São Paulo: SESC, 1997.

CUNHA, A.L. **A oficina como atividade de apoio ao coro amador**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.

DINVILLE, C. **A técnica da voz cantada**.Tradução Marjorie B. Courvoisier Hasson. Rio de Janeiro: Enelivros, 1993. Tradução de: *La voix chantée au technique.*

DONATO, H. **Achegas para a história de Botucatu**. 3.ed. Botucatu: Banco Sudameris do Brasil, Prefeitura Municipal, 1985.

DIVISÃO REGIONAL DE ENSINO DA CAPITAL. **Boletim Interliga-som**. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo,1983.

DUARTE, J.F.C. A fala e o canto no Brasil: dois modelos e emissão vocal. **Revista ARTunesp**, São Paulo, v.10, p.87-97, 1994.

EHMANN, W.; HAASEMANN, F. **Voice building for choirs.** (Tradução para o inglês Brenda Smith) Chapel Hill: Hinshaw, 1982.

ENCICLOPÉDIA da música brasileira: erudita, folclórica e popular. São Paulo: ART, 1977.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

FAUSTINI, J.W. **Música e adoração**: noções históricas e práticas sobre música e sua função no culto de adoração, orientação de técnica vocal, canto e regencia coral e outros asuntos correlacionados. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1973.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário aurélio da língua portuguesa**. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, L.P.(Org.) **Trabalhando a voz**: vários enfoques em fonoaudiologia. São Paulo: Summus, 1988.

FERREIRA, L.P. Uma pesquisa, uma proposta, um livro: três histórias que se cruzaram. In: FERREIRA, L. P. et al. **Voz profissional: o profissional da voz.** São Paulo: Pró-Fono, 1998. p.1-6.

FERREIRA, L.P. Respiração: tipo, capacidade e coordenação pneumo-fono-articulatória. In: FERREIRA, L.P. et al. **Temas de fonoaudiologia**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1993. p.8-39.

FERREIRA, L.P.; BARROS, M.C.P.P. Ressonância. In: FERREIRA, L.P. et al. **Temas de fonoaudiologia**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1993. p.41-58.

FIGUEIREDO, S.L.F. **O ensaio coral como momento de aprendizagem**: a prática coral numa perspectiva de educação musical. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

FONTERRADA, M.T.O. **Educação musical, investigação em quatro movimentos**: prelúdio, coral, fuga e final. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.

_____. **O lobo no labirinto**. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

FUNARTE. Instituto Nacional de Música. **Música:** textos e contextos. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1985, v.1, n.1.

FUNARTE. Instituto Nacional de Música. **Canto coral, 10 anos projeto Villa-Lobos**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1989.

GALLO, J.A. et al. **El director de coro**: manual para la dirección de coros vocacionales. Buenos Aires: Ricordi, 1979.

GALLO, A.A. **A noção de cidadania em Anísio Teixeira**. Disponível em <http://www.anped.org.br/24/P0251803934623.rtf.> Acesso em: 13 jul 2003.

GALLO, J.A. Repertorio y audición: breve catálogo de obras. In: GALLO, J.A. et al. **El director de coro**: manual para la dirección de coros vocacionales. Buenos Aires: Ricordi, 1979. p. 211-239.

unesp

GROVE, S.G. **The new grove dictionary of music and musicians.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1994.

GUIDUGLI, G. A regência de Samuel Kerr. In: SÃO PAULO Secretaria de Estado da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Quem quiser que conte outra**. São Paulo, 1986, p. 57-61. (Projeto Ipê – curso I).

GUIMARÃES, M.A.B. **O canto coletivo na educação infantil e no ensino fundamental.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

HEIN, R. Memória leopoldense presente numa nova linguagem coral. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, 03 set. 1982. Cidade, p.14.

HERR, M. Considerações para a classificação da voz do coralista. In: FERREIRA, L. P. et al. **Voz profissional**: o profissional da voz. São Paulo: Pró-Fono, 1998. p. 51-66.

HOLST, I. **Conducting a Choir**: a guide for amateurs. London: Oxford University Press, 1975.

JESUS, T. Canto coral: um gesto vocal coletivo. **Médico Moderno**, São Paulo, maio, 1985. p.76-93.

KAELIN, P.; MANZARRAGA, T. **Direción coral**. Madrid: Editorial Co.Cul., 1959.

KAMINSKY, C. **O gesto e o som:** tópicos metodológicos para o ensino de regência no curso de Educação Artística. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.

KAMINSKY, C. **A imagem e o som**: a comunicação e a expressão cinésica na regência orquestral. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

KAHLE, C. **Manual prático de técnica vocal**: para atores, cantores, oradores, professores e locutores. Porto Alegre: Sulina, [19--].

KERR, S. M. **A história da atividade musical na igreja presbiteriana unida de São Paulo**: uma fisionomia possível, São Paulo: Edicon, 2000.

KERR, S. M. Le role des chorales dans la formation artistique de la jeunesse. **L' Educacion Musicale**, Paris, n.279-280, p.349-353, Juin/Juil.1981.

KERR, S. M. **Memorial**. São Paulo: Instituto de Artes, 2002. Trabalho não publicado

KERR, S.M. O canto coral e a memória das comunidades. In: convenção internacional de regentes de coros, 1999, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 1999. p. 129.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

KERR, S.M. **Boletim Informativo de Música**, São Paulo: Ricordi, ano 2, n.° 5, jun/ago. 1994.

KERR, S.M.; BREIM, R. **Monitores corais**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

KERR, S.M. 10 anos de ABO. **Caixa Expressiva**, São Paulo, n.12, p.21-22, dez. 2002.

L'ABBATE, M. **Coral da UNESP**: oficina para regentes. São Paulo:1998. Trabalho não publicado.

LACERDA, A. **Vamos cantar em grupo**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1979.

LEHMANN, L. **Aprenda a cantar**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Tecnoprint ,1984. Tradução de: *Meine gesangskunst.*

LEITE, M. **Método de canto popular brasileiro para vozes médio-graves**. Rio de Janeiro: Lumiar, 2001.

MAcKINNEY, J. C.**Cinco lições práticas de canto.** Tradução Roberto Paes Bezerra. Rio de Janeiro: Juerp, 1987.

_____. **O diagnóstico e correção de problemas vocais**: um manual para professores de canto e regentes corais. Tradução Carmélia Jordão Santos. Recife: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, 1994.

MANSION, M. **El estudio del canto**: tecnica de la voz hablada y cantada. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1978.

MARIZ, V. **Figuras da música brasileira contemporânea**. 2.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1970.

_____ **Dicionário biográfico musical**. 2.ed. Rio de Janeiro: Philobilion, 1985.

_____. **História da música no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MARTINEZ, E. **Regência coral**: princípios básicos. Curitiba: Dom Bosco, 2000.

MATHIAS, N. **Perspectivas na dinâmica de ensaios**. Brasília, sd.Trabalho não publicado.

_____. **Coral, um canto apaixonante**. Brasília: Musimed, l986. p.15-35.

MIGNONI, F. **Música**. Rio de Janeiro: Boch, 1980. (FENAME, Biblioteca Educação é Cultura, v.3)

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

MORONI, S.S.C. O professor de técnica vocal e o canto. In: FERREIRA, L. P. et al. **Voz profissional:** o profissional da voz. São Paulo: Pró-Fono, 1998. p.23-32.

NUNES, M.P. **José Luiz Paes Nunes**. Disponível em: <http://www.geocities.com./zecapaes>. Acesso em: 22 fev 2003.

OLIVEIRA, I.B. A educação vocal nos meios de comunicação e arte: a voz cantada. In: FERREIRA, L. P. et al. **Voz profissional:** o profissional da voz. São Paulo: Pró-Fono, 1998. p.33-44.

OLIVEIRA, S.A. **Coro-cênico**: uma renovação da linguagem coral do Brasil. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, 1999.

OLIVEIRA, V.G. **O desenvolvimento vocal do adolescente e suas implicações no coro juvenil *a cappella***. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

PAJARES, V.S. **Fabiano Lozano e o início da pedagogia vocal no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

PASQUALINI, M.E.P. **Relatório de atividades** (Coral da UNESP do Campus de Presidente Prudente). Presidente Prudente: Mar.1992.

PIANA, G. **A Filosofia da música.** Tradução Antônio Angonese. Bauru: EDUSC, 2001. Tradução de: *Filosofia della musica.*

PIRES, L.G. **Relatório de atividades**: coral da UNESP do Campus de Botucatu. Botucatu: Mar,1991.

RAMOS, M.A.S**. Canto coral**: do repertório temático à construção do programa. Dissertação (Mestrado em Artes) –Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1988.

RAUGEL, F. **Le chant choral.** Paris: Press Universitaires de France, 1948.

READ, H. **Arte e alienação**: o papel do artista na sociedade. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

REIMER, B. **A philosophy of music education**. New Jersey: Prentice-Hall Inc. Englewood Cliff, 1970.

ROBINSON, R.; WINOLD, A. **The choral experience**: literature, materials and methods. New York: Harper & Row, 1976.

SADIE, S. (Ed.). **Dicionário Grove de música**: edição concisa. Tradução Eduardo Francisco Alves.Rio de Janeiro: Zahar, 1994. Tradução de: *The Grove Concise Dictionary of Music.*

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

SÃO PAULO. Decreto n.13.426, de 16 de março de 1979. Cria a Secretaria de Estado da Cultura e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, p.273.

_____. Decreto n.20.955, de 1 de junho de 1983. Reorganiza a Secretaria de Estado da Cultura e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, p.238.

_____. Decreto n.20.955, de 1 de junho de 1983. Reorganiza a Secretaria de Estado da Cultura e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, p.238

_____.Dispõe sobre o estabelecimento de cronograma e regulamento do Movimento Coral do Estado de São Paulo. Portaria COGSP, CEI e DRHU, de 16 de março de 1982. Diário Oficial do Estado, 19/03/1982, seção I, p. 92.

_____.Teatro Municipal de São Paulo. **Coral Paulistano**: prospecto de concerto, São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2001.

_____. **Coral Paulistano**. Disponível em <http://www.geocities.com/Vienna/9177/coral.htm> Acesso em: 15/03/2003.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: UNESP, 2001. 382p.Tradução de: *The turning of the world.*

_____**O ouvido pensante**. Tradução de Marisa Trench Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: UNESP, 1991. Tradução de: *The thinking ear.*

SCHERCHEN, H. **El arte de dirigir la orquesta**. 2.ed. Barcelona: Labor, 1988.

SCHÜTZ, A. **O mundo artístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Pró-Arte, 1954.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA PREFEITURA DE SÃO PAULO. Movimento Comunitário Mário de Andrade. **Natal 73**. São Paulo, 1973.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Secretaria Municipal de Cultura. Movimento Mário de Andrade. **Natal 75**. São Paulo, 1975.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA**. XXIII Festival de inverno de Campos do Jordão**. São Paulo, 1992. 144p.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Quem quiser que conte outra**. São Paulo: Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Projeto Ipê – curso I),1986.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Coral Paulistano**: Programa de concerto. São Paulo: Teatro Municipal de São Paulo, maio, 2001.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

SEGRE, R.; NAIDICH, S.; JACKSON, C.A. **Principios de foniatría:** para alumnos y professionales de canto y dicción. Buenos Aires: Panamericana, 1981.

SILVA, M.A.A.; CAMPIOTTO, A.R. Atendimento fonoaudiológico a cantores populares. In: FERREIRA, L.P. et al. **Voz profissional:** o profissional da voz. São Paulo: Pró-Fono, 1998. p. 67-90.

SILVA, V. **Mão e contramão:** os (des)caminhos do canto coral do Brasil. Disponível em: <http://www.pianoclass.com> Acesso em: 05 fev. 2003.

SILVEIRA, Z.V. **Relatório de atividades**: coral da UNESP do Campus de Araçatuba. Araçatuba, 1992-1993.

SINNEK, H. **ABC para cantores e oradores**. São Paulo: Ricordi, 1955.

SOARES, R.M.F.; PICCOLOTTO, L. **Técnicas de impostação e comunicação Oral**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1977.

STORTI, C.A. **Introdução à regência**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1987.

TONI, C. E a educação musical? **Concerto** – Guia Mensal da Música Erudita. São Paulo, p.20, Jul.2001.

_____. Festival de inverno, um novo enfoque. **Revista do Festival de Inverno de Campos do Jordão**, São Paulo, p.5, Jul.1983.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Coral da UNICAMP**. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br.> Acesso em: 23 fev. 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Cria e regulamenta o Coral da UNESP. Portaria n.178, de 7 de novembro de 1980. Diário Oficial do Estado, São Paulo, 08 nov.1980, Seção I, p.74.

_____. Altera a Portaria UNESP n. 178/80, que criou e regulamentou o Coral da UNESP. Portaria n. 13, de 13 de março de 1991. Diário Oficial do Estado, São Paulo,14 mar.1991, Seção I, p.39.

_____. Altera a Portaria UNESP n. 178/80, que criou e regulamentou o Coral da UNESP. Portaria n.101, de 4 de dezembro de 1991. Diário Oficial do Estado, São Paulo: 05 dez 1991, Seção I, p.37.

_____. Altera a Portaria UNESP n. 178/80, que criou e regulamentou o Coral da UNESP. Portaria n.344, de 30 de novembro de 1994. Diário Oficial do Estado, São Paulo: 03 dez 1994, Seção I, p.41

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

_____. Dispõe sobre o sistema retribuitório, bem como define normas para a contratação de regente de coral, prevista no inciso II do artigo 12 da Portaria UNESP 344/94, e dá outras providências. Portaria 119, de 30 de maio de 1995. Diário Oficial do Estado 31 mai 1995, São Paulo: Seção I, p.39.

_____. Edital de abertura de inscrições n.36 – CRH/PRAD, 18/10/97. Diário Oficial do Estado, São Paulo: Seção I, p.75.

_____. Altera a Portaria UNESP 178/80 que criou e regulamentou o Coral da UNESP e a Portaria 344/94. Portaria e n.21, de 16 de fevereiro de 1998. Diário Oficial do Estado, São Paulo: 18 fev 1998, Seção I, p.21.

_____. Altera o artigo 3° da Portaria UNESP 119/95, que dispõe sobre o sistema retribuitório, bem como define normas para a contratação de regentes de coral. Portaria e n.190, de 29 de julho de 1998. Diário Oficial do Estado 30 jul 1998, São Paulo: Seção I, p.27.

_____. **1.ª ExpoUNESP**. Bauru: UNESP, 1990.

_____. **Programa do I Encontro do Coral da UNESP**. Rio Claro, 1978.

_____. **Programa do II Encontro do Coral da UNESP**. São J. do Rio Preto, 1978.

_____. **Programa do III Encontro do Coral da UNESP**. Jaboticabal, 1980.

_____. **Programa do IV Encontro do Coral da UNESP**. São Paulo, 1980.

_____. **Programa do V Encontro do Coral da UNESP**. Ilha Solteira, 1980.

_____. **Programa do VI Encontro do Coral da UNESP**. Jaboticabal, 1981.

_____. **Programa do VII Encontro do Coral da UNESP**. São Paulo, 1981.

_____. **Programa do VIII Encontro do Coral da UNESP**. Araçatuba, 1982.

_____. **Programa do IX Encontro do Coral da UNESP**. Araraquara, 1983.

_____. **Programa do X Encontro do Coral da UNESP**.Presidente Prudente, 1986.

_____. **Programa do XII Encontro do Coral da UNESP**. S. J. do Rio Preto, 1988.

_____. **Programa do XIII Encontro do Coral da UNESP**. Botucatu, 1992.

_____. **Programa do XIV Encontro de Corais da UNESP**. Jaboticabal, 1998.

_____. **Programa do XV Encontro de Corais da UNESP**. P. Prudente, 1999.

_____. **Programa do XVI Encontro de Corais da UNESP**. Araraquara, 2000.

_____. **Programa do XVII Encontro de Corais da UNESP**. S. J. Rio Preto, 2001.

_____. **Programa do XVIII Encontro de Corais da UNESP**. Bauru, 2002.

_____. **Os vinte cinco anos da UNESP sob o olhar da imprensa**. São Paulo: UNESP, 2001, 80p.

_____. O belo canto de 700 vozes. **Jornal da UNESP**, São Paulo, n.152, p.4, nov. 2000.

_____. Coral da UNESP: ele pode ser um ou dez. **Informativo UNESP**, São Paulo, n.8, p.8, Jun.1983.

_____. **Coral da UNESP**. Disponível em: <http://unesp.br/proex/gruposartisticosfotos.htm> Acesso em: 15 jul 2003.

XIV ENCONTRO DE CORAIS DA UNESP. Jaboticabal: Universidade Estadual Paulista, PAC-PROEX, 1998. 1 Videocassete (120 min), VHS, son., color.

XV ENCONTRO DE CORAIS DA UNESP. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, PAC-PROEX, 1999.1Videocassete (120 min), VHS, son., color.

XVI ENCONTRO DE CORAIS DA UNESP. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, PAC-PROEX, 2000. 1 Videocassete (120 min), VHS, son., color.

XVII ENCONTRO DE CORAIS DA UNESP. São José do Rio Preto: niversidade Estadual Paulista, PAC-PROEX, 2001. 1 Videocassete (120 min),VHS, son., color.

XVIII ENCONTRO DE CORAIS DA UNESP. Bauru: Universidade Estadual Paulista, PAC-PROEX, 2002. 1 Videocassete (120 min), VHS, son., color.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Coordenadoria de Atividades Culturais. **V Semana do canto coral**. São Paulo, 1984.

_____. **CORALUSP**. Disponível em: <http://www.usp.br/coralusp> Acesso em: 20 fev 2003.

VALENTE, H.A.D. **Os cantos da voz**: entre o ruído e o silêncio. São Paulo: Annablume, 1999.

VILELVA, E. C. **Fisiologia da voz**. São Paulo, 1961.

VILLA-LOBOS, H. **Canto orfeônico**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1951, v.2.

WOLF, Charlotte. **Psicología del gesto**.Barcelona: Luis Miracle, 1966.

ZANDER, O. **Regência coral**. 3.ed. Porto Alegre: Movimento, l979.